

*Nara Amália Caron
Rita de Cássia Sobreira Lopes*



*Aprendendo com
as mães e os bebês
sobre a natureza humana
e a técnica analítica*





*Nara Amália Caron
Rita de Cássia Sobreira Lopes*



*Aprendendo com
as mães e os bebês
sobre a natureza humana
e a técnica analítica*



Às nossas mães, Ida e Rita.

Ao Pedro e ao João,
ao César e à Sofia,
pela paciência, espera, apoio e compreensão ao
longo de todo o percurso de escrita deste livro.

Agradecimentos

À Maria Mercedes Cardoso da Fonseca, médica ultrassonografista, que realizou com profissionalismo e dedicação as ultrassonografias de todos os bebês e que nos abriu as portas a esse mundo inacessível da gestação. Obrigada pela generosidade, competência e pelo encanto e respeito contagiante pelo mundo fetal.

A todos os colegas que colaboraram de diferentes formas e em diferentes momentos para que essa pesquisa fosse realizada.

À Renata Soares da Silva, pelo excelente trabalho de organização realizado com tanto cuidado, disponibilidade e carinho. Obrigada principalmente por nos acompanhar em toda essa trajetória.

À Norma Escosteguy, pela leitura cuidadosa e minuciosa da escrita final deste trabalho.

À Cândida e ao Jair, que torceram para que este livro nascesse.

Ao Sergio Lewkowicz, diretor científico da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), em 2007-2008, pelo acolhimento e apoio financeiro inicial ao nosso projeto de pesquisa por intermédio da IPA.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), também pelo apoio financeiro, e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Finalmente, queremos agradecer a todas as famílias que aceitaram e compreenderam a nossa proposta de trabalho, nos receberam em suas casas durante três anos, com muita disponibilidade, espontaneidade e simplicidade. A nossa gratidão pelo muito que vivemos juntos e aprendemos. Dedicamos a elas este trabalho.

Sumário

I. Fundamentos teóricos e metodológicos

Um lugar onde a verbalização perde sentido

O percurso de uma pesquisa nesse lugar onde a verbalização perde sentido

II. Trajetória de mães e bebês nos três primeiros anos de vida

Maiara e os gêmeos Raoni e Anahi: um útero para gestar, cada um no seu tempo

Lúcia e as gêmeas Daniela e Renata: o nascimento da fraternidade na luta contra a discriminação materna

Tânia e a filha Julie: a recuperação criativa de descontinuidades num espaço artesanal de proteção, cuidados e crescimento mútuo

Alice e a filha Valentina: uma luta feroz para nascer

Philomena: uma viagem interior de volta ao começo

III. De volta ao começo

Desafios e contribuições dessa “descida em direção às mães”

Referências

Créditos

I
Fundamentos
teóricos
e metodológicos

Um lugar onde a verbalização perde sentido

Mefistófeles

*Reluto em revelar um magno arcano.
Tronam deidades em augusta solidão,
Sítio não há, tempo ainda menos, onde estão;
É um embaraço falar delas. São*

As Mães

Fausto (num sobressalto)

Mães!

Mefistófeles

Estremeces ao ouvi-lo?

Fausto

As Mães! Mães! que esquisito soa aquilo!

Mefistófeles

*Estranho é mesmo. Deusas ignoradas
De vós mortais. Por nós, jamais nomeadas.
Vai, pois, buscá-las nos mais fundos ermos;
É tua culpa o delas carecermos.*

Fausto

Que caminho é?

Mefistófeles

*Nenhum! É o Inexplorável,
Que não se explora. É o Inexorável,
Que não se exora. Estás, pois, preparado?
Não há trinco a correr, nenhum cadeado.
Em solidões ficas vagueando em vão.
Noção terás do que é o ermo, a solidão?*

Goethe, Fausto II, Ato I: Galeria Obscura

É possível observar que estou levando vocês para um lugar onde a verbalização perde todo e qualquer sentido. Que ligação pode haver então entre tudo isso e a psicanálise, que se fundamentou no processo de interpretações verbais de pensamentos e ideias verbalizados? (Winnicott, 1968/1988a, p. 81).

Pretendemos levá-los para esse lugar essencialmente feminino em que o ser humano inicia o seu percurso de desenvolvimento e explorar toda a riqueza, vicissitudes e exigências que se apresentam para as mães que se colocam disponíveis para cuidar de seus bebês ali onde as palavras perdem sentido. A vida se inicia no útero materno. É a nossa primeira casa. Nós os convidamos, então, a entrar nessa casa e agradecemos às mães que generosamente nos abriram essa porta.

Quando Winnicott[1] nos convidou a entrar nesse lugar “desconhecido” já tinha uma vivência clínica inigualável, com mais de quarenta anos de trabalho, sessenta mil atendimentos a pacientes adultos, crianças e duplas mãe-bebê. Mostrou-se seguro e à vontade para confirmar suas descobertas e decretar que o inevitável tinha acontecido: os psicanalistas não poderiam mais ignorar a dependência e os estágios primitivos do desenvolvimento do ser humano. Fez um alerta sobre as próprias resistências dos psicanalistas a entrarem neste espaço e também o quanto deveriam enfrentar oposições externas. Tanto as resistências internas quanto as externas transformavam a relação mãe-bebê em local sagrado, proibido de explorar:

(...) é como se uma obra de arte estivesse sendo submetida a um processo analítico. Pode-se estar certo de que a capacidade de apreciar plenamente essa obra não será destruída pelos refletores que estão sendo apontados sobre ela? Poder-se-ia em verdade argumentar que estes fenômenos muito iniciais deveriam ser deixados em paz e eu, que me descobri a fazer um estudo deles, não poderia senão insistir que o que pensamos conhecer a respeito dessas intimidades não constitui material útil de leitura, seja para artistas seja para jovens mães (Winnicott, 1969/1994a, p. 195).

Mesmo com todo o cuidado que lhe era característico em relação a esses fenômenos iniciais do desenvolvimento emocional, Winnicott deu prosseguimento a esse trabalho porque viu nas sutilezas da relação mãe-bebê uma grande oportunidade de aprendizado e descobertas sobre a natureza humana. Esta vai além do aparelho psíquico com suas pulsões eróticas e agressivas e reações à frustração. Considerando o complexo que é um bebê humano e os detalhes da sua relação com a mãe, Winnicott concebeu uma teoria do amadurecimento normal, uma etiologia original das psicoses, dos mecanismos

psicóticos e uma nova abordagem técnica com pacientes psicóticos e neuróticos em períodos de regressão durante análise standard.

Nesta área, “seremos apanhados nas necessidades imensas do bebê dependente e, na contratransferência, com os maciços processos de reação que nos mostram, até certo ponto, o que acontece com os pais quando têm um filho” (Winnicott 1969/1994a, p.196). Afirmou também:

É através dos pacientes esquizoides que aprendemos a observar as mães e os bebês e ver claramente o que ali se encontra. Essencialmente, porém, é a partir das mães e dos bebês que aprendemos sobre as necessidades dos pacientes psicóticos, ou de pacientes que atravessam fases psicóticas (Winnicott, 1968/1988a, p. 90).

São vários os desafios para quem decide entrar na “área sagrada” da relação mãe-bebê, que abre um campo para descobertas importantes sobre a natureza humana e muito pode contribuir para o estudo do desenvolvimento normal e patológico, bem como para a técnica analítica. Em primeiro lugar, é preciso ter interesse, curiosidade e coragem para lançar-se na busca do desconhecido e encontrar-se com o primitivo, esse lugar “de difícil acesso” pela linguagem verbal, memória e outros processos cognitivos. É preciso também reconhecer que não se sabe e admitir que se tem muito a observar e aprender.

Cabe lembrar que foi nesse espírito de curiosidade pelas profundezas da alma que Freud, quando trabalhava na investigação do inconsciente, embarcou em uma jornada fascinante e infinita em busca do desconhecido no ser humano. Para sanar sua curiosidade, destacava que tinha “aprendido a importância da observação como um dos melhores meios de gratificá-la” (Freud, 1924/1969f, p. 18). Essa qualidade de grande observador dos fenômenos psíquicos se desenvolveu graças ao contato, em Salpêtrière, de Freud com Charcot, seu grande mestre e modelo para a sua jornada rumo à observação psicanalítica, a qual requer, nas palavras de Borgogno (1999/2004), “um longo trajeto interior... fundamentado na experiência direta, estudo ininterrupto e exclusivo, amor e dedicação ao objeto de estudo”, e cujo produto é “um conhecimento que nasce através de uma relação feita de um contato aprofundado e de intensa participação pessoal” (p. 18).

Freud (1923/1969e) já havia enfatizado que a psicanálise era definida como um método de investigação dos processos psíquicos que são de difícil acesso por qualquer outro meio. Somente em um segundo momento da teoria, após ter realizado muitas pesquisas, colocou-se o desafio de transformar esses achados em

uma técnica de tratamento, enfatizando novamente a raiz empírica desta ciência. Destacou, também, que a psicanálise não é um sistema de conceitos básicos nitidamente definidos:

(...) pelo contrário, ela se atém aos fatos do seu campo de estudo e procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir e modificar suas teorias (p. 269)

Freud tornou-se tão genial porque, com essa postura de um curioso nato e sem muitas regras que limitassem sua lente de observação para o mundo e para a vida psíquica, conseguiu captar de forma ímpar uma ampla gama de fenômenos humanos. No entanto, devido ao árduo desafio de desenvolver uma teoria e uma técnica, teve de deixar muitos pontos de lado para que pudesse aprofundar outros. Assim, já evidenciando que a psicanálise não tem o objetivo de responder a perguntas de forma saturada, deixou em aberto muitas destas potencialidades para que outros pesquisadores seguissem aprofundando e avançando na teoria psicanalítica, assim como ele mesmo foi fazendo ao longo do desenvolvimento de sua teorização.

A “área sagrada” da relação primitiva mãe-bebê constitui exemplo de uma potencialidade em psicanálise que teve que aguardar por desenvolvimentos futuros. Borgogno (1999/2004) descreve uma especial receptividade de Freud ao vínculo mãe-recém-nascido, aos seus ritmos e às qualidades deste relacionamento primitivo, considerado um protótipo da relação entre hipnotizador e hipnotizado. No início de sua carreira psicanalítica, Freud (1892/1977) descreve pela primeira vez um tratamento com suas intervenções e compreensão das vicissitudes da relação mãe-bebê. Trata-se de um caso de uma puérpera com problemas na amamentação de seu bebê, por ele atendida em casa. Talvez compreendendo a especificidade do contexto em que se desenvolveram os sintomas histéricos da paciente — o puerpério — Freud a diagnosticou como “hystérique d’occasion”. Com esta breve e precoce “descida em direção às mães” — expressão criada por Goethe em Fausto e adotada posteriormente por Breuer e Freud —, ele deixava “um legado de grande responsabilidade... do qual se afastará graças ao seu espírito preponderante de investigador e conquistador” (Borgogno, 1999/2004, p. 39).

Cabe lembrar ainda a conhecida proposição de Freud (1926/1987) de que “há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento nos teria feito acreditar” (p. 137).

Assim, o legado deixado por Freud há mais de um século ficou adormecido por algum tempo e pôde ser explorado, posteriormente, a partir do interesse de alguns analistas pelas etapas mais primitivas do desenvolvimento humano, pela patologia psicótica e, especialmente, através da observação de bebês.

O método Bick de observação de bebês

Contemporânea de Winnicott, Esther Bick[2] não apenas nos convidou a entrar nesse “lugar sagrado” como nos ofereceu o método para observar os fenômenos que lá se encontram. Quando apresentou em Viena, em 1936, a sua tese de doutorado sobre o desenvolvimento infantil, na qual abordava o estudo de gêmeos, foi-lhe solicitado que usasse um cronômetro para medir a interação, contar o número de respostas sociais produzidas por cada gêmeo, para então compará-las. Insatisfeita com esta experiência e preocupada com a formação de terapeutas de crianças, concluiu que para entender o desenvolvimento da personalidade humana, não levando em conta as teorias vigentes, deveria estudar a vida diária do bebê no seu ambiente familiar. Assim, criou o método de observação que oferece mais uma alternativa para mergulhar profundamente na alma humana e conviver diretamente com as primeiras experiências e interações do bebê com sua mãe, e ainda com as mais primitivas vivências em seu *ambiente natural*[3] — a família —, desde o nascimento até dois anos de idade.

Acreditamos ser o método psicanalítico de observação de bebês criado por Esther Bick, em 1948, na Clínica de Tavistock, em Londres (Bick, 1964), uma via de acesso ao primitivo no ser humano e uma grande oportunidade para o desenvolvimento das capacidades do analista — não só de crianças e adolescentes, mas também de adultos —, necessárias para entrar em contato com os fenômenos psíquicos do início da vida. Bick afirmava que esta experiência era importante por numerosas razões, mas principalmente para que os estudantes da área pudessem compreender mais claramente a experiência infantil de seus pequenos pacientes. Também para entenderem melhor a conduta não verbal da criança e o seu brincar, assim como a conduta da criança que não fala e não brinca, além das informações que a mãe traz na história do pequeno paciente. Por fim, o método oferece, a cada observador, uma excelente oportunidade de observar o desenvolvimento de um bebê desde seu nascimento, no seu ambiente e na sua relação com a família, e descobrir por si mesmo[4] como se originam e desenvolvem tais relações.

Ainda em relação à formação profissional do terapeuta de crianças, Esther Bick se preocupava em instrumentalizá-lo melhor para lidar com as intensas ansiedades provocadas pelo trabalho com o emocional primitivo.

Adentrando, então, as profundezas do método Bick, cabe lembrar que este se divide em três momentos — a observação, o relato da observação e a supervisão em grupo —, em uma sequência de desafios que passaremos a descrever a seguir.

Primeiro momento: observação[5]

No primeiro momento, já com um setting interno e externo demarcado de visitas semanais, com hora e local definidos e uma atitude não intrusiva, o observador inicia seu percurso, que terá dois anos de duração e durante o qual irá observar o desenvolvimento de um bebê dentro de sua família. Para não interferir na escuta baseada na atenção flutuante, o observador — assim como o analista na sessão de análise — não se preocupa em fazer anotações durante a observação, nem trabalha com hipóteses ou categorias de fatos a serem observados a priori. Também como o analista no processo analítico, o observador é o instrumento fundamental do processo.

O observador é convidado, tanto quanto possível, a despir-se de suas teorias e tão somente observar, tal como preconizava Freud (1914/1969c, p. 33): “Aprendi a controlar as tendências especulativas e a seguir o conselho, não esquecido, do meu mestre Charcot: olhar as mesmas coisas, repetidas vezes, até que elas comecem a falar por si mesmas”.

Nas palavras de Bick (1964, p. 241, grifo nosso), para poder observar,

(...) como no método básico da psicanálise, o observador deve encontrar uma posição a partir da qual faz suas observações, posição que introduza o mínimo possível de distorção no que se desenrola na família. Deve permitir que certas coisas aconteçam e resistir a outras. Ao invés de firmar ativamente sua própria personalidade como um novo acréscimo à organização familiar, deve deixar os pais, em particular a mãe, ajustá-lo à casa a sua maneira. Mas ele deve resistir a ser colocado em papéis que envolvam intensa transferência e, portanto, contratransferência primitiva.

Muitos problemas podem ocorrer, ligados a transferências intensas, desempenho de papéis, entre tantos que podem ser compreendidos em supervisão ou em tratamento analítico do observador.

Cabe lembrar que a possibilidade de acompanhar os padrões que vão se descortinando e a emergência da personalidade do bebê em interação com seus

cuidadores é ancorada em um setting. Este mostra o estreito vínculo com a psicanálise, ou seja, mesma frequência e tempo de duração das sessões, no mesmo lugar, atenção aos mínimos detalhes e ao todo, observação do contexto, tipo de contrato de trabalho, supervisão continuada — de preferência com analista experiente — compreensão dos conflitos e sentimentos com seus dinamismos.

A diferença principal entre o observador/analista na situação de observação de bebês e na situação de análise é que na primeira ele despe-se das ferramentas interpretativas usualmente utilizadas na segunda e fica disponível para *viver uma experiência junto* com o bebê e a mãe, como um “observador participante” (Bick, 1964). Pode, assim, mergulhar na vivência emocional intensa e sem palavras, característica do início da vida, voltada para seu interior, respeitando estritamente todas as manifestações de vida.

Um dos grandes desafios deste primeiro momento — a observação — é a grande mobilização interna estimulada pela experiência viva da dupla mãe-bebê: o observador é arremessado para um mundo de sensações, emoções e ansiedades primitivas que o atingem de diferentes graus e maneiras, conforme sua estrutura pessoal. Por sua postura não intervencionista, encontra-se numa posição privilegiada para captar as comunicações não verbais da mãe e do bebê, por intermédio de seu próprio corpo e de sua mente. O observador entra em contato com estados primitivos de desamparo, solidão, dependência, usualmente vivenciados como alheios ou estranhos, para utilizar uma expressão de Freud (1919/1969d).

A presença de um bebê estimula a regressão a estados primitivos e a comunicação cenestésica, que provocam vivências emocionais e sensações físicas intensas, sem palavras, também no observador. *A escuta envolve todos os sentidos*. É intensa a atividade psíquica do observador quando está escutando — ele é passivo e abstinente apenas na ação. Isso talvez ajude a entender por que Bick (1964) o considerou, em seu método, um observador participante e, portanto, privilegiado. Assim, pode-se questionar a crítica comum de que o observador fica *apenas olhando* durante dois anos. O observador depara com o desafio de unir o ápice de sua intimidade psíquica com o *viver uma experiência* junto com a mãe e o bebê.

Michel Haag, quando foi a Londres observar bebês com Esther Bick, referiu que Bick iniciava o trabalho com as palavras: “Eu não sei nada... Eu quero ver... O que é fundamental ensinar sobre a observação é não saltar a nenhuma conclusão, e vir como uma tábula rasa... você não sabe e isto é tudo” (Haag & Haag, 1997, p. 3,

grifo nosso). Para Haag, esse era o “espírito de Bick” e é a regra número um para o observador. A segunda regra para o observador é a atitude de não interferência, que se superpõe à regra de abstinência de Freud e, posteriormente, à neutralidade:

(...) o observador deveria ficar apenas como receptor, derramar dentro de si, jamais solicitar uma mudança, seja qual for ou o que for (nem mesmo fazer uma pergunta), não interferir, pois se você modificar a situação não irá mais observá-la tal como ela é (Haag & Haag, 1997, p. 4).

É grande o impacto emocional diante do desafio de não saber nada, ser uma tábula rasa, ficar apenas como receptor, sem intervir. Despido de suas ferramentas interpretativas, o observador fica em uma situação semelhante à da mãe, que sofre transformações em seu corpo, relaxando-se e expandindo-se, para gradualmente dar lugar ao bebê. Há um relaxamento do funcionamento psíquico do observador que se deixa “embuchar”^[6], encharcar-se destas vivências primitivas como em uma gestação, tendo que lidar constantemente com o desconhecido e ter paciência para sustentar o caos até que alguma ordem possa emergir.

O observador fica exposto, à mercê de sensações intensas e muitas vezes inomináveis: ele mostra-se cansado, com fome, perdido, é invadido pelas mais variadas sensações físicas, pode ter vontade de ir embora. Curiosamente, chama atenção que, quando mergulhado no primeiro momento da observação, não se importa nem um pouco com esse afrouxamento das defesas e se sujeita a “vestir a roupa” que exige a situação de observação.

Essa atitude do observador/analista demanda uma atenção muito aberta e em diferentes planos, usando seu próprio zoom. Focar, aproximar-se, discriminando o detalhe, levando também em conta as relações entre os presentes e, simultaneamente, afastar-se para captar o conjunto: é um olhar a um tempo micro e macroscópico, atento e flutuante, em que o observador consegue ir girando o seu caleidoscópio emocional, na sutileza das imagens que se apresentam. Desenvolver esta atenção multiplicada dentro de uma continuidade entre os diferentes planos e compreender a ressonância emocional dentro do observador constituem uma verdadeira experiência de atenção flutuante.

Abstinente de ação, de teorias e práticas clínicas prévias e sem o objetivo de tratamento, o método também oferece ao observador uma ocasião singular para conhecer e se interessar por suas próprias vivências emocionais, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de receber o outro dentro de si. Compreender os laços entre a ressonância no observador e a sua situação emocional como parte do

material da observação permite considerar a contratransferência como uma ferramenta preciosa no reconhecimento e tratamento dos aspectos primitivos da estrutura psíquica.

Contando com sua disponibilidade interna, um certo vazio interior, o observador assume uma condição eminentemente receptiva, pela qual aceita as comunicações primitivas do bebê e dos pais, tanto positivas quanto negativas, sendo envolvido profundamente nesta dinâmica viva da observação. Esta descrição revela um estado aproximado de atenção flutuante. Freud (1912/1969a) já aconselhava: “o médico deve voltar seu próprio inconsciente, como órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente” (p. 154).

O método Bick privilegia o olhar, repetidas vezes, dos detalhes, das trocas, dos gestos, das sensações, dos encontros e desencontros da dupla mãe-bebê, promovendo a descoberta ou redescoberta da comunicação não verbal e da regressão no observador. Em relação à comunicação não verbal, Freud (1905/1972a, p. 75) escreveu, no Caso Dora:

Quando me propus à tarefa de trazer à luz o que os seres humanos mantêm oculto dentro de si, não pela força compulsiva da hipnose, mas observando o que dizem e o que mostram, julguei que a tarefa era mais árdua do que é na realidade. O que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir pode convencer-se de que nenhum mortal pode guardar um segredo. Se os seus lábios permanecem silenciosos, ele conversa com a ponta dos dedos. A revelação transpira dele por todos os poros.

Segundo momento: relato escrito

A experiência emocional intensa e voltada para o interior do observador coloca-o no desafio do segundo momento em seu percurso: o relato da observação. Este segundo momento, no qual a interlocução assume importância fundamental, faz-se necessário para que o observador possa compartilhar sua vivência com o grupo. Frente a esta demanda do método, surge o desafio de colocar em palavras resquícios de memórias, lembranças nas quais ficaram registrados fragmentos destas intensas vivências até aqui descritas. Assim, é chegado o momento de tentar compartilhar o que foi vivido solitariamente na observação.

O observador apoia-se em palavras simples, tentando relatar os detalhes da observação, ainda sem o intuito de ter significados, como nos indica Bick (1964), mas tentando achar aquelas que contenham uma experiência que ainda é anterior à verbal e que é frequentemente vivenciada através de sensações corporais, sons,

cheiros e imagens.

Talvez o maior desafio deste segundo momento seja a própria transmissão: como transmitir uma experiência que foi vivida predominantemente de forma sensorial, sem o apoio da lógica e da razão? Freud (1905/1972a), ao descrever os desafios de relatar um caso clínico, não tendo a possibilidade de fazer anotações na frente do paciente, destaca a importância de escrever tão logo se saia da sessão para que aquilo seja “um ponto de apoio seguro, para a teia de interpretações e lembranças decorrentes” (p. 21). Nos relatos de observação, também sem a possibilidade de anotações, busca-se certa proximidade entre a observação e o relato, de modo que este traduza da forma mais fiel à observação. Por meio de uma linguagem simples é possível se conectar e transmitir melhor a experiência. Por vezes, há uma tendência do observador a querer corrigir e lapidar o texto para apresentar ao grupo de supervisão, talvez na tentativa de evitar a exposição que vivencia durante a observação. Ao fazer isso, deixa de contar com os lapsos de memória e de linguagem tão preciosos quando o objeto de estudo é o inconsciente. A liberdade do observador de poder levar o material de forma mais autêntica também vai depender tanto de características próprias dele, da sua sensibilidade de observar e de relatar, quanto da maior ou menor receptividade do grupo em que está inserido.

No entanto, este momento não se caracteriza somente pela necessidade de colocar em palavras e levar ao grupo estas vivências: também evidencia um caráter evacuativo e criativo importante para o observador; é como uma experiência de parto, de dar à luz. Produzir um relato traz alívio, funciona como descarga, põe fim à angústia de não saber, de ficar no caos para sempre. Nesse sentido, chama atenção o excesso de detalhes que muitas vezes acompanham a primeira escrita, revelando talvez a necessidade (e a possibilidade) de livrar-se da carga emocional. Os excessos do relato, necessários quando eles estão sendo feitos, despertam uma sensação de que poderiam ser “enxugados” quando relidos tempos depois. Podem também despertar uma sensação de estranhamento, de que os conteúdos são demasiadamente crus ou de que houve uma exposição excessiva por parte do observador. Assim, a *exposição vivida* no momento da observação retorna neste segundo momento do relato. É preciso vencer o obstáculo de se expor ao grupo, como num jogo de esconde-esconde, em que é uma alegria estar escondido e uma tristeza não ser encontrado (Winnicott, 1963/1988b).

Ao relatar, de forma solitária e ainda no seu íntimo, o observador se proporciona um contato inédito e diferente com o próprio material. Agora deixa de ser

receptor das projeções providas da observação para ser um agente ativo destas, para, assim, conseguir colocá-las para fora, contando com o relato como o receptor destas vivências. Este momento torna-se importante e, por que não, vital também para que o observador possa evoluir da posição inicial de “embuchado”.

A produção do relato da observação vai, aos poucos, adquirindo alguma ordem, alguma elaboração, assemelhando-se ao relato de um sonho e conseguindo, assim, transformar lembranças parciais e fragmentadas em um discurso relativamente coerente. De forma análoga, pode-se pensar em como a relação mãe-bebê também vai adquirindo uma certa ordem e contornos com o passar do tempo, como uma evolução natural do estado de preocupação materna primária (Winnicott, 1956/1993a).

Terceiro momento: o grupo de supervisão

O terceiro momento — a supervisão em grupo — é de abertura. A experiência privada, até então descrita, inaugura sua primeira aparição pública, revelando o árduo trabalho solitário do observador a um grupo de colegas que têm um objetivo em comum: o aprofundamento dos seus conhecimentos sobre a relação inicial, primitiva, mãe-bebê. Entre o impacto das vivências da observação e o início de elaboração com o relato, o grupo, junto com o observador, seguirá um trabalho por vezes intenso, em busca de maior compreensão do material observado.

O relato atinge o grupo de supervisão, permeando e ecoando em seus participantes, que se distribuem em papéis e funções, em um trabalho de compreensão das comunicações primitivas do texto. O grupo entra como um interlocutor necessário para que a vivência privada possa ser transformada e reorganizada. Este movimento ajuda o observador a emergir, depois de ter submergido nas profundezas da observação.

Se o observador consegue manter-se nesse movimento de ir e vir, sem se fechar para o novo, é possível ir afinando sua lente de observação de modo a desenvolver esta capacidade fundamental para o método Bick e para a teoria e a técnica psicanalítica. A compreensão dos conteúdos deixa o observador novamente livre, “vazio”, e receptivo para voltar ao seu campo de observação.

Dentro deste setting estabelecido, é possível que a observação de bebês mostre-se como um exercício de sucessivas escutas, em diferentes níveis, do regressivo ao mais elaborado, que gradualmente vão integrando o material. São partes distintas

de um processo único.

Bick (1964) destacou a importância da observação consecutiva e de não precipitar a busca de conclusões. É possível ver um padrão emergindo, o qual apenas poderá ser confirmado em observações subsequentes. Pode-se observar não apenas padrões, mas também mudanças nos padrões, ao longo do tempo. Nas palavras de Bick (1964):

Pode-se ver mudanças na adaptação mútua do par[7] e a capacidade impressionante para o crescimento e desenvolvimento satisfatórios na relação mãe-bebê. O emocionante na supervisão é tanto buscar retrospectivamente quanto olhar para frente (p. 250).

Um aspecto curioso em relação aos padrões é que, uma vez instalados, torna-se difícil identificar de onde se originaram, se da mãe ou do bebê, tal a proximidade emocional do par.

Destacamos que parece não haver dúvidas quanto à riqueza do aprendizado e do aprimoramento das habilidades clínicas de quem se permite participar desta experiência. O que pretendemos discutir agora é sobre o avanço que a experiência nessa área primitiva pode trazer para a teoria e a técnica da psicanálise, tomando como base as contribuições de Esther Bick e Winnicott.

Bick e Winnicott nesse “lugar onde a verbalização perde todo e qualquer sentido”: principais descobertas

Por percursos distintos, pessoais e originais, mas ambos guiados pela técnica analítica e com muito interesse e respeito pelos bebês e suas mães, Bick e Winnicott chegaram a descobertas muito semelhantes em relação aos fenômenos psíquicos do início da vida. Ambos ajudaram a iluminar as sutilezas e delicadezas do par mãe-bebê, que se adapta às condições iniciais de não integração e dependência do bebê.

O percurso de Esther Bick e suas descobertas

Esther Bick deixou poucos trabalhos escritos — apenas quatro. Após longa experiência em observação de bebês e análise com crianças psicóticas, descreveu a sua teoria sobre o desenvolvimento primitivo que precede o momento em que o bebê começa a sentir-se suficientemente sustentado mentalmente pela mãe, que

compreende e gerencia o seu desamparo. Em seu primeiro artigo teórico, “A experiência da pele nas relações objetais primitivas”, Bick (1968) apresenta as suas principais ideias de forma bastante sucinta — contrastando com o seu usual interesse e dedicação aos detalhes, cerne da observação de bebês — e enuncia a sua tese sobre o desenvolvimento primitivo:

Na sua forma mais primitiva, as partes da personalidade são sentidas como não tendo nenhuma força de ligação entre si, e, assim sendo, elas devem ser mantidas unidas de uma maneira que é experimentada de forma passiva e na qual a pele funciona como limite. Mas esta função interna de conter as partes do self depende, inicialmente, da introjeção de um objeto externo[8], sentido como capaz de cumprir esta função e vivenciada concretamente como uma pele. A identificação posterior do bebê com esta função do objeto permite-lhe ultrapassar o estado não integrado e promove a fantasia de espaços internos e externos (Bick, 1968, p. 114).

Com material de observação de bebês e de crianças em análise, Bick (1968) ilustra as flutuações no estado primordial[9] do bebê para mostrar a diferença entre a não integração como uma experiência passiva de total desamparo, com ansiedades catastróficas[10] — cair no espaço, lugar sem saída, liquefazer-se ou deixar a vida esvaír — e a desintegração através dos processos de splitting, como uma operação defensiva-ativa a serviço do desenvolvimento, acompanhada de ansiedades persecutórias e depressivas.

Bick (1968) destaca ainda que, no estado não integrado, o bebê busca desesperadamente um objeto continente; pode ser uma luz, um cheiro para que ele possa sentir-se, pelo menos momentaneamente, como mantendo as partes da personalidade unidas. E lembra que “o objeto ideal é o mamilo na boca, juntamente com o holding da mãe, sua fala e cheiro familiar” (p. 115). Esta função seria de pele primária, podendo o desenvolvimento patológico advir de falhas na adequação do objeto real ou ataques feitos a ele, na fantasia do bebê, prejudicando a introjeção. Isto levaria à formação de uma “segunda pele”[11], na qual a dependência do objeto[12] é trocada por uma pseudoindependência que substituiria a função de pele-continente.

Para Bick (1968), o fenômeno de segunda pele que substitui a integração pela primeira pele produz uma fragilidade geral na integração e organização posterior e “se manifesta como um tipo parcial ou total de concha muscular ou uma muscularidade verbal correspondente” (Bick, 1968, p. 118). Na sua visão, o tratamento psicanalítico deste tipo de fenômeno exige a elaboração da dependência primordial do objeto materno, sendo o setting fundamental nesta situação: “o aspecto continente da situação analítica reside especialmente no

setting, uma área portanto em que a firmeza da técnica é crucial” (p. 118).

Nesse seu primeiro artigo teórico, Bick (1968) anuncia que se tratava de uma abertura para um tópico que seria discutido mais detalhadamente em artigo posterior. Curiosamente, este artigo foi publicado quase vinte anos depois, em 1986, após sua morte. Nele, Bick (1986) diz que buscava ampliar as suas descobertas e aprofundá-las, integrando material de observação de bebês e material clínico de análise de crianças e adultos. O artigo foi intitulado “Novas considerações sobre a função da pele nas relações objetais primitivas”.

Para Bick (1986), ao nascer, “o bebê está na posição de um astronauta que foi enviado para o espaço sem a vestimenta adequada” (p. 296). Nesta condição, está sujeito a angústias catastróficas já descritas anteriormente, ao terror de cair no espaço, despedaçar-se ou liquefazer-se. A mãe também fica sujeita às ansiedades catastróficas do bebê e também é jogada no espaço sem a sua roupa de astronauta. Nas palavras de Bick (1986),

A mãe sente que perdeu sua identidade como um adulto capaz, que controla seu tempo e atividades. Agora, é acossada de todos os lados por exigências que a sobrecarregam: ser uma mãe perfeita, não ter nada que lhe pertença, nem mesmo seu sono. Esses sentimentos estão enraizados nas suas próprias queixas infantis em relação a sua própria mãe (p. 295).

Bick mostra a importância da orientação do bebê em direção ao corpo da mãe para poder depois agarrar objetos e explorá-los. Para ela, “essa capacidade está fundada na relação primordial do bebê com o agarrar-se, com o contato adesivo de grudar-se à mãe” (Bick, 1986, p. 298). Assim, nesse segundo momento de suas teorizações, Bick amplia e desenvolve suas ideias sobre a relação primitiva mãe-bebê e introduz o conceito de “identificação adesiva”, mais primitivo que o de “identificação projetiva”.

Nesse artigo, reafirma a ideia de que quando não segurado pela mãe,

O bebê pode agarrar-se a um estímulo sensorial contínuo como uma luz ou um som contínuo como o de uma máquina de lavar. Sentindo-se amparado[13] através dos olhos ou dos ouvidos, como se fosse por um toque, esses órgãos passam a funcionar como ventosas[14], como a boca presa ao mamilo. Nesses estágios iniciais, parece não haver nenhuma diferenciação das diversas funções: todas servem como ventosas. A necessidade de grudar-se também se aplica, de modo semelhante, à mãe (Bick, 1986, p. 297).

Assim, podemos concluir que o bebê succiona não apenas com a boca, mas também com os olhos e ouvidos, os quais cumprem a mesma função de aderência

ou de grudar-se à mãe.

Nesse momento, Bick volta a discutir as dificuldades técnicas relacionadas com os pacientes com falhas na relação primitiva mãe-bebê e diz estarem os problemas de força de ego, bidimensionalidade, identificação adesiva e formação de segunda pele enraizados no inconsciente. Esses fenômenos se originam no período pré-verbal e, retomando suas ideias anteriormente apresentadas, Bick (1986, p. 298) reafirma que “não ficam disponíveis para a pesquisa analítica na transferência, a menos que o setting e a técnica sejam extremamente firmes”.

O percurso de Winnicott e suas descobertas

Dono de uma formidável capacidade perceptiva e de uma grande sensibilidade no trabalho com bebês, crianças e suas mães, Winnicott também concebeu o estado inicial de não integração do bebê, sendo a presença da mãe fundamental para a sua integração. Dedicou-se à essência da maternidade e à investigação da relação mãe-bebê e tentou transmitir as suas observações, embasadas em uma vasta e consistente experiência clínica, e as descobertas advindas desse trabalho inovador em uma extensa publicação psicanalítica. Iluminou psicanaliticamente as etapas do relacionamento inicial mãe-bebê, expondo as necessidades fundamentais do ser humano, as circunstâncias indispensáveis ao seu desenvolvimento e, simultaneamente, a etiologia das psicoses e dos mecanismos psicóticos.

Ampliando a teoria psicanalítica, introduziu uma fase inicial em que o bebê é um ser não integrado, não consciente, que emerge de um estado de solidão essencial em que nada ainda foi separado do não ser; não existe ainda um eu, nenhuma mãe, nenhum objeto externo ao si mesmo. Já em 1942, em uma reunião da Sociedade Britânica de Psicanálise, Winnicott, ainda jovem, no calor do período que antecedeu as famosas *Discussões controversas* (King & Steiner, 1991, p. 240), proferiu a sua tese fundamental sobre o bebê: “There’s no such thing as a baby... One sees a nursing couple”[\[15\]](#). Em um texto escrito dez anos depois, descreveu como se surpreendeu na ocasião com o que acreditamos ter sido um súbito insight: “Eu disse com muito entusiasmo e calor... Fiquei chocado ao escutar-me pronunciar essas palavras” (Winnicott, 1952/1993b, p. 208). Provavelmente sem saber as implicações profundas do que acabara de dizer, Winnicott adentrava assim uma área até então pouco explorada na psicanálise, a relação primitiva mãe-bebê, anterior ao estabelecimento da capacidade para

relações objetais e que traria importantes contribuições para a compreensão do desenvolvimento emocional primitivo e para a técnica analítica.

Para Winnicott, a natureza humana é quase tudo que possuímos e é essencialmente uma tendência inata à integração numa unidade ao longo do amadurecimento:

O único passaporte com que o bebê chega às barreiras alfandegárias é a soma das características herdadas e das tendências inatas no sentido do crescimento e do desenvolvimento que podem até nunca ocorrer, apesar das boas tendências (Winnicott, 1969/1994a, p. 199).

Juntar os pedaços não é natural e desde o início a necessidade fundamental é ser e continuar a ser. Daí a necessidade de alguém que o mantenha inteiro, caso contrário se desmancha em pedaços. Quando bem sustentado,

(...) um bebê não tem de saber se é constituído de uma coleção de partes separadas. O bebê é uma barriga unida a um dorso, tem membros soltos e, particularmente, uma cabeça solta: todas essas partes são reunidas pela mãe que segura a criança, e em suas mãos, elas se tornam uma só” (Winnicott, 1969/1994b, p. 432).

Revelando grande compreensão das mães, além dos bebês, Winnicott iluminou as etapas primitivas do desenvolvimento do ser humano, incluindo a gestação e o parto. Em seu artigo “A mãe devotada comum”, escreveu de forma original e empática sobre as mães: “um dia descobrem que se tornaram anfitriãs de um novo ser humano que decidiu alojar-se nelas” (Winnicott, 1966/1988c, p. 3). A grávida vai se adaptando totalmente ao desenvolvimento do feto: sofre transformações em seu corpo, está fragilizada, regredida. O feto vai se apossando do espaço, transformando o corpo, o humor e as emoções da mãe, deixando-a mais passiva, expectante e dependente. Winnicott (1956/1993a) denominou o estado especial que a mãe vai desenvolvendo na gravidez de preocupação materna primária. É uma disposição que se desenvolve e aumenta durante o final da gravidez, continua por algumas semanas pós-parto e é fundamental para a mãe empatizar e cuidar do seu bebê. Este período não é facilmente lembrado, já que tende a ser reprimido. Se a mulher não está grávida e apresenta esse quadro ela estaria doente. A mãe depende do bebê tanto para entrar neste estado como para dele sair. Assim, a nova dupla mãe-bebê passa a ser permeada, neste período, constantemente, pela absoluta e profunda relação de máxima dependência, tanto do bebê em relação à mãe quanto desta em relação ao filho. A qualquer momento, o ambiente intrauterino pode entrar em colapso e a mãe, ou o bebê, não

sobreviver.

Difícilmente é possível imaginar uma situação maior de desamparo do que aquela do recém-nascido no momento do seu nascimento, completamente impossibilitado de sobreviver utilizando apenas suas parcas competências, mas também da mãe, por encontrar-se regredida e dependente do bebê. No texto sobre a experiência do nascimento, Winnicott (1949/1993d) nos dá uma chave para pensarmos sobre a experiência materna do parto: “No parto, existe um estado durante o qual a mãe, quando saudável, deve ser capaz de se abandonar a um processo que se compara de maneira quase exata à experiência do bebê na mesma hora” (p. 327).

É bastante exigente para a mãe se conectar com esse nível primitivo de funcionamento psíquico, assim como Winnicott dizia ser exigente para o analista o trabalho com pacientes psicóticos, regressivos. Dizia inclusive que só conseguia atender, por vez, um ou dois pacientes que se encontravam neste estado:

(...) o tratamento e o manejo destes casos exigiram de mim tudo que eu possuía como ser humano, como psicanalista e como pediatra. Durante o tratamento tive que passar por um crescimento pessoal que foi doloroso e que eu teria de bom grado evitado. Em especial, tive que aprender a examinar a minha própria técnica sempre que surgiam dificuldades, e a causa das doze ou mais fases de resistência provou sempre ser um fenômeno de contratransferência que exigia mais autoanálise por parte do analista (Winnicott, 1954/1993c, p. 462).

Podemos dizer que, mesmo sendo um momento de curta duração, o parto é uma experiência intensa e tem um potencial desorganizador pela sobrecarga emocional e por ser capaz de interromper, ao menos momentaneamente, a linha de continuidade do senso de existir da parturiente. Em trabalho anterior de observação de mulheres em trabalho de parto (Caron, Lopes & Donelli, 2013), foi percebido em muitas delas o desespero diante do risco de estar entrando em um espaço estranho, apavorante, desafiando a morte e a loucura. Vivenciar a regressão física e emocional que ocorre no parto é realmente um desafio máximo para a mulher em seus limites e exige flexibilidade no transitar em diferentes níveis de sua estrutura psíquica.

Abandonar-se a esse estado regressivo de “loucura normal” é necessário e saudável, mas não é fácil. No seu artigo intitulado “Este feminismo”, Winnicott (1964/1986b, p. 194) comenta sobre a dificuldade de passar não apenas pelo nascimento de um filho, mas por “todo o confinamento e as responsabilidades terrivelmente restritivas envolvidas nos cuidados a um bebê”.

Assim, não é difícil compreender por que muitas mulheres não conseguem atingir essa disposição, essa identificação com o bebê, vivenciando-o como um corpo estranho cuja expulsão ela aguarda para sentir-se aliviada e retornar rapidamente à sua condição de vida anterior. Essas mulheres passam por todo processo sem vivê-lo, situação que dificulta a possibilidade de mãe e bebê mergulharem em uma experiência mútua de confiabilidade e previsibilidade, e ambos emergirem dessa experiência transformados. O si-mesmo do bebê emerge, necessariamente, de dentro dessa unidade mãe-bebê.

A mãe tem que ser suficientemente saudável para contatar o seu desamparo, resignar-se a ele. A regressão da mãe ao estado de desamparo que caracteriza o ser humano do início ao fim da vida é inevitável e necessária para que a mãe possa encontrar seu bebê num momento exato para identificação com ele:

Certamente algo acontece às pessoas quando confrontadas com o desamparo que supostamente caracteriza o bebê... Poderíamos quase dizer que as pessoas que cuidam de um bebê são tão desamparadas em relação ao desamparo do bebê quanto o próprio bebê o é. Talvez haja até mesmo um confronto de desamparos (Winnicott, 1968/1988a, p. 91).

Essas constatações levaram Winnicott a destacar com ênfase o fato da dependência real e absoluta no início da vida e acrescentou o estudo do ambiente. Há um tipo de necessidade muito sutil que só o contato humano pode satisfazer. Talvez o bebê precise deixar-se envolver pelo ritmo respiratório da mãe, ou mesmo ouvir e sentir os batimentos cardíacos de um adulto. Talvez necessite sentir o cheiro da mãe ou do pai, ou ouvir os sons que lhe transmitam a vivacidade e a vida que há no meio ambiente, ou as cores e movimentos, de tal forma que ele não seja deixado a sós com os seus próprios recursos, quando ainda é muito pequeno e imaturo para assumir plena responsabilidade pela vida. Neste início, o bebê é um ser imaturo que vive num estado de dependência real extrema e por isto sujeito às mais terríveis ansiedades que se possa imaginar, sempre no limiar de viver uma agonia impensável:

Se deixados a sós por muito tempo (horas, minutos), sem nenhum contato humano ou familiar, (os bebês) passam por experiências que só podem ser descritas através de palavras como: ser feito em pedaços; cair para sempre; morrer, morrer e morrer; perder todos os vestígios de esperança de renovação de contatos... Um fato importante a considerar é que, graças a um cuidado satisfatório da mãe, estes sentimentos terríveis se transformam em experiências positivas, vindo somar-se à confiança que o bebê adquire em relação ao mundo e às pessoas. Ser feito aos pedaços por exemplo, passará a ser uma sensação de relaxamento e repouso se o bebê estiver em boas mãos; cair para sempre se transforma na alegria de ser carregado, e no entusiasmo e prazer que

decorrem do movimento; morrer e morrer e morrer passa a ser a consciência deliciosa de estar vivo (Winnicott, 1970/1988d, p. 76).

Winnicott destacou repetidamente as qualidades dessa mãe que se oferece como objeto subjetivo de seu bebê, adaptando-se constantemente às suas necessidades: ser real, empática, devotada, comum, monótona, suficientemente boa, constante, previsível e preocupada com o bebê. Estas atitudes favorecem a continuidade do ser, a integração, a unidade psicossomática, a transformação das agonias impensáveis e a condição para que o verdadeiro self inicie a ter vida. Para Winnicott (1945/1993e), “Quando um bebê não teve uma pessoa para juntar seus pedaços, começa com uma desvantagem na tarefa de autointegração e talvez não consiga empreendê-la, ou não consiga manter sua integração com confiança” (p. 276).

Aos poucos, se a mãe é saudável, a adaptação absoluta vai se perdendo proporcionalmente ao desenvolvimento e afastamento do bebê. Ambos progridem para uma fase de dependência relativa e, posteriormente, rumam à independência que nunca será total. Esta passagem da ilusão para a desilusão, tanto da mãe quanto do bebê, é essencial para o desenvolvimento e integração do próprio recém-nascido. Existindo como unidade, adquire mais estabilidade e consistência, porém nunca serão conquistas permanentes, seguras. Atingindo a identidade unitária, a criança é verdadeiramente capaz de vivenciar as ansiedades edípicas e ingressar na neurose. Se tudo correu bem neste primeiro estágio — apesar de não ficar registrado no ego da criança —, o fato de ser uma mãe suficientemente boa é fundamental, pois, com isso, ela preveniu o desenvolvimento dos distúrbios psicóticos no seu bebê.

O percurso de uma pesquisa nesse lugar onde a verbalização perde sentido

Filho...
Você é a barbaridade de ter feito a minha
barriga crescer
meu corpo zuniu, abriu, escancarou
pra você sair
de onde eu nunca pus sequer os pés, as mãos
da casa em que vivo e habito sem nunca
ter entrado
porque moro fora de mim
você que é onírico, sábio vassalo
me tiraniza e perde a fala, o fôlego, o faro
me organiza e ganha o futuro
e ainda segura o jogo duro de viver independente
de minha respiração
espião de meus bastidores
olhou minhas entranhas enquanto virava ser humano.
Elisa Lucinda, Consagração da criatura

Pretendemos ilustrar e, mais ainda, convidar vocês a virem conosco para esse lugar “sagrado” da relação mãe-bebê, a partir das nossas tentativas de tradução em palavras daquilo que foi vivenciado durante a observação dos três primeiros anos de vida de seis bebês: dois singulares e dois pares de gêmeos.

O longo e instigante contato com o primitivo no ser humano através do trabalho clínico psicanalítico com pacientes adultos, adolescentes e crianças nos

confrontou com a necessidade de buscar mais conhecimento sobre o bebê e seu mundo, numa experiência mais fundamentada na vivência direta com as primeiras etapas de vida, e também de adquirir instrumentos mais adequados para abordagens terapêuticas nessa área. Nessa procura, no início da década de 80, no Rio de Janeiro, Nara Caron e Rute Maltz descobriram o método Bick através de trabalhos apresentados pelos psicanalistas Joaquim A. A. Couto Rosa e Geni Talberg. Ficou claro o seu *potencial renovador*, de captação das profundezas e mistérios que envolvem a relação mãe-bebê. Retornamos muito mobilizadas, motivadas e com a certeza de termos encontrado o caminho certo a ser trilhado. Iniciamos essa formação (adaptada por ser à distância) um tempo depois, mesmo considerando as dificuldades inerentes a um trabalho pioneiro em Porto Alegre e supervisionado no Rio de Janeiro.

A riqueza da experiência, da técnica e do aprendizado nos surpreendeu, impressionou e estimulou ainda mais a curiosidade e o interesse pela observação com o método Bick. Desde 1987, coordenamos grupos standard de observação de bebês e desenvolvemos aplicações do mesmo.

Anos de prática de observação de bebês e supervisão de grupos de observação demonstraram como essa profunda experiência emocional vivida durante dois anos na casa de um bebê promove importantes mudanças nos observadores: desenvolve a intuição, estimula as emoções, exercita a imaginação e o desenvolvimento de suas capacidades pessoais; ativa uma maior sensibilidade aos aspectos não verbais da comunicação, uma escuta mais apurada através das emoções e do próprio corpo do observador. A elaboração dessa experiência impactante pode promover modificações no trabalho clínico; um maior contato com a própria realidade psíquica e com a dos pacientes; maior reflexão antes de formular interpretações. O método tem uma ação catalisadora no sentido de novos questionamentos e estímulos à pesquisa. Alguns observadores evidenciaram um crescimento pessoal, criando projetos novos e aplicações clínicas que expandem os objetivos do método. Este reacende um interesse pela origem da vida psíquica — olhar psicanaliticamente etapas do desenvolvimento sempre mais primitivas. É notável a fascinação que a observação de bebês exerce sobre nós, confrontando-nos com os mistérios da vida e da morte, das transformações, do nascimento e do desenvolvimento do ser humano e a persistência do desejo de desvendá-los.

O método Bick tem se mostrado fértil na investigação psicanalítica dos estágios iniciais do desenvolvimento e gerado descobertas científicas desde a sua criação

por Esther Bick (1968, 1986), ao permitir vivenciar a experiência infantil dos dois primeiros anos de vida e aprimorar a escuta psicanalítica dos fenômenos psíquicos primitivos.

Assim, o interesse em escrever este livro é fruto de nossas experiências profissionais e pessoais: Nara Caron, uma analista com prática clínica de atendimento a bebês, crianças, adolescentes e adultos e supervisora do método Bick de observação de bebês, e Rita Lopes, uma pesquisadora na área da psicologia do desenvolvimento emocional; ambas interessadas no método Bick de observação como ferramenta de pesquisa do primitivo na natureza humana.

No final da década de 80, tendo coordenado alguns grupos de supervisão com o método Bick standard e acompanhado muitas duplas mãe-bebê até os dois anos de idade, Rute Maltz e Nara Caron reuniam várias ideias e questionamentos a respeito das relações iniciais do ser humano e sentíamos muita necessidade e curiosidade de conhecê-las na etapa pré-natal. Era frequente, nos grupos de supervisão, nos interrogarmos sobre esse período e sua continuidade com o pós-natal. Nessa época, tivemos oportunidade de realizar, na Clínica Alpha de Porto Alegre, junto com o obstetra José Antônio Magalhães, um trabalho com grávidas logo após receberem o diagnóstico ecográfico de malformação congênita do seu bebê. Todas as gestantes nesta situação aceitaram a nossa proposta (Caron & Maltz, 1994). Foi um trabalho impactante e transformador pela intensidade das experiências vivenciadas — maternidade, feminilidade — pelas questões éticas, sociais e religiosas implicadas neste conflito agudo e sério para a gestante em especial, mas também para todas as pessoas envolvidas, inclusive a equipe médica. Quando o diagnóstico é devidamente estabelecido, a decisão de interromper ou não a gestação se impõe. No Brasil, a situação se complica ainda mais devido a não haver na nossa legislação a permissão para o aborto, à exceção de risco à vida da mãe e estupro. Lentamente, fomos aprendendo a entender um pouco deste aspecto tão complexo e rico da feminilidade, que se esconde e ao mesmo tempo se mostra através da capacidade procriadora e em especial por meio das suas patologias. Acompanhamos doze casos, dos quais dois sobreviveram.

Nossa técnica foi surgindo espontaneamente de nossa própria experiência profissional como psicanalistas e como coordenadoras de grupos de observação de bebês. Mais tarde, estendemos a técnica para a abordagem terapêutica da faixa etária de zero a três anos — um trabalho instigante, dinâmico e especialmente mobilizador do analista que lida com os fenômenos psíquicos “ao vivo”, no seu nascedouro, na sua primeira relação, no momento exato em que estão ocorrendo,

o que difere muito de tratar uma criança maior que já fala ou brinca ou um paciente adulto que relata fatos de sua vida. Poder acompanhar essas situações é sempre surpreendente, e o analista sente-se desafiado em seus conhecimentos, suas experiências e suas técnicas já estabelecidos, apesar de poder usar todo seu arsenal teórico básico. O trabalho com essas duplas mãe-bebê permite observar a história que está acontecendo e da qual participamos, porque nos encontramos na hora e no local dos fatos.

A prática clínica com essa técnica e a coordenação de grupos de observação nos ofereceram mais uma alternativa para mergulhar profundamente na alma humana, conviver diretamente com as primeiras experiências e interações do bebê com sua mãe e com as mais primitivas vivências no seu ambiente. Essas experiências se configuram como grande desafio a tudo que se sabe e nos preparam para sair da zona de conforto e lidar com situações primitivas, que exigem grande capacidade de receptividade e empatia por parte do analista (Caron, 2000). Foram experiências fortes, inesquecíveis e de muito aprendizado, que apontaram a necessidade de mais conhecimento e estudo das etapas ainda mais primitivas do desenvolvimento, tais como a gravidez, o parto e a prematuridade.

Ao estendermos o método Bick padrão para este mundo primitivo, encontramos desafios maiores para o observador/analista. Essas etapas iniciais expõem ainda mais a fragilidade e desamparo do ser humano, insuperavelmente finito, que precisa de outro ser humano para continuar a existir. Esperamos mostrar como essa “descida em direção às mães”, nesse lugar onde a verbalização perde sentido, representa grande oportunidade de aprendizado não apenas sobre os fenômenos psíquicos do início da vida, mas também sobre os princípios básicos do trabalho terapêutico, lembrando, como sugeriu Winnicott (1960/1993f), que é o par mãe-bebê que pode nos ensiná-los.

Visitando cavernas

O desejo de conhecer o mais escondido e decifrar os enigmas que estão na face oculta do conhecido sempre fascinou o homem, encorajando-o na busca e na conquista de importantes avanços na tecnologia científica. A ultrassonografia obstétrica irrompeu dentro desse clima. Poder entrar nesse “lugar sagrado” — a barriga feminina — desvendar seu conteúdo misterioso e obter respostas a tantas questões parece ser um dos fascínios do homem contemporâneo.

Contatar o mundo do feto e sua mãe possibilita um treinamento para

compreensão e abordagem dessa área, que resulta em ferramentas adequadas para acessar esse mundo ainda mais primitivo. Assim, propusemos um trabalho de observação de ultrassonografias de mulheres grávidas com aplicação do método Bick na mesma clínica em que realizamos o trabalho anterior. Ali permanecemos durante cinco anos (Caron, Fonseca & Kompinsky, 2000). Buscamos observar um grande número de grávidas em diferentes etapas gestacionais e treinar a escuta dos pais e da equipe. Simultaneamente, precisávamos adquirir familiaridade com os sinais, signos e gestos que constituem as imagens do feto e que provocam intensas sensações e emoções em todos os presentes, inclusive no observador.

Para esse trabalho, o observador deve ser experiente no método standard. O fio condutor que dá a passagem para a aplicação está na função do observador, nas transformações que sofreu no decorrer da experiência vivida no método standard, especialmente na forma de uma escuta refinada dos fenômenos psíquicos primitivos e na sutileza e delicadeza para participar deste lugar “sagrado” num momento tão decisivo (Caron, 1995). Também é decisiva a presença do ultrassonografista, que deve ter boa experiência com o exame, conhecimento das condições especiais dos pais e gosto, interesse e curiosidade por seu trabalho. Durante todos os anos que nos dedicamos a esse estudo, a ultrassonografista foi sempre a mesma, em todos os exames. Percebemos reiteradamente como os presentes atribuem a ela um olhar com poder “divino”, que decifra todos os segredos, a morfologia do feto, a dinâmica, seu crescimento e o diagnóstico das anomalias. Também imputavam-lhe a permissão para transgredir, isto é, a ultrassonografista era liberada para explorar o interior da mãe e assim liberava todos os demais presentes ao exame. A ultrassonografista, mostrando o feto, vai explicando e respondendo as questões dos pais, juntando as partes, e assim pode aliviar angústias primitivas e flexibilizar impressões sobre o bebê, ajudando os pais a suportarem o não saber tudo, o não preencher de imediato, com seus próprios desejos e fantasias, e também a digerir e neutralizar esses sentimentos, tornando-os menos tóxicos. Sem críticas morais e respostas rápidas, a ultrassonografista exerce um papel continente e de alívio de ansiedades. Sua forma de falar, linguagem clara, verdadeira, empática, identificada com a grávida, certamente facilita o processo de tornar-se mãe. Cada relação pais-feto-ultrassonografista é diferente, única e dependente de uma complexa malha interativa, desafiadora e desconhecida.

O saber científico é fundamental, mas não dá conta de toda a amplitude dos desafios psicológicos frente à carga emocional da confrontação com a imagem.

Comprovamos que os pais enxergam, predominantemente, o que seu inconsciente pode ver, e não o que lhes está sendo objetivamente mostrado. Com frequência, através de movimentos e gestos do feto, os pais determinam características e temperamentos do filho que ainda não nasceu. Algumas afirmações se repetem em exames subsequentes, como agressivo, agitado, meigo, tranquilo, masculino, feminino, parecido com fulano. Por exemplo, em uma ultrassonografia obstétrica, um casal queria apenas confirmar o sexo desejado para seu bebê, que era o masculino, o que não se confirmou. Diziam que ele tinha que ser um menino! E se criou uma discussão inflamada do casal sobre o crescimento posterior do pênis do feto, a incompetência da ultrassonografista que não localizara o pênis de seu filho e que voltariam para comprovar o erro médico.

A reação surpresa frente à imagem é um momento de impacto emocional diante do estranho-familiar (Freud, 1919/1969d), constituindo-se numa manifestação deste com importantes expressões inconscientes. Remete às vivências infantis, sobretudo às angústias e crenças primitivas, das quais o ser humano nunca se liberta completamente. Assim, a imagem parece encurtar o caminho ao inconsciente, atingindo-o com mais intensidade. E é justamente a forma deste exame, num período em que os pais estão muito mobilizados, e a mãe encontra-se regredida pela própria gravidez (Caron, 2000).

A gravidez é uma experiência requintadamente feminina. Apesar de todos os avanços técnicos e conhecimentos que possibilitam atualmente a superação de inúmeros problemas de infertilidade, a gravidez dentro do útero continua sendo realmente essencial e insubstituível para a viabilização de um novo ser humano. Ainda não se criou um substituto do útero capaz de albergar uma gravidez.

Abrigar um outro ser dentro de si, com vida, ritmo, movimento, sexo e características próprias e independentes, não é tarefa simples. O feto é separado e também sentido como indiferenciado. Embora a circulação fetal seja independente, os sistemas respiratório, digestivo e excretório da mãe funcionam para ambos.

A mãe vive uma experiência particular, singular, e muito reveladora de detalhes da especificidade do feminino. A gravidez é um terremoto hormonal, físico e psicológico na mulher que encerra os maiores desafios, segredos e incertezas no ser humano. A gestante vai sofrendo *transformações* em seu corpo, que se relaxa, se expande, cresce para dar espaço a esse feto que também se desenvolve de forma extraordinariamente veloz e exuberante, fora do controle da mãe, mas que é por ela sustentado, nesse ambiente dinâmico, até o parto.

A mulher regride, fragiliza-se, experiencia um afrouxamento em sua estrutura defensiva, uma maior permeabilidade de seu inconsciente e das trocas mente-corpo. Por exemplo, em uma ultrassonografia:

A mãe é uma mulher de aparência simples e jeito espontâneo. Tem quarenta anos e está com quarenta semanas de gestação. Parece um pouco desligada de tudo e “um pouco aérea”. Tem-se a impressão de que está vestida de qualquer jeito, penteada de qualquer jeito e que a única coisa que a conecta ao mundo externo é a sua imensa barriga, impossível de não ser considerada. Parece flutuar, estar imersa em outra matéria que não o ar da Terra em que estamos, a esperar, aguardando “sua hora”. A mãe esclarece que tem um filho de dez anos e ele diz que ela está só com meio neurônio funcionando.

Destaca-se o desamparo que a mulher pode viver durante a gravidez, quando seu corpo passa a ser palco de transformações para abrigar a vida, às vezes inesperada, de um outro ser e também, por vezes, a morte inesperada:

Está tudo preparado para os pais que vêm gravar o crescimento do seu bebê e este, na primeira imagem, aparece morto. O contrário também pode acontecer, como o caso de uma senhora que vem realizar um exame de controle, após tratamento quimioterápico, e aparece uma gravidez com dois embriões.

Embora acompanhada, a mulher enfrenta essas transformações sozinha, no próprio corpo. É com a mãe que se vive a experiência de dependência máxima. A mãe habita seu bebê e é por ele habitada, numa relação que passa a ser de dependência mútua. Vai abrindo mão de seus interesses pessoais, ampliando assim um espaço em favor de seu bebê; identifica-se progressivamente com ele, que, no início, é dependente total da condição regressiva da mãe, condição que se segue no parto e nos primeiros meses pós-parto. O sonho relatado por uma gestante, três dias antes do parto, ilustra a sintonia da mãe com seu bebê na condição descrita:

Ela via naturalmente, através de sua barriga, cuja pele estava transparente, a sua bebê: tamanho, feições, vários detalhes e um farto cabelo castanho claro. Lembrou que tanto na sua família quanto na do pai os bebês são carecas. Quando a bebê nasceu ficou impressionada porque ela era exatamente a mesma do sonho! Igual! Reconheceu-a na hora inclusive com sua cabeleira castanha.

É impactante o desafio de entrar no ambiente intrauterino, escutar o seu silêncio, ver a sua escuridão e também descobrir, com encantamento, a vida que ali se desenvolve, independente do mundo lá fora.

O exame de ultrassonografia permite rápido acesso e entrada no espaço

intrauterino, o que é facilitado pelo próprio setting, com características semelhantes ao setting analítico. A sala é ligeiramente escura, silenciosa, de tamanho aconchegante; portas e janelas fechadas — como que uma realidade separada do exterior. A gestante está ali, deitada, com mais do que o abdômen à mostra e coberto com um gel viscoso.

Estão todos *olhando para dentro*. Ninguém sai, circula, transita. As ansiedades que ali surgem, ali permanecem; não se dissipam através do desvio de atenção ou da fuga em outra atividade qualquer. Ao observador sobra menos espaço para se posicionar. O bebê está ali, independente, solto e espontâneo, movimentando-se sem obedecer a nenhuma ordem externa.

Seguindo os princípios do método Bick standard, o observador é convidado a participar da experiência. À medida que a ultrassonografista vai *iluminando* com o transdutor o interior do útero materno, imediatamente, e sob o impacto do *claro e escuro*, nos sentimos atraídos a entrar neste lugar, nesta “pequena-grande” caverna, como chamou uma observadora da pesquisa, querendo expressar o que sentiu diante da imagem.

As cavernas nos fascinam. Nelas há um misto de imagens de silêncio e escuridão, de medo do desconhecido. E, no entanto, é grande o desejo de visitá-las e desvendar os seus mistérios:

Não se visitam cavernas impunemente. Ali tudo é diferente, belo e novo... Nesses mundos de silêncio e trevas não há estações do ano, a vegetação superior inexiste por falta de luz solar e o próprio tempo parece fossilizar-se. Um lugar onde é tanto o silêncio que nosso cérebro, com seus irrequietos neurônios, faz-se ouvir como se fosse uma fábrica, fabricando sonhos... Com seus antros escuros, seu silêncio secular, seus amplos espaços subterrâneos e suas belas e bizarras ornamentações, grutas e abismos liberaram nossa imaginação e certamente contribuíram para o estabelecimento dos próprios conceitos sobre o desconhecido, o infinito, o secreto e o sobrenatural (Lino, 2001, p. 11).

A observação de ultrassonografias obstétricas nos coloca frente a um fascínio semelhante. A apresentação de uma imagem ultrassonográfica nunca é neutra. Mostra o inusitado, o primitivo que é um feto. A imagem é um recurso inicial anterior à palavra. Freud (1900/1972b) lembra que, sendo os sonhos constituídos basicamente por imagens, retratam com mais fidedignidade os conteúdos inconscientes. O impacto se deve também à imensa quantidade de informações disponíveis através destas imagens, apresentadas à nossa percepção de uma só vez. É como se um sonho ficasse de chofre condensado e real numa só imagem, ressoando em cada um o verdadeiro conteúdo psíquico mais primitivo.

Faz transparecer o que é sentido e não o que é dito.

Uma senhora fez o exame numa sexta-feira e confirmou ser o feto um menino, o que a deixou muito feliz, diz-se realizada. Na segunda-feira seguinte confessa à ultrassonografia estar triste e chora. Relata que perdeu seu bebê. A médica, surpresa, pergunta o que havia ocorrido. A mãe diz ter chorado muito porque não teriam — ela e o marido — a menina que imaginavam. Só um guri!

Pouco a pouco vamos descobrindo os contornos que vão tomando forma e delineando o corpinho do bebê. Observando a interação do feto com o meio intrauterino, constatamos que muitas coisas atribuídas à vida pós-natal já estão presentes na vida fetal. O feto não é mais um desconhecido. Ao contrário, é muito revelador — pois escancara já boa parte de si e junto com isso o interior do ventre de sua mãe. Um menino de cinco anos, olhando a imagem da irmã, disse de forma muito espontânea: “Ué, já nasceu?!” Em outro trabalho, em que pedimos para que as crianças desenhassem seu irmãozinho ou irmãzinha após o exame, observamos que com frequência os desenhavam como crianças já nascidas e maiores, por exemplo de pantufas ou tomando mamadeira (Caron & Fonseca, 2011). Por esta razão, sugerimos ser a ultrassonografia “um nascimento antecipado cuja parteira é a ultrassonografista” (Caron, Fonseca & Kompinsky, 2000, p. 182).

Podemos pensar em quão desafiadora e intensa é a experiência para todos os que visitam esse útero-caverna, especialmente para as mães, que oferecem seu espaço interior para que todos esses “visitantes” possam viver essa experiência de retorno para onde já estiveram e para onde sempre querem voltar para renascer. Sonho universal inesgotável.

São vários nascimentos simultâneos. A passagem para um outro estágio, de filho para pai, de filha para mãe, de mãe para avó, de filho para irmão provoca modificações na estrutura psíquica de cada um. Uma nova identidade tem de ser criada, assim como novos papéis são adquiridos. Bick (1986) já havia chamado a atenção para o impacto da presença de um bebê em cada membro de sua família, sobretudo em relação às mudanças de identidade experimentadas em vários graus.

Cada pessoa, mãe, pai, irmão, avó, bisavó, é tocada pela imagem de acordo com sua própria etapa evolutiva, colorida pela regressão. As vivências primitivas afloram mais facilmente à consciência, tornando o período pré-natal um espaço privilegiado para ressurgir, revisar e reelaborar o passado, mas também um desafio à estrutura psíquica. Há uma reorganização própria durante todo período gestacional, tanto da mãe quanto do pai, irmãos, avós e bisavós, que é simultânea

à ocupação de um lugar e um papel, por parte do feto, na dinâmica familiar e transgeracional.

Observa-se o pai mais presente na gestação e na ultrassonografia, às vezes descrevendo-se como grávido, atravessando uma fase de reorganização biológica e psíquica:

Durante um exame, o pai mostrava-se muito orgulhoso de seu papel, falando em alguns momentos desta conquista. Estava feliz por ser uma menina. A médica pediu para a mãe caminhar um pouco, mexer-se mais para que o fetinho mudasse de posição para facilitar o exame. Várias manobras foram realizadas sem efeito algum. O pai, que estava quieto, observando, levantou-se e disse: “Deixa pra mim!” Aproximou-se da barriga e falou, “meloso”: “Onde está a princesinha do pai?” E a imagem começou a se virar... e o clima do exame virou também. Ele ficou exultante com o resultado.

Em alguns casos, nota-se uma clara identificação do pai com a mulher grávida e/ou com o feto:

Em um exame, o pai sentiu-se mal, com falta de ar e depois de comentar a angústia que era ficar olhando a imagem do bebê “fechado” dentro do útero. Outro comentou da sensação de ter um feto no estômago.

Às vezes, o pai, como os outros familiares, demonstra claramente que não pode estar ali no exame, reage com intensa ambivalência, conduzindo-se de forma descontrolada, fora de qualquer expectativa. Quando frustrados, especialmente diante da confirmação do sexo não desejado, assistimos a fortes e violentas dramatizações de conflitos inconscientes, palavras e atitudes grosseiras, saídas da sala, batidas de porta e não retorno ao exame.

Com relação às avós, muitas vezes observamos conflitos e forte competição delas com as mães, durante o exame. Com a gestação da filha, a avó tem que deparar com seus sucessos, fracassos, expectativas e aceitar um papel coadjuvante, tarefa por vezes difícil. O papel secundário é função não apenas da etapa evolutiva das avós, mas também do contexto específico de uma gravidez: todos, exceto a dupla mãe-bebê, ficam relegados a um segundo plano.

Desde o final da década de 90, observamos a presença crescente de irmãos no exame pré-natal ultrassonográfico, ocasião em que surgem atitudes, reações e questionamentos que evidenciam a necessidade de pesquisas mais aprofundadas. Os irmãos também estão diante da possibilidade de pisar em um palco no qual seus conflitos pessoais podem ser dramatizados, não só aqueles em relação à sua

mãe e a esse novo ser, mas também os relativos às suas experiências primitivas. Resolvemos realizar um estudo centrado na relação pais-feto(s)-irmão(s) utilizando, como nos estudos prévios, o método Bick complementado pela análise de desenhos de crianças realizados após o exame (Caron & Fonseca, 2011). Tendo em vista que o nascimento de um irmão corresponde a um corte transversal na curva da vida de uma criança, pensamos que sua presença na ultrassonografia é um momento rico para acompanharmos suas vivências. O setting criado possibilitou às crianças expressarem de uma forma privilegiada seu mundo interno, com suas emoções, seus desejos, desde os mais vívidos àqueles que não ousamos admitir, sua busca por satisfação, seus sonhos, suas frustrações, seus conflitos, especialmente ligados à fase de transição que estão vivenciando — rumo a tornarem-se irmãos e à problemática fraterna.

Acompanhamos, neste trabalho, durante seis meses, setenta e cinco crianças que assistiam ao exame de suas mães, acompanhadas por uma observadora treinada no método Bick. A singularidade e a intensidade das manifestações verbais, comportamentais e gráficas são surpreendentes e denotam o quanto o ambiente da ultrassonografia permite uma regressão psíquica que repercute não somente nos adultos, mas também nos irmãos. As reações de uns e de outros são bastante individualizadas mas sempre intensas: sono profundo, agitação, ansiedade, fuga, agressividade, desprezo. Tanto os relatos das observações como os desenhos traduziram conteúdos psíquicos profundos, especialmente ligados ao complexo fraterno.

A intensa mobilização interna frente à imagem e ao setting criado provoca em todos os participantes no exame ultrassonográfico um impacto emocional que favorece a regressão, deixando os presentes mais permeáveis, transparentes, expressando mais facilmente suas sensações e sentimentos de desamparo, solidão, vulnerabilidade, ambivalência e idealização dos objetos. Há um investimento narcisista no bebê, que passa a ser vivenciado como parte indiscriminada de cada um. Frequente e rapidamente os participantes se defendem de decepções, renúncias, desintegrações, utilizando a imagem do feto e a pessoa do ultrassonografista como um espelho multifacetado que reflete onipotência, poder e autoridade dos vários participantes. O bebê, às vezes, desaparece, não é Sua Majestade, o Bebê[16]; é substituído pelas “Suas Majestades” (Caron, Fonseca & Lopes, 2008), que competem pelo espaço de observação, querendo ser vistos e amparados naquele momento.

Pensamos que para conhecer profundamente uma caverna é preciso poder

vislumbrá-la até o final, ir e vir, entrar e sair, enxergando cada vez com mais clareza o seu interior. O observador, podendo contar com uma disponibilidade interna, um espaço interior, uma condição eminentemente receptiva, mantém uma atitude de escuta e empatia por tudo que é comunicado de forma verbal e, principalmente, não verbal. Participa da experiência como um receptor sensível e especial. Dessa forma, sua presença pode ser percebida pela grávida e utilizada para compartilhar suas emoções, medos, angústias, vivências escondidas, desconhecidas ou até mesmo proibidas; dúvidas sobre a capacidade de gestar e manter esta gravidez; ter espaço e conter física e emocionalmente o bebê; mudanças na imagem corporal interna e externa, ligadas a esta experiência única: dois corpos em um só.

Comprovamos o quanto se recria a sensação da unidade perfeita nesse útero-caverna que oferece espaço, proteção, ritmo, repetição, monotonia, qualidades ambientais necessárias para o desenvolvimento do feto, já que o tumulto e as transformações pelas quais ele passa nessas 40 semanas são impressionantes. Outro ser efetivamente habita a mãe — o seu velho e conhecido corpo —, constituindo-se num sistema único, altamente organizado, refinado e diferenciado. No período pré-natal e nos primeiros meses após o nascimento, a dependência é tão absoluta que não é nem mesmo uma relação a dois. Ela é, antes, um dois-em-um peculiar. Esta fusão mãe-bebê sofre, ainda na gestação, pequenas quebras na continuidade, que preparam o feto para enfrentar o parto e para o interminável processo de separação da dupla mãe-bebê.

A experiência do parto

Dando continuidade à observação das etapas mais primitivas do desenvolvimento humano, estendemos nossas observações a este momento que constitui a primeira grande separação mãe-bebê — o parto — na qual o interior feminino continua sendo palco de intensa mobilização emocional. O trabalho de aplicação do método de observação ao parto é mais recente e pôde acontecer graças ao interesse de uma observadora — Tagma Schneider Donelli — que se dispôs a observar mulheres em trabalho de parto e no parto propriamente dito durante o período de dezenove meses (Caron, Lopes & Donelli, 2013; Donelli, 2008).

Apoiando-nos na nossa experiência de aplicação do método Bick à gestação e na teoria de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo,

acreditamos serem as ansiedades primitivas, sensações e reações observadas nas mães, durante o trabalho de parto e parto propriamente dito, expressões de um estado regressivo que começa a se desenvolver na mãe já na gestação e que a fragiliza, deixando-a em estado de desamparo similar ao do bebê.

É assustador, terrorífico até, reconhecer que o bebê esteja dependendo totalmente da mãe, que também está numa condição de desamparo. Assim podemos dizer que o máximo encontro é paradoxalmente vivenciado pela mãe e pelo bebê numa condição de máximo desamparo. Além disso, acreditamos que é isso o que possibilita à mãe se reconectar com o seu próprio desamparo e que a prepara para encontrar o seu bebê onde ele está.

Nos primeiros contatos com o centro obstétrico, a observadora o descreveu como intimidador, assustador e constrangedor[17]. Foi inevitável deixar-se contagiar por uma espécie de insegurança, de confusão, de despreparo. Tudo parecia muito diferente do que habitualmente se esperava encontrar.

Os caminhos eram sinuosos, cheios de voltas, sem indicações claras de onde se estava ou para onde se deveria ir.

Os relatos deixavam claro que não era uma tarefa fácil manter-se observando eventos por vezes dramáticos, que evocavam a possibilidade da morte, que revelavam o desespero pela dor, física e emocional, de uma separação iminente, e que denunciavam também uma demanda por cuidados emocionais. Havia uma crueza, uma superexposição, um afloramento que desarmava a observadora. O centro obstétrico parecia um ambiente que aproximava as pessoas de algo que tentam esconder, algo que revela mais do que gostariam, algo que vai além da intimidade, que desnuda a alma, põe em evidência os medos e angústias. A contradição, as mensagens ambíguas, tudo isso desarma e abate.

Após a primeira sessão, a observadora pôde perceber o quanto o clima emocional gerado por esse ambiente caótico e pouco acolhedor demandaria investimento para a realização do trabalho:

Fui voltando, fazendo o caminho inverso, tentando chegar novamente à sala de exames e de admissão do recém-nascido, mas sempre ao lado da minha intermediária, pois não conseguia me imaginar sozinha ali. Onde iria ficar nas próximas observações? Poderia me sentar? Para onde olhar?

Questões relativas ao corpo feminino estiveram presentes em praticamente todos os relatos, o que mostra que no centro obstétrico a fisiologia humana está em evidência e perpassa todo o emocional que se estabelece no setor. Palavras e

símbolos deram lugar a expressões concretas de sofrimento, de desagrado, de angústia e vergonha, compartilhados pela observadora. Essa proximidade com o primitivo assusta, e algo até então familiar a qualquer pessoa, como defecar, vomitar e sangrar, passa a provocar uma sensação de estranheza e uma necessidade de omitir e até ocultar tais manifestações.

Apesar de naturais, tais manifestações do ser humano são constantemente negadas e escondidas no convívio social. Mas ali cheiros e cores se misturavam para formar uma tela rica de detalhes que nunca poderiam ter sido vistos em outro ambiente.

Os aspectos fisiológicos ligados ao parto, tais como o ritmo das contrações e a progressão da dilatação, provocam sensações de perda de um pedaço de si, de medo de esvair-se, de se entregar ao processo e de perder as referências. Estas sensações se parecem com as agonias impensáveis do bebê, quando ainda não está integrado e não conta com um ambiente que o contenha. Tais sensações podem ser responsáveis pela tentativa das parturientes de exercer algum controle sobre o processo de nascimento do bebê, ou de utilizar outros mecanismos, mentais ou não, capazes de protegê-las dessa invasão de sentimentos. Essa necessidade de controle parece ser vivida de forma intensa pelas mulheres, perpassando todo trabalho de parto e o parto em si. E a falta de controle sobre todo esse processo de nascimento do bebê parece provocar grande ansiedade nas pacientes.

O parto tem o potencial de transformar-se em uma situação traumática para a mulher, na medida em que a obriga a lidar com sentimentos de perda e separação do próprio filho. Foi possível testemunhar expressões das mulheres sobre a “falta” da barriga, logo após o parto, como uma perda concreta de uma parte de si mesma.

Outra mulher evidenciou, através das estrias visualizadas em sua barriga, as inúmeras marcas que uma gravidez e um parto são capazes de deixar, não apenas no corpo, mas também na alma dessas mulheres. As marcas deixadas na vida de uma mulher pelo nascimento de um filho são inegáveis, mas testemunhar aquelas deixadas no corpo leva, de forma muito mais dramática, a pensar nas cicatrizes emocionais, tanto aquelas que servem à promoção como ao entrave do desenvolvimento da mulher. Quando a mãe se permite vivenciar essa experiência, sai certamente modificada, renovada e com estruturas psíquicas distintas.

Outro aspecto comum às mulheres ali internadas foi descrito nos relatos como alienação: uma espécie de estado alterado de consciência que fazia com que as

mulheres ficassem alheias ao mundo ao seu redor, interagissem pouco com o ambiente à sua volta, verbalizassem pouco e até dormissem durante a evolução do trabalho de parto e no parto propriamente dito. Este estado pode ser um indicador da regressão e sintonia profunda da mulher com sua experiência emocional interior — uma manifestação de sentimentos inomináveis, intensos e necessários para empatizar com o bebê. Em algumas situações, era possível compreender esse comportamento alheio, ou indiferente, como uma defesa contra a avalanche de sentimentos e sensações que as mulheres poderiam estar experimentando.

Havia quatro pacientes ali, todas bastante quietas, como se estivessem dormindo. (...) Elas estavam muito recolhidas, todas de olhos fechados, e não quis incomodar. (...) Daniela permaneceu quase todo o tempo deitada e virada para a parede. Consegui ver seu rosto apenas em um momento que ela se sentou na cama e se ajeitou para virar de lado. Ela tinha feições bonitas, mas seu rosto era uma incógnita: ela tinha cara de mulher, mas ao mesmo tempo de menina. Ela me viu ali parada e sorriu, para novamente se deitar e desaparecer — às vezes lembro do mar, e de como essas mulheres parecem mergulhar num mar sem fim, vindo à superfície em poucos momentos, talvez para mostrar que ainda estão ali. Na verdade, sabemos que elas estão ali, mas não sabemos muito bem por onde andam.

A dor também se destaca nos relatos. A dor do parto, como qualquer outra, possui elementos biológicos, psicológicos e sociais — e é sentida de forma subjetiva, sendo uma experiência única. A forma como cada mulher expressa suas dores parece ter íntima relação com suas características pessoais, com sua necessidade subjetiva de cuidado, com sua confiança, ou não, nas próprias capacidades de suportar as dores e exercer a maternidade. Inúmeras manifestações de dor puderam ser observadas durante este trabalho. A maioria delas estava ligada à evolução do trabalho de parto, ao aumento da intensidade e diminuição dos intervalos das contrações e também ao fato de não se saber por quanto tempo será necessário suportar as dores, corroborando a crença das mulheres de que aquele sofrimento não terá fim ou será insuportável. Esta vivência de separação, corte, pode ser percebida como ameaça à sua integridade, à sua própria vida; como a de estar em um beco sem saída com o qual ela não tem condições de lidar.

Também foi possível observar reações de medo, desespero, sofrimento, exaustão durante e após o trabalho de parto, e a observadora foi cúmplice das mulheres nesse tipo de sensação, provavelmente revelando, de novo, o mecanismo de identificação que se estabelecia com elas (ou com os bebês).

As horas não passavam, e eu estava ficando cansada. Não tinha onde me sentar, e comecei a andar de um lado ao outro, tentando ser o mais discreta possível. Dessa vez, percebi ainda mais claramente como é estreita a sala de pré-parto. Podiam-se ouvir todos os barulhos do corredor, bem como da rua e da entrada do estacionamento do hospital. As pessoas iam e vinham, e nós três ali dentro, num mundo completamente à parte. Até o tempo ali parece diferente.

Muitas parturientes pareciam comunicar sua solidão e desamparo ao observador — por meio de comunicação verbal, mas principalmente não verbal — não apenas para fazer contato com a observadora, mas como uma maneira de confessar medos e angústias.

Tais sentimentos ficaram evidentes especialmente depois do parto, quando a maioria das mulheres foram deixadas sozinhas na sala. A mãe perde o seu parceiro, o bebê, assim como o bebê perde a sua parceira, a mãe. Estão nas mesmas condições, desamparados e sozinhos.

Isso nos faz pensar em como as mulheres estão, realmente, sozinhas para enfrentar o nascimento de um filho. Apesar de se encontrarem em um ambiente hospitalar, cercadas por profissionais, equipamentos, materiais e tecnologia, o processo todo do nascimento é vivenciado no seu próprio corpo, de um modo solitário e privado, assim como a etapa anterior, da gestação.

Frequentar um centro obstétrico para observações sistemáticas semanais pelo período de dezenove meses foi uma experiência ímpar. Em muitas ocasiões, a observadora se perguntava o que a fazia continuar olhando para uma experiência que mobilizava tamanhas doses de angústia, de tensão e de desconforto como o parto, pois assim ela se sentia em diversas oportunidades. A proposta de aplicação do método Bick em uma instituição hospitalar e, mais especificamente, em um setor exclusivamente dedicado ao atendimento de pacientes obstétricas, nos deu a oportunidade de contatar e desvendar conteúdos extremamente impactantes, emocionantes, mobilizantes, inomináveis, em função de sua característica primitiva, talvez remetendo a uma época do desenvolvimento em que as palavras ainda não tinham adquirido sentido. Além disso, foi muito gratificante a possibilidade de deixar-se usar pelas parturientes, desenvolver uma capacidade empática, de identificação e cumplicidade com as mulheres, podendo ir além da contenção física e oferecer uma espécie de contenção emocional similar àquela exigida da função materna, como já destacava Bick (1986). Permanecer junto, escutar, acolher e vivenciar as experiências inconscientes das parturientes, e não criticá-las, são aspectos da postura do observador que exercem uma função terapêutica, muito bem-vinda neste momento desafiador na vida da mulher[18].

Tanto as mulheres quanto a observadora usufruíram dessa experiência que, vivida semana após semana, pôde adquirir algum sentido, e assim, fica claro o quanto se pode sair enriquecido e modificado dela.

Por intermédio do observador, podemos entender a proposição de Winnicott (1968/1988), em seu texto intitulado “O ambiente saudável na infância”: “as principais coisas que uma mãe pode fazer com o bebê não podem ser feitas através de palavras” (p. 53). Ainda que silenciosa, a intensa atividade psíquica da mãe, exigida neste período do desenvolvimento, não deve ser banalizada, assim como a atividade psíquica silenciosa do observador/analista. Tanto no método Bick de observação de bebês como na técnica com pacientes regressivos, tal como sugerida por Winnicott (1954/1993a), o setting se torna mais importante do que a interpretação.

Podemos dizer que, mesmo sendo o parto um momento de curta duração, é uma experiência intensa com grande potencial desorganizador — pela sobrecarga emocional e por ser capaz de interromper, ao menos momentaneamente, a linha de continuidade do senso de existir da parturiente.

O início da vida num lugar essencialmente feminino

Após vários anos de trabalho contínuo com o método e suas aplicações, surge o desejo de juntar pedaços soltos de experiências e a curiosidade pela investigação da continuidade entre a vida pré-natal e pós-nascimento. Começamos a realizar este sonho no ano 2000, quando organizamos um projeto de pesquisa longitudinal cujo objetivo era acompanhar, com o método Bick de observação, o desenvolvimento do bebê e da relação mãe-bebê desde a décima segunda semana de gestação até os três anos de idade da criança. Realmente era um projeto hercúleo, apaixonante, que poderia satisfazer um pouco a nossa curiosidade através de um contato aprofundado e intensa participação pessoal.

Enriquecidas com a experiência de vários estudos prévios das etapas primitivas, nesse lugar essencialmente feminino em que o ser humano inicia o seu percurso de desenvolvimento, bem como do tratamento analítico com bebês, crianças, adolescentes e adultos, nos encontramos agora em condições de integrar e aprofundar nossas descobertas por meio dos achados de nossa pesquisa sobre os três primeiros anos de vida, incluindo gestação e parto, que passaremos a descrever a seguir.

Foram muitos os desafios com os quais nos defrontamos neste longo percurso,

que são os mesmos vivenciados pelo pesquisador psicanalítico que se lança ao desconhecido em busca do primitivo no ser humano.

Nosso projeto se inspirou no trabalho precursor de Alessandra Piontelli (1992/1995), que realizou na Itália o primeiro estudo longitudinal de orientação psicanalítica, incluindo em seu delineamento o período pré-natal. Foram observados onze fetos (três gestações singulares e quatro pares de gêmeos) através de imagens de ultrassonografia, a partir da décima sexta semana de gestação, mensalmente. Após o nascimento, utilizando o método de observação da relação mãe-bebê desenvolvido por Esther Bick, foram realizadas, semanalmente, observações domiciliares até a idade de dois anos do bebê. A partir dos dois anos, as observações ocorreram três vezes ao ano, até a idade de quatro anos. Piontelli (1992/1995) combina aspectos do desenvolvimento comportamental do feto, etologia e psicanálise.

Apesar de o projeto ter se inspirado na pesquisa pioneira de Piontelli (1992/1995), buscamos superar algumas limitações metodológicas observadas naquele estudo. Piontelli cumpriu todas essas etapas do trabalho sozinha, observando ela mesma todos os fetos, sem a participação de outros observadores e sem o grupo de discussão do relato escrito, um dos pilares do método. Em alguns exames, ela própria conduziu a ultrassonografia obstétrica.

Pensamos que os três momentos do método Bick — observação, relato escrito e supervisão em grupo, pilares do método, descritos detalhadamente no capítulo 1 — sustentam a estrutura, o objetivo e a filosofia contida nessa forma de observação de bebês. A manutenção do setting e da função do observador é que permitem a observação e o surgimento de dados singulares de cada relação única mãe-bebê-observador.

Assim, com o objetivo de manter os princípios fundamentais do método Bick e, principalmente, a regra número 1 de Bick, detalhadamente descrita no capítulo 1 — “vir como uma tábula rasa... você não sabe nada e isto é tudo” —, formaram-se duas equipes de observadores e supervisores totalmente independentes, que não trocaram informações entre si até o final da pesquisa, uma para a primeira etapa — gestação e parto — e outra para a segunda — método standard, pós-nascimento. Em nossa opinião, seria muito difícil para os observadores e supervisores da primeira etapa, envolvidos profundamente com o material relatado das ultrassonografias, que suscitam ideias, hipóteses e desejos sobre a relação pais-bebê, chegarem à observação pós-nascimento *sem preconceitos ou hipóteses prévias* — como preconiza o método standard — ou seja, sem

expectativas de reencontrar no bebê pós-nascimento as suposições feitas no grupo de supervisão durante a gestação. Seria grande o risco de prejudicar um trabalho árduo, exigente e delicado durante três anos na casa do bebê e sua família.

Na fase de coleta de dados referente ao período gestacional foram observados seis bebês (dois pares de gêmeos e dois singulares), em uma clínica de ultrassonografia em Porto Alegre, Brasil. As mães dos bebês eram todas casadas (estavam morando com os pais dos bebês), não apresentavam malformação ginecológica, histórico de doença crônica física, transtorno psicológico grave ou histórico de infertilidade no casal. Os pais dos bebês não apresentavam tampouco histórico de doença física crônica ou de transtorno psicológico grave. O contato inicial com as gestantes foi realizado por intermédio de obstetras. Ao iniciar a pesquisa, um consentimento informado foi obtido dos pais, referente à participação no estudo e à publicação futura do material coletado durante as observações. A observação do(s) bebê(s), da mãe e da relação mãe-bebê foi realizada ao longo de três momentos e contextos de observação distintos:

1. Gestação: contexto de ultrassonografias obstétricas: algumas características do setting observacional do método Bick tradicional mantiveram-se como modelo para a presente pesquisa. As observações eram realizadas mensalmente, por observadoras experientes no método, com uma duração definida de vinte minutos, no mesmo horário, no mesmo dia da semana, e com a mesma ultrassonografista, especialista nessa técnica. Eram feitos relatos escritos das observações, os quais eram lidos e discutidos em reuniões semanais do grupo de supervisão, composto por quatro observadoras e uma supervisora psicanalista, coordenadora deste projeto, com experiência no método Bick e nessa forma de aplicação. As imagens dos exames, gravadas em vídeo, foram também vistas no grupo de supervisão. Para uma análise mais pormenorizada dos movimentos fetais gravados em vídeo formaram-se duas outras equipes, as quais não tinham conhecimento prévio sobre os casos estudados.

2. Parto e pós-parto imediato: contexto hospitalar: a observação do parto no hospital foi realizada pelas mesmas observadoras que acompanharam as ultrassonografias. Após a observação do parto, a observadora fez um relato escrito da sua observação, assim como dos primeiros contatos entre a mãe e o(s) bebê(s), o qual foi posteriormente lido e discutido no mesmo grupo de supervisão da primeira fase do projeto. Paralelamente a estes procedimentos, ocorreu filmagem do parto e dos primeiros minutos de interação mãe-bebê(s). Ainda no contexto

hospitalar, foi também realizada uma observação da relação mãe-bebê(s), aproximadamente vinte e quatro horas após o nascimento do(s) bebê(s). Após esta observação no quarto do hospital, foi realizado um relato escrito, para posterior leitura e discussão no grupo de supervisão.

3. Pós-nascimento: contexto domiciliar: formou-se um grupo independente de quatro observadoras e duas supervisoras psicanalistas para esta etapa da pesquisa. Foi realizado um contato prévio da observadora com a gestante, na penúltima sessão de ultrassonografia. O procedimento adotado nesta etapa foi o método Bick padrão de observação. Nos primeiros seis meses de vida do bebê, as observações foram semanais, e os relatos escritos eram lidos e discutidos no grupo de supervisão. Algumas modificações foram introduzidas na frequência das sessões de observação após os seis meses de vida do bebê. As sessões passaram a ser quinzenais, dos seis aos doze meses de vida, mensais, dos doze aos vinte e quatro meses de vida e trimestrais, dos vinte e quatro aos trinta e seis meses de vida. Outra modificação refere-se à realização de filmagens, semestralmente, com a dupla mãe-bebê, por uma outra pessoa que não a observadora do caso [\[19\]](#).

Desafios da escrita no *quarto momento* do método Bick: a publicação

Finalizadas as observações, no terceiro ano de vida, deparamos com os mesmos desafios com os quais se defronta o analista que se propõe a escrever e transmitir a sua experiência clínica. Tornar pública essa experiência é e sempre será um desafio [\[20\]](#). Traz muitas satisfações, pelo seu caráter criativo: evita que o material fique inconsciente para sempre, faz nascer, lembrando que não se nasce sozinho. Por outro lado, traz também muito sofrimento, já que a matéria bruta com a qual trabalha o analista é o inconsciente, que provoca muitas resistências internas e externas. São fragmentos de memórias, lembranças que registraram intensas vivências emocionais no trabalho clínico, difíceis de serem traduzidas e mais ainda de serem publicadas. E é aqui que o desafio da exposição cresce de forma exponencial.

Após vários anos de trabalho e tentativas — nem sempre bem-sucedidas — de transmitir a experiência vivida no contato com as mães e os bebês, escrevemos um artigo sobre os desafios da escrita no percurso do observador pelo método Bick (Caron, Lopes, Steibel & Donelli, 2012) [\[21\]](#).

No artigo, propusemos um *quarto momento* do método, opcional, para fins de publicação científica do material de observação, que viria se somar aos três

momentos descritos no capítulo 1 — observação, relato escrito e supervisão. No quarto momento, o material — que inicialmente era de cunho privado do observador e tinha um objetivo também privado (sua formação pessoal) — atinge um estágio em que deve ser traduzido em uma linguagem dirigida a um público maior e desconhecido.

Assim como, no segundo momento — relato escrito —, o analista/pesquisador defronta-se com o desafio de escrever e transmitir uma experiência vivida, de modo que o leitor possa assim compartilhá-la e experienciá-la. Ogden (2002) destaca como Winnicott busca transmitir seus conhecimentos profundos sobre o desenvolvimento emocional primitivo. Com sua forma aparentemente simples e direta de escrever, toca os leitores pelo impacto que gera através não só de suas palavras, mas do tom que rege sua escrita.

Nesta nova transformação do material, o autor se vê na tarefa de ter que iluminar alguns aspectos mais expressivos que emergem dele e dar-lhe contornos teóricos. Assim, começa outro percurso, em que busca, através da escrita, conduzir o leitor a experienciar parte de suas vivências, bem como a compartilhar algumas conclusões teórico-práticas. No entanto, para que alguns aspectos sejam explorados e aprofundados, outros, também ricos, inevitavelmente ficam ofuscados, pois seria impossível abarcar todos de forma profunda. Através desta construção pessoal/teórica, o autor vai deixando marcas pessoais no seu texto, com suas potencialidades e limitações, passíveis de serem contestadas por outros leitores. Além disso, mostra partes de si mesmo, do processo, das quais pode se envergonhar ou temer uma exposição. Freud (1905/1972a), em notas preliminares do Caso Dora, destacou seu incômodo quanto a publicar anotações tão íntimas de um caso, antecipando possíveis críticas de seus pares.

Por isso, este quarto momento requer coragem e motivação para se expor e trocar ideias com outros colegas. Embora exista este grande desafio — que faz com que muitos trabalhos excelentes não cheguem a este momento e terminem *engavetados* —, destacamos a importância dele para o avanço da teoria e da técnica psicanalítica. Que rumos a psicanálise teria tomado caso alguns trabalhos, hoje clássicos, mas outrora pioneiros, não tivessem sido publicados?

Talvez neste momento seja importante destacarmos a potencialidade da produção em grupo. Assim como os diferentes componentes de um mesmo grupo proporcionam ao observador/analista diferentes pontos de vista sobre o mesmo fato (destacados anteriormente no terceiro momento do método Bick), a escrita pode também se beneficiar muito quando construída entre colegas. O

grupo, se composto por colegas que cooperam de forma criativa, cria um solo de trabalho fértil, no qual as ideias/sementes têm espaço para germinar, quando férteis, ou se manter em um estado de dormência, quando estéreis. Esta circulação das ideias entre os diferentes membros do grupo permite que as visões inicialmente parciais de cada um ganhem espaço na mente do outro, que, por sua vez, completa, acrescenta, modifica. Assim, o grupo vai, em movimento espiral, compartilhando e construindo novas ideias.

Poderíamos pensar que por meio desses grupos de trabalho chegaríamos mais próximos da verdade. O grupo se deixa tocar e surpreender pela experiência viva da dupla mãe-bebê e do observador. Quando esse processo, sustentado pelo grupo, prossegue, surge um sentido novo, surpresas compartilhadas que sinalizam novas verdades psíquicas e possibilidades de acesso a elas.

Em nossa experiência de pesquisa com o método Bick, temos feito uso de uma modalidade de discussão em grupo que acreditamos ser de grande utilidade no quarto momento. Através desta modalidade, é possível estabelecer uma troca íntima e profunda de ideias, proporcionada por um ambiente acolhedor e facilitador, no qual cada integrante do grupo pode apoiar-se no outro, resultando em um trabalho conjunto de entrega e confiança. Assim, as ideias podem ser expostas de forma livre, e serem respaldadas ou refutadas, mas sempre com o intuito de construir um diálogo rico e criativo, não saturado. Este momento segue o ideal de manter-se o mais aberto possível para a experiência com o outro, deixando-se sempre ser afetado e afetando-o com suas ideias e percepções.

A possibilidade de pensar, se surpreender, reencantar, reconectar com a experiência surge a partir de uma posição em que se fica diante de um outro que escuta sem julgar. Borgogno (1999/2004) lembra da importância que Freud atribuía ao grupo de pares, de haver pelo menos uma pessoa que ajudasse na formulação do pensamento, no distanciamento da experiência interna, no reconhecimento e na validação pessoal. Ele assinala os vários parceiros que o auxiliaram em suas investigações, como Charcot, Breuer, Brücke, Fliess, assim como seu grupo de íntimos ou a famosa “Sociedade das quartas-feiras”.

Nos próximos capítulos, apresentaremos os relatos clínicos produzidos a partir de discussões em grupo das observações realizadas na primeira e segunda etapas da nossa pesquisa. Os relatos foram produzidos a partir da leitura do material bruto, pelas autoras deste livro, com a colaboração de grupos de trabalho experientes em observação de bebês, mas que não tiveram contato direto com os casos observados[22].

É impressionante como os grupos de trabalho, mesmo sem contato direto com os casos, revivem a experiência em cada oportunidade de retomada do material, em um interminável deixar-se afetar pela experiência, cerne da pesquisa em psicanálise. E aqui se encontra o grande desafio da escrita do material para fins de publicação: nas várias tentativas de produção de um relato clínico dos casos, sentíamos que corríamos o risco de sermos excessivamente conclusivos, objetivos, fechando demais o material e, assim, eliminando a sua riqueza e seu grande potencial de gerar novos questionamentos. No outro extremo, corríamos o risco de cair na tentação de expor em demasia cada experiência intensa proporcionada pela observação, deixando o material interminável e, sobretudo, incompreensível para um público maior.

Cabe ressaltar que o desafio da escrita se interpõe durante todo o percurso do observador no método Bick, e é especialmente inquietante quando essa escrita se faz necessária como elemento de tradução de uma experiência íntima que deve ser, ao mesmo tempo, reconhecida como pessoal, mas validada como comunicável, auxiliando na formulação de novas ideias e de novos construtos teóricos.

II

Trajetória de mães e bebês nos três primeiros anos de vida

Maiara e os gêmeos Raoni e Anahi: um útero para gestar, cada um no seu tempo

A gestação

A história de vida de Anahi e Raoni foi acompanhada desde a décima primeira semana gestacional, através da observação de oito ultrassonografias obstétricas mensais, do parto e quarenta e nove observações domiciliares, até os seus três anos de vida. Eles são gêmeos bivitelinos.

A primeira impressão descrita pela observadora, ao ser apresentada a estes pais, foi a de sentir-se bem recebida e uma sensação de tranquilidade e receptividade, que permaneceu até o nascimento dos bebês e seguiu no pós-nascimento: “Ao entrar na sala de exames, onde seria realizada a ecografia da gestante, tive uma sensação muito boa, um misto de tranquilidade e receptividade. Primeiro, a sala estava à meia-luz e havia um silêncio no ar. A doutora me apresentou ao casal e ambos sorriram, me cumprimentando. Me direciono ao canto da sala, próxima ao pai, com a sensação de estar entrando num lugar muito especial, sagrado”.

A mãe, cujo nome parece de origem indígena, é uma mulher de trinta e nove anos, estatura mediana, porém de feitio de corpo graúdo, com faces do rosto, ombros e cadeiras largas. Tem cabelos pretos, curtos e ondulados, olhos castanhos grandes e amendoados, tez morena clara, lembrando uma índia. Mostra-se simpática ao sorrir e ao se expressar, fala devagar e pouco. “A barriga da mãe chamou minha atenção assim que a olhei, pois ela me pareceu grande e larga. Logo pensei: que coincidência, dá para dois.” Esta imagem da mulher parideira com cadeiras que abrigam e acolhem o crescimento dos fetos não só permanece ao longo das observações ecográficas como segue criando espaço para incluir o filho de quatro anos, o marido, a médica e a observadora. A mãe, apesar de permanecer em silêncio a maior parte do exame, mostra-se muito atenta às imagens que aparecem no monitor. É um silêncio ativo. Ela é muito observadora,

procura discriminar os bebês, como, por exemplo, os bracinhos, as perninhas. Diz: “Olha só, os pezinhos”. Procura as características individuais, ou seja, as diferenças entre eles. O pai tem trinta e oito anos, é um homem miúdo, de tez branca, olhos e cabelos castanhos e calvo, também se mostra simpático, interessado na gravidez, satisfeito por serem gêmeos, atento às imagens dos bebês e colaborador. Percebe-se um encaixe, uma complementaridade, uma sintonia fina no casal e com espaço para o movimento. A mãe mostra-se satisfeita com o acompanhamento que a pesquisa oferece: “Gostei quando soube que ia ter uma psicóloga presente, porque já tenho um filho que está com quatro anos e tô preocupada em como ele vai reagir com a chegada dos irmãos... ainda mais que são gêmeos”. Cada bebê já tem, de largada, o seu lugar delimitado, descrito no exame de onze semanas. A observadora diz: “Ao olhar as primeiras imagens dos bebês no monitor, tive um impacto ao visualizar como cada bebê parecia estar em uma pequena caverna escura e que, por sua vez, as duas cavernas eram divididas por uma fina parede. Cada um estava na sua caverna, como se cada um estivesse no seu lugar. Fisicamente, os dois estavam formados. Os bebês estavam quietos, e a ultrassonografista disse que eles estavam dormindo. Cada um estava com a cabeça posicionada em sentido contrário, um em cima do outro, também em posição complementar”. Ao ver a imagem, a observadora descreve a sensação de, naquele momento, estar entrando na barriga desta mãe, dentro da caverna, para poder acompanhar a vida que ali se constituiria.

Assim, a observadora e todos nós, de imediato, somos convidados a entrar nesse lugar, útero, espaço sagrado. Como veremos no decorrer do relato, esta entrada singular diz muito da capacidade rara desta mulher de acolher uma situação incomum — gestação gemelar — da forma mais comum e natural possível. O clima de receptividade atinge a todos, incluindo a ultrassonografista, que, de forma peculiar, percebe que esta mãe tem espaço e capacidade de discriminação e acaba valorizando isto nos exames.

O espaço deste útero que acolhe é tal que atinge também a escrita deste caso. Não por acaso, quase metade do relato é dedicada ao período gestacional. É uma oportunidade única que Maiara nos oferece de aprender sobre o que significa ter espaço interno, intrauterino, para guardar, gestar e deixar nascer no momento certo. Acompanhamos, com encantamento e riqueza de detalhes ímpar, o desabrochar de duas vidas, que só uma mãe com esta condição de Maiara é capaz de proporcionar.

No primeiro exame ultrassonográfico, o pai pergunta: “Tem alguma relação de

que quando a mãe dorme o bebê também dorme?” A ecografista responde que não existe esta relação, pois, normalmente, os bebês estabelecem o próprio ritmo, diferente do da mãe. Esta, atenta ao monitor, mantém os olhos bem abertos e as sobrancelhas arqueadas. A boca entreaberta e o pescoço espichado passam a impressão de que faz força para ver melhor os seus bebês, apreendê-los por todos os meios ao seu alcance e assim conhecê-los nos mínimos detalhes. É uma busca interna de um olhar que se expande no corpo: ela olha com a boca, com as sobrancelhas, com os músculos que se espicham para alcançar algo. Esta é uma imagem marcante, que se repete no desenrolar dos exames: a mãe olhando os seus bebês, o seu corpo ganha olhos. É um misto entre estar satisfeita em dobro pela gravidez e boquiaberta e apreensiva acerca da possibilidade de conseguir sustentar estas vidas. Será que exigiria o dobro de esforço de uma gestação singular?

Os bebês começam a se movimentar. Primeiro é o de baixo que se mexe como em ondas, parecendo um golfinho que mergulha sem parar. Impulsiona a cabeça para baixo e para cima, mantendo a barriga voltada para cima. Ele parece muito ativo e ágil e, enquanto este bebê se movimenta bastante, o outro, o de cima, permanece quieto e parado. Está com a barriga para baixo.

A ecografista confere as medidas: o que está em cima mede 4,6 milímetros e o de baixo, 4,4 milímetros, e o pai diz que os bebês cresceram, lembrando quanto mediam na primeira ecografia. Ele mostra, assim, desde o início, como está atento à gestação e em contato com estes bebês. O bebê de cima acordou, e a observadora teve a impressão de que foi acordado por seu irmão. O pai pergunta para a ecografista: “Um já começa a chutar o outro?” A ecografista responde: “Ainda não. Nesta época eles têm só uma leve sensação de que não estão sozinhos. Mais tarde, no entanto, eles irão começar a tocar um no outro e, então, é um chute só!” Todos rimos!

A observadora fica impressionada com a verbalização do pai, pois é como se ele expressasse o que ela estava percebendo nos movimentos dos bebês. Há fluidez de dentro para fora e vice-versa. Começa a existir uma comunicação sintônica neste ambiente ecográfico. O relato sensível e sutil da observadora expressa cumplicidade e empatia crescentes em relação ao casal e aos bebês: ela quer ver. No segundo exame, diante da aparição dos pelos pubianos da mãe, a observadora descreve a sensação de “um começar a ver mais”. Seria uma rede circular, empática, de comunicação?

Os dois bebês mexem-se mais rapidamente, com movimentos de mergulho, ao contrário um do outro, ou seja, os bebês fazem um balé em forma de gangorra:

quando a cabeça de um está em cima, a do outro está em baixo, permanecendo os dois deitados com as barrigas para cima.

A mãe pergunta para a médica se é possível ver mais claramente os bracinhos e as perninhas dos bebês. Neste momento, o bebê de baixo vira de lado, chutando com os pezinhos, parecendo ter ouvido que sua mãe queria ver as outras partes do seu corpo. Parecia querer mostrar para ela o que mais sabia fazer. Novamente a comunicação, neste ambiente, está muito afinada, sintônica. O útero dessa mãe é especial, estimula o desejo de entrar nele, pois parece agradável e acolhedor.

Ao encontrar o casal, para a ecografia de doze semanas, a observadora descreve a impressão de novamente ser bem recebida por eles e a sua vontade de vê-los e saber dos bebês: “Fico animada ao ver os dois pais ao mesmo tempo associando esta observação com o fato desta gestação ser de dois bebês e, por esta razão, necessitar de um acolhimento maior, como uma barriga maior, um espaço maior, dois pais, mais pessoas se envolvendo com os bebês, ou uma mãe com uma capacidade de holding muito boa. Chama atenção, no início da ecografia, o posicionamento físico do pai muito próximo à esposa e ao monitor, possibilitando-lhe assistir bem ao exame. Parece querer ver de fato o que se passa ali, e como estão os bebês”.

Ao serem indagados pela ecografista sobre o tempo de gestação, a mãe mostra-se segura e sabedora do mesmo, assim como o peso e o registro da posição dos bebês na última ecografia. Ela diz: “São doze semanas, eles estão com as cabeças viradas para o mesmo lado. Da outra vez, um estava com a cabeça para um lado e o outro, para o outro”. Mostra-se novamente atenta, perceptiva, ligada nos dois bebês e com capacidade para ir cada vez mais discriminando um bebê do outro: o que fazem, como são, ou como serão. A observadora destaca a imagem deles, cada um dentro de sua pequena caverna, divididos por uma fina parede.

A ecografista anuncia que irá iniciar o procedimento de medir os bebês. Há um silêncio na sala. Os bebês e os pais estão quietos. O pai diz que deve ser difícil identificar quem é cada um dos bebês. A ecografista mede os dois: o de cima 62 milímetros e o de baixo 59 milímetros, e o pai comenta que eles cresceram quase um centímetro desde a última ecografia. Também mostra como lembrava das medidas e como está atento e ligado nos bebês. A ecografista confirma as medidas enunciadas pelo pai e pergunta se eles querem saber o sexo dos bebês, indicando que há uma margem de erro de dez por cento. Imediatamente aceitam e confirma-se que são um menino com certeza e uma menina quase certo. A mãe diz: “Um casal!”, revelando muita satisfação. Olha, sorrindo para a observadora, que retribui

o sorriso e segura o braço do pai. Em outra ocasião, quando a médica comenta durante o exame sobre uma gestante de quadrigêmeos, a mãe pergunta qual era o sexo dos bebês. Ela diz que eram três meninos e uma menina, e a mãe diz: “Uma gurria! Ainda bem, pelo menos tem uma gurria!”. Após, a ecografista realiza a translucência nuchal dos bebês, que está normal. O som forte e vibrante dos batimentos cardíacos faz a observadora pensar que está no meio da bateria de uma escola de samba. O pai comenta que o coração de um dos bebês “está batendo a mil: tuc, tac, tac...” Com este comentário, expressa o contentamento dos pais por saberem o sexo dos bebês e o resultado normal do exame da translucência nuchal. A mãe imediatamente lembra o filho mais velho do casal, dizendo que ele irá gostar de saber que terá uma irmãzinha. Ela chora, dizendo ser um “alívio saber que está tudo normal com os bebês”.

Neste momento, a menina acorda e se mexe fazendo ondas, dando a impressão de que novamente bateu no irmão. Este acordou, fazendo o mesmo movimento ritmado de ondas da irmã. O pai pergunta: “Um bateu no outro?” Ele novamente verbaliza o que a observadora estava pensando, ou seja, a sua percepção. Parece que este movimento ritmado intraútero dos bebês sai do interior da barriga da mãe e dirige-se para o ambiente externo, contagiando-o. Coincidentemente, no ambiente externo também circula uma rede sintônica, semelhante, de comunicação e percepção.

Os bebês seguem se movimentando em ondas. A menina vira-se de barriga para baixo, aparecendo o pezinho, provocando um comentário da mãe. Um deles mostra seu rosto. Aparece, então, a imagem dos dois juntos e o sentimento da observadora é de que estes dois bebês querem estar juntos e serem visualizados como dois. Parece existir um acordo tácito intraútero entre eles para a ocupação deste espaço, um espaço de dois e para dois. É como se ambos dissessem: “Vamos nos ajudar que dará espaço para nós dois”. A mãe fica impressionada com o fato de eles se movimentarem tanto. Diz: “Credo, como são ativos!” Parece que, com isto, a mãe está falando de sua satisfação por ambos os bebês estarem sobrevivendo até este momento.

No exame seguinte, com dezessete semanas de gestação, os pais seguem receptivos e simpáticos, parecendo tranquilos. Visivelmente, a barriga da mãe cresceu — o útero cresce para acomodar o que está dentro. Ela sabe o tempo exato da gestação, continua atenta a tudo o que diz respeito à sua gestação e a seus bebês. Logo, quer saber se, hoje, dará para ver os bebês juntos no monitor. A ecografista explica que será difícil, pois, pelo crescimento deles, e quanto maior é

o tempo de gestação, mais difícil será aparecer a imagem deles juntos. Apesar da explicação, a ecografista é contradita, pois aparece no monitor a imagem dos dois bebês juntos. Eles cresceram e parecem preencher quase todo o espaço intrauterino. A impressão de caverna desapareceu, sendo substituída pela de lugar. Os bebês estão posicionados para o mesmo lado, um em cima do outro. A ecografista mostra aos pais primeiro a menina e após o menino. Ela mede o tamanho dos bebês e pergunta aos pais se eles sabem em que posição e lugar da barriga da mãe estão os bebês. O pai, visualizando no monitor, responde que a menina está em cima e o menino embaixo, observação com a qual a ecografista concorda. A mãe, olhando para sua barriga, aponta tocando-a “este é o menino e esta é a menina”. A mãe parece estar demarcando externamente o lugar de cada bebê, como se desenhasse um mapa de um país e os territórios que este possui. Uma representação externa que auxilia as representações internas e psíquicas da mãe acerca destes bebês. Parece que esta mãe começa a se perguntar: quem são estes bebês? Como são? Onde estão? O que fazem? Do que gostam? Que jeito eles têm? Na sequência das ecografias, pode-se acompanhar o desenvolvimento do espaço físico, que ajuda na construção do espaço psíquico da mãe sobre os bebês e que auxiliará na construção da identidade dos mesmos.

A ecografista refere o peso dos bebês, ambos com 190 gramas, e registra um número para cada um deles. O menino é o número 1 e a menina é o 2 — que ficam gravados na imagem do vídeo. Dessa forma, usando uma linguagem não verbal, registra o nascimento intraútero dos bebês. É como se a ecografista captasse a necessidade da mãe, naquele momento, de registrar cada filho e, então, realiza o desejo dela. A menina fica com o rosto de frente para os presentes e abana. A mãe, em resposta, sorri, abanando para a filha. Explicita-se a comunicação.

Os bebês também começam a se comunicar formalmente: fazem gestos, movimentam seus corpos, se tocam. Parecem saber da existência um do outro. A menina fica de frente para o irmão, cara a cara, como se olhasse para ele. Ela desce um pouco, e ele passa a mão na cabeça dela. O pai registra o acontecimento, dizendo: “Um bateu no outro?” A menina posiciona-se inclinando a cabeça para frente, dando a impressão de encostar a testa na barriga do irmão. É uma cena bonita, mostrando a intensa relação que parece existir entre os bebês gemelares.

Jandir, por sua vez, vai se acostumando com o processo de tornar-se irmão. Inicia vendo os exames em casa, gravados em fitas, alternando-se entre ver os irmãos e a si mesmo, levando inclusive a fita de sua ultrassonografia para a escola.

Mas no exame de vinte e duas semanas, Jandir está presente e quer atenção, pedindo para a ecografista tirar “os maninhos daí; eu quero ver eles, abre a barriga, abre, tô louco para ver eles” [...] “eu queria que eles saíssem da barriga, eu ia lutar com eles”. Todos rimos. A ecografista diz que temos que deixar os bebês “quietos dentro da barriga, pois eles precisam crescer ainda muito antes de nascer; vamos ver eles aí dentro”. Há um prenúncio de parto, neste exame.

A mãe está tranquila, tudo está no seu tempo. Jandir é criança, quer tudo no ato e é manejado pelos pais com calma e reconhecimento de suas necessidades. Maiara diz para o filho ficar quieto, o pai segura o menino no colo, reforçando o ficar quieto, “para podermos ver os maninhos”. Ele fala com o filho carinhosamente, tentando acalmá-lo. Jandir é contido pelo pai, este mostrando-se, novamente, uma figura forte e continente; que pode dar limite, conter a angústia do ambiente, representada, neste momento, pelo menino que segue inquieto.

Durante o exame, Jandir tenta várias vezes ter a atenção da ecografista só para si, por exemplo, querendo a bisnaga do gel, pedindo para sair da sala, querendo que a mãe não olhe para os bebês e olhe para ele, insistindo para ver a maninha várias vezes, especialmente seus genitais. Neste prenúncio de competição entre irmãos, o pai se encarrega de explicar ao menino o que está acontecendo, mostrando que está em condições de exercer a função paterna, ao acompanhar esta gestação.

A genitália dos bebês aparece claramente, primeiro do menino e depois da menina. Jandir diz que queria uma menina, parecendo acalmar-se um pouco, talvez por ter que enfrentar no futuro apenas um competidor do mesmo sexo. O rosto dos bebês também aparece e, pela primeira vez, a observadora identifica a diferença de feitiço de rostos: a menina com feitiço de rosto de menina, menor, mais gordinho, parece ter bochechas. O menino com feitiço de rosto de menino, maior e mais magro. Eles estão calmos, parecendo tranquilos e agora olhando de frente para o visor.

São examinados os órgãos dos bebês e realizadas as medidas: 526 gramas o menino e 540 gramas a menina. Eles dobraram de tamanho e a mãe refere que imaginava isso, pois “minha barriga cresceu de uma hora para outra”, mostrando com as mãos como a barriga havia aumentado. É uma mãe sensível, com muito boa percepção e refere achar que os bebês estão “bem aí dentro, pois têm ainda bastante espaço para eles aí dentro, não é?” A mãe sente que os bebês ainda precisam ficar dentro e tem espaço e calma para esperar. A ecografista confirma o comentário da mãe. Pergunta, também, se os bebês têm nome, ao que a mãe responde, com naturalidade e sem pressa, que ainda estão pensando. O irmão diz

alguns nomes, falando que os bebês são de um time de futebol diferente do da mãe, são do mesmo time de futebol dele e do pai. A mãe discorda, dizendo que, enquanto os bebês estiverem dentro da sua barriga, são do seu time de futebol. Jandir diz: “A mãe vai pro lixo!” Ela diz: “Cruzes, o que é isso meu filho?!” Diz também que depois que os bebês nascerem, vão ser do Grêmio, e o pai fala: “É lógico”. Jandir diz baixinho: “Vou tirar a mãe do lixo”, e segue pedindo balas e pirulitos para a observadora. O pai acaba saindo com o filho da sala antes do término do exame. É um casal que possui um bom relacionamento, cada um com a sua função, o seu espaço, permitindo, assim, que a família possa surgir para expressar e abrigar as diferenças, e contando agora com a observadora, que oferece uma presença emocional contínua.

Os bebês permanecem virados um de frente para o outro, dando a impressão de que estão se olhando, conversando, se tocando, trazendo a sensação de muita intimidade, de relação. Nesta ecografia, fica novamente evidenciado que as funções materna e paterna estão ajudando estes bebês a se desenvolverem num espaço intraútero facilitador.

No exame de vinte e seis semanas de gestação, a mãe, pela primeira vez, queixa-se para a ecografista de desconforto. Ela diz: “Minha barriga está maior e às vezes fica difícil para me mexer”, pedindo à ecografista para examinar “uma ardência do lado esquerdo da barriga, no início das costelas... Parece que tem uma carne que está descolando do osso, da costela; arde”.

A observadora lembra a lenda bíblica: da costela de Adão, Deus fez nascer Eva. Esta mãe está na metade do segundo trimestre da gestação, aproximando-se do último trimestre, quando se desencadeará o parto. Esta “carne que se descola” pode estar expressando uma fantasia de nascimento dos bebês por parte da mãe? Ou preocupação com aspectos ligados ao parto?

A ecografista examina os bebês. Inicialmente, mexem-se muito e seus rostos não aparecem com a mesma nitidez das ecografias anteriores. Eles cresceram e quase dobraram de peso — menina 924 gramas e o menino 886 gramas — e a mãe comenta que a menina segue maior do que o menino. Como sempre, ela se lembra das medidas anteriores dos bebês, mostrando como continua atenta aos detalhes das modificações e crescimento dos mesmos. A médica verifica a queixa da mãe sobre a ardência e, não encontrando nenhuma explicação física, comenta que o “colo uterino da mãe está excelente, dá até para segurar quatro”. Refere, então, que a ardência pode estar ligada ao fato de que, pelo crescimento dos bebês, eles preenchem mais os espaços dentro da barriga. Assim como essa mãe

tem um colo que pode segurar quatro, e um espaço físico que comporta dois bebês, também tem espaço psíquico para suas angústias frente ao seu corpo, frente ao parto e para dedicar-se ao filho que está de aniversário no final de semana: o pai diz que não levarão a fita da ecografia para ver em casa, porque é aniversário de Jandir e querem dar atenção só para ele.

Chama atenção que, nos exames anteriores, a menina movimentava-se mais que o menino. Neste, também o menino está se mexendo muito, parecendo mais ativo. Mas, mesmo assim, a menina continua mais ativa do que ele. Ela mostra mais o seu rosto, seus genitais, suas mãozinhas. A mãe diz: “Vocês têm que ver! Fazem cada ovo na barriga! Quando eu vejo, estou com um ovo aqui, outro ali”. A ecografista diz que a menina é “uma danada, não para de se mexer um minuto, que está fazendo a maior bagunça dentro da barriga da mãe”. Os pais sorriem, demonstrando também satisfação quando a médica comenta, ao final, que o exame mostrou que os bebês continuam com um muito bom desenvolvimento.

Após o exame, ao combinar com os pais a data do próximo, a mãe expressa sua ansiedade em relação à gestação gemelar, num raro momento de desabafo, que só se manifestará novamente quando os bebês estiverem com três meses de vida. Refere que acha sua “barriga muito grande; não sei se vou conseguir ir muito mais adiante”. Diz que sua barriga está quase do tamanho do final da gestação anterior. Fala, também, que o obstetra lhe deu uma medicação “para amadurecer os pulmõezinhos dos bebês” e que a previsão do parto, segundo o obstetra, diz a mãe, “é para daqui a dois meses”. O pai diz acreditar que ela vai conseguir ir com a gestação até o final. A mãe parece tranquilizar-se com o comentário dele. Este diálogo com os pais, no final do exame, mostra como a ardência referida pela mãe estava relacionada com a angústia frente ao parto e à prematuridade e, também, como este pai é uma figura de apoio e suporte para esta mãe que está vivenciando uma gestação, não só diferente da anterior, por ser nova, como talvez mais intensa, pelo fato da gemelaridade: há uma duplicação.

Antes do exame de trinta e uma semanas gestacionais é apresentada aos pais a observadora que irá acompanhá-los após o nascimento dos bebês. Chama atenção que a mãe quase não olha para ela, fala pouco, respondendo sinteticamente quando questionada. O pai dá o endereço da residência e eles se despedem. Após, a mãe pede para esperar o exame na sala de espera, pois “está muito quente aqui dentro”. O que esquentou o ambiente com a presença da nova observadora parece ter sido, novamente, a perspectiva da aproximação do parto e a presença do novo, que ainda é desconhecido, mas que já é sabido. É o anúncio

de mudanças, por exemplo: entre a observadora antiga e a nova, entre os tempos, o de agora e o depois, entre os tempos dos bebês, estes que estão dentro da barriga e os bebês que estarão fora. É o novo que circula neste ambiente, trazendo mudanças, separações. A mãe pede para sair do ambiente que está quente, como se pedisse para esfriá-lo. Parece um pedido de esfriar um pouco o calor das emoções, como se precisasse de um tempo a mais para poder seguir gestando os sentimentos, as ideias em torno deste novo que virá. É uma capacidade desta mãe de seguir gestando, equivalente à capacidade analítica.

Ao começar o exame, o pai, pela primeira vez, pronuncia o nome da observadora, perguntando sobre como será a gravação do parto. Ela fica emocionada ao ouvir seu nome, como se isto registrasse o vínculo, a discriminação e separação destes pais. A surpresa da observadora expressa o encantamento de quando algo vivido internamente se torna real; o pai fez este movimento acontecer.

A ecografista localiza os bebês que, para surpresa de todos, estão posicionados de cabeça para baixo, a menina está mais para cima e o menino mais para baixo na barriga da mãe, como em posição para nascer. O pai pergunta para a médica se esta é a posição definitiva dos bebês para nascer. Ela responde que não, que ainda há bastante líquido amniótico e espaço para eles se movimentarem. A isto a mãe diz “que bom!” No monitor, aparece o menino, que pesa 1876 gramas e começa a se mexer, parecendo ter escutado o pedido de sua mãe. A menina pesa 1742 gramas, e a mãe comenta: “Nossa que grande, dobrou de tamanho. Antes eram 900 gramas e pouco”. Aparecem e são destacadas sutilezas de cada um: “os cabelos na cabecinha da menina, os cílios dos seus olhos se mexendo... aparecem os testículos do menino, e o pai sorri... tem o nariz como o do pai e os lábios mais grossos como os de sua mãe...”.

A riqueza dos detalhes e das peculiaridades encanta. Os bebês movimentam-se calmamente e se apresentam para todos os presentes com detalhes. A sensação é de harmonia e comunicação entre os bebês. Estes se mostram e expõem as suas peculiaridades. Suas diferenças, como nariz, boca, bochechas, diferenças de tipos de movimentos e ritmos, vão também se mostrando com maior nitidez. Há sempre a impressão de que a menina procura a aproximação física do irmão, parece ter sempre a iniciativa de buscá-lo. Esta observação da maior atividade da menina acompanha as ecografias desde o início. A observadora destaca a sua curiosidade para saber como serão estes bebês após o nascimento, e seu intenso desejo de acompanhar o parto.

No sétimo exame, trinta e cinco semanas, inicialmente, chama atenção a barriga da mãe: bonita de olhar, é bem arredondada, parecendo um balão. Apesar, no entanto, do tamanho da barriga, a mãe parece muito bem, fisicamente e, como sempre, segura do tempo, espaço, peso e localização dos bebês. Ao longo do exame sente desconforto, pressão, geme, está mais sensível e queixosa. A ecografista diz que irá examinar: aparecem as duas cabecinhas dos bebês e, logo, o rostinho de um deles, de perfil, engolindo. Comenta que, nesta época da gestação, é muito difícil ver os bebês assim juntos e “que bom! Estamos conseguindo vê-los”. Os pais ficam ligados na imagem, sorrindo.

Aparecem novamente as duas cabecinhas e os cabelinhos. Os bebês estão com a cabeça para cima, um ao lado do outro. O menino está posicionado para o lado direito da barriga da mãe; aparecem seus genitais, a cabecinha, as costinhas, estando os pés à esquerda. A menina está do lado esquerdo da mãe. Aparecem suas costinhas, e a ecografista diz: “A bundinha está encostada nas pernas do irmão, está ancorada nele”. O encaixe entre os bebês vai acontecendo.

A mãe diz: “Que danada, está no colo dele!” Ela segura a mão do marido, e a observadora pensa em uma identificação da mãe com a bebê, no sentido de Maiara também estar precisando de colo e de atenção neste momento da gestação, que pode estar mais difícil por razões físicas, tais como o tamanho da barriga, ter que carregar bebês maiores, mais pesados e, talvez, também, por razões emocionais, em função da proximidade do parto.

A mãe volta a perguntar: “E o que tem aqui?” Geme, franze o rosto, apalpando a barriga. Parece ser uma expressão de dor, ou desconforto. A ecografista fala que é o “pé dele”. Mostra o pé do menino, dizendo que “ele deve estar chutando, deve estar só chute aí”. A mãe sorri. Ao ver o pé do menino, a observadora lembra da expressão popular de pé na estrada. Os bebês estão com o pé na estrada, na estrada da vida, prontos para saírem para o mundo de fora da barriga, o mundo externo. A sensação é a de que este movimento dos bebês representa uma série de mudanças, não só nas relações dos pais com eles, isto é, dentro da família, como nas relações externas desta família, com a observadora, por exemplo. Esta lembra, neste momento, que é a última observação desta família. Fica emocionada. Pensa no desconforto da mãe, sente que é difícil separar-se destes pais, destes bebês. Por outro lado, encanta a sintonia e a boa circulação que existe neste ambiente, entre estes pais e os seus bebês, pois chama atenção que, quando o bebê mostra o seu pezinho, isto desencadeia uma série de associações e verbalizações das pessoas presentes na sala de exames. O assunto vai girar em torno do parto, nascimento,

mudanças e separações.

A mãe pergunta se os bebês estão mesmo com as cabeças viradas para cima e se, nesta época, “eles ainda podem se virar e ficar de cabecinha para baixo”. A ecografista responde que nesta época da gestação os bebês não mudam mais de posição e questiona a preocupação da mãe. Esta explica que o obstetra lhe falou que, se os bebês estivessem encaixados, na posição de nascimento, “seria mais fácil de tirar os nenês. Ele disse que seria só botar a mão e puxar assim” — ela mostra, fazendo um giro com sua mão. “Mas assim, com as cabecinhas aqui em cima, ele disse que tem que fazer outra coisa, não entendi direito, só sei que ele falou que vai dar mais trabalho na hora de nascerem”.

A ecografista diz à mãe que não se preocupe com isto, que o obstetra está acostumado com bebês dando trabalho, e que “bebê tem que dar trabalho mesmo, fazer bastante bagunça”, e o pai complementa, dizendo: “Imagina, ele não querendo ter trabalho, vai ter que trabalhar e muito!”. Todos rimos. A mãe sorri, descontraindo seu rosto, parecendo sentir-se aliviada em poder compartilhar seus medos em relação ao parto, por exemplo, problemas que podem ocorrer em função da gemelaridade dos bebês. Aparece claramente o desejo de que eles nasçam bem, em segurança, e a preocupação com o parto — momento delicado em que as angústias de vida e morte estarão presentes.

Os bebês engordaram 600 gramas desde o último exame. O menino está com 2455 gramas e, a menina, 2630 gramas, sendo que a diferença de peso entre os bebês segue insignificante. A mãe exclama: “Ela passou de novo dele, bah!” Aparecem as cabecinhas dos bebês, uma ao lado da outra, e a membrana, que os separa e os une também, parece estar muito fina.

A oitava ecografia — trinta e sete semanas — não havia sido planejada anteriormente. Cinco dias antes deste exame, a mãe liga, dizendo que o obstetra solicitou que fosse realizada uma ecografia próxima ao dia do parto e pergunta se a observadora poderá assistir ao exame. Esta confirma a sua presença.

No exame, como sempre, a mãe está parecendo bem fisicamente e mostrando-se tranquila, bonita, com o mesmo feitio de corpo, mas a barriga sim, está ainda maior. Sorri para a observadora, assim como também o marido o faz. A observadora descreve uma imagem de uma mulher-mãe que mantém os próprios contornos e também tem uma barriga-balão. Ela e Moacir formam um casal com olhos sorridentes, é a imagem de um casal anfitrião para os bebês. Como sempre, impressiona a orientação, a percepção dos detalhes e a capacidade de discriminação que estes pais apresentam com relação aos bebês. Estas

características estiveram presentes desde a primeira observação até esta última de agora.

A ecografista inicia o exame, verbalizando não saber de quem é a cabecinha que estamos visualizando, e a mãe completa, dizendo que é do menino, pois o “menino está para o lado direito da sua barriga e a menina, do lado esquerdo” [...] “antes, os dois estavam com as cabecinhas aqui em cima”. Chama atenção como ela realmente é uma mãe muito atenta, que está sempre buscando diferenciar, discriminar o que é de um bebê e do outro.

A mãe pergunta se os bebês não se viraram. A ecografista responde que não é possível, pelo tempo de gestação e por serem gêmeos, eles se virarem, e segue o exame: o menino está do lado direito de cabeça para cima e a menina deve estar do lado esquerdo com a cabeça em cima. A ecografista vai acompanhando sua verbalização com o transdutor e, para sua surpresa, não encontra a cabecinha da bebê no lugar em que havia pensado e, sim, as perninhas e o cordão umbilical. Diz, espantada: “Acredita que ela se virou? Não é possível! Que danada!” Está com a cabeça em cima da barriga dele. Estão encaixados.

A mãe diz: “Oh! Que amor! Tá encostada a cabecinha! Que bom que ela se virou! Graças a Deus!” Refere ter dito para o obstetra da sua impressão de que a menina tinha se virado, porque “na semana passada, fazia uns ovos aqui do lado esquerdo da barriga. Aí eu senti uma coisa assim, uma dor, e daí ficou um calombo aqui e depois eu senti que aqui em cima ficou mais vazio, onde estava a cabeça da menina”. E que o obstetra novamente havia dito que seria bom se um dos bebês virasse de cabeça para baixo, para facilitar na hora do nascimento, mesmo no caso de cesariana. Ao contar esta percepção, a mãe mostra a capacidade de se conectar com o seu interior e perceber o que está acontecendo com as vidas que ali se desenvolvem. É uma qualidade de introspecção e de discriminação do que é seu e o do que é dos seus bebês. Este fato nos leva a pensar que neste ambiente favorável, muito provavelmente haverá um bom desenvolvimento dos bebês. Pais e bebês têm espaço e mobilidade raras neste contexto.

A ecografista diz “agora aqui estão os pezinhos dela. Que danada esta menina!”, dizendo, brincando, que “esta menina vai dar trabalho”. Referiu que em todos estes anos de ecografia não tinha visto jamais gêmeos se virarem no final da gestação. Os pais sorriem.

Realmente, é uma imagem encantadora! É possível observar-se, perfeitamente, os olhos do bebê, o nariz, a boca, e eu vejo seu rostinho batendo na parede da bolsa; tem-se a impressão de enxergar a parede intrauterina como se fosse uma

cortina de plástico mole e transparente. É uma transparência que convida e que permite a entrada no interior desta mãe. A observadora descreve: “É como se eu estivesse entrando na sua barriga e dentro daquelas pequenas cavernas que enxerguei quando fui apresentada a esta família”. A ecografista diz que o menino é parecido com a mãe, sendo a boca e o nariz iguais. É uma transparência que permite a identificação, a discriminação, o começar a existir destes bebês com identidades bem definidas.

A ecografista visualiza o rostinho da menina, dizendo que a boca e o nariz da menina são parecidos com os do pai. Todos concordam. O menino está com 2636 gramas e, a menina, com 2889 gramas. Como em outros exames, a mãe diz da pena que sente por ele engordar menos: “Oh! Coitadinho! [...] é que ela ficou com a cabeça apertando a barriga dele, daí ela não deixava ele comer direito, aí ele não conseguiu engordar...” Ela ri, olhando para a observadora. O pai também olha para a observadora, perguntando e ao mesmo tempo afirmando, “eles já estão prontos para nascer, não é mesmo?”

A ecografista enfatiza a necessidade de olhar bem, pois é uma imagem difícil de se ver no final da gestação, ainda mais tratando-se de gêmeos. O rosto do menino é maior, como sua boca e nariz; o da menina é menor, como seu nariz e boca, porém é mais bochechuda, seu rosto parece mais delicado, parece mesmo de menina. A ecografista congela a imagem, dizendo que é uma imagem muito bonita e que é a última vez que veremos estes bebês dentro da barriga, pois no dia seguinte já os veremos fora. A observadora relata: “Há um silêncio na sala e todos ficamos parados por um tempo, olhando os bebês. É um momento muito bonito, quando tenho a sensação de estar, por um lado, curtindo olhar para estes bebês e, por outro lado, me despedindo desta etapa de suas vidas. Etapa esta em que pude ter o privilégio de compartilhar as intimidades e o desenvolvimento dos bebês, numa esperança de tentar compreender o nascimento de uma vida humana e de um emergir que se transformará num corpo físico, num corpo psíquico”.

O parto

A observadora inicia o relato ainda emocionada, parece não conseguir encontrar palavras que pudessem descrever este momento, que é muito intenso: “Tinha receio de não conseguir relatar a observação, lembrar tudo”.

O pai telefona, avisando o horário do parto. O encontro com os pais é na recepção do hospital. A mãe está quieta, pouco sorridente, mas de olhar alerta,

olhando de um lado para o outro, e de caminhar rápido, até muito rápido para toda a barriga que carrega. A observadora pensa que ela poderia estar ansiosa, apreensiva e lembrou-se de quando a conheceu, com um jeito mais reservado. O pai, sorridente, cumprimentou e beijou a observadora, coisa incomum. A mãe diz que o filho mais velho também veio, mas que está dormindo, “que é uma pena não ver os irmãos”. O pai, como sempre, acalma a esposa, dizendo “mas tem bastante tempo ainda, até lá ele acorda”. A irmã de Maiara e dinda do menino, Ana, que agora está morando com a família, está com ele e diz que estão organizados para a vinda dos bebês, e o pai confirma. Numa sequência vão chegando familiares: avó paterna, os avós maternos e tios. A avó materna está nervosa, pergunta várias coisas que a observadora esclarece, fazendo-a acreditar que está tudo bem. Maiara se sente um pouco desamparada, quando está no centro obstétrico, sendo preparada para o parto, e a obstetra e o anestesista estão atrasados. Diz: “Já não tenho mais posição... tive que dormir no sofá da sala, pois não conseguia respirar se ficasse deitada”. O marido aproxima-se, ajudando-a a se apoiar melhor na cama.

A observadora pergunta sobre o nome dos bebês, e a mãe diz que serão Anahi e Raoni, explicando os seus significados, pois são nomes indígenas. São muito bonitos e fortes. Seus significados remetem à natureza (água e floresta). É interessante que os nomes dos bebês tenham aparecido neste momento. Novamente, um exemplo da capacidade desta mãe de deixar acontecer tudo no seu tempo, de dentro para fora. Este caso nos faz pensar que o fato de não existir um nome não significa que não haja representação dos bebês no psiquismo dos pais, assim como, de modo inverso, a mera existência de um nome não significa que haja representação. Os bebês tinham um lugar muito definido no espaço físico e psíquico de Maiara desde o período gestacional.

Uma auxiliar leva a mãe para a sala do parto, e a observadora fica no corredor, junto ao pai, esperando ser chamada. Encosta na parede do corredor, aguardando e vendo o movimento. É uma noite de muitos nascimentos, pois há pais, bebês e médicos circulando. Desde a chegada no CO, escuta-se o choro dos bebês recém-nascidos. É como se fosse a cantiga do lugar. O pai se aproxima e diz que está “começando a ficar nervoso”. Ele fala da casa deles, que queria ter se mudado para uma maior, antes dos bebês nascerem, mas não conseguiu; que está preocupado, pois esta só tem dois quartos. Que apesar disto, agora estão mais organizados do que no nascimento do filho mais velho, que nasceu em meio a uma correria. Diz que agora vai ter que ver isso da casa. De forma muito clara, o pai assume a sua função de preocupar-se com o espaço exterior, fora da barriga, com a realidade

externa, que, diferentemente da psíquica, tem limites. Ele refere como dois bebês, na realidade externa, ocupam mais espaço do que um bebê. Ele se mostra preocupado, pensando no que fazer para proporcionar a abertura de espaços externos para o crescimento dos bebês, algo que marcará a sua participação nos três primeiros anos de vida deles.

O obstetra chama. O pai fica ao lado da esposa e a observadora se posiciona mais atrás. A mãe a olha e sorri. Pergunta pelo pediatra. O anestesista diz que ele já vem. Ela diz que não está se “sentindo bem, que está aérea”. Insiste pelo pediatra. A médica, auxiliar do obstetra, diz que os “bebês não vão nascer sem o pediatra”; o obstetra confirma. A mãe se acalma. Ela mostra sua preocupação com os bebês e é escutada e respeitada pela equipe médica. Entra na sala o pediatra, acompanhado de uma colega. Eles se posicionam para receberem os bebês. Eu os acompanho, posicionando-me ao lado do pediatra. O obstetra diz que os bebês estão nascendo e que quer ver quem é o primeiro. Fura a bolsa, puxa um bebê que sai de bumbum; o obstetra o vira, dizendo que é o menino. A médica o aspira rápido e fortemente. Ele chora fraquinho, parece engasgado. Está num arroxeadado, meio esbranquiçado, aspirou um pouco de líquido. Recebe oxigênio. Ele melhora um pouco a sua cor, mas continua meio mole, pernas e braços abertos, jogados. Permanece sempre de olhos fechados. O pediatra enrola o bebê num pano, limpa seu rostinho e leva para a mãe ver. Ela beija o filho, dizendo: “oh, coitadinho, ligeiro cuida dele, ligeiro”. Ele diz que está tudo bem, saindo rápido com o menino.

O obstetra diz “agora a menina”, furando a bolsa. “Olha que cabeluda, lá vem ela”. Puxa-a pela cabeça. Ela sai chorando forte, está mais rosada que o menino. Parece bem, seu nascimento parece um pouco mais suave. A pediatra calmamente pega a menina, limpa o rostinho, a cabecinha, levando-a para a mãe ver. A bebê, ao chegar próxima à mãe, para de chorar, e mantém os olhos abertos. A mãe diz “ela é um amor”. Chora, beija a filha. A pediatra diz que a menina está muito bem, que vai levá-la e que depois voltará. Assim como nas ecografias, a mãe mostrava-se sempre atenta. Agora no parto pergunta sobre as diferenças na cor, nas reações dos bebês; recebe explicações do pediatra e fica tranquila. Diz para o pai acompanhá-los. A observadora parabeniza a mãe, ela sorri, fechando os olhos, suspirando, talvez de alívio e alegria; na sala de exames, o menino está com a máscara de oxigênio e o pediatra usa um sugador, tirando muita secreção do bebê. Explica que, como o menino saiu de bunda, aspirou líquido, mas ficará bem. A observadora lembra da preocupação da mãe quanto à posição dos bebês, mesmo

que o parto fosse cesáreo seria importante eles estarem encaixados de cabeça para ficarem bem nesta passagem. A pediatra chama o pai para perto da filha e pede que ele a ajude a pesá-la. Ela segura a menina de pé, apoiada em seus dedos indicadores. A menina segura forte os dedos da pediatra, ficando em pezinho. A sua mobilidade e firmeza encantam e fazem lembrar dos seus movimentos intraútero, de sempre buscar e aproximar-se do irmão e ser a que sempre iniciava os movimentos. Ela realmente parece muito ativa. Fica de olhos abertos todo o tempo e se mexe bastante, não chora em nenhum momento. A bebê pesa 2335 gramas, mede 46 centímetros e apgar 8/9. Enquanto ela mede a menina, pede para o pediatra virar o menino de lado, para ele expelir melhor. Ele melhora um pouquinho sua cor, mas continua meio mole, pernas abertas, braços abertos. Recebe mais oxigênio. A pediatra passa uma sonda no nariz do menino, aspirando a secreção do pulmão; ele chora, respira melhor, sua cor melhora. É pesado e medido e está com 2445 gramas e 47 centímetros, apgar 7/9. Ele segue com os olhos fechados. O pai pergunta se o filho está “realmente bem”. O pediatra diz que sim, que o menino só está com a glicose um pouco baixa, mas que não tem problema, vai ficar bem. Os bebês são vestidos e levados para a mãe. Colocam um bebê de cada lado da mãe, ela os beija. A menina segue de olhos abertos, parece muito atenta, parecendo querer ver o que estava acontecendo. O menino permanecia de olhos fechados, resmungando um pouco. A mãe diz “oh, coitadinho, beijando o filho” e diz que está “com coceira no nariz”. O pediatra diz: “coitadinha”, coçando o nariz da mãe. Ele refere que os bebês estão muito bem e que vai ajudar o pai a levá-los para os familiares os verem. O pai consegue pegar os dois, levando um em cada braço.

A observadora despede-se da mãe, dizendo que ela se saiu muito bem, que seus bebês são muito bonitos e que estão muito bem. Ela sorri agradecendo “por tudo”. Emocionada e dizendo que ligará no dia seguinte para saber notícias, a observadora se despede também dos pediatras e, após, dos familiares.

No dia seguinte, fala com a mãe por telefone e fica sabendo que ela e Anahi acompanharam durante toda a noite Raoni na recuperação, mas que está tudo bem. Maiara passa o telefone para o pai, que explica alguns detalhes e, por último, a observadora despede-se dele.

Acompanhar este parto, final da observação desta etapa, com esta família, foi muito bom e emocionante para a observadora, que se sentiu próxima a estes pais, podendo participar de um momento de tanta intimidade, privacidade, de suas vidas. O parto transcorreu no mesmo ritmo da gestação, isto é, com calma,

tranquilidade, acolhimento, preocupação com os bebês, tanto da parte da mãe como do pai. A relação dos pais com a equipe foi empática e de ajuda mútua. O pai, como sempre, se mostrou muito próximo da observadora, sempre atento e preocupado em mantê-la incluída na família.

Quanto aos bebês, foi interessante o fato de que, ao vê-los, parecia já conhecê-los de longa data. Seus rostinhos, o feitio dos mesmos, eram exatamente como eram vistos intraútero. O menino, com o rosto maior, lábios grossos, a menina com o rosto mais miúdo, porém mais bochechuda. O menino mais parecido com a mãe, e a menina, com o pai. Seus movimentos físicos ao nascer, como atividade do corpo e expressão facial, eram os mesmos mostrados antes. Parecia que o que estava sendo visto ali fora da barriga era igual ao que tinha sido visto dentro da barriga. A menina ativa, atenta, olhos abertos e musculatura firme. O menino mais passivo, olhos fechados, parecendo ora estar dormindo, ora resmungando um pouco, musculatura menos ativa, parecendo mais passivo do que a menina.

Ao sair do hospital, a observadora foi para casa, descrevendo uma sensação de etapa cumprida.

Os três primeiros anos de vida

Aos três dias de vida dos bebês a nova observadora visita-os no hospital. A movimentação dentro do quarto era difícil e “estavam meio enrolados e o quarto uma bagunça”. Estaria dramatizado nesta cena o impacto do nascimento destes bebês na vida desta família? Os pais estão radiantes com seus filhos, fazendo questão de mostrá-los. Enquanto o pai vai buscar algumas fotografias para mostrar à nova observadora, a mãe, de imediato, comenta a diferença entre os dois: “A menina é a mais comilona, mesmo nascendo menorzinha aprendeu logo a mamar; já Raoni é mais calminho, mais demorado e está tendo que tomar complemento”. Assim, como nas ultrassonografias, cada bebê mantém as suas características, e ambos podem vir a se constituir mais autenticamente.

As observações domiciliares iniciaram quando os bebês estavam com vinte e dois dias de vida. O local é encontrado com facilidade, o que corrobora com o que vem se observando em relação aos canais de comunicação desta família. O ambiente para crescer, se desenvolver e observar é facilitador. “É um prédio novo, simples, mas todo organizado e com um lindo jardim na frente, cheio de flores e pequenos arbustos”. Já na porta de entrada da casa os bebês estão anunciados com o enfeite “Chegamos”, que antes estava na porta do quarto do hospital. A

observadora sente um clima receptivo e refere que a pessoa que a estava esperando era muito semelhante à mãe dos bebês e parecia estar aguardando por ela. Era Ana, a irmã de Maiara. Tudo comunica continuidade entre o ambiente intrauterino, o parto e o pós-nascimento.

O apartamento é relativamente pequeno, em função do tamanho da família. A mãe dorme em seu quarto, e Anahi e Raoni iniciam suas vidas dormindo no quarto do irmão, que é assim descrito: “É um quarto pequeno, todo branco, com uma cama de solteiro. Os dois carrinhos, que são parecidos, mas não iguais, estavam dispostos entre a cama e o armário. Percebi que este quarto era do outro filho, tinha seus brinquedos, um computador, material escolar...” A observadora tem dificuldade de encontrar um espaço para sentar e sente-se espremida, pensando que a casa ficou pequena com a chegada dos bebês. Estes são bem diferentes, é fácil distingui-los pela fisionomia: “O menino tem o rosto mais fino e é mais cabeludo e o seu cabelo é espetado; a menina é mais redondinha, bochechuda e menos cabeluda. Ele dormia com um lençol branco e verde, e ela, com um branco e rosa”. É clara a discriminação entre os bebês. Raoni se mexia bastante, soltava gemidos, esticava as pernas, e Anahi dormia tranquilamente. “Os bebês são tranquilos e só se manifestam para se alimentar”, diz a tia, irmã de Maiara. Maiara amamenta os dois, alternadamente, de três em três horas — noite e dia — e depois tem a troca de fraldas, o que é bastante cansativo. Parece que os bebês respondem a este ambiente tranquilo.

Aos vinte e sete dias, a observadora é recebida por uma senhora, loira, que aparenta setenta anos. Ela diz que os bebês e a mãe estavam dormindo. Ao se dirigir para o quarto deles, a observadora vê a mãe dormindo profundamente em seu quarto. Os bebês também dormiam na cama do irmão, com almofadas à volta deles e, no meio, entre um e outro, uma almofada tipo salsicha. Ao mesmo tempo que estão juntos, há algo que os separa, o que mais uma vez transmite continuidade entre o ambiente intrauterino e pós-nascimento.

A observadora percebe que os bebês estão maiores e fica surpresa de como se desenvolveram em uma semana. Ela sente o quarto menos apertado, já tem “mais espaço”, que é ocupado pelos bebês. No comportamento, eles também parecem interligados, um prestando atenção e respondendo às manifestações e movimentos do outro: “Quando Raoni se mexe e faz barulho mais forte, ela respira fundo, emitindo um som mais alto, típico de suspiro”. Anahi segue se fazendo perceber nas manifestações mais agitadas de seu irmão e a impressão que passa é que comunica para ele: “Eu estou aqui, te acalma”. Percebe-se uma grande

sintonia entre os bebês, que seguem se comunicando através da respiração, do som, dos seus movimentos.

Até o segundo mês dos bebês, Maiara estava mais recolhida, dormindo na hora das observações; ela aproveita para descansar, pois Jandir já foi para a escola, os bebês acabaram de mamar e encontram-se sob os cuidados da avó paterna. Em continuidade com o período gestacional, Maiara mantém a característica reservada e um ritmo próprio. Abre-se para acolher também os cuidados de sua sogra, de sua irmã, de sua mãe, do marido, e, mais tarde, da babá, os quais acabam sendo como uma extensão de sua barriga, tal a sintonia que se observa entre eles nos cuidados aos bebês. Uma situação que exemplifica isso é um momento em que o pai estava cuidando de Raoni, põe o menino no carrinho e ele chora. Maiara, que estava em outra peça da casa trocando Anahi, sugere: “Embala ele e põe ele mais deitado, ele deve estar com sono”. Em seguida, o pai segue as indicações da mãe e Raoni se acomoda rapidamente e quase adormece. Vai se delineando, aos poucos, a organização de uma grande “família-barriga”, empática, respeitosa, que participa com satisfação no cuidado aos bebês e a esta mãe. A relação de Maiara com a sogra é permeada de sensibilidade, respeito e confiança. Esta, ao realizar algo com os bebês, sempre pergunta para a mãe como ela gostaria que fizesse, e não há uma relação de disputa entre as duas. Nesse período, a tia e as avós estão incluídas e são representantes da forma delicada e não invasiva do funcionamento deste novo núcleo familiar.

A avó paterna diz: “É que se a gente não ajuda a Maiara, ela não aguenta. Esta é a hora em que ela descansa porque depois é tudo com ela...” Anahi segue calma, dormindo, e Raoni se mexe, resmunga, demonstra desconforto. A avó o pega no colo, conversa com ele, sorrindo levemente. Ele faz força e fixa o olhar na avó, olha firme. Esta o coloca novamente no carrinho, acaricia a sua barriguinha e ele dorme de novo.

Maiara se deixa “adoecer”, entrar em estado de preocupação materna primária e se sintonizar com esta dupla com a qual precisa se relacionar. Aceita e acolhe bem as necessidades dos bebês e fala do quanto lhe é trabalhoso cuidar de dois, transmitindo calma e tranquilidade: “Tô bem, mas cansada... Olha, é um trabalhão! Mas eles estão muito bem, graças a Deus! É que se fosse só dar mamá, mas não, é trocar, mamar, arrotar e até dormir já começou tudo de novo. Eles mamam mais ou menos de três em três horas, então tenho dormido pouco à noite. Mas isso passa logo, o Jandir, no terceiro mês, já começou a dormir quase toda a noite. É só quando são pequeninhos!” (um mês e onze dias).

Também nos cuidados com o primogênito, Maiara é presente e imprime o seu ritmo: “E depois tem o Jandir, a gente tem que atender ele também. Sempre que ele me chama eu vou, para ele não achar que agora só cuido dos bebês (...) Ele diz que quando me chamar eu tenho que ir porque ele é a ficha número um, chegou primeiro. Tem vezes que eu começo a dar de mamá para um deles e ele me chama, daí eu tenho que brincar que a ficha um se atrasou e passou a vez para a segunda...”.

As características e diferenças de Raoni e Anahi seguem sendo observadas e destacadas pelos familiares e a observadora. A mãe comenta: “De gêmeos mesmo eles só têm de terem nascido na mesma barriga porque são bem diferentes fisicamente e de jeito também, desde pequenos”. Em outra observação, Maiara, ao relatar o ritmo das mamadas, comenta: “Ele é um despertador, um relógio, não tem essa de atrasar a mamada que ele abre o grito, a Anahi é o contrário, eu tenho que acordá-la, senão ela emenda no sono e não mama; ela é bem mais calma nisso. Ele não aguenta esperar quase nada” (um mês e onze dias). Em outro momento, a avó comenta: “Eu acho que ela vai ser colorada como a mãe e ele vai ser gremista. O Moacir e o Jandir são gremistas doentes, mas a Maiara é colorada (...) então agora acho que está querendo uma companheira” (um mês e quatro dias).

Anuncia-se a relação com peculiaridades masculinas e femininas que caracterizam esta família. Em um outro momento, esta característica é de novo denunciada pela avó paterna: “Olha como ela está quieta, mas é sempre assim. O Raoni que custa mais a se acalmar, é mais inquieto e agitado. Também, é gurizinho. Mas ela é assim, uma calma só”. Mais tarde, ao se referir a Anahi, diz: “Ela é uma bonequinha, calma, um doce”.

Em torno de dois meses dos bebês, são destacados movimentos de mudança: os bebês saem do quarto com seus carrinhos e vão para a sala; a mãe também sai do quarto e fica mais presente nas observações; aparecem brinquedos presos nos carrinhos, em frente aos bebês; o enfeite da porta, “Chegamos”, desaparece; Raoni é diagnosticado com refluxo.

É neste ritmo, delicado e respeitoso, que a realidade é apresentada aos bebês. Eles passam, de forma gradual, a conhecer os limites e possibilidades de interação desta família, o que se torna a marca dos seus desenvolvimentos. Com o passar do tempo, eles vão percebendo novos aspectos da realidade, inclusive os brinquedos são inseridos em seu cotidiano gradativamente. Aos poucos novos brinquedos e novas possibilidades de brincar são oferecidos.

Neste período Maiara comenta que gostaria de ficar sozinha com seus filhos e marido nos finais de semana, pois pode contar com a ajuda de Moacir e acredita que tais momentos são importantes, ao que sua sogra comenta: “Como é bom, eu gosto de conviver com as crianças [...]. No final de semana a Maiara está querendo ficar mais sozinha com o Moacir, daí ele ajuda ela, então não tem vindo ninguém. Mas durante a semana ela quer” (dois meses).

Com dois meses e quatorze dias, Maiara, pela primeira vez, chega da rua, está alegre, sorridente, cabelo preso, batom, jeans e blusa solta. Não está mais de camisola e passou a impressão de estar bem, saudável. Os bebês dormem em seus carrinhos: Anahi estava coberta com um lençol branco e Raoni, um verde. Maiara naturalmente “vai para o seu quarto, escurece-o e deita-se”. Todos dormem e a observadora acorda a avó, que cochilava, para sair.

A mãe transmite uma capacidade de renascer, ocupar outros espaços, poder começar a sair deste estado regressivo, do puerpério, junto aos bebês. Assim como ela não demonstrou tanta necessidade da presença da observadora nos dois primeiros meses de vida dos bebês, permitindo-se dormir durante as observações, manteve a mesma atitude de resguardar-se em outros momentos, como quando estava para retornar ao trabalho, quando ia se mudar de casa ou quando decidia por férias prolongadas. Ela interrompeu as observações durante esses períodos, atendendo as suas necessidades, de forma muito direta e autêntica. Cabe destacar também a sua capacidade de resguardar-se e de, ao mesmo tempo, ficar discretamente atenta, ligada aos bebês, respeitando as suas próprias necessidades e as deles. Aos dois meses, por exemplo, a observadora se surpreende e escreve: “Maiara estava quieta assistindo televisão, se vira e diz: Olha só, ele quer alcançar os brinquedos no carrinho... Não sei como ela viu o gesto dele, pois estava firme com o olhar na tevê”.

Aos dois meses e vinte e um dias, Maiara está com Raoni no colo; ele está com refluxo, e ela, muito paciente, devagar e sempre, tenta acalmar o filho: “Não tem o que fazer, é só ficar com ele no colo, de pé”. Neste exemplo, destaca-se uma vez mais a capacidade da mãe de gestar, esperar e dar a sustentação adequada no momento certo. Conversa com o filho, se ele está melhor, ele se acalma e dorme. “Maiara permaneceu em silêncio algum tempo enquanto atendia seu filho. Por ora nos olhava, mas seguia totalmente entretida com Raoni. Anahi dormia tranquila em seu carrinho. Depois que ele se acalmou, Maiara o coloca em seu carrinho e comenta: ‘ele é mesmo mais agitado, quer participar de tudo’ — ela fala sorrindo e olhando para ele, — ‘foi o final de semana todo assim, ele foi de colo

em colo porque só assim sossega, enquanto Anahi dorme'. Esta característica segue como um marco diferencial para os dois. Raoni demonstra ter mais urgência de ser satisfeito, e Anahi segue em sua tranquilidade. Cabe lembrar aqui que a maior fragilidade de Raoni se manifestou já desde o seu nascimento, revelando-se como um padrão nos primeiros meses de vida, quando exigiu mais atenção e cuidados especiais do ambiente.

Aos três meses e doze dias dos bebês, após duas semanas de férias, a observadora é recebida pela avó materna. Encontra a casa diferente, toda desarrumada: "Maiara está de pijama, cabelos despenteados, uma expressão abatida... os bebês estavam nos carrinhos e também descabelados, sem banho... Num momento senti um estranhamento, pois aquele ambiente era destoante do que encontrara até então". Maiara está gripada e tomando antibióticos. Fala que daqui a quinze dias deverá voltar ao trabalho e combina com a observadora que ela deverá então pedir ao zelador para abrir o portão porque a avó não poderá descer. Seria o término da licença-maternidade e a consequente separação dos bebês o motivo da doença da mãe e da desorganização em casa? Maiara permaneceu quieta, com olhar abatido, esforça-se para ficar em pé. Sua mãe fala sem parar com todos presentes. Num momento, a avó diz sentir saudades de Raoni, e diz que acha que ele confunde a sua voz com a de Maiara. Esta reage, forte e imediatamente, dizendo: "Imagina! Eles sabem muito bem quem é quem! Já diferenciam tudinho!" "Será?", diz a avó". A mãe busca confirmação no olhar da observadora que a sustenta através de sua expressão facial.

Na observação seguinte, estão todos bem de saúde e a observadora escuta de longe resmungos e pensa que são de Raoni. Confirma-se a hipótese. Anahi dormia no quarto. Nesta observação a mãe amamenta os dois bebês: enquanto um mama, o outro espera. A mãe pega Anahi do carrinho e começa a lhe dar de mamá. Ela encontra o seio rapidamente e começa a sugar forte, chegando a fazer barulho. Enquanto amamenta a filha, Maiara sente o espaço e encontra o momento certo para falar sobre seu estado emocional ao receber a notícia de que a gestação era gemelar. Revela que ela e Moacir não sabiam se queriam ter mais filhos, as famílias os pressionavam. Com o passar do tempo, decidiram por uma nova gravidez. Um pouco depois, revela: "Eu me lembro como se fosse hoje, eu descobri na terceira semana que estava grávida, porque a minha menstruação é súper regulada, então logo vi que estava grávida. Fiz uma eco no início e daí soube que eram gêmeos... Quando o doutor me disse que tinha dois bebês me deu uma coisa que eu não sei te explicar... eu comecei a chorar e não parei mais.

Passou tanta coisa pela minha cabeça, como seria, que medo, vou ter que me mudar? Vou dar conta? Medo do parto, da gravidez, tudo junto”. Maiara faz um desabafo e termina seu relato junto com a mamada de Anahi que dá um arrote. Maiara diz: “Opa, saiu tudo, né, filha”. Há uma sintonia nesta dupla, e o ambiente reforça muitas vezes que Anahi é tal qual a mãe.

Com três meses e vinte e cinco dias, Maiara amamentava Anahi e contou que deu uma bonequinha para a filha no dia anterior: “Essa guria ficou tão feliz, nunca pensei que ela fosse gostar tanto, é bem menina mesmo”. É a menina da mãe, que ela gostou desde o início. Quando deu a boneca para o Raoni, ele nem ligou, e o pai falou: “Está tudo no lugar certo”. Ele ganhou um carro e adorou.

Maiara conta que resolveu adiar seu retorno ao trabalho, explicando que ainda precisa estar junto das crianças para atendê-las melhor. No momento em que Maiara deveria voltar a trabalhar, pois sua licença-maternidade estava terminando, ela modifica os planos: “Tirei férias, quero adiar o máximo possível a minha volta. Ainda tenho muito o que fazer aqui em casa” (quatro meses e dois dias). Os bebês também sentem a proximidade desta separação, e a mãe traduz isso: “Eles estão precisando de mais atenção, começaram com o complemento, só que a Anahi não consegue mamar na mamadeira (...) Então tudo isso exige, tem que ir ajudando eles, tentando. E agora eles também começam a fruta, eles estranham, tem que ser com calma. Tudo isso exige tempo”. Na observação seguinte, Maiara relata que Raoni não está gostando muito de fruta, diz que deve ter calma: “É que tudo tem o seu tempo” (quatro meses e nove dias).

Os bebês passam a se descobrir: “Ela ficava observando as suas próprias mãos, tocando as unhas, pele, parecia estar se descobrindo e demonstrava muito interesse nessa atividade” (quatro meses e nove dias). Logo depois, Anahi se agita um pouco e Maiara “coloca a mão no carrinho da filha e fica acariciando seu rosto em movimentos delicados. Anahi se acalma e fica brincando com a mão da mãe, explorando-a o máximo que podia”. Os bebês passam também a se relacionar: “Anahi presta atenção na mãe e no irmão, fixa o olhar nos dois e segue assim observando o que acontecia”.

A relação dos gêmeos com Jandir também vai se constituindo com um ritmo próprio. Em um primeiro momento, os dois observam atentamente Jandir, e este, por sua vez, fica orgulhoso de se sentir observado. Maiara relata a satisfação com a interação de Jandir com Raoni: “Este adora o mano, dobra a risada com as brincadeiras dele”. Quando Jandir brinca de pegar com o pai, os bebês “chegam a se finar de tanto rir, dão gargalhadas...” (quatro meses e dois dias).

Maiara diz que os bebês estão se combinando: “Sabe que eles andam se combinando, quando um dorme o outro acorda, nem precisa olhar, é só chegar que o outro está lá acordado, esperando. Então, estou todo tempo em volta deles. Nunca vi como conseguem se combinar tão bem nisso! Cada um tem seu ritmo, eu sei, mas isso é uma demanda dobrada para mim (quatro meses e vinte e dois dias)”. Assim, neste revezamento entre os bebês, a mãe é única para cada um deles, sustentando a ilusão de díade. Parece que isto já tem registro nas sensações intraútero, do lugar e espaço de cada um, e agora é dentro de casa, família e futuramente será no relacionar-se com os outros, podendo ser, ter seu espaço, seu lugar.

A possibilidade que Maiara e Moacir dão para seus filhos crescerem reflete-se em cada etapa de seus desenvolvimentos. Há espaço para a espontaneidade nesta família, eles têm condições de validar o que os bebês sentem, de respeitar suas individualidades e seus ritmos. A forma como lidam com o tempo e com o ritmo vai também se consolidando em relação à observadora. É frequente que esta, ao chegar, espere por cinco ou dez minutos até que lhe abram a porta, pois um dos bebês está sendo atendido.

O espaço onde vivem também passa a ser valorizado, e as previsões de mudança para o novo apartamento vão se consolidando: “... agora neste sábado ou no outro vamos nos mudar, não aguentava mais essa espera” (quatro meses e dezesseis dias). A partir de tal situação é combinada uma interrupção nas observações. O apartamento para onde a família deve se mudar não fica pronto e isto parece desorganizá-los. Passam um mês sem contatar a observadora.

Assim que as observações são retomadas, ainda no endereço antigo, é a tia Ana quem está cuidando dos bebês. Ela se ajeita com eles, está ali inteira, interagindo, conversando com eles enquanto dá a fruta, um de cada vez; quando um é atendido o outro está dormindo, numa verdadeira sincronia. Quando ambos estão acordados, eles parecem tolerar muito bem ficar sozinhos, se distraem com suas mãos, acham brincadeiras. A interação deles também é sentida e anunciada pelos familiares. Anahi solta sons que são correspondidos por Raoni, ao que Ana comenta: “Eles estão conversando!” (cinco meses e vinte dias). A mãe havia saído, pela primeira vez, por mais tempo, pois foi ver a documentação para voltar a trabalhar.

Anahi demora a se adaptar ao desmame. Somente quando está com seis meses e quatro dias que sua tia comenta: “Agora ela já está pegando a mamadeira, mas foi uma luta, outro dia Maiara estava junto e nós fomos deixando ela ficar com mais

fome até que eu dei e ela aceitou, foi uma dor, mas tinha que ser, senão ela nunca ia pegar”. Anajara, ao alimentar a sobrinha, conversa com ela com calma. “Entre uma colherada e outra Anahi sorri, faz barulhos com a boca, brinca com a saliva. A tia respeita o tempo dela e vai dando a fruta” (seis meses e quatro dias). Este respeito de cuidados com a alimentação segue ao longo do desenvolvimento destes bebês.

Após muito se observarem, Raoni e Anahi passam a interagir mais ativamente em suas brincadeiras: “Raoni repete a brincadeira de empurrar o cubo para que eu pegasse. Anahi estica a mão. Entrego o cubo para ela que pega firmemente, girando-o para olhar as cores. Depois estica o cubo para Raoni, por um tempo eles ficam segurando juntos o brinquedo, se olham e riem” (seis meses e quatorze dias). Mais tarde, estas brincadeiras incluirão relação com o corpo: “Raoni fica quieto, chupando o bico, Anahi fica olhando o irmão seriamente por um longo tempo, até que se aproxima dele, pega-o pela gola da camisa e lhe arranca o bico da boca. Ele fica com cara de choro, mas não chega a chorar. Estica o braço na direção dela, como se fosse reagir, mas não faz, se tocam, se reconhecem” (nove meses e oito dias).

Aos poucos, os bebês também vão sentindo a presença da observadora e interagindo com ela. É frequente que, ao chegar, esta seja recebida por sorrisos e exclamações dos bebês. A interação dos bebês com a observadora vai se constituindo também com ritmos particulares, de acordo com as características de cada um. Raoni é o primeiro a realizar algumas trocas com ela: fica olhando e sorrindo já nos primeiros meses. Anahi, por sua vez, é mais tímida e reservada, características semelhantes às de sua mãe, mas aos poucos também se comunica com ela. Quando crescidos, tal interação segue marcando a diferenciação destas crianças: “Raoni sorri mais enfaticamente, abre bem o sorriso, e Anahi é mais discreta, sorri suavemente” (seis meses e quatorze dias).

Por volta dos seis meses e meio das crianças, Maiara recomeça a trabalhar e os bebês passam a frequentar a creche. É neste mesmo período que iniciam as brincadeiras de fort da (Freud 1920/1969h), momento em que ensaiam e revivem tal separação. Este movimento fica claro no dia da primeira filmagem. “Ambos ficam brincando e olhando a filmadora, sorrindo quando alguém dizia alguma coisa. Anahi estava bastante ativa, movimentando-se para pegar a boneca, tocá-la no chão. Estabelece uma brincadeira comigo de tocar a boneca no chão, esperando que eu lhe devolvesse. Sorri com a brincadeira” (seis meses e vinte e nove dias).

Cabe lembrar a atitude de Maiara no primeiro dia de filmagem dos bebês. Ela se retira da sala e fica na cozinha preparando sopa para eles. Ao mesmo tempo em que dá espaço para os bebês, a mãe segue presente, à distância: a observadora sente o cheiro de verdura que vinha da cozinha. Maiara estava ligada não apenas às necessidades dos bebês; ela atendia também ao filho mais velho, acolhendo-o, mas dando-lhe limites: aceitou que Jandir jogasse videogame na hora da filmagem, porém sem o som.

A partir da trigésima observação, quando os bebês estão com oito meses e dezessete dias, a família já está no novo apartamento. É chamativo como o espaço para os bebês se expande na nova casa. É um prédio bonito, novo, recém-construído. O apartamento parece aconchegante, tem uma bonita vista. Assim que a observadora chega, nota que os carrinhos dos bebês mudaram, que “agora não é mais aquele de bebês pequenos, e sim os que permitem às crianças ficarem sentadas”. Na sala há um recanto montado com cercadinho para os bebês. Na observação seguinte, onde estava o cercadinho há um edredom bem fofo, com travesseiros, deixando o lugar seguro. Havia vários brinquedos espalhados. Anahi é colocada neste recanto e começa a explorar o ambiente, pegando brinquedos, virando-os, mexendo, colocando-os na boca e fazendo sonorizações. Anahi se desequilibra ao brincar, mas se esforça, empurrando-se com as mãos para manter-se sentada. Os dois interagem, ficam se tocando, se olhando e, num movimento, ele deita com a cabecinha no colo da irmã e assim ficam um tempo. Tocar-se, encostar-se, sentir é um encontro conhecido entre Raoni e Anahi desde a vida intrauterina, que parece reeditar-se seguidamente na relação entre eles.

Aos nove meses, Raoni se arrasta pela casa toda, e ela ainda não; Anahi é mais calminha, fica se divertindo com seus brinquedos. Andam se tocando, se olhando, se arranhando e, às vezes, ele deita, descansa a cabeça no colo dela e fica assim. Ela tira o bico da boca dele, dá um tapinha na cabeça e se levanta, numa interação muito semelhante a que foi observada nas ultrassonografias obstétricas dos bebês.

Dias depois, ele já engatinha com muita desenvoltura, explora tudo, e a observadora escreve: “Raoni me olha e logo sorri, engatinha com destreza, diferente da última semana, quando ainda se arrastava. Ele vem para perto de mim, me rodeia sorrindo e demonstrando felicidade por poder andar por onde quisesse”.

Quando os bebês estão com treze meses, após as férias, todos estão juntos na sala, pela primeira vez. Raoni, Anahi, o pai, a mãe e Jandir. Raoni, ativo, está com sua motoquinha, sorri e coloca sua mãozinha na observadora. Anahi, com seu

jeito habitual de seriedade inicial, se embala com destreza em um cavalinho de pau, e logo se entrega, expressando um sorriso. Eles conversam sobre as férias, o aniversário de um aninho. A mãe parece estar mais fortalecida e comenta: “Agora já estou com mais coragem para sair com eles, no final de semana fomos a Santa Maria e deu tudo certo, eles estão maiores”. Os pais demonstram sintonia, estão afinados ao verbalizarem as diferenças entre os bebês, e isto é relatado pela observadora. Moacir diz que “Anahi fica brincando mais tempo com uma mesma coisa, ela fica por ali por um tempo e se distrai, mas o Raoni não tem jeito, é mais agitado e quer trocar de brincadeira em seguida”. Maiara confirma isto, dizendo: “Isso é bem assim, em compensação ele é um relóginho, e ela não tem horário para nada”. O pai segue: “Ele não consegue se embalar como ela, mas ela ainda não se firma bem, de vez em quando ela está sentadinha e cai para o lado, é menos firmezinha, mas já engatinha numa rapidez! A mãe solta uma gargalhada e diz que é assim mesmo”.

Maiara mostra as fotos de aniversário e presenteia a observadora com uma: Anahi de vestidinho rosa e Raoni com um conjunto de bermuda e camisa, com uma gravata borboleta. Conta a “arte de Anahi”: o pai deitou-se no edredom da sala com ela para fazê-la dormir, só que ele dormiu, ela levantou-se e engatinhava livre pela sala quando Maiara os encontrou. “Ela fez o pai dormir...” Nas férias ambos se soltaram, andavam por tudo, na grama, na areia: “No início tive um pouco de receio de que pudessem estranhar ou adoecer, mas isso não aconteceu, pelo contrário, eles estão bem fortes, se alimentando bem” (um ano e um mês).

Com o passar do tempo, no recanto das crianças foi colocada uma casinha de plástico. Os dois brincavam muito tempo lá dentro, brincavam com o fio de um nebulizador (cordão). “Se embolam lá dentro, caem, levantam-se” (um ano e três meses). As brincadeiras de Anahi e Raoni neste espaço faziam lembrar a interação da dupla nas ultrassonografias. Até mesmo a percepção da observadora daquele momento remetia às descrições da experiência destes bebês na época em que estavam no útero materno: “É uma casinha grande o suficiente para eles entrarem, sentarem, brincarem, mas também é um espaço delimitado e aconchegante”.

Raoni é muito apegado ao pai, sente ciúmes; Anahi é tranquila e educada, gosta de comer no prato. Todos vão para a pracinha, a mãe veste Anahi enquanto o pai veste Raoni. Jandir vai atrás. O pai comenta que “Anahi é toda detalhista, calma, e faz as coisas com precisão, e que o Raoni é mais de se movimentar sem pensar primeiro o que quer”. Anahi parece ter bastante flexibilidade e segurança ao mesmo tempo, algo parecido com a mãe. Depois de vestida para ir à pracinha,

pega sua boneca e espera na porta da casa, pronta. Como demora mais um pouco, ela senta no chão para brincar. Raoni, ao contrário, parece não tolerar muito mudanças, chegada de pessoas novas. Escreve a observadora: “Jandir tira a bola que Raoni levava e este chora alto e grita”.

Em outro momento, é descrita em uma brincadeira a disputa pelo pai, e também como os bebês sabem buscar apoio: “Ele (pai) dá as mãos para Anahi e canta atirei o pau no gato e ela fica se embalando de um lado para o outro. Gosta muito desta brincadeira, olha para o pai sorrindo, Raoni logo vê essa cena e vai na direção do pai e grita, queria brincar também. Moacir termina a música e diz que é a vez do mano. Ele diz: ‘quer ver que ela fica braba!’ Começa a mesma brincadeira com Raoni, Anahi fica perto olhando séria e fixamente. Cruza os bracinhos e assim fica olhando fixo o irmão. Quando termina a música, ela empurra o irmão e pega as mãos do pai. Moacir sorri e repete a brincadeira com a filha. Raoni sai em direção à cozinha, busca a mãe”.

O pai é muito presente com as crianças, ajuda a cuidar, dar banho, dar comida, brinca, ele diz que tem colo para dois. Começa uma campanha para arrumar a praça, os arredores da casa, para deixar um ambiente melhor. Ele é ativo, se mobilizou para conseguir a liberação e voluntários para ajudarem na construção. Parece que ele estende extracasa o que existe dentro da casa. A observadora, que vê as mudanças na praça, registra a fala de Maiara: “É impressionante como o pessoal apoiou, vem direto gente aqui para se oferecer”. Nesta observação de um ano e seis meses, Anahi, curiosa, vem correndo ver quem chegou. Ela logo interage com a observadora, brincando com ela de esconde-esconde. Raoni vinha correndo, mas quando vê a observadora, corre para as pernas do pai. Há segurança neste pai, um porto seguro. Maiara pode contar com outro cuidador, presente e atento às necessidades das crianças. Há um clima introspectivo que passa uma tranquilidade, a mãe está na cozinha, fazendo suas coisas, o pai vendo tevê e concentrado em seu programa, Anahi está entretida com sua bolinha e com o fio de cabelo que está grudado nela, e Raoni também segue em seu carrinho. Todos juntos, não grudados, com a possibilidade de brincarem sozinhos acompanhados.

Embora se orgulhassem das conquistas evolutivas dos filhos, os pais mostravam-se preocupados com relação ao desenvolvimento da linguagem. A mãe demonstrou-se incomodada porque as crianças ainda não falavam, só pronunciavam sílabas soltas: “Sabe que eles ainda não dizem uma palavra, estes danados. Ainda outro dia brinquei com a mãe que eles eram mudos. Ela disse que eles gritam muito para ser mudos. Eles até dizem sílabas: má, pá, mas ainda não

sai nenhuma palavra” (um ano e cinco meses). Porém, foi possível observar que os bebês realizavam ensaios de imitação das atitudes e falas de Jandir, dados que confirmaram que Anahi e Raoni estavam fazendo uso de uma espécie de comunicação típica de crianças nesta etapa do desenvolvimento.

Quando a percepção dos bebês do mundo se amplia, Jandir vai entrando mais ativamente nas brincadeiras. O menino os trata carinhosamente, fazendo palhaçadas para que riam e sentindo-se realizado nesta relação. Mais tarde, a forma de inclusão nas brincadeiras se torna ainda mais ativa: “As três crianças estão na sala e Jandir começa a interagir mais com ele [Raoni], diz algumas coisas e vai se soltando, até que sobe no teto da casinha e começa a conversar. Raoni segue por ali, brincando atrás da casinha (...) Anahi, que estava entretida com a televisão desce do carrinho e vai em direção aos irmãos (...) Anahi, ao ver o que Raoni fazia [imitando Jandir], se aproxima do irmão e tenta subir também” (um ano e sete meses).

Com um ano e nove meses todos vão para a pracinha, e a mãe veste os dois para saírem. Bicicleta, carrinho de boneca, bola, alguns brinquedos são carregados com eles para a praça, e a mãe diz, aos risos: “Olha só essa família! Essa família parece a grande família, olha só o monte de coisas para atravessar a rua e ir na praça”. É realmente uma grande família que se constituiu na força da natureza, que foi se esculpindo pela ação natural. A observadora sai satisfeita, com sensação de bem-estar e ternura, tem vontade de ficar mais com eles.

Ainda quando os bebês estão maiores, os pais seguem os diferenciando. Maiara conta de seu filho: “O Raoni está muito bichinho do mato! Pois não é que faz assim para as pessoas agora. Ontem nós estávamos ali embaixo esperando o Moacir chegar, e ele estava brincando na porta, quando viu um vizinho este guri engatou uma primeira e veio correndo para o meu colo”.

Nas férias seguintes, quando os bebês estão próximos de completar dois anos, os pais decidem passar o verão na praia, concluem que neste ano as crianças já curtem mais, e também precisam de maior segurança, sendo assim, escolhem cuidadosamente um lugar. Pretendem, com esta escolha, contemplar a todos. Na hora que decidiram a forma como os bebês iam tomar banho, a mãe afirma: “colocamos eles em piscininhas diferentes, pois assim ficavam melhor. Cada um tinha uma[24]. Foi ótimo!” (dois anos). Desta forma podemos inferir que as diferenças já estão bem estabelecidas, os pais os veem como indivíduos separados. Diz a mãe, mostrando as diferenças: “Ele é sempre rápido em tudo e ela é sempre calma assim, faz tudo devagar, e ele está sempre a mil”. O ambiente sempre

promoveu o espaço e a individualidade de cada um. A mãe mostra as fotos do segundo aniversário e Anahi senta-se ao seu lado para vê-las também. Raoni está muito ligado ao pai e se inquieta, chora com a saída do pai; a mãe o acalma, pegando-o no colo e mostrando que o pai estava na rua, podia vê-lo da janela.

O motivo da festa de dois anos dos gêmeos foi dos Flintstones, o que retrata bem essa família — do tempo da pedra, no sentido de criar os filhos com atenção, cuidado, mas não com exageros, e delimitando bem a Pedrita como o protótipo da menininha, e o Bam-Bam, do menino.

Ao longo do caso, pensamos que a organização desta família lembra a cultura indígena (presente no próprio nome da mãe e dos bebês), pois são crianças criadas soltas, mas não desligadas. Os pais estão bem ligados nos filhos, mas não grudados, oferecendo espaço para que as crianças explorem o ambiente. Percebe-se que os pais não deixam de ser eles mesmos para serem pais dos bebês, seguem com suas atividades, o que contribui para que os bebês se expandam para além dos pais, com as avós, tias, babá. Imaginamos no futuro estas crianças circulando bem no mundo, sendo seguras e criativas.

Na última observação são as crianças que encenam as diferenças sustentadas pelo ambiente desde o início, através da brincadeira de esconde-esconde que criam. Com a utilização de uma máscara, se descobrem como indivíduos separados. Utilizam a brincadeira, a arte, como forma de experimentar a realidade e, assim, continuam se constituindo como indivíduos separados. Já desde as experiências intrauterinas, levam consigo sintonia, cumplicidade e diferenciação.

Considerações finais

A observação de Maiara e seu casal de gêmeos nos ensinou muito e gerou várias ideias e discussões em grupo desde a etapa inicial do trabalho — gestação — há mais de dez anos. A observadora, já no primeiro encontro, surpreendeu-se com o espaço de Maiara para abrigar dois bebês e possibilitar, ao mesmo tempo, um crescimento único e discriminado dos mesmos: apesar de serem dois, cada bebê tinha a “sua caverna” nitidamente delineada.

A naturalidade, simplicidade e receptividade de Maiara chegam a nos impactar e surpreender, por não ser o habitual nos dias de hoje. Com seu jeito próprio, estabelece uma relação espontânea com seus bebês. Outra característica marcante desta mãe, que permeou todo o desenvolvimento dos bebês, é a sua capacidade de discriminação e sua paciência para acolher cada um no seu tempo: cada bebê,

o filho mais velho, o marido, a observadora, a ultrassonografista. Tudo isso em função de uma capacidade de Maiara de contatar a si mesma e dar-se o tempo necessário para as coisas acontecerem, de forma madura, sem dramas. Também faz parte de seu jeito de ser um silêncio ativo, de quem está em contato, o qual esteve presente e se manteve ao longo do desenvolvimento dos bebês.

Como diz Winnicott (1968/1988g), “...as coisas muito pequenas, que no início se passam entre a mãe e o bebê são muito significativas”. Em outro texto afirma que essas coisas — as mais significativas — não passam por palavras (Winnicott, 1968/1988b). Para o autor, o mais importante no início da vida é o que ele chama de contato sem atividade, muito bem ilustrado no caso de Maiara e seus bebês:

(...) o essencial constitui a mais simples de todas as experiências, a que se baseia no contato sem atividade e que cria as condições necessárias para que se manifeste o sentimento de unidade entre duas pessoas, que de fato são duas, e não apenas uma (Winnicott, 1966/1988c, p. 5).

Maiara sempre soube, desde o período gestacional, quem era quem. Era atenta, emocionalmente presente, reagia quando não concordava. Soube atender às necessidades de cada um, o jeito de ser de cada um, o choro de cada um, os gestos e movimentos de cada um, aceitando que o processo de amadurecimento de cada um ocorresse espontaneamente. Maiara é presença verdadeira, seu interesse é genuíno, sua ação é própria, é humana e pessoal. Estas condições formam as bases de um ambiente confiável, facilitador, que promove a integração no tempo-espaço.

Observamos uma nítida continuidade entre o ambiente intra e extraútero, facilitadora do continuar a ser dos bebês. Com o tempo, vimos com satisfação este útero-caverna se transformar em um “lugar” para os bebês e, após, em uma grande família-barriga — na qual a tia e a avó são simplesmente incluídas —, que aos poucos vai se tornando uma casa com espaço para abrigar o crescimento, a qual se amplia para o exterior, no espaço extracasa, com a parceria do pai. Moacir, o pai, desde o início está na cena junto com Maiara. Formam um casal com olhos sorridentes, estão encaixados e com muita cumplicidade e complementaridade. Moacir segura e divide com Maiara esta enorme responsabilidade que a vinda de dois bebês representa. No parto mostrou-se preocupado com a mudança para uma casa nova de modo a abrir espaço para os bebês, sem se esquecer do filho primogênito. É um nítido padrão de cuidados que se adapta às necessidades de

cada etapa evolutiva dos bebês, transformando-se ao longo do desenvolvimento. Maiara assumiu a vulnerabilidade dos bebês ao se identificar com eles e no decurso de alguns meses foi capaz de sair desta condição especial que aquele período lhe exigia. Tinha flexibilidade para entrar e sair, ir e vir, sem que isto fosse uma ameaça. Não era passiva, reagia às mudanças (a gestação gemelar, mudança de observadora, proximidade do parto, os cuidados com os bebês) tanto no seu corpo físico quanto no psíquico e gestava com segurança os sentimentos que o novo lhe trazia. A confiança que Maiara sentia no ambiente externo era a reprodução do seu mundo interno, seu caráter e maturidade emocional. Esta relação de confiança é vital no início da vida para o pleno desenvolvimento psíquico.

O psiquismo e a personalidade se desenvolvem gradualmente, do simples ao mais complexo e isto é muito sutil, conquistado através de repetições constantes que vão fundamentando o sentimento do bebê de se sentir real, podendo assim enfrentar os processos de amadurecimento herdados.

O ambiente firme, não rígido, não invasivo, respeitoso, onde cada um tem o seu lugar — em que os gêmeos Raoni e Anahi tiveram a oportunidade de se desenvolver — possibilitou a expressão emocional livre; conflitos de amor e ódio, de ciúmes, competição puderam ser expressos e amorosamente amparados. Isto fica muito claro na relação do irmão mais velho — Jandir — com os pais, dos pais com Jandir e deste com os bebês.

A experiência da observação nos permite fazer analogias entre a função da mãe com o seu bebê e a do analista com o seu paciente. Entrar na casa de uma família (de um paciente), sentir e vivenciar a intimidade do seu lar (do seu interior), contatar as emoções mais primitivas (do paciente e do analista), mergulhar nos cheiros, cores e ruídos que envolvem uma relação singular, num ambiente próprio, participar de uma vivência emocional não intrusiva, respeitosa e receptiva, é uma experiência única. Há períodos de regressão à dependência do paciente em análise nos quais a transferência se baseia na relação mãe-bebê inicial, na presença do objeto subjetivo. O setting analítico se torna mais importante que a interpretação. Nos casos fronteira ou nas fases e momentos psicóticos que acontecem durante a análise de pacientes neuróticos, o analista se vê exigido, vivendo momentos similares aos das mães que cuidam de seus bebês. O crescimento do paciente e do analista — suficientemente bom — precisa ocorrer gradualmente. As qualidades da mãe suficientemente boa, que permitiram a continuidade de ser no início da vida, auxiliam agora o analista na recuperação da

tendência natural à integração interrompida na infância e a retomada de seu desenvolvimento.

Na “casa” de Maiara, os sentimentos tinham autorização para se expressarem. Maiara estava lá, mesmo quando não estava presente fisicamente. Nem tudo foi maravilhoso nesta história de vida destes bebês. Apareceram mudanças internas e externas, surpresas, angústias, fragilidades e desconfortos. Na realidade, nem tudo é maravilhoso neste vaivém de uma mãe com seu bebê ou de um analista com o paciente em análise, especialmente em períodos de regressão à dependência. É intensa a atividade psíquica silenciosa da mãe que se coloca à disposição para cuidar de seu bebê assim como a do analista. Com Maiara, e através da observadora, foi possível traduzir um pouco da intensidade da vivência e exigência para a mãe de gêmeos — não apenas de acolhê-los, mas também de discriminá-los nas suas diferenças — e também do primogênito, ainda pequeno, com necessidades próprias de sua etapa evolutiva.

Temos muito a aprender a partir de uma história simples de vida, deste encontro, desta relação mãe-bebê. Sentir-se livre, destituído de categorias defensivas rígidas, poder ser um analista natural, verdadeiro, humano, respeitador, suficientemente bom, não tem a ver com sentimentalismo, assim como Winnicott se dizia não sentimental em relação às mães. Com sua disponibilidade interna, constância e previsibilidade, a mãe fornece um setting, que facilita os processos de desenvolvimento, especialmente a integração, garantindo o continuar a ser do bebê (Winnicott, 1956/1993a). Maiara nos mostra como a sua flexibilidade, receptividade e firmeza proporcionaram condições suficientemente boas para os bebês crescerem de acordo com o seu ritmo, sustentando e facilitando o amadurecimento. Essas capacidades de Maiara nos ensinam sobre as capacidades essenciais de um analista no processo terapêutico com o seu paciente. Assim, em nossa perspectiva, temos muito a aprender com a função materna para melhor compreender a função analítica, para além da função de interpretação, nesse lugar onde as palavras perdem sentido.

Lúcia e as gêmeas Daniela e Renata: o nascimento da fraternidade na luta contra a discriminação materna

A gestação

A história das gêmeas Daniela e Renata foi acompanhada através da observação de seis ultrassonografias, realizadas mensalmente durante a gestação, desde as treze até as trinta e quatro/trinta e cinco semanas, do parto, e de quarenta e seis observações domiciliares até os seus três anos de vida. Elas são gêmeas bivitelinas, dicoriônicas e diamnióticas.

Lúcia, a mãe, tem trinta e um anos, é descrita como uma mulher bonita, alta e de porte atlético, com cabelos e olhos claros. Roberto, o pai, tem trinta e quatro anos, e esteve presente em todas as sessões de ultrassonografia. É um homem moreno, bonito e de porte atlético também. Ambos são professores e têm aparência jovial. Esta é a primeira gestação do casal e o contato com o grupo de pesquisa se dá com treze semanas de gestação, quando Lúcia comenta já ser a “quinta ultrassonografia... é bom ver os nenês. Tem que ser assim porque a gente ainda não tem certeza do que é. Será que vai dar para ver?” O casal mostra-se receptivo, quando aceita o convite para participar do estudo. Lúcia gosta da ideia de “Poder ver os nenês mais seguido” [...] “Ser acompanhada” (treze semanas).

Como veremos no decorrer do relato, a incerteza quanto a haver ou não espaço para duas, a insegurança, a fragilidade e o desamparo diante da notícia da gestação gemelar, o desejo de que fosse uma só, a confusão, a discriminação e as tentativas fracassadas de Lúcia e Roberto de diferenciarem os gêmeos acompanharão o casal ao longo dos três primeiros anos de vida dos bebês e serão comunicados, principalmente, de forma não verbal.

O desencaixe, desencontro, entre os pais e os bebês, especialmente entre a mãe e os bebês, é transmitido também, de forma não verbal, desde a gestação até o final do terceiro ano de vida, por meio da relação da mãe com a observadora, atingindo

a escrita. Neste primeiro momento, os relatos escritos são pobres, fragmentados, falta clareza, detalhes, fatos que dificultam o seguimento e compreensão das ultrassonografias. Falta afeto, algo que nos ligue e convide a entrar e acompanhar o desenvolvimento dos bebês. A observadora inicia assim o relato do exame: “mãe está preparada para o exame (...) o pai está sentado bem próximo da mãe (...) a mãe tem uma voz rouca e me pareceu simpática, e o pai é meio sério, porte atlético, veste camiseta e abrigo”.

Na primeira ultrassonografia, Lúcia menciona que “a outra é mais fácil de ver” [...] “o outro lá se movimenta, o coração está acelerado; também, do jeito que eu subi a lombaa...”. O casal sempre esquece de trazer os exames anteriores e nunca sabe o tempo gestacional. Ficam atrapalhados. No segundo exame, quinze/dezesseis semanas, a ideia era confirmar o sexo dos bebês. A mãe acha-os grandes e diz: “Mas elas não têm genitália ainda, né?” E confirmou-se o sexo: o feto que está em cima, com a mãozinha na testa, é menina. Rostinho de frente, coração batendo, o som, tum tum, é aumentado e os pais se olham, e a mãe diz: “que grande o pé”. É focado o outro feto e a mãe diz: “o do lado de lá. Está esticadão...bem comprido.” “Olha ali o dedão”, e o pai refere: “olha o pezão”. Também é menina, embora não tenha ficado tão claro. O clima de confusão atinge a ultrassonografista que diz estar em dúvida se está vendo a criança certa: feto um, 141 gramas, e o feto dois, 147 gramas.

No exame seguinte, o casal quer a confirmação do sexo dos fetos: são duas meninas. O pai fala que hoje a imagem está menos nítida, ele não vê os bebês, e a mãe identifica a cabecinha de uma delas. Uma está com 456 gramas, e a outra, 524 gramas. Embora já tivessem esclarecimentos desde o início, a médica precisa explicar novamente que são meninas bivitelinas, dicoriônicas e diamnióticas, porque os pais se confundem e não recordam. A mãe pede para mostrar as duas, e a médica vai apresentando rostinho, rins, pernas, bumbunzinho, coluna, coração, genitália de cada uma, e a mãe pede para clarear o que é uma e o que é a outra e diz: “Daqui a pouco sai pela garganta”. Quando aparece a genitália, diz: “Tadinha” (...) “Ela não gosta”. Depois de verem as duas meninas, a mãe diz: “Está mais fininha a separação entre elas? E aquele ali o que é?” “É o coração”, responde a médica. Coloca o som para escutarem o coração. A mãe fica boquiaberta, coloca a mão na boca, e o pai fala “Bah!” As tentativas de diferenciar os fetos são constantes, mas não acalmam os pais: “Esta é a maior?” [...] “São duas placentas, né? Mas desde o início já eram?”

Em diversas situações das ultrassonografias, Lúcia transmite, principalmente de

forma não verbal, sua dúvida e insegurança quanto à disponibilidade de espaço interno para segurar dois bebês. Ao mencionar uma mãe que teve gêmeas com quarenta semanas e com peso normal, exclama: “Coitada da mãe” (treze semanas). Em outra ocasião, ela fala para Roberto: “É, tem que segurar duas...” (vinte e duas semanas). Na última ultrassonografia, esta sensação de fragilidade, de que não vai dar conta de gestar suas gêmeas até o fim é explicitada em sua fala sobre um dos bebês: “Tá nascendo” (trinta e quatro/trinta e cinco semanas), quando a ultrassonografista responde para ela: “Nem brinca...” Lúcia ainda menciona: “Será que eu vou ter que aguentar até as quarenta semanas?” Em outro momento, Lúcia repete o comentário do médico ultrassonografista que a havia examinado antes de começarem a fazer parte deste estudo, de que um dos embriões não teria sobrevivido. Revela, assim, o drama de estar carregando dois bebês: “Na primeira ultrassonografia pareceu que um saco gestacional não estava se desenvolvendo...” (quinze/dezesseis semanas). Com esta frase, que se repetiu em outros momentos, Lúcia parecia comunicar o seu desejo de que um dos bebês desaparecesse, sendo este um “peso” que ela aguentaria com menos dificuldades.

Ao mesmo tempo em que se esforça para diferenciar os fetos, Lúcia comenta a vontade de dar atenção igual às filhas, durante os exames. Quando a médica fala: “Vamos para a outra”, Lúcia diz: “É bom porque sempre ficamos mais tempo na primeira e a outra vai ficar com ciúmes, vai se sentir rejeitada...” No primeiro exame, a médica comenta como agora é mais fácil se encostarem, porque há espaço, e a mãe interpreta o movimento como agressivo: “Por enquanto o ringue está separado. Depois vamos ver quando eles tiverem com as luvas de boxe. Tu [ultrassonografista] falou que eles se cutucam, se empurram. E o pior é que não é só entre eles, depois vai ser também comigo” (treze semanas). Em outra ocasião, ela mede o crescimento dos bebês “pelas dores, elas cresceram... estão me chutando” (trinta semanas), indicando que os bebês a estão machucando com seus movimentos e não apenas se movimentando, como todos os bebês fazem. Um bebê se movimenta de cabeça para baixo, e a mãe diz: “Vai levar um chute!” E o pai responde: “Ela que aprenda a se defender” e “que se fossem três a coisa iria complicar mesmo”. Qualquer movimento é visto como agressão e atingiria a mãe. Esses comentários, que se repetiram nos exames, indicam a projeção de aspectos agressivos, de rivalidade, ciúme e inveja nas filhas, mobilizada pela dificuldade de abrir espaço para duas.

O pai também demonstra sua ansiedade e confusão. Quer saber sobre a unidade de medida dos bebês utilizada pela médica porque não consegue imaginar

medidas tão pequenas, nem muito grandes, tipo de dinheiro da mega-sena. Tenta visualizar quando escuta que “esta tem 859 gramas, está bocejando, e aparece de frente para o visor”. A mãe se emociona, e o pai pergunta: “É a orelha dela?” “É”, responde a médica. O pai: “Já tem olhos? Tem sistema nervoso central completo?”

Em algumas situações, quando a ultrassonografista assegura que os bebês estão bem, o casal se une, seguram a mão um do outro, trocam olhares. Encontramos aqui um exemplo de como a médica, sem saber, exerce com frequência uma função de juntar, unir, importante na transição para a parentalidade.

Chama atenção que, mais para o final da gestação, Roberto se volta quase que exclusivamente para a esposa, esquecendo até os bebês. Pensamos na mobilização que a proximidade do parto, a realidade de ter que cuidar de dois bebês, desperta no pai. Isso fica explícito na quinta ultrassonografia, quando Lúcia estava desconfortável em sua posição, e “toda a sua atenção se volta para ela, esquecendo de todos os presentes: observadora, ultrassonografista, e os bebês. Parece que Lúcia é sua única preocupação” (trinta semanas). O feto 1 está com 1510 gramas, e o feto 2, com 1481 gramas, e a mãe muito preocupada com o peso, com as batidas de pés e de bumbum que as bebês dão em seu estômago. Lúcia sente-se mal durante o exame e é orientada a virar-se para o lado esquerdo; assim, ela fica de costas para o visor, e é o marido que olha as imagens. Novamente, Lúcia fala do grande problema que seria, caso fossem trigêmeos. Tudo está andando bem, inclusive o resultado do doppler realizado nesta ultrassonografia. O pai atribui parte dessa boa evolução da gestação ao fato de Lúcia praticar muito exercício e estar mantendo a prática até agora. Refere também que na academia já tem pequenos halteres que estão esperando os bebês e que muitos se apavoram ao ver Lúcia continuar se exercitando durante a gestação. Cabe salientar que a atitude de Lúcia de “virar-se de costas” seguirá no próximo exame e se revelará, no decorrer das observações pós-nascimento, como um padrão de relação mãe-filhas-observadora.

No exame seguinte, trinta e quatro/trinta e cinco semanas, o casal pareceu já ter combinado previamente que Lúcia novamente ficaria de costas para o visor, e o marido disse: “Deixa que eu olho”. O feto 1 pesa 2137 gramas e a mãe exclama: “Pensei que era mais!”, parecendo sentir as meninas mais pesadas do que são. O feto 2 está bem embaixo da barriga, e a mãe diz: “Está nascendo!” Pesa 2250 gramas, aparecendo o coração, cabeça, barriguinha, rins, pernas, pés, bundinha. A mãe mostra-se visivelmente incomodada com a gestação, como se quisesse livrar-

se logo dos bebês.

O parto

O parto das gêmeas é marcado pela obstetra próximo à trigésima sétima semana de gestação. Por ser gemelar, é indicada uma cesariana. Roberto avisa a observadora, conforme combinado. Lúcia e Roberto chegam depois, em cima da hora, “transpirando e cansados”, pois ela havia se sentido mal e tiveram que esperar um tempo para subir as escadas. Os dois parecem não saber o que fazer, transmitindo o seu desamparo. Quando a enfermeira orienta que Lúcia entre para iniciar os primeiros procedimentos, enquanto Roberto preenche os papéis administrativos, o casal parece perturbar-se com a separação. Roberto está “assustado e atrapalhado”. Aceita ajuda da observadora para segurar a bolsa e a mala de Lúcia. Tais atitudes comunicam uma vivência de despreparo e desamparo por parte deste casal.

A indiferenciação e indiscriminação transmitidas na gestação, a dúvida se haveria espaço para dois, seguiram-se no momento do parto. Na chegada ao hospital, o pai preencheu os papéis administrativos só de uma filha, e as avós se questionavam quem sentaria no trono, pressupondo que só poderia ser uma.

Os pais de Roberto são os primeiros a chegar, poucos minutos antes do horário previsto para a cesariana. Depois de preencher a papelada necessária e já na presença dos pais, Roberto “não contém o choro”. Seus pais mostram-se afetivos e compreensivos com ele. Algum tempo depois, chegam os pais de Lúcia e uma de suas irmãs. Roberto chora muito e a mãe de Lúcia lhe fala: “Desse jeito tu vai desmaiar lá dentro, acho melhor tu não ir”. Ele, olhando para a observadora, parecendo buscar seu apoio, diz: “Mas eu quero tentar, você também vai estar lá, né?” Parece ser muito difícil, desafiador para Roberto, encontrar-se na realidade com suas filhas. Na penúltima ultrassonografia, ele aparentemente se dispôs a olhar os exames enquanto Lúcia ficava de costas para as imagens. E agora, com os bebês “de carne e osso”, que logo estariam no colo, a sua reação foi de desespero.

Já na sala de parto estão os médicos, Lúcia e a observadora. Embora a anestesista seja da família, isso não é dito claramente em nenhum momento, apenas ficando subentendido por sua fala: “Eu vou fazer igual ao que eu faço com meus outros pacientes, como se eu não fosse da família. E tu também, tudo o que tu quiser me perguntar, me dizer, também...” Após a anestesia, Lúcia deita e começa a chorar, “um choro descontrolado, semelhante ao de Roberto”. É a

anestesista que tenta acalmá-la, dizendo que está tudo bem, passando a mão em seu rosto. Aflita, Lúcia pergunta por Roberto, que ainda não está na sala, e a médica comunica que ele está conversando com o pediatra e virá em seguida. No momento em que Roberto entra na sala, os dois se abraçam e choram compulsiva e descontroladamente. A separação brusca no momento da entrada do casal na maternidade não foi vivida com tranquilidade. Além disso, um parece ter apenas o outro para dividir e se apoiar neste momento tenso que é o parto. Lúcia refere sentir-se mal, que vai vomitar e segue chorando muito.

O primeiro bebê que nasce está com circular de cordão umbilical e tem uma cor esbranquiçada. O segundo bebê nasce com dificuldade também, pois está em uma posição difícil de ser retirado do útero. Roberto chora e Lúcia pergunta se está tudo bem com as filhas e se são perfeitas. De forma hesitante e insegura, “o pai pede para tocar nos bebês”, e o pediatra permite que ele toque e pese as filhas. Roberto está chorando e trêmulo, mas consegue levá-las até a balança; parece aliviar-se por ter conseguido. Os bebês não parecem bem logo que nascem, mas em seguida começam a reagir favoravelmente. A sensação é de que não foi um parto tranquilo.

Quando Roberto volta à sala de parto, acalma Lúcia dizendo que pegou as filhas e que elas estão bem. Eles se abraçam, carinhosamente, por algum tempo e deste momento em diante Lúcia parece se tranquilizar um pouco e para de chorar. O pai segue com episódios de choro mais espaçados e menos intensos e comenta com a observadora: “Não sei o que está acontecendo comigo eu não consigo controlar a vontade de chorar”. Ele procura a observadora com o olhar, buscando certificar-se de sua presença e talvez tentando obter o amparo que também precisa. O pediatra chama o pai para ajudá-lo a trazer os bebês para a mãe ver. Enquanto o pai segura uma delas, a outra é colocada junto à mãe. A primeira está mais acordada, choraminga, e a segunda está dormindo. A mãe preocupou-se com estas diferenças, como se angustiava no período gestacional com as diferenças entre as bebês. Como veremos mais adiante, as diferenças seguirão sendo, no período pós-nascimento, motivo de angústia e preocupação permanentes para a mãe.

Também neste momento a anestesia, que é parente do casal, diz que os pais deveriam escolher agora qual das bebês seria a Daniela e qual seria a Renata. Ambos reagem ficando desconcertados. Eles não estavam prontos para nomear e diferenciar ainda as filhas. Os pais falam baixinho entre si e, então, o pai diz que precisa vê-las. A médica diz não ser possível no momento e que dará as

informações necessárias: uma é mais loirinha, parecida com a mãe, será a Daniela, e a moreninha, parecida com o pai, será a Renata.

Daniela e Renata tiveram seus nomes determinados pela anestesista, que os escolheu pelas características externas — cor da pele, dos olhos, cabelos. Nesta ocasião, Daniela seria parecida com a mãe, clara, e Renata, morena, olhos puxados como o pai. A indiscriminação levava sempre a mãe a lançar mão dos mesmos recursos externos, e não internos, para diferenciar as meninas, revelando um descompasso interno-externo.

Logo após o parto, quando Lúcia se preparava para sair da sala, pergunta para a obstetra “se poderia amamentar suas filhas”. Como o pai, a mãe pedia licença, parecendo não se autorizar a ser mãe, como se os bebês não fossem dela. A médica responde afirmativamente, colocando-se à disposição para ajudá-la e valorizando o desejo manifestado pela mãe. As duas se abraçam. Parece que ela está precisando de uma mãe nesta hora e a obstetra, sentindo isso, faz este papel, confirmando e se propondo a apoiá-la caso algo seja difícil. Lúcia não pode contar com a sua mãe, pois esta não se mostrou em nenhum momento como uma figura apoiadora. No final, quando surge na sala onde estavam seus familiares para anunciar que suas filhas “são lindas”, Lúcia estende o braço para sua própria mãe, ao que esta não corresponde, ignorando o gesto da filha, virando-se de costas e encaminhando-se em direção à saída da sala. É uma cena bastante impactante e significativa, que indica o quanto Lúcia não pode contar com a sustentação emocional de sua mãe, e ajuda a compreender a atitude de “virar-se de costas” de Lúcia — já presente desde o final da gestação — como parte de um padrão familiar de relação mãe-filha.

Os três primeiros anos de vida

A chegada da observadora no local onde reside o casal é descrita como fácil, numa rua sem saída já conhecida por ela. A família mora em um apartamento pequeno, mas confortável, no térreo de um condomínio. O ambiente é pouco descrito, mas é salientada uma atmosfera de “indiscriminação” e “falta de comunicação”.

“Toco no interfone e logo se aproximam duas pessoas e o portão se abre. Não entendo se foram estas pessoas que abriram o portão, talvez por residirem neste prédio, ou se foi Lúcia quem aciona a campainha... percebo que existem várias entradas no térreo... Me dirijo à última entrada e toco no interfone, a porta é

aberta mas não me comunico com ninguém... toco a campainha e Lúcia é quem abre a porta". É tudo estranho e confuso e é esta forma de comunicação "quem abre para quem" que se repete ao longo dos três anos de observação.

Nessa primeira visita, quando as gêmeas estavam com doze dias de vida, estão presentes Lúcia, sua mãe e as gêmeas. Na sala, a avó materna segura um dos bebês no colo, e a mãe apresenta: "Esta é... — hesitando — a Renata. A Daniela está dormindo". Segue a impressão da chegada: quem é quem?

A avó parece jeitosa aos olhos da observadora na forma de segurar Renata. Logo se dirige à observadora, destacando as diferenças que percebe entre as netas: "Esta come muito... é braba... tem que colocar em uma fração de segundos o leite na boca dela porque ela grita. A outra é bem tranquila, bem calma! Mas como as crianças têm diferenças psicológicas, não é?" A observadora responde afirmativamente. A bebê começa a mexer a cabecinha e a avó lhe dá sua mãozinha para chupar ao que a bebê corresponde. A avó no comando segue: "Olha só vai querer mamar de novo!" Ao se acomodar para amamentar, Lúcia toca nos seios e mostra-se confusa: "Nem sei mais qual tem leite, é tanta teta que eu tiro para dar de mamar que eu nem sei..."

Lúcia, insegura, solicita a presença da mãe, que faz um encaixe com a filha, opinando sobre várias coisas, criticando e dizendo o que Lúcia deve fazer. Observamos aqui uma continuidade entre o período pré-natal, o parto e o puerpério: segue a insegurança e dificuldade de Lúcia de sustentar um espaço interno para duas, aliadas à falta de espaço interno de sua própria mãe para sustentá-la.

A mãe de Lúcia vai tomando conta e segue falando, de forma intrusiva: "Sabe que a pediatra aconselhou a dar complemento para as meninas?", ao que Lúcia responde: "Giana [irmã de Lúcia] me disse que ela conhece uma mãe que tem filhas gêmeas e que deu de mamar para as duas até os quatro meses. E foi só o peito". Neste momento, sua mãe responde: "Sim, mas tem vaca leiteira que dá trinta litros e outra que dá quinze!", e em instantes depois diz: "Sabe que a Daniela pegou uma assadura (...) É que a Lúcia deu de mamar e ela fez cocô e a Lúcia não viu e ela ficou quatro horas com cocô". O tom da fala da avó é frequentemente de crítica e denota a falta de cuidado com sua filha neste momento delicado de adaptação à maternidade.

A avó convida a observadora para conhecer Daniela, que dorme no quarto. Logo comenta que elas dormem juntas no mesmo berço, conforme sugeriu para Lúcia, para facilitar. O outro berço está ocupado com fraldas e pomada. No relato,

a observadora transmite, já desde a primeira observação, a dificuldade de olhar para duas e o receio de dar mais atenção para uma do que para outra, muito presentes na mãe durante a gestação: “Quando entramos no quarto, fiquei tentada a olhar a Daniela, e não sabia como me dividir para conseguir olhar as duas. Pensei: mas eu já olhei tanto a Renata, quero também olhar a Daniela! E fiquei um pouquinho próxima do berço da Daniela que dormia tranquilamente”.

A observadora comenta que as meninas são fisicamente diferentes: Daniela lembra a mãe, tem as feições de Lúcia, e Renata lembra mais o pai, tem os olhos puxados. Apesar das diferenças, Lúcia custa a discriminar, parecendo fundi-las em uma só. Escolheu a mesma madrinha — sua irmã — para as duas filhas: “Eu acho que vai ser ela para as duas (...) nós gostamos dela e queremos ela para madrinha de nossas filhas. Não há regras para esta escolha” (doze dias). Como veremos mais adiante, passa a amamentar as filhas simultaneamente ou oferece o mesmo seio para alimentar ambas.

A fusão das duas em uma só, a dificuldade de segurar duas, o desejo de livrar-se de uma delas, já observados desde intraútero, são encenados pela avó e comunicados não verbalmente para a observadora na primeira observação. Enquanto Lúcia dorme, e quando a observadora já estava com a bolsa na mão para sair, a avó traz Daniela do quarto e pede para a observadora segurá-la: “Ela me olha com a bolsa e diz: Segura ela para mim... Pego a menina no colo e a embalo, ela chora baixinho... fico confusa, penso se esta menina era Daniela ou Renata! Tento pensar quem estava antes na sala comigo e não lembro, fico realmente em dúvida... sinto que o bebê é muito frágil, pequeno, não pesa nada. Tenho medo de deixá-la cair... em seguida Lúcia vem do quarto e diz que vai dar um pouco de seio antes do complemento.”

Após esta observação, houve uma interrupção, sem previsão de retorno, que durou quase quatro meses. Lúcia “virou-se de costas” para a observadora, repetindo um padrão familiar já conhecido. Em contato com o pai, por telefone, a observadora foi informada de que “Lúcia está muito cansada”. No retorno, repetese a chegada anterior: as portas do edifício se abrem sem haver comunicação. A mãe revela-se deprimida e queixa-se que é muito cansativo cuidar de gêmeas: “Não é fácil, eu estou há quatro meses trancada dentro de casa com as duas”. Nada mais foi falado sobre este tempo que passou, o que se revelou um padrão de comunicação que se manteve durante os três anos das visitas domiciliares. É descrito pela observadora: “A menina [permanecendo a confusão, não sabemos qual delas] está grande, tem o rosto bem redondo e os olhos são iguais aos do

Roberto, são claros. Ela olha fixamente para mim, olhar sério, e eu também a olho sorrindo... A empregada estava me olhando de canto de olho... Lúcia estava almoçando... come rápido e com vontade, e a filha também mama rápido”. Diz a mãe: “A Daniela mama de um jeito que parece que ela nunca mamou!” Lúcia faz este comentário sem dar-se conta de que está mimetizada com a filha, comendo com voracidade.

A mãe comenta sobre o aparecimento em Daniela de uma reação de golfar, que dura até aproximadamente os onze meses de vida, inspirando cuidados especiais. O sintoma de golfar parece comunicar, através de uma manifestação corporal, aspectos conflitivos da relação mãe-bebês. É feito uso de medicação, que a mãe reluta em dar por ter-lhe sido dito pelo pediatra que é uma medicação proibida. O comportamento de Daniela de golfar vai se transformando, ao longo do desenvolvimento — não na sua essência, de botar para fora — no ato de bater. Renata, por sua vez, desenvolveu um gesto de colocar o dedo polegar na sua boca para acalmar-se, ficando mais retirada. Após o desmame, passou a colocar o seu polegar na boca e o outro na boca da mãe, pai ou babá.

Lúcia pergunta se a observadora quer ver a Renata, dizendo: “Ela está na nossa cama dormindo, tu acredita que se eu coloco ela na cama dela, ela chora...” Vejo Renata dormindo, está protegida por várias almofadas, também é grande e é muito diferente da irmã. Esta é mais parecida com Lúcia e lembra também sua avó materna.” Durante os três anos de observação é frequente a descrição física das bebês na tentativa de discriminá-las, mas que resulta, seguidamente, em confusão maior.

A confusão permeia toda a família. Mais adiante, a mãe relata à observadora um episódio no qual Roberto confunde as duas meninas: “...estava chegando perto do horário do Roberto chegar e eu fui lá na frente com a Renata e coloquei uma touquinha que elas ganharam da tia, e o Roberto quando viu, estacionou súper rápido o carro e beijou bastante a filha e depois ele me perguntou: ‘E a Renata onde está...’ ele não percebeu que a Renata estava comigo e a Daniela estava aqui dentro.”

A indiferenciação e fusão das duas filhas em uma só aparece também nos cuidados oferecidos a elas. Daniela toma soro e mama em intervalos curtos em função do refluxo. Renata não precisa destes cuidados. No entanto, a observadora relata: “Daniela agora começa a chorar e Lúcia diz que já vai dar de mamar. Lúcia vai até a cozinha e traz o soro que preparou e dá uma colherada para a Daniela. Ela também oferece para a Renata, alegando que se esta não tomar ela vai ficar

com ciúmes, que tudo que uma faz a outra também tem que fazer” (cinco meses e três dias). Em outro momento, a mãe pergunta: “Para quem eu dei remédio? — dirigindo-se à babá — Não lembro mais, será que foi para a Dani?”

Lúcia comenta sobre as golfadas de Daniela, destacando as respostas musculares da filha: “É que eu estou nervosa com a Dani porque estes dias eu fui a um aniversário com o Roberto e deixei elas com a minha mãe, que ficou apavorada, porque Dani ficou toda rígida, o corpo todo duro e não parou de chorar um minuto. Eu liguei para o médico na semana passada e ele falou que quem sabe ela está percebendo alguma coisa em mim... mas eu sei que não estou tão mal, eu me conheço. Não é fácil, eu estou há quatro meses trancada dentro de casa com as duas. Eu sou deprimida e elas vão ter que saber que têm uma mãe assim...” Lúcia expressa que os bebês têm que se adaptar a ela, e não o contrário. Apesar da semelhança física com Daniela, a mãe desenvolve uma afinidade maior com Renata: “Eu não sei se a Dani não percebe que eu tenho mais afinidade com a Renata. Porque a Renata é mais forte, é mais determinada. A Dani é mais tranquila, é muito mais sensível: todas as doenças que não são doenças, são viroses que criança pequena tem, a Dani teve, e a Renata não.”

Habitualmente, a mãe amamentava as bebês juntas, e em uma observação comentou com a observadora que ela veria bem como era a função de mamar: acomodava-se no sofá colocando dois travesseiros, um de cada lado para cada uma das bebês e assim as cabecinhas das meninas ficavam próximas uma da outra e dizia: “Está bom aí, Daniela? Está bom aí, Renata?” Amamentar as duas simultaneamente parece caracterizar um tipo de relação na qual o espaço/tempo singular de cada uma das bebês com a mãe fica borrado. Este padrão de relacionamento/contato, de fusão das duas em uma só, de anulação das diferenças, repete-se ao longo das observações. Aos seis meses, um ato falho da observadora revela o quanto para Lúcia parecia ainda existir uma só bebê: “A mãe está ajeitando as almofadas para dar de mamá para as meninas, Lúcia acomoda RENATA no seio esquerdo e RENATA no direito”. Pensamos que o lapso da observadora é revelador não apenas das duas bebês mamando como se fossem uma só, mas de quanto a imagem que a mãe duplica é a de Renata, com quem diz ter mais afinidade, excluindo Daniela. Cabe lembrar aqui a encenação, na primeira observação, da exclusão de Daniela, quando a avó a entrega para a observadora, já quando esta estava para sair, com a bolsa na mão. Aos sete meses e cinco dias, Lúcia segue neste padrão de fundir os bebês em um só durante a amamentação. A observadora assim descreve: “Lúcia segue dando de mamar com

cada uma em um peito, percebendo que elas cresceram e que não cabem mais nos travesseiros”.

Antecipando a necessidade de desmamar as filhas para retomar tratamento com medicação antidepressiva, Lúcia conta para a observadora: “Ontem eu fui na psiquiatra da minha irmã. Eu não estava bem (...) Eu tomo medicação [antidepressiva] desde a adolescência. Quando eu engravidei, eu parei, mas agora eu preciso tomar (...) a psiquiatra me orientou para parar de dar de mamar para as gurias... Bah! Eu fiquei tão mal (...) parar de dar de mamar para elas agora, eu não sei como eu fico. A médica disse que eu estou muito dependente delas, que eu acho que elas são dependentes de mim, mas eu é quem preciso delas. É verdade, eu me agarrei com elas de tal forma que eu sinto raiva quando alguém pega elas...” (quatro meses e dezenove dias). Lúcia não consegue perceber suas filhas como separadas de si. Gruda-se em Daniela e Renata para garantir sua própria existência. Em uma determinada situação, Lúcia chega a explicitar seu desejo de que as meninas não crescessem, pois iriam se separar e teriam seus próprios desejos. Ela diz: “Eu não quero que elas cresçam, não quero...” (cinco meses e dez dias). Em outro momento, ela descreve sua relação com as filhas da seguinte forma: “Ah, eu não sei como vai ser quando eu começar a trabalhar. Elas são muito dependentes de mim. Não sei se é elas que são, ou se sou eu, pela carência, né? Mas é tão bom sentir isso (...) é muito bom sentir elas ligadas em mim...” (quatro meses e cinco dias).

A mãe de Lúcia a critica e insinua, em uma situação, que as netas são difíceis de confortar, questionando: “Será que elas ficam muito presas em casa (...) a Lúcia acostumou essas meninas muito mal, ela acostumou elas no peito. Eu não sei como vai ser quando ela começar a trabalhar. É um horror toda vez que esta menina [Lúcia] sai” (sete meses e cinco dias).

As observações são permeadas pela confusão em relação ao tempo. Um exemplo é o pedido de cancelamento da primeira filmagem feito por Lúcia e aceito pela observadora, que transfere a gravação para a semana seguinte. Lúcia apareceu só no final da mesma. Ao chegarem, a observadora e sua colega são recebidas pela babá, que informa que todas estão dormindo — a mãe junto com as bebês. Elas aguardam, até que cinco minutos antes do término do horário, após ouvirem um chorinho, “Lúcia aparece na sala com Daniela no colo. Fala brevemente comigo. Digo que a filmagem não poderá ser feita nesta ocasião. A mãe retira-se, entregando Daniela para a babá segurar e vai tomar banho! Vou embora deixando o recado com a babá de que a filmagem será feita em quinze dias”. Este breve

relato expressa, com muita clareza, uma comunicação sem registro das chegadas e partidas, característica do funcionamento deste ambiente. Ao mesmo tempo, uma atitude infantilizada e de desconsideração em relação ao outro, que é encenada por Lúcia, revelando inadequação e distanciamento afetivo. Pensamos em como a observadora, neste caso, é exigida ao máximo em sua função de sustentação emocional.

A filmagem é realizada na observação seguinte, com a presença de Roberto — o pai —, já que Lúcia marcou um compromisso no mesmo dia e horário. A filmagem inicia com a presença de uma única filha, mantendo o padrão do casal, de exclusão de uma delas: “Daniela está dormindo no colo do pai e Renata dorme no quarto. A filmagem é iniciada com Daniela dormindo profunda e tranquilamente, aos poucos ela desperta e passa a interagir imitando sons emitidos pelo pai — brr, brr... e acompanhando com o olhar e a cabecinha o que acontece no seu entorno. O pai argumenta que o quarto onde se encontra Renata está escuro, não sabe se irá aparecer a filmagem, então é decidido que fica para uma próxima ocasião”. A colega retorna para filmar os dez minutos que restam, aproveitando que as bebês estão juntas. Segundo relato da observadora: “Faltavam alguns minutos para finalizar a observação e Lúcia chega... ‘Oi, princesinhas da mãe, mas não sentiram a falta da mamãe! Ficaram bem enquanto a mãezinha saiu?... Eu quero saber como vocês se comportaram! Quero saber! Quer dizer que quando os ratos saem os gatos tomam conta?’ Interessante aqui a inversão do ditado. Por que Lúcia se sentia uma rata dentro de sua casa, e não uma gata? Talvez se sentisse ameaçada de ser comida pelas gatinhas. A insegurança, baixa autoestima e depressão de Lúcia permeiam suas primeiras experiências com esses bebês.

A insegurança do pai também transparece, assim como a sua falta de parceria com a mulher. Pouco antes da filmagem, Roberto diz para a observadora: “pega ela — Daniela — e vamos ver como tu te saís”. Esta fala do pai nos remete à experiência do nascimento dos bebês, que se revelou traumática para ele. Pediu permissão para tocá-las, segurá-las e chorou descontrolada e copiosamente durante o parto. Assim, o gesto do pai de entregar a filha Daniela para a observadora possivelmente expressa a necessidade ainda presente de se livrar do compromisso real de ter dois bebês nos braços. O gesto nos faz lembrar também da atitude da avó, no final da primeira observação em casa: ela também entregou Daniela para a observadora quando esta estava prestes a sair.

A difícil relação “três em um” entre a mãe e as gêmeas e a necessidade de

sustentação emocional se revelam na reação de Lúcia à passagem das observações de semanais para quinzenais e depois para mensais. Lúcia procura uma psicoterapeuta e em seguida retoma o uso de medicação antidepressiva. Assim, fica evidenciado o quanto a presença constante da observadora exerceu uma função terapêutica de sustentação para Lúcia como mãe. Quando as observações passaram a ser menos frequentes, ela as “substituiu” por uma ajuda terapêutica adequada. Esse movimento de Lúcia confirma sua fala inicial, desde as ultrassonografias, de que se sentia bem sendo “acompanhada” na sua transição para a maternidade.

Mesmo que já viesse se preparando, o desmame ocorre de forma abrupta, sem elaboração. Lúcia relata à observadora: “Eu decidi parar de dar de mamar, elas já estão com oito meses, estava na hora. É que eu tenho que voltar a tomar o antidepressivo, não é? E a médica disse que eu tinha que fazer isso por elas, porque elas estão numa fase em que elas me exigem muito. E eu não posso ficar para baixo, deprimida, eu fiz por elas! (...) Mas olha, não foi nada fácil! Eu sofri muito. Bom, passei uma noite inteira chorando, e passei muito mal um dia desses, todo o dia deitada! (...) A Daniela sentiu muito mais, ela está sofrendo muito. Tem, que ver, passou uma noite inteira chorando (...) A Renata demorou para se dar conta, só depois na segunda noite que ela estava sem mamar no peito que ela chorou” (oito meses e vinte e três dias). A separação das três parece insuportável. Daniela e Renata reagem fisicamente ao desmame. Daniela tem febre, e ambas desenvolvem um processo alérgico. As gêmeas mostram-se menos ativas, mais apáticas e mais chorosas nas observações seguintes ao desmame. Segundo Lúcia: “Elas ainda não estão bem com o desmame, tu acredita que a Daniela ontem estava passando a mão no meu seio?” (nove meses e vinte dias). A observadora relata nesta ocasião: “Tinham dois porta-retratos que estavam com as fotos viradas para a parede e Lúcia explica que estes tinham fotos delas [filhas] mamando em Lúcia, que eram estes os porta-retratos que a filha queria ver, mas que ela não poderia mais mostrar” (nove meses e vinte dias). Nota-se aqui o padrão usual de “virar-se de costas” e de magicamente fazer desaparecer, já observado desde a gestação.

Repetindo um padrão intrusivo, a notícia do desmame foi dada para a observadora pela avó, que diz ter comprado uma máquina de tirar leite para a filha. A sensação é de que a avó estava falando de uma vaca leiteira, o que remete a um comentário da avó na primeira observação em casa, quando disse, em clima de competição com a filha, que algumas vacas dão trinta litros e outras dão

quinze. Lúcia diz, mantendo o clima de competição com a mãe, evidenciado na primeira observação: “Eu já tirei horrores de leite com esta máquina”. Com este comentário parece expressar, ao mesmo tempo, satisfação em ter muito leite e o horror por ter muito leite.

Na observação de oito meses e nove dias a observadora é recebida pela babá, que diz: “Elas estão dormindo porque a Renata teve febre à noite. Eu fico assim observando o ambiente e pensando que as meninas agora já completaram oito meses e que realmente estava sendo muito difícil para esta mãe liberar as filhas para o crescimento. Penso que sexta-feira, às quinze horas, eu encontro as três dormindo, levando em consideração que já estão com oito meses...”.

Lúcia, por sua vez, entra em um período de maior depressão, ausência e isolamento após o desmame, demonstrando também sua reação à separação. Durante as observações seguintes, as três voltam a dormir muito, como no início das observações, remetendo a uma regressão. Colocou uma placa “Não toque” em sua campainha e ligou para a observadora avisando. Em uma situação posterior, Lúcia descreve que Daniela está braba, é agressiva, e retoma a dificuldade com o desmame, mencionando seu entendimento de que Daniela, ao ingressar na pré-escola, estaria “muito brava, gritando e batendo (na mãe)”, pois estaria revidando sua frustração com o desmame. Lúcia projeta as suas dificuldades de separação nas filhas, e elas correspondem, muitas vezes, mostrando-se sintonizadas com a mãe. O desmame inclusive demarca um aumento do controle e da inibição de Lúcia sobre os comportamentos exploratórios das filhas. Por exemplo, quando Daniela é colocada em um andador e afasta-se da mãe, esta reclama e ordena que a filha não vá longe. Ela está sempre entre as meninas, servindo de intermediária e dificultando a troca entre as filhas. É importante destacar que as bebês, nos primeiros meses, não apresentavam um comportamento esperado de duas irmãs gêmeas. Elas praticamente não interagiam, não se reconheciam, pareciam uma só. Lúcia é uma mãe que tem dificuldades em permitir que suas filhas se distanciem e, assim, se separem e se independizem. Em outro momento, a observadora relata: “Vejo a seguinte cena: Lúcia sentada no chão com as pernas abertas, envolvendo a Renata, que estava sentada dentro do limite estabelecido pelas pernas da mãe, e dentro deste círculo estavam os brinquedos que Lúcia selecionou para a filha. Noto que é uma exploração do ambiente limitada para Renata, cujo limite é a mãe que demarca” (oito meses e nove dias). Em outra situação, Lúcia repete a cena: “Senta no colchão e abre as pernas, de maneira a envolver este espaço em que as filhas estão, colocando alguns brinquedos próximos às meninas, Daniela rola para

um dos lados do colchão e Lúcia a pega com as mãos...” (oito meses e vinte e três dias).

Foi só por volta dos dez meses que as interações passam a ser um pouco mais frequentes entre as meninas e começou a ocorrer alguma aproximação. A observadora relata: “Observo que Renata olhou uma vez para Daniela, rápido, mas olhou para a irmã”. Essas situações são bastante escassas. Nas poucas vezes em que as gêmeas interagem, se tocando ou se olhando, elas são interpretadas da mesma forma como foram descritas nas ultrassonografias: estão brigando ou disputando algo, sendo que Daniela é apontada como a que agride, e Renata, a que sofre agressão. Por exemplo, é relatada a seguinte cena: “Daniela encosta a mão no rosto de Renata e esta começa a chorar. A babá diz que Daniela beliscou Renata. Renata chora intensamente” (dez meses e dezoito dias). Assim, Lúcia, sua mãe e as babás antecipam quase todas as interações das meninas entre si como agressão de Daniela sobre Renata, ou como disputa por objetos, ao que reagem impedindo a interação e repreendendo as meninas. Outro exemplo: “Quando Lúcia coloca Daniela de pé na cadeira, esta percebe que Renata tinha um canudinho na mão, Lúcia diz ‘não briga com a mana’, Daniela olha para o canudo da Renata e Lúcia refere ‘não pega da mana, espera que a mãe vai buscar um’ (...) Daniela tenta pegar o canudo da irmã e Lúcia diz para ela não bater na irmã. A mãe lhe dá um outro canudo”. Percebe-se que a rivalidade fraterna segue sendo um tema atribuído à relação das meninas, sem o reconhecimento, por parte dos pais, de que eles acabam provocando a rivalidade, já desde a gestação, pela dificuldade de abrir espaço para duas.

Apesar de as interações seguirem sendo interpretadas em sua maioria como brigas ou agressões, depois do primeiro ano de vida as gêmeas passam a interagir mais e de forma mais independente. Como, por exemplo: “Maria [a babá] entregou a mamadeira para Renata, Daniela sai do quarto da mãe e as duas se encontram no meio do caminho. Elas conversam, Daniela parece querer a mamadeira de chá, verbaliza ‘dá, dá, dá’. Renata com a mamadeira na mão diz ‘não, não, não’ e faz o gesto de negativo com o dedo indicador” (um ano, dois meses e dezessete dias). Neste mesmo dia, é relatado que as duas brincam de “faz de conta”: “Renata começa a fazer comidinha e tenta oferecer a Daniela. Daniela quer pegar o pratinho de Renata”.

A dificuldade materna de separação das bebês segue após o primeiro ano de vida das bebês. Quando estão com um ano e vinte e seis dias, a observadora registra no seu relato que, quando Daniela fica de pé, cai, a mãe a acolhe e diz:

“Não pode caminhar, a mãe não está pronta para vê-las caminhando”. Mais adiante: “Lúcia dá a mamadeira a elas segurando, ela própria, a mamadeira. Depois, ela oferece à Renata a mamadeira, repetindo o mesmo padrão. Logo após oferecer a mamadeira à Renata, Daniela pega a mamadeira, e Lúcia diz ‘a mãe te dá’. Lúcia retira a mamadeira da mão de Daniela e lhe oferece. Noto que Lúcia, com uma de suas mãos, segura a mão da menina, impedindo que esta consiga agarrar a mamadeira” (um ano, dois meses e quatorze dias). Assim, mesmo já tendo condições de segurar com vigor a própria mamadeira, as meninas são impedidas de fazê-lo pela mãe, que segue colocando-se como uma figura essencial para a alimentação e estimulando a dependência das filhas. Segue o padrão de uma mãe que não está preparada para as filhas que estão seguindo seu desenvolvimento rumo à independência.

Quando elas estão com aproximadamente um ano, Daniela mostra-se mais firme, mantendo o tronco ereto, diferentemente de Renata. Ainda assim, as características demonstradas pelas filhas não são suficientes para que a mãe as diferencie como duas bebês distintas. Essa indiscriminação das gêmeas também aparece por parte das empregadas que as cuidam, as quais, assim como Lúcia, impedem ou não percebem as expressões de individualidade que Daniela e Renata manifestam. Em uma situação, por exemplo, quando estavam com um ano e sete meses, a empregada chama por Renata e é Daniela quem responde, demonstrando que as duas estão se desenvolvendo em um ambiente bastante indiferenciado. Em outra situação, a observadora comenta sobre a indiferenciação dos bebês: “Penso de imediato na observação anterior e constato que Renata estava vestida com a roupa que eu encontrei Daniela na semana anterior, e Daniela estava com a blusa que Renata estava vestida também na observação anterior”.

A indiscriminação neste caso é intensa e alastra-se por vários aspectos, tanto emocionais quanto físicos. O ambiente físico da casa denuncia esta indiscriminação. A observadora descreve: “Existem grandes cestas repletas de brinquedos, são muitos brinquedos de vários tipos, há bonecas, palhaços, bonecos de inflar, que ocupam quase a totalidade da sala, estão por cima dos sofás e espalhados pelo chão. Os brinquedos são sempre dois, iguais, mudando somente a cor”. Pensamos o quanto essa descrição do ambiente, os brinquedos duplos, revelam a um só tempo a anulação da diferença e a negação da realidade por parte da mãe.

Apesar do clima de indiferenciação estabelecido na maior parte do tempo, em

alguns momentos as gêmeas são descritas de forma estigmatizada, polarizada. Assim, Daniela é descrita como a mais ativa, mais responsiva e mais agressiva, enquanto Renata é mais passiva e submissa aos desejos da mãe. Ou elas não são diferenciadas ou o são com extrema rigidez. Não há flexibilidade, nem meio termo. Daniela é descrita como “mais tinhosa” por Lúcia, que conta: “A Daniela é tinhosa, ela é capaz de dar na cabeça da Renata com esta garrafa! (...) A Daniela é terrível, ontem ela deu na Renata, também por causa de brinquedo, a Daniela vai ser horrível!” (dez meses e quatro dias).

Com um ano e seis meses, a observadora comenta que Daniela tem apresentado crises de birra, brabeza, bate na irmã, chora, enrijece o corpo, o que tem preocupado a mãe. A mãe chama de histeria este comportamento de Daniela e que o motivo é o desmame, que foi abrupto e que ela sentiu muito. Pensamos em que medida este comportamento de Daniela vem se intensificando e tem a ver com a relação dela com sua mãe. No início, ela golfava o leite, como forma de mostrar a sua insatisfação e protesto por não existir para esta mãe. A mãe quer que o pediatra receite um ansiolítico para a menina, parecendo que Daniela foi escolhida pela mãe para ser sua sucessora: a mais fraca, a doente, que necessita de medicação. Cabe salientar aqui que, ao sugerir medicação para a filha, Lúcia lança mão da forma costumeira de contenção externa usada pelas mulheres da família, em substituição à sustentação emocional.

A dificuldade de separação de Lúcia leva as filhas a reagirem à sua saída e seu afastamento. Costumeiramente, Lúcia seguia seu padrão habitual de “virar-se de costas”, saindo sem se despedir. Na observação em que as meninas estão prestes a completar um ano de vida, Lúcia precisa sair de casa e deixa as filhas aos cuidados de uma babá. Renata, então, “brinca com a caixa de guardar a mão ali dentro e de retirá-la”, o que faz a observadora refletir: “Penso na ausência de sua mãe, que esta brincadeira poderia simbolizar o afastamento sentido por Renata”. Parece que as meninas passam a elaborar através de brincadeiras do tipo fort (Freud, 1920/1969h), que simbolizam as saídas abruptas da mãe, e a suportar seus afastamentos. Isso também ocorre quando Lúcia sai de casa e “fecha a porta de forma tão delicada que não se escuta o barulho da chave. Quando Lúcia sai, Daniela aponta para a porta e diz ‘mama!’” (um ano, dois meses e dezessete dias).

Mesmo com pessoas por perto, Lúcia recebe pouco apoio real e está frequentemente desamparada. Ainda assim, ela consegue proporcionar às filhas um espaço para que se desenvolvam de forma saudável. À medida que sai da depressão, ela emerge desse longo e doloroso processo “três em um”, carregando

as marcas. As ausências e esquecimentos da observação seguiram nesse período. Na observação de dois anos, três meses e doze dias, a observadora chega junto com a mãe, que não a vê. A mãe estava carregando umas sacolas e a observadora se aproxima dela, cumprimentando. A mãe diz: “Eu estava estranhando porque tu nunca mais veio”. É impressionante o desligamento da mãe, parecendo que não houve nenhuma combinação anterior. Na penúltima observação, aos dois anos e nove meses, a mãe mais uma vez esquece a observação e, quando vê a observadora, diz: “Me esqueci completamente. Bah!”. Ela pede que nas próximas vezes seja avisada, pois esquece. Lúcia “virou-se de costas” como pôde nesse período. Pensamos nesse desligamento da mãe no final como algo autêntico, que proporcionou uma diferenciação gradativa das filhas. À medida que a mãe foi espontaneamente se retirando e aconteceu a aproximação das meninas, elas começaram a brincar muito mais uma com a outra. Apesar de um ambiente feminino indiscriminado, o desenvolvimento de Daniela e Renata seguia em frente e elas encontraram formas de se diferenciar.

A partir dos dois anos de idade das duas, suas interações se expandem. Na filmagem realizada aos dois anos e dezenove dias, a observadora fica perplexa ao encontrar as irmãs brincando em uma cabana, de forma muito natural e espontânea, e descreve: “Eu fico sentada no sofá observando a brincadeira e a espontaneidade de Daniela e Renata” (dois anos e dezenove dias). A partir do fim do segundo ano de suas vidas, tais interações passam a ser mais comuns. Outro exemplo é relatado: “Lúcia sai de casa e diz que vai estacionar o carro. Renata começa a chorar alto e forte, grita pela mãe. Daniela tem uma boneca no colo e Renata vai até a porta e grita pela mãe. Daniela vai atrás da irmã e diz algo para ela, que não entendo [comentário da observadora] e passa a sua mão no rosto de Renata” (um ano, dez meses e dezessete dias). As gêmeas não apenas interagem, como conseguem estabelecer uma relação de cuidado mútuo e de consolo em situações angustiantes como as ausências da mãe. Suas brincadeiras passam também a incluir a observadora, que descreve: “Daniela e Renata brincam de esconder comigo [observadora], elas me procuram com o olhar e sorriem quando me encontram e voltam a se esconder atrás do sofá e assim segue a brincadeira. Eu correspondo à brincadeira delas” (um ano, onze meses e quatorze dias). Em outra situação: “Renata me observa séria da sala, estava tomando seu guaraná. Renata se junta a Daniela e as duas correm até a área de serviço deste ambiente, riem ao me ver e correm até a porta da cozinha e, novamente, sorriem quando me enxergam. Eu brinco com elas, dizendo oi quando elas me encontram (...) Em um

determinado momento, Daniela bate a porta da cozinha, e depois a abre, ri quando me vê. Renata repete a atitude de Daniela verbalizando ‘vem nana’ (dois anos, três meses e doze dias). Nesta mesma ocasião, ainda: “Renata verbaliza ‘vamos Dani, vamos levar as bolas lá para o quarto’ e Daniela atende ao pedido da irmã”. Na observação seguinte, quando as gêmeas estão com dois anos e meio, a observadora relata: “Daniela e Renata caminham até o quarto dos pais, ficam algum tempo neste ambiente e retornam correndo para a sala em minha direção. Brincam que me entregam bombons e balas e me informam que há doces nas suas mãos, eu brinco que como os doces. As meninas repetem esta brincadeira inúmeras vezes”.

A manutenção do setting, a presença constante da observadora, provavelmente ajudaram no processo de diferenciação mãe-bebês. Quando as meninas estão com um ano, nove meses e quinze dias, a observadora encontra as meninas dormindo e pensa: “A minha cabeça precisa se manter ativa para não entrar em sintonia com a depressão da mãe”. Nas observações fica claro que a observadora buscava um ponto de referência para seguir se discriminando do ambiente e se pondo em movimento. Por exemplo, com um ano, nove meses e treze dias, as meninas não estão em casa e a observadora vai descrevendo os barulhos que escuta, como se buscasse algo, sons, que dessem vida ao ambiente, assim como se liga à pessoa mais constante do ambiente, a empregada Maria. Ela diz: “Novamente fico atenta a Maria, aos seus movimentos, seu serviço, também percebo que fico ligada ao som que ecoa fora de casa, ou seja, aos passos de pessoas que caminham dentro do prédio, ao barulho produzido pelas chaves, quando estas são inseridas nas fechaduras das portas e novamente ao ponteiro do relógio”.

Na última observação realizada com esta família, quando as meninas estão com três anos e quinze dias, uma cena representa o progresso de Lúcia em diferenciar as filhas e o quanto as gêmeas a estavam auxiliando e confirmando este processo: “Lúcia caminha até a cozinha, retorna deste ambiente com dois copos na mão, um amarelo e outro verde. Lúcia entrega o copo amarelo para Daniela, e Renata verbaliza que o copo amarelo é o da Daniela, e o dela é o verde [confirmando o que a mãe havia dado]. A mãe pergunta novamente qual é a cor do copo de Renata e ela responde”. Por fim, quando esta última observação está prestes a ser encerrada, a observadora relata: “Elas se aproximam de mim e entrego o presente de Renata, que era uma boneca, e depois o da Daniela, que era um conjunto de baldinho e de pás de plástico para brincar na praia. Lúcia auxilia Renata a abrir a boneca, Daniela pede ajuda para a mãe (...) Quando Lúcia percebeu que os

presentes eram diferentes, verbalizou que elas irão brincar com os dois brinquedos na praia, que tem a boneca e os baldinhos, e os dois dão para brincar na praia. Noto que ela ficou ansiosa”. O gesto da observadora de dar dois presentes diferentes parece ter tido um efeito de interpretação, provocando surpresa na mãe. Mas, como estavam fazendo nos últimos tempos, as filhas a tranquilizaram, mostrando que estavam confortáveis com a diferenciação entre si: “Renata segurou a boneca no colo e brincou com esta. Daniela brincou de escavar o piso com a sua pá. Renata afirma que quando crescer irá dirigir o carro da mãe e Daniela diz que irá dirigir o carro do pai”. Elas agora podem se diferenciar. Agora, três podem realmente ser três.

Considerações finais

O caso de Lúcia e suas gêmeas nos ensina muito sobre o desafio materno de lidar com a diferença e a ameaça de exclusão que a acompanha, assim como nos permite acompanhar o nascimento da fraternidade a partir de um esforço conjunto das irmãs gêmeas para se diferenciarem. Durante a gestação, a confusão permeia toda a família: as gêmeas são pouco visualizadas e sempre através de partes do corpo; não são diferenciadas ou lembradas em suas características físicas e de localização no útero. A mãe as vê como uma extensão de si — feto 1 e feto 2 — e não as nomeia ou discrimina. Qualquer distinção parece romper um frágil equilíbrio emocional. São um “três em um” total. Mesmo nessa confusão, as gêmeas mostram sistematicamente suas diferenças desde a primeira ultrassonografia. Elas têm ritmos e estilos próprios de movimentos, que se mostram distintos ao longo de todos os exames. Uma sempre é mais ativa, enquanto a outra, mais passiva. Essa diferença é percebida desde o início pela observadora, mas não é vista pela mãe: “Neste momento um se movimenta mais, engole líquido, aparece a coluna, o coração batendo (...) o outro bebê estava mais quietinho, parecia estar dormindo, depois se movimentou um pouco, bocejou” (treze semanas). No período gestacional, a mãe mantém a fantasia do desaparecimento intraútero de uma delas, sempre comentando que nas primeiras ultrassonografias parecia que um saco gestacional não estava se desenvolvendo. Cabe lembrar que antes de realizar o primeiro exame oferecido pelo nosso acompanhamento na pesquisa, com treze semanas de gestação, Lúcia já havia realizado quatro ultrassonografias anteriores, porque o casal não conseguia ver nada que esclarecesse o que, de fato, estava ocorrendo dentro de Lúcia e que a

deixava muito aflita. Aceitou participar da pesquisa, dizendo necessitar acompanhamento e assim poder enxergar melhor... “Será que vai dar para ver?” A forte ambivalência da mãe a fazia oscilar entre o medo de confirmar a presença de dois bebês ou de que um pudesse ter desaparecido. A sua ansiedade é comunicada de forma não verbal à ultrassonografista que, sem perceber, seguidamente iniciava o exame com o seguinte comentário: “Vamos ver se ainda são duas”. Em outros momentos, de forma incomum, ela era atingida pela confusão e dizia: “Vamos ver se estou na criança certa. Desculpa a confusão, é que às vezes a gente se perde”. A confirmação de duas meninas parece ter aumentado a confusão; o pai passou a ver as imagens com mais dificuldade e mais borradas, e a mãe, muito perdida, perguntava por partes do corpo... “elas já têm genitália? Cérebro? Tadinha, é menina...” A dificuldade de segurar duas e o desejo de fundi-las em uma só ou excluir uma delas são muito intensos, o que nos leva a pensar que a presença de duas meninas intraútero tenha aguçado o medo de exclusão da mãe, muito presente em sua história familiar. Ela cresceu em um ambiente feminino indiscriminado, coincidentemente com duas filhas, sendo ela a filha desvalorizada, excluída. Lúcia sentia-se ameaçada de repetir este padrão com as filhas. Como vimos ao longo dos três primeiros anos de vida das bebês, Daniela, por sua suposta semelhança com a mãe e por suas características próprias, acaba ocupando o lugar de quem está sendo sempre ameaçada de exclusão.

A intensidade com que foi vivenciado o parto pelo casal nos leva a pensar que encontrar-se na realidade com as filhas gêmeas os abalou profundamente, podendo-se dizer que foi uma experiência traumática para ambos. Já não podiam mais sustentar a dúvida do período gestacional, a fantasia/temor de que uma pudesse não estar se desenvolvendo. As várias ultrassonografias realizadas não foram suficientes para comprovar a existência real das meninas, que eram vistas aos pedaços. O que fazer com duas?[25] Há um choro sem fim e ambos mostram-se desamparados e despreparados, como se reagissem às várias separações e perdas inerentes ao nascimento das filhas. Eles perdem a condição de apenas filhos e irmãos e são obrigados, pela situação real, a assumir a função parental. A mãe tem que enfrentar a situação de separação das meninas, o casal também reage às inevitáveis mudanças na relação[26]. Não sabem como dar os nomes previamente escolhidos para uma ou outra e é a tia pediatra quem determina, pelas características físicas, quem é quem: a parecida com a mãe será Daniela e a parecida com o pai será a Renata. Já no primeiro encontro com as filhas, após o nascimento, a mãe, num padrão que se manterá ao longo dos três

primeiros anos de vida das meninas, segura apenas uma no colo e preocupa-se com as diferenças entre elas: uma estava acordada enquanto a outra dormia.

A primeira observação em casa foi perfeita para mostrar a tragédia da mãe: fraca, ambivalente, desacreditada e criticada pela sua própria mãe e sua irmã, num padrão intrusivo e indiscriminado do qual ela busca, de forma fragilizada, defender-se. No final da observação, a avó dramatiza a exclusão de Daniela, entregando-a para a observadora quando esta estava prestes a sair, já com a bolsa na mão. Parece encenar o desejo de livrar-se dos aspectos negativos/rechçados dela, de Lúcia, da família, e assim obter certo alívio da ansiedade, impotência e tristeza. O destino de Daniela é transformar-se na depositária do que é insuportável. Precisava ser excluída e era comum nas observações ela estar no quarto enquanto a irmã permanecia na sala[27].

A interrupção de quase quatro meses após esta primeira observação nos faz pensar na intensidade da experiência de nascimento das gêmeas para a mãe. A observadora enfrentou um grande desafio para sustentar um longo período de silêncio, falta de comunicação, sem saber o que estava acontecendo, mas querendo notícias. Em determinado momento, o pai informa que a mãe estava cansada, certamente num período de digestão dessa situação: a presença de dois bebês que ela tinha que atender. Para conseguir, ela precisava transformá-las em uma só, excluindo a ameaçadora diferença. A presença física da observadora também era uma ameaça à indiscriminação, uma cunha na relação simbiótica mãe-bebês, e por isto precisava ficar afastada das observações. A paciência da observadora, apoiada pelo grupo de supervisão, permitiu suportar esta situação e permanecer ligada emocionalmente a esta família. Apesar de sua presença ser negada pela mãe não apenas neste período, mas continuamente ao longo dos três primeiros anos das bebês[28], estabeleceu uma parceria inconsciente com a mãe e as bebês, ajudando na diluição das ansiedades e, a longo prazo, no processo de diferenciação mãe-bebês.

Na retomada das observações, a observadora sentiu um clima difícil: a longa separação sem nenhum comentário, a mãe cansada e numa cena impactante, que era rotina, amamentando as bebês simultaneamente. Ao mesmo tempo, as bebês começaram a se apresentar mais, como se a presença da observadora tivesse funcionado como um catalisador para que se diferenciassem. É muito interessante que, numa parceria inconsciente entre elas, surge simultaneamente o sintoma de golfar em Daniela, enquanto Renata começa a chupar o polegar para se acalmar e se isolar. Esses padrões permanecem até, aproximadamente, onze meses. Daniela

reagia, expulsando as projeções que tinha recebido — não existir, ser “dois em um” com a irmã, a frágil, doente, braba, agitada, precisando, segundo a mãe, de medicação ansiolítica desde bebê[29] — enquanto Renata dramatizava a fusão com a mãe e assim a acalmava um pouco.

Após o desmame, Renata seguia chupando um polegar, mas inclui outro movimento: tinha que colocar o outro dedo na boca da mãe, do pai ou da babá. Mantinha assim a sua função de pôr para dentro e pôr para dentro do outro, ligar, não romper. O golfar de Daniela se transformou em agressividade; botava para fora, batendo na irmã, na mãe e nos coleguinhas na escola, mas também em iniciativas como incluir a irmã em brincadeiras e coragem de explorar a casa e descobrir o encanto da surpresa e do novo. Renata pôde “segurar” um polegar fora da boca, ou melhor, dentro do outro sem se perder, e Daniela pôde conter dentro de si sentimentos, experiências, sem golfar, usando-as para “empurrar” o outro no processo de separação — tão truncado nesse caso —, e assim aproveitar a vida, brincar e criar. Passam a mostrar criatividade no brinquedo e nas relações, incluindo a relação com a observadora.

Foi um longo, hesitante e doloroso processo de separação mãe-bebês, em descompasso com as necessidades evolutivas delas. O que se apresentou como um padrão foi uma mãe que nunca estava preparada para enfrentar as diferentes etapas de desenvolvimento das filhas. Além disso, ao longo das observações, vai ficando claro o quanto os bebês não puderam contar, em muitas ocasiões, com a mãe, que, de forma inversa, apoiou-se nas filhas nesta transição para a maternidade.

Em diversas situações percebe-se que as filhas são colocadas na posição de auxiliar a maternagem da mãe, suprimindo suas demandas de afeto e conforto e fazendo sua continência. Isto fica claro nas muitas vezes em que Lúcia pede que as bebês, ainda pequenininhas e sem capacidade para tal[30], a abracem e a beijem, conduzindo os bracinhos das bebês ao redor de seu próprio pescoço. Por vezes, as bebês também atendem às demandas de Lúcia para que mamem e para que fiquem aninhadas junto a si, mostrando-se dependentes. Elas parecem confortar a mãe e cuidá-la porque Lúcia se sente desvalorizada e só.

Roberto, o pai, sai de cena no pós-nascimento, o que favorece a intensificação da relação de dependência da mãe com as duas filhas, do tipo “três em um”. É inevitável que as três, durante um tempo, sejam uma só. Muitas das manifestações espontâneas das bebês são tolhidas e inibidas por Lúcia e as filhas acabam se moldando às necessidades maternas. Quando uma das filhas demonstra

comportamentos de autonomia ou independência, a mãe os inibe e rejeita. Um exemplo é quando Renata busca consolo, como o faz frequentemente, colocando seu dedo na boca, e Lúcia a repreende, por entender que é uma rejeição e substituição do seio, dizendo para a filha: “Não dá para mamar com o dedo na boca! Tira esse dedo da boca. Tu não quer mais o mamá da mãe?...” (cinco meses e três dias).

Houve um prolongamento do processo de separação e um desenvolvimento tardio das meninas rumo à independência, atendendo às necessidades da mãe. Esta opta por atitudes que criam um abismo entre a dependência e uma maior independência das bebês, evitando de todas as formas a diferenciação. Engatinhar, ficar em pé, caminhar, desmamar são transições difíceis para Lúcia, que vive um grau de ambivalência, desamparo e abandono insuportáveis. Pensamos que a intensidade das necessidades e projeções da mãe invadiram a observadora de tal forma que esta ficou, em alguns momentos, confundida/identificada com Lúcia, que não pode ver nem descrever a presença de passos ricos e decisivos no desenvolvimento das meninas.

O ambiente encena a confusão e a falta de discriminação. As gêmeas dormiram num único berço por um bom tempo, por sugestão da avó materna. Este é mais um padrão que persiste ao longo das observações, sendo o berço substituído por um colchão de casal onde as meninas passam a dormir. Elas não possuíam roupas próprias, as quais eram usadas por elas de forma indiscriminada, assim como os remédios[31]. Os nomes eram frequentemente trocados. Os brinquedos eram todos duplicados, variando, às vezes, a cor. A mesma madrinha foi escolhida para ambas — a irmã de Lúcia. Elas custam a nascer e a se distinguir.

Além desse padrão de confundir, não discriminar, a observadora acompanhou e, especialmente, vivenciou, na relação com a mãe, o padrão familiar de “virar-se de costas”[32]. Lúcia dramatiza feito criança: sem coragem de assumir, ela foge, some, esquece mais ainda os dias de observação. Através de identificações projetivas maciças, comunica à observadora e às meninas suas angústias e seus dramas com as separações, assim como sua necessidade de se livrar deles. Podemos assim pensar na função dos mecanismos de defesa para as mães nesse período: atenuar o medo do desconhecido, a separação e aliviar angústias.

Esse jeito descrito da mãe de ligar/desligar, confundir/sumir não favorece a diferenciação, processo no qual ela própria ficou retida em seu desenvolvimento. As descontinuidades e falta de comunicação eram intensamente vividas pelas bebês e a observadora. Nas chegadas à casa da família, as portas do prédio se

abriam, sem comunicação. Em vários momentos, a mãe chegava quase no final ou se esquecia da observação. Quando as bebês estavam maiorzinhas, passou a sair de casa escondida ou sem nenhum aviso — desaparecia. O desmame foi abrupto e descompassado. O período pós-desmame foi uma revivência dramática da separação e da depressão da mãe como nos primeiros quatro meses das meninas. A observadora deparou com uma advertência na campainha — “Não toque” —, que lembrou o período inicial em que a mãe a manteve afastada das observações. Por um certo tempo, a observadora teve que esperar pela mãe e as bebês que dormiam, numa casa vazia, silenciosa e sem comunicação.

Nesse ambiente, a observadora ficava sozinha e descreve com muita clareza como buscava alguma referência, sejam ruídos ou a presença contínua da empregada para se manter lúcida, discriminada. Ao sustentar-se, diferenciar-se da confusão do ambiente e manter a sua função e o setting da observação, pôde ser usada pela mãe e as bebês. Segurava a ausência da mãe com a sua presença. Era provedora de tempo e espaço. Identificou-se empaticamente com as bebês, que necessitaram fazer muito esforço conjunto para encontrarem cada uma o seu contorno/lugar, pois a mãe borrava continuamente as diferenças e singularidades.

Foi encantador acompanhar o desenvolvimento dessa relação fraterna. Daniela e Renata formaram uma parceria que facilitou a separação da mãe, ao mesmo tempo em que representou uma solução para seguirem na sua trajetória de desenvolvimento rumo à independência. As meninas precisaram, de fato, fazer um grande esforço para sair da proposta simbiótica da mãe que vivenciava esta trajetória como inviável. Uma ajudava a outra, complementando forças, funções, separação e crescimento.

A interação entre as meninas, desde bebês, era sentida com desespero pela mãe, uma ameaça de ser excluída do trio. Daí ela impedir o contato entre elas. Colocava-se no meio delas sistematicamente, intermediando tudo, desde a amamentação simultânea das duas, depois com as mamadeiras, não as dando para as meninas segurarem sozinhas, mesmo elas já tendo total capacidade para fazê-lo. O mesmo acontece com o brincar e o dormir[33]. Por outro lado, virava-se de costas, com a função de cortar, sair de cena, não ver as meninas juntas, individualizadas: “Não vendo, não sofro” e elas também são penalizadas com a vivência de abandono e solidão. Aos poucos elas passam a se observar, interagir, brincar, se consolar, apoiar, simbolizar, expandir suas relações com a babá, a observadora, a escolinha e claramente se discriminarem. “O relógio da casa passou a andar”[34], elas cresceram mesmo que a mãe não visse, não aprovasse.

A observadora soube esperar e acompanhar a evolução natural das gêmeas rumo à independência. No momento certo, já ao final do terceiro ano de vida das bebês, encontra espaço para expressar o seu sentimento de que elas tinham finalmente alcançado uma maior diferenciação, sem que isso fosse uma ameaça para elas. Ao despedir-se, entrega um presente diferente para cada uma, sob o olhar da mãe, ainda claramente ameaçado pela diferença. Esta mostra-se visivelmente desconfortável. Mas Daniela e Renata tentam tranquilizar a mãe, brincando cada qual com o seu brinquedo. Renata diz que quando crescer vai dirigir o carro da mãe e Daniela vai dirigir o carro do pai.

A história de Daniela e Renata nos faz pensar na força da natureza humana e da tendência à integração e ao amadurecimento. A confusão em relação ao tempo permeou todo trabalho de observação dessa família. Durante a gravidez, Lúcia não conseguia localizar o tempo gestacional e não se lembrava de levar os exames anteriores. Nas observações pós-nascimento, não percebia o crescimento das filhas, esquecia-se de praticamente todas as observações, tinha dificuldades de lidar com a passagem do tempo, marcava compromissos simultâneos. Mas cada uma das meninas vai tentando elaborar/criar a ponte união-separação, à medida que as brincadeiras, especialmente de esconde-esconde, em diferentes versões, vão tomando conta da cena. Os bebês nos ensinam que o amadurecimento não é apenas uma tendência natural, mas também uma conquista. Ensinam também que não se pode prever as soluções que cada um venha a encontrar. Daniela e Renata se ajudaram a encontrar soluções para os problemas surgidos na vida diária delas, a achar formas de se consolarem mutuamente, ao mesmo tempo em que iam expandindo o brincar. Acompanhar o desabrochar da relação entre as irmãs nos ensina a valorizar a importância do núcleo fraterno no desenvolvimento humano.

Tânia e a filha Julie: a recuperação criativa de descontinuidades num espaço artesanal de proteção, cuidados e crescimento mútuo

A gestação

A história de Julie foi acompanhada através da observação de seis ultrassonografias mensais, da décima quarta à trigésima quarta semana de gestação, uma observação do parto e quarenta e sete observações domiciliares, até seus três anos de vida.

A observadora chega à clínica “antecipadamente” para o primeiro exame e fica sabendo que o casal já havia chegado. É interessante que a sensação de antecipação e de urgência presentes já no primeiro exame permanecem como um padrão ao longo da gestação, surpreendendo a observadora, que, às vezes, fica confusa e intimada a agir — marcar datas, trocar telefones, fazer combinações — e também a ultrassonografista, chamada a responder a questões obscuras e ambíguas, de vida-morte, colocadas pelos pais.

A primeira impressão que o casal Carlos, vinte e sete anos, e Tânia, vinte e seis anos, despertou na observadora foi uma estranha sensação de superficialidade, de “fachada”; agradável, mas que provocava espanto. O contato telefônico anterior tinha sido afável, deixando a observadora ansiosa por conhecê-los, disponível e mais estimulada a participar da pesquisa. Estão sorridentes, têm uma aparência frágil, “quase assustada”. Durante o exame, ficam perplexos com os movimentos do feto, como se fosse algo inusitado. Cada informação prestada pela ultrassonografista motivava olhares e sorrisos entre eles, interrogações, como se algo misterioso pudesse ser revelado — uma conduta um pouco teatral que parecia ocultar medo, preocupações.

Ambos estavam bastante ansiosos, inseguros e, ao mesmo tempo, pareciam

alegres e sorridentes. Nada era claro, na verdade tudo estranho, no dizer da observadora, que não conseguia discriminar se os sentimentos eram de alegria/tristeza, satisfação/frustração, certeza/dúvida.

A reação e o diálogo do casal diante da primeira imagem é confusa.

“Aparece no monitor a imagem do feto, rapidamente o olhar do casal se ilumina, mostram-se meio eufóricos:

Mãe: Olha ali, bem!

Pai sorri e diz: Bem que se mexe!

Mãe: Tá se mexendo, bem, olha só.

Pai: Eu sei.”

Mostram-se aflitos, atordoados, quase bravos diante da imagem, como se tivessem algo preso na garganta e se perguntassem: ele está aí? Não? Está vivo? Se mexe? Está morto? Não se mexe? Muitas coisas são ditas neste curto diálogo, forte e expressivo, e outras tantas que são omitidas. É uma fala truncada, assustada. Mostram-se deslumbrados e surpresos, parecem nunca ter visto algo tão mágico. Tânia tem dificuldade de enxergar, ainda está confuso o dentro-fora, e diz: “Já pensou daqui um tempo ele fazendo essa posição aqui dentro”?, apontando para a sua barriga. Ela falava como se o feto não estivesse ainda dentro do seu útero. Da mesma forma, comenta sobre a “pele fininha” que envolve a sua barriga e os órgãos do bebê, misturando-se com o feto. Transparece uma fragilidade e muito medo de não sustentar esta gestação. A ultrassonografista capta a ansiedade dos pais, comunicada de forma não verbal, e tenta aliviá-los, explicando o exame e discriminando as imagens do coração, da coluna, do tamanho da cabeça. Mostra-se muito paciente, compreendendo e respeitando o ritmo do casal. Para ter realmente a certeza de que a vida pulsa dentro do ventre, além de ver o bebê no monitor e de ouvi-lo é necessário tocá-lo. Carlos diz: “Eu consigo ouvir a pulsação do coração só colocando a mão na barriga da Tânia ou colocando o ouvido, é impressionante”.

Apesar de a observadora ter iniciado o trabalho muito motivada, no decorrer do exame, escreve: “Sinto-me de fora, atrapalhada, com dificuldade de entrar, apesar da minha disponibilidade”. É oferecida a possibilidade de confirmar o sexo do bebê, o que é imediatamente aceito pelo casal. A mãe diz: “É até porque o papai aqui diz que é um menino. Já tem até nome. Olha o pé, a cabeça grande, puxou o pai. A tia Beatriz, a obstetra, disse que ele era grande e vocês nem sabem: nasceu com dois dentes!”, apontando para o marido. Todos riem, o ambiente ficou bem descontraído e a mãe segue: “Pobre da mãe dele para amamentar, imagina, com

dente!”

Depois de um tempo, a médica diz que acha que é uma menina, mas é só um palpite porque ainda é muito difícil ver com clareza. Ficam dúvidas a serem esclarecidas na próxima ultrassonografia.

No momento de confirmar a participação do casal na pesquisa eles mostraram-se muito animados, enfatizando a necessidade de serem acompanhados, compreendidos e auxiliados nesta gestação. A partir desse momento, relatam com muita emoção uma experiência bastante traumática vivenciada pela mãe, como acompanhante de uma parturiente. A mãe destaca o pavor sentido pela rapidez com que tudo aconteceu: “Eu já acompanhei uma pessoa para ganhar bebê e fiquei apavorada. Fomos ao hospital, depois nos mandaram para um outro. Lá chegando arrebentou a bolsa e, em seguida, ganhou. Ouvi todos os gritos, foi um horror!” Seguem latentes muitos medos da vida que cresce rapidamente dentro do seu ventre e do feto que pode não se desenvolver; estes medos tocam a superfície e revelam a ambivalência do casal. Este deseja o bebê, mas não se julga capaz de gestá-lo e mantê-lo.

O pai sempre esteve presente e, conforme o tempo passava, aproximava-se cada vez mais da esposa e do monitor. A comunicação que se estabeleceu entre ele e a mulher não facilitou que dados da história desse casal circulassem, permanecendo cerrados numa troca confusa e quase em código, criada por eles.

A observadora, envolvida nesse turbilhão de sentimentos, estranhou que já no primeiro exame, numa sequência rápida de falas, apressou-se, colocando para o casal o assunto do parto, hospital, combinando detalhes com o pai sobre como ela seria avisada, números de telefone, “para que não houvesse problemas em caso de alguma urgência”, como se tudo fosse acontecer em seguida.

Na segunda ultrassonografia, o desejo de ver e saber acerca do sexo, por parte do casal, foi bastante intenso e, segundo eles, esta confirmação era muito esperada por parte dos familiares. A mãe diz: “É, filha, todo mundo quer saber. A mãe já vai comprar roupinha bem definida”. O pai comenta: “Tá escondendo o jogo”, e a mãe responde: “Vira e mostra a perereca, filha”.

Como o feto se movimentava muito ficou difícil confirmar o sexo, o que deixou o casal muito tenso, mas deu para ver como ele cresceu. A médica diz que o bebê está com 241 gramas e a mãe: “Como cresceu! Engordou! Mas na outra estava com 120 gramas!” A expressão da mãe era sempre ambígua a este respeito: ora entusiasmava-se, parecia algo bom o aumento de peso, ora transmitia aflição como algo ruim. É interessante como os presentes demonstravam satisfação

vendo o feto engolir, abrir e fechar as mãozinhas, e até respondiam abanando para ele. A mãe, tensa, pergunta: “Por que quando bem pequeno, na barriga, ele pode engolir e no final, não?” A médica, como sempre, percebendo a ansiedade dos pais, explica todas as questões colocadas e diz que o feto engole até o final da gestação. A observadora descreve que, neste momento, teve uma sensação de que o feto podia morrer se não engolissem líquido, e o pai, simultaneamente, coloca o assunto sobre o parto, questionando se só a observadora irá assistir ou se a ultrassonografista também, como se o nascimento fosse ocorrer a qualquer momento. Ela responde que certamente estará no parto e retoma todas as combinações, afirmando que fará contato com a obstetra. Compreendendo a necessidade dos pais, a médica, quando termina o exame, dispensa a observadora e segue um pouco mais na tentativa de ver o sexo do feto que se confirma ser uma menina.

No exame seguinte — vinte e duas semanas — aparece o feto no visor e os pais ficam “vidrados”, olhando e comentando com satisfação a escolha do nome — Julie — justamente quando ela se mexe, confirmando assim que está viva. Tânia sorri, num misto de alegria e pavor, e comenta, dirigindo-se à ultrassonografista: “Que coisa maravilhosa é a tua profissão, poder dar a vida...” Tânia aparenta ter se destituído da competência de procriar; ela não percebe seu papel fundamental na manutenção desta vida que se desenvolve dentro do seu ventre. Sua capacidade é projetada na ultrassonografista. A observadora se descreve neste exame como paralisada, meio embotada, necessitando perguntar aos pais se o nome ficou mesmo definido. Eles confirmam. Julie segue sendo mostrada aos pais — os rins, o cérebro — e aparece a imagem do coração pulsando. A mãe pergunta se é mesmo o coração. Com a resposta afirmativa, ela fica emocionada. Quando são feitas as medidas do feto, a mãe pergunta o peso — 487 gramas. Ela fica impressionada e preocupada, dizendo: “Mas já está o dobro, como ela cresceu, que incrível! Só quero ver como vai sair daí”. O crescimento do bebê intraútero alivia, mas também preocupa a mãe. Ela transmite um pavor que o feto pare de crescer e morra e, ao mesmo tempo, uma expectativa de que nasça rapidamente para sobreviver. Ela está sempre ameaçada e desconfiada de que esse ambiente intrauterino não seja confiável, não assegure um bom desenvolvimento para o bebê. Essa mistura de sentimentos, medos e confusões cria uma preocupação constante de que alguma coisa possa não dar certo e que o bebê venha a morrer.

No quarto exame, Carlos está bem próximo a Tânia, que diz: “Ah, filha, se tu soubesse como todo mundo está louco para te ver aqui, ninguém vê a hora!” E a

médica diz: “É, mas por enquanto fica mais um pouco aí Julie, é muito cedo”. Todos riem, e a mãe pergunta: “Como eles podem engolir, né?”

Médica: O que tu andaste comendo hoje?

Mãe: Agora há pouco um sorvete. Ela deve ter ficado braba comigo, fiquei horas sem comer hoje de manhã para fazer um exame com a obstetra.

Médica: Então ela está tomando um shake.

Mãe: Ela sente o gosto pelo líquido ou pelo cordão?

A médica explica que ela sente o gosto pelo líquido que engole, mas o alimento vai pelo cordão.”

A curiosidade e o medo com o crescimento do feto são aspectos significativos neste casal, que se mantém preocupado com o peso, comprimento e tamanho do feto, repetindo um padrão de reação diante das informações obtidas: orgulho e satisfação com o crescimento e também muita ansiedade que esta evolução possa se interromper a qualquer hora.

No exame seguinte, Julie está se movimentando muito e, como diz a mãe, “é uma danada que não para, chuta, vai de um lado para outro na barriga”. Se ela para, o pai “fica cutucando ela sem parar”. Como sempre, a mãe quer saber o peso — 1230 gramas —, que a observadora escreve em quilos, e o comprimento — 31 centímetros. Tânia diz: “Tu tá crescendo, filha”, mostrando-se assustada com a imagem do feto. Pouco depois, quando a observadora retoma algumas combinações da pesquisa, que eles aceitam sem questionamentos, os pais solicitam colocar na documentação o nome Julie, o que foi feito.

Com trinta e uma semanas de gestação, Julie está com 37 centímetros e pesa 1908 gramas, que a observadora novamente escreve 1908 quilos. Ela já está maior, agora só dá para vê-la por partes, não mais uma imagem inteira de uma vez. O feto aparece bem, todos os seus órgãos, coluna vertebral, os genitais ficam muito nítidos. Mexe-se bastante. Mercedes aumenta o volume das batidas do coração. Todos ficam em silêncio. Julie tem espaço. O pai, em seguida, comenta que ela “está embaixo, encaixada”, pedindo uma explicação sobre a ameaça de iniciar o trabalho de parto.

No final deste exame, a observadora refere como engraçadas umas imagens de Julie mexendo com os pezinhos: “Abre os dedinhos, mexe para cima e para baixo, como se abanasse”. Todos os presentes riram muito, pareciam despedir-se desta etapa intraútero. A médica aponta o edema dos pés da mãe, reforçando que ela deve procurar a sua ginecologista. O pai quer marcar a data do próximo exame, e a mãe diz: “Será que vai ser a última eco?” e, apontando com o dedo indicador na

minha direção, diz, num tom de intimação: “Pronta para assistir o parto?” A observadora, surpresa, diz: “Sim, estou pronta” e, olhando para o pai, relembra que ele está encarregado de avisá-la, a qualquer dia e hora. Ele ri, concorda, e a observadora continua: “Pretendo estar com uma hora de antecedência. Vou fazer contato com a obstetra, com o hospital, previamente”. E ele continua: “Ah! Tem a fita, nós queremos também a filmagem!”.

Na ultrassonografia seguinte, nas trinta e quatro semanas de gestação, a observadora chega junto com a mãe na clínica e escreve: “Quase não a reconheço de tão edemaciada”. Está em anasarca. Quando me vê me dá um forte abraço. É feito um doppler, e a observadora descreve o mal-estar que teve durante o exame: sentia muito calor com suores profusos, falta de ar e formigamentos. O médico pergunta para a mãe se o bebê tinha se mexido pela manhã. Ela responde que não muito. Carlos pergunta se está tudo bem. O médico responde que a circulação está bem, mas tem pouco líquido amniótico, quase desapareceu. A observadora sente-se mal, pressionada por um silêncio pesado e percebe um profundo desapontamento da mãe. Esta foi encaminhada a sua obstetra que, informada dos exames realizados, orientou a internação de Tânia para encaminhar o parto.

O parto prematuro: “fazer o quê”

Depois da avaliação com a obstetra, Tânia liga para a observadora, dizendo que está indo para o hospital. Esta refere que já está no hospital, aguardando por ela. Tânia fica muda e depois diz: “Não acredito! É mesmo? Tu tá aí?”, e a observadora explica que tinha que tomar algumas providências para a filmagem e para assistir o parto. Tânia já sabe que fará cesariana porque não tem mais líquido amniótico.

Angustiado diante do que estava por vir, a observadora descreve a trajetória que percorreu no hospital para resolver a parte administrativa e, assim, acompanhar o nascimento de Julie. Como no período gestacional, ela sentia-se com toda carga de ansiedade. Talvez Tânia estivesse mais preparada para este momento do que ela mesma pudesse se dar conta. Tranquila, até ajudou a observadora, que, ansiosa, esqueceu a sua bolsa na cadeira da admissão do hospital.

A mãe, deitada, diz: “Ela tem personalidade, tem que ser como ela quer.... Fazer o quê! A dona Julie não quer mais ficar aqui dentro... o que eu me preocupo é que ela é tão pequenininha...” Cabe destacar aqui a expressão “fazer o quê” usada pela mãe neste momento de quebra de continuidade na relação mãe-bebê. Como veremos ao longo dos três primeiros anos de vida de Julie, esta expressão indica o

modo como Tânia enfrenta a realidade, sem drama e com determinação na busca de uma solução. A observadora pergunta sobre a filmagem do parto, e eles dizem não querer mais. O pai diz: “É que vai ser cesariana... ela vem antes do tempo”, e a mãe complementa: “É que eu não trouxe roupa, o armário e o berço não ficaram prontos, também, ela se adiantou”. Enquanto Tânia está sendo preparada, outras pessoas saem da sala de parto, ficando a obstetra, que olha para a observadora e dispara: “É, não adianta, é a natureza quem decide, eles devem ter te contado que tiveram um aborto e que um mês depois ela engravidou. Se o outro bebê não tivesse abortado, completaria nove meses agora e estaria nascendo”. A observadora fica impactada, chocada. Revelou-se, de chofre, o motivo da apreensão, da ansiedade e insegurança presentes durante toda esta gestação: Julie se desenvolvia “em cima” de um feto morto; o casal sentia-se apossado por este fantasma que, a qualquer momento, poderia reaparecer. O útero onde Julie crescia era assombrado, perigoso. E agora os pais se encontram com este bebê estranho que, havia poucas horas, fora diagnosticado com um sério risco de vida, precisando ser retirado cirurgicamente do ventre materno. O casal fica sério, constrangido, e a mãe continua olhando o monitor: “Acho que esse aparelho é louco, toda hora muda de números. Ela chegou a 240 batimentos por minuto”. Tânia segue tranquila e, olhando o marido, ri e fala: “Tu está bonitinho de médico”, e ele, rindo, diz: “Trabalho no plantão médico”. Rimos. Ela fica pensativa: “Só saio daqui com ela no colo. Essa história de deixar ela aqui e eu ir pra casa, nem pensar!” O casal mostra-se unido, pronto para este nascimento dentro e fora do tempo.

No momento em que tiraram Julie, a anestesista levantou um pouquinho a mãe para ela ver a bebê, que nasceu com 2305 gramas e 43,5 centímetros, uma cor escura e apgar 5/9. O pediatra pegou Julie e aproximou-a rapidamente para a mãe vê-la melhor. Esta chorou, tocou no narizinho e disse: “Tão te judiando filha! Não judia dela, tia”.

A enfermeira colocou uma toquinha bege com um lacinho vermelho em Julie: “Eu vi que era bonitinha, redondinha, mignon”. Enrolou-a, levou-a novamente para Tânia ver e rapidamente para a UTI neonatal, onde permaneceu por uma semana. A observadora voltou-se para Tânia, despediu-se, agradeceu pela possibilidade da observação e disse que ligaria no dia seguinte. Tudo estava bem, dando certo. O casal agradeceu e disse que o celular estaria ligado. Tânia pediu que a observadora desse as notícias para os familiares que estavam aguardando. Ao relatar, a observadora novamente se enganou, dizendo que Julie pesou 3305

quilos. Como se deu conta, logo justificou que ela via o bebê como uma menina grande e forte, por isso aumentava tanto seu peso. Todos riram. A experiência foi tão intensa para a observadora que esta sentiu-se perdida no tempo e espaço quando saiu do hospital. As situações vividas pareciam adquirir uma outra dimensão: “Pensei e lembrei que já havia sentido que este parto estava por acontecer. Mas me preparar para isso tudo realmente não deu tempo. Precisei dar tchau e a minha partida não estava a termo. Faz parte da vida, eu sei. Pensei primeiramente que não havíamos chegado até o final da gestação. Depois pensei: o final da gestação é até onde ela vai, e nós acompanhamos até o final”.

Desde o período gestacional até o parto, acompanhamos os descompassos entre Tânia e Julie, que precisou nascer antes do tempo. No nascimento houve uma quebra maior no ritmo mãe-bebê devido à pré-eclâmpsia, prematuridade, ameaça de morte — que provocaram um enorme desafio a esta dupla na manutenção da sobrevivência e continuidade de ser, condição básica para o desenvolvimento humano.

Os primeiros quatro meses: o setting materno em construção

Após o nascimento, Julie ficou sete dias hospitalizada na UTI. A observadora desta etapa faz sua primeira visita no hospital, quando encontra o pai, muito simpático, que lhe indica o número do quarto. Fica surpresa porque não tem o nome de Julie na porta, e sim o nome de um menino. Entrando, vê uma mãe, com seu marido e o bebê, e Tânia cercada de visitas ao redor de sua cama. A empatia entre as duas é imediata e a observadora sente-se muito bem recebida. Esta oferece um presente para a bebê, que é também muito bem recebido pela mãe. Diz que o colocará na incubadora da filha, pois esta não tem nenhum brinquedo com ela.

Alguns dias depois, ela telefona para os pais. O pai parece nervoso, mas a mãe atende com uma voz radiante, feliz, dizendo estar levando Julie para casa. É destacada no relato a vida que a mãe refere carregar em seus braços, despertando na observadora uma sensação muito diferente da incerteza, fragilidade e ambiguidade transmitidas. A observadora percebe uma mudança marcante em Tânia, como se os fantasmas da morte, as ameaças, as incompetências tivessem ficado para trás; a mãe transmite alegria, segurança, está disposta a investir no bebê e dar continuidade ao processo de tornar-se mãe. Como se expressasse estar confiante, agora com a bebê nos braços, diferentemente de quando estava no seu

espaço intrauterino. Três semanas após, é feito novo contato com os pais e é combinada a data do início da observação na casa da família.

Nos contatos telefônicos e nas primeiras observações em casa, vai ficando claro o quanto Tânia entra em estado de preocupação materna primária, disponível para viver uma relação “dois em um”, uma experiência de mutualidade, atendendo às necessidades da bebê. Nessa condição, oferece um setting no qual a constituição de Julie e suas tendências evolutivas podem se revelar, garantindo o seu continuar a ser, interrompido temporariamente pelo seu nascimento prematuro.

Ao se dirigir para a casa de Julie, a observadora acha que o caminho que está fazendo é familiar e, ao mesmo tempo, sente-se perdida. Neste trajeto encontra uma senhora, que se mostra muito invasiva e que conhece a família de Carlos e Tânia. Ela fala muito, destacando a fragilidade e a pequenez de Julie: “A bebê nem parece que chora, é um chorinho fraquiiiiinho”.

Para chegar à casa de Tânia, é necessário atravessar um pátio, passar pela casa da sogra e por vários cachorros ferozes, de diferentes raças. Tânia mora em “uma casa pré-fabricada, muito bonita, parecida com a da sogra, ambas pintadas com cor escura”. A casa estava na penumbra: uma casa-útero que seguia gestando. Dentro de casa, é tudo muito limpo. O berço de Julie é lindo, cheiroso, arrumado, mas ela ainda não ocupa este espaço. Além dos cães, tem dois gatos: o branquinho, que pertence à avó paterna, e o pretinho, que é do casal.

O ritual com os cachorros acontece em todas as visitas domiciliares: a observadora se anuncia no portão e alguém, muitas vezes a sogra, sai e prende todos os cachorros. Quando a observadora entra na casa de Julie, eles são todos soltos e, no final, são presos novamente para que a observadora possa sair. Esta se assusta e, muitas vezes, pensa que, de um momento para o outro, um deles vai conseguir saltar o portão e atacá-la. Por vezes, a avó paterna faz muita gritaria e age com violência para prendê-los: “Agora vocês vão ver, vamos Laika, desce, desce”. E lá vai cintada: “Seus bosta! Seus merda!” É cintada pra lá, cintada pra cá. Esta avó não mede suas palavras e suas atitudes, é de faca na bota. A observadora diz que “ela não tem papas na língua, se tiver que falar, fala e se tiver que brigar, também”. Ela é muito presente na família de Julie e sempre com uma maneira invasiva, inadequada de falar e agir. Ao mesmo tempo em que a avó se enfurece com os cães, recebe a observadora com beijinhos, recomendando que se cuide porque há limo no chão. Esta avó indaga a observadora sobre diagnósticos, transtornos de humor, bipolaridade. Questiona, também, com frequência, as

atitudes dos pais e professores da escola onde leciona, levando o assunto para julgamento e posicionamento da observadora. Às vezes, é insistente e difícil de manejar, mas a observadora, de forma calma e segura, sustenta a sua função. No decorrer dos três anos, esta avó modifica bastante a sua relação com a família de Julie, conforme aparecerá na evolução dos relatos.

A primeira observação é combinada surpreendentemente para o dia que fora marcado o nascimento de Julie. Nesses quarenta e quatro dias, ela cresceu sete centímetros e engordou um quilo. Está amarelinha e parece incomodada; chora, se contorce e fica vermelha. A mãe lamenta que ela sofreu muito e que era muito “pequeniiiiiiiiiiha”. Refere a irritação da filha nos primeiros dias de hospitalização: “Ela arrancava tudo, parecia que tinha raiva, não parava nada. Segurava com tanta força que arrancava dos bracinhos e pezinhos o acesso venoso, por isto usaram as veias da cabecinha. Ela sofreu tanto, tadinha, levou tanta espetada, foram três em cada pé, três em cada mão e na cabeça”.

O quarto de Julie é descrito como cheio de brinquedos e muitos bichos de pelúcia. Quando chegam ao quarto, Julie estava chorando. Tânia entrega a filha para a observadora, sem hesitar, e sai. Neste momento, a mãe também se joga nos braços da observadora, que se tornou uma figura importante para ela e para a relação com seu bebê, dando sustentação na transição para a maternidade, ajudando a tricotar um espaço de proteção e aconchego para ambas, rompido com a pré-eclâmpsia da mãe e o nascimento prematuro de Julie. Diferentemente da relação com a observadora da primeira etapa, colocada do lado de fora e intimada a agir, numa comunicação silenciosa, a segunda observadora foi rapidamente acolhida dentro de casa. De imediato, instala-se uma relação de muita sincronia, respeito e confiança entre as duas. A observadora sente na pele a dificuldade da mãe de segurar nos braços aquele bebê totalmente estranho e frágil: “Tânia sorri e sai dizendo que vai soltar os cachorros. Fico sozinha com a bebê. Tento acomodá-la o melhor possível em meus braços que parecem tão desajeitados para segurá-la. Consigo chegar a uma posição mais confortável para ela e para mim, com meu braço esquerdo sustentando a bundinha, e com o direito as costas e a cabecinha, colocando-a de frente para mim. Percebo que sua cor é amarelada, falta cabelo no lado direito da cabecinha e seus olhos me lembram os portadores de síndrome de Down. Talvez sejam marcas da prematuridade”. Quando a mãe dá de mamar, a observadora fala baixinho, e Tânia lhe diz: “Julie tem que se acostumar com a rotina da casa”. Assim, ela nomeia uma situação que atinge a todos: a difícil tarefa de conhecer, acostumar-se e adaptar-se

às surpresas provocadas pela presença de Julie, as relações que se desenvolvem entre ela e a família e desta com a bebê e também como será a convivência com a observadora.

Ao relatar a mamada do bebê, a observadora engana-se e escreve: “Julie fala durante as mamadas, o que parece incomodar o bebê”. O sensível ato falho da escrita denuncia uma relação de dependência mútua, uma regressão que une mãe e filha, observadora e dupla mãe-bebê. Julie gruda no seio da mãe, e Tânia se gruda na observadora e fala muito, usando-a na elaboração das intensas vivências dos últimos dias. Ela-bebê precisa de ajuda. É impressionante a sincronia entre Tânia e a observadora, que, ligada, deixa-se permear de forma espontânea e autêntica.

Tânia comenta que “ela e o marido esperavam um bebê bem diferente de Julie (...) nós esperávamos uma menina loirinha, de olhinho claro, pele branquinha”. A mãe diz: “Hoje esta aqui não me deixa fazer nada, só quer colo... hoje era o dia que estava marcado para ela nascer, mas foi meio apressadinha”.

A mãe se ensaia em conhecer este novo bebê que nasceu, prematuro, não loiro, e diferente do que imaginava. Por vezes, ela sai e deixa Julie chorando como se não escutasse por instantes, mas, ao mesmo tempo, tenta achar um espaço para acomodá-la dentro dela. Descreve a filha como duas diferentes: no hospital, uma fúria, muito braba, arrancava todos os acessos venosos, e em casa fraquiiinha, quietiiiiinha, outra bebê. Nesse início de vida, a capacidade do ego da mãe em apoiar o ego frágil de Julie é fundamental para que, aos poucos, ela fique forte e capaz de dar início a um ser humano novo, único.

Neste primeiro encontro na casa da bebê, a observadora percebe que Julie geme e se contorce, fica vermelha, e a mãe oferece o seio para acalmá-la, perguntando-lhe: “Já está com fome?” A observadora descreve a sucção de Julie como diferente da dos bebês com um mês de idade nascidos a termo. Sua sucção parece de um recém-nascido: bem lenta, demandando muito esforço. Mama um pouquinho em um único seio e adormece. Tânia ergue a bebê para fazê-la arrotar, bate suavemente em suas costinhas; ela acorda, volta a gemer, contrai as perninhas e geme. Tânia aconchega Julie em seus braços, a cabecinha sobre seu seio esquerdo e, em seguida, ela adormece. Na mamada, a mãe segura a bebê com o braço esquerdo e apoia-se na perna, como que sustentando o braço, sendo que a mão não encosta em seu corpo. Com a mão direita acaricia suavemente a cabecinha de Julie com a ponta dos dedos. O movimento inicia em cima da cabeça e desce delicadamente até a bochecha ou a têmpora esquerda, fazendo movimentos

verticais e circulares com a ponta dos dedos até retornar ao ponto inicial. Quando Julie dorme, Tânia a coloca gentilmente sobre uma almofada que estava ao seu lado. Nessa observação, Tânia transmite claramente como se despojou de todos seus interesses pessoais e está disposta, disponível para concentrá-los em Julie.

O álbum de Julie é mostrado. Demora a chegar às suas fotos atuais. O foco é no hospital, onde há muitas fotos. As outras do primeiro mês, fora do hospital, “ainda não foram reveladas”, diz a mãe. Ela acha que Julie ainda não enxerga, surpreendendo a observadora com esta afirmação. Tânia deseja ver a fita das ultrassonografias, porque quer saber o que ocorreu antes de a filha nascer; por que aconteceu isso com ela.

No final dessa primeira observação, a observadora novamente faz outro ato falho: “Julie tem vontade de ir embora, mas sente dificuldade”. Este talvez mostre o quanto ela se coloca à disposição da mãe, podendo assumir diversas posições, sendo permeável a isso, auxiliando Tânia a reviver o que talvez tenha vivido com Julie abruptamente.

O contato entre mãe e observadora é tão intenso e primitivo que faz com que esta regreda a um nível sensorio típico do início da vida. Na saída, relata: “Tenho a sensação que estou oca, que minha cabeça está oca, estou sem cérebro. Bate um desespero de não me lembrar de tudo o que foi dito, porque parece que estou vazia”. Não é à toa que comete o ato falho de chamar-se de Julie, pois ela estava em uma comunicação regressiva com Tânia, vivendo uma experiência de mutualidade, tal como o bebê estava com a mãe. Neste momento fica marcada a intensa relação e o potencial terapêutico da observação, de uma presença participativa, mas não invasiva, que ajuda a ligar o desligado, a integrar o não integrado.

Na segunda visita (um mês e vinte e um dias), chama atenção a grande sensibilidade de Tânia para se adaptar delicada e sensivelmente ao seu bebê: “Após Julie ser amamentada, a mãe, de uma forma carinhosa, tenta acomodá-la. Julie interage e responde com sorriso aos sorrisos da mãe, põe a língua para fora da boca. Sustentam-se pelo olhar, permanecendo assim um bom tempo. É visível a sintonia mãe-bebê. Julie adormece no colo de Tânia, está aninhada, elas se complementam. Tânia interpreta um comportamento de Julie, ela estendendo a mão para ser beijada”. Há uma mutualidade que permite à dupla mãe-bebê estabelecer este contato de qualidade.

A mãe conta para a observadora que ela e Carlos ficam babando na filha. Enquanto a mãe fala olhando muito para Julie, esta olha firme para a mãe. Ela

acaricia a bebê, fazendo pequenos círculos nas costas e nádegas, e a bebê responde com movimentos diretos. Tânia faz estalos com a boca, como se estivesse dando pequenos beijos, Julie olha, olha e começa a fechar e abrir a boca. A mãe sorri e Julie arregaça a boquinha e se aninha no corpo da mãe. No relato das observações é nítida e constante a comunicação da mãe com sua bebê e a aproximação que vai se construindo nesta relação das duas. A observadora descreve: ela parece aconchegada entre as almofadas, uma em suas costas e outra na frente; estava confortável da cabeça até os pés. O cheirinho estava encostado em seu corpo, principalmente junto de seu rosto. Quando a mãe aconchega a bebê, oferece simultaneamente suco para a observadora.

Na terceira observação (dois meses), a observadora chega escorregando no piso do jardim, tem crise alérgica e fica com medo dos cachorros. Parece assustada e Tânia “cuida” dela, oferece um suco, procura deixá-la confortável.

Vão num crescendo as tentativas de Tânia de acomodar sua filha, segurá-la, tranquilizá-la e aninhá-la. Aos dois meses e cinco dias, a observadora vai notando o crescimento da bebê, quando relata: “a bebê dorme tranquila enrolada em um cobertor rosa, está bem maior que a semana passada, praticamente toma conta do carrinho que parece estar pequeno para seu novo tamanho... ela cresceu quatro centímetros, está com 53 centímetros e 4,280 quilos”.

A impressão é de que Julie e Tânia estão se aconchegando aos poucos. Tânia espera a filha acordar porque ela sabe quando está na hora de mamar. Quando colocada no seio, Julie custa um pouco a pegar. Com paciência de ambas, Julie mama com vontade. “Tânia pega Julie, que continuava a chorar, no colo e convida-me para ir à sala (...) ela fala com Julie, olhando-a: ‘tá com fome guriazinha da mamãe, tá?’ Tânia oferece o seio direito e demora um pouco para as duas se ajeitarem. ‘Não achou a teta ainda, filha’ diz Tânia. Quando Julie encontra o bico do seio, o que levou algum tempo, ela mama com vontade, escuto o barulho do seu sugar”.

Desde o início das observações, Tânia sempre tricotava roupinhas para Julie porque “não deu tempo para concluir, ela quis vir antes”. Cria peças lindas para o bebê e diz que fará também um casaco para ela própria, para quando retornar ao trabalho. Em torno dos dois meses de Julie, a mãe oferece o seu lugar para a observadora, ao lado de Julie, e ela, mais afastada, segue tecendo um casaquinho para a filha. Muitas vezes fica dramatizada a relação mãe-bebê, criativa, artesanal, única, que vem se desenvolvendo aos poucos — semelhante à relação paciente-analista no setting analítico —, e algumas traduções dos desejos, fantasias e

expectativas relacionadas à Julie. Tânia comenta: “Olha aqui, é como eu te disse, eu já fiz as mangas, e agora é só costurar, ainda tem que fazer a gola, depois eu fecho tudo”. Do fundo de seu desamparo e capacidade criativa, Tânia extrai os fios que tecem um espaço de proteção e cuidados para a filha, base para o desenvolvimento da complexa relação mãe-filha.

Os gatos da casa aparecem: o branquinho, que é da sogra, e o pretinho, que é de Tânia. O pretinho está junto com Julie em uma das primeiras fotos expostas na sala. Ele está sempre solicitando carinho, atenção, mia sem parar, e Tânia explica para ele que não pode pegá-lo porque está tricotando o casaquinho de Julie. Ele pula no seu colo e engata a unha no tricô. Ela acaba largando o tricô, o gato deita no seu colo e ela dá tapinhas nas suas costas como faz com a bebê. O gato acaba adormecendo. Julie está no carrinho em frente. Resmunga, mexe-se e volta a dormir. Tânia olha eventualmente e segue acariciando o pretinho. Julie acorda, chora forte e a mãe tira o gato do colo e coloca Julie para mamar. Há um desentendimento entre as duas: Julie se retorce, não pega o peito, não se ajeita e a mãe parece se incomodar. E o gato novamente posta-se na frente de Tânia e fica miando até terminar a mamada. Ela explica para ele que não pode dar colo, ele mia, mia e ela acaba acariciando o pretinho com a ponta de seu pé enquanto Julie segue mamando. Põe o gato para dormir em uma almofada e volta a dar os mesmos tapinhas na Julie. Ela acaba dormindo, e Tânia volta ao tricô.

Em outro momento, Tânia dá carinho ao gato e, quando Julie acorda e chora muito, a mãe larga o gato, vai até o quarto; volta e parece áspera e sem paciência para dar o seio a ela: “o tom de Tânia é mais severo (...) vamos filha, se ajeita, se ajeita de uma vez, tu não queria mamar?” Tânia está conectada com o gato, que pede carinho e ela se contorce toda para atendê-lo com Julie no colo. Amamentando Julie, fala para o gato: “A mamãe não pode te pegar agora, a mãe não pode”.

Começam a aparecer claras modificações em Julie e sua mãe: a bebê se apresenta mais liberada, discriminada, e sua mãe também. Todo contexto sofre alterações. Aos três meses e dois dias, a observadora parece não se assustar mais com os cães da casa e Tânia a recebe com Julie no colo. Ela está com a cabeça erguida, bem alerta, observa tudo ao seu redor. Olha firme para a observadora, quer “conversar”: sorri, mexe a boca emitindo sons. Diz a mãe: “Ah, ela quer conversar, o negócio dela é conversar, tem que ver, esta guria tá tagarela. Outro dia fomos passear e ela ficou olhando tudo. É muito danada esta guria, gosta de uma tevê, gosta do Fantástico”.

A mãe também conta que “Julie não tem dormido muito durante o dia e quando está acordada, ela quer companhia, tem que conversar com ela, bater papo, né, filha?!” Os pais introduziram CDs para bebês que têm som de passarinhos, de água, para ela se acalmar e dormir. A mãe lembra que quando estava grávida escutava os passarinhos no trajeto de seu trabalho e esfregava sua barriga dizendo para Julie que eram os passarinhos cantando. Este som/água parece ser uma continuidade pré e pós-nascimento. Quando Julie se agita mexendo seus bracinhos a mãe diz que “ela vai ser uma lutadora de boxe... ela vive dando soquinhos no ar”.

Julie interage e mobiliza o ambiente. Ao escutar uma voz quer se levantar, fazendo força, estica seus bracinhos. Ela resmunga, conversa e sempre consegue respostas das pessoas que conversam com ela.

Diz a mãe: “Ela quer participar da conversa”. Entra a avó fazendo um escândalo e com uma voz muito alta se dirige à bebê: “Tu quer falar, então fala preta, fala com essa vó, tu já mamou? Porque se a mãe não dá mamá, a vó tem para dar” — apertando a barriguinha dela — “mas que casaco mais ninito”, e reclama de Tânia, que Julie tinha vomitado porque ela não tinha acomodado bem a filha no carrinho.

Mais uma vez, fica clara a disputa da vó com a mãe, ela dizendo para Tânia como fazer com Julie. Diz a vó: “Por que tu não botou os travesseiros para ela ficar mais de pé?”

Mãe: Porque não vai dar certo.

Vó: Então levanta esta porra de carrinho!

Mãe: Ué, levanta tu”.

Durante essa cena a bebê reage chorando, depois se acalma. A avó fica braba porque acha que Julie não deve mais ser colocada sentada. Ela retira a bebê do carrinho e fica com ela no colo. A mãe diz: “Ah! não, deixa aí”. Vó: “O quê? Eu vou pegar, a mãe que se rale”. Tânia não perde a calma e, em seguida, pega sua filha no colo. Com este clima agressivo, a observadora fica com a sensação de não ter se despedido da mãe e escreve: “Os cachorros invadem a casa”. Este exemplo de ameaça de aniquilação vivido pela bebê, que se recuperou e desorganizou também a observadora, vai se repetir em inúmeras observações subsequentes, em diferentes intensidades e duração. Julie vai demonstrar uma confiança crescente em sua recuperação e uma capacidade egoica progressiva de enfrentar e suportar frustrações. No decorrer do tempo, a avó modificou muito a sua conduta e participação na vida de Julie. Aos poucos, ficou mais respeitosa, mais colaborativa

e menos invasiva. Chegou a dizer, em algumas oportunidades, que estava fazendo um curso de psicologia para aprender a lidar com crianças.

Julie segue com um desenvolvimento psicomotor excelente, respondendo a um ambiente continente, que estimula também a discriminação e separação. Percebe muito bem as pessoas, olha atentamente, sorri, quer conversar, esforça-se, levantando-se do carrinho e esticando os bracinhos para ser erguida. É um bebê simpático e agradável. Acompanha com olhar e gestos a mãe por tudo, sentada no carrinho. Quando ela dorme, Tânia comenta aspectos importantes de sua vida: a perda da outra gestação, como ela viveu com seus avós no interior de Santa Catarina — um ambiente lindo, com jardim, tinha até uma cachoeira —, a perda do pai aos cinco anos — assassinado quando trabalhava em um clube. Desde então, foi criada pela avó, que chama de mãe adotiva e que é madrinha de Julie. Nos primeiros meses, visitava esta “mãe”; sente-se bem na casa dela, abastecia-se com ela e deixava Julie nesta casa enquanto procurava acertar seu retorno ao trabalho.

Na nona observação (três meses e nove dias), os cachorros não estão deixando Julie dormir. Tânia é agressiva com os cachorros, bate nas suas cabeças com cabo da vassoura. A bisavó materna está na casa e o marido dorme na sala. Começa a aparecer a preocupação de Tânia com a separação da filha, em função do seu retorno ao trabalho e do desejo de retomar seus interesses pessoais: “Quero ver como vai ser quando eu começar a trabalhar”. Ela sente-se ameaçada diante da perda de controle sobre Julie e tenta prever tudo. Seguindo um padrão de antecipação já conhecido desde a gestação, Tânia parece ir preparando sutilmente a filha para esse momento: por vezes, não escuta Julie, deixa-a chorar, sem que o choro dela desperte sua preocupação. Parece não escutar, mas ao mesmo tempo dá um espaço para Julie expressar sua insatisfação. Em contrapartida, Julie aparenta adequar-se, já fazendo algum esforço sozinha, para não precisar da mãe sempre: “Julie eventualmente solta um pouco o bico (dormindo), mas leva sua mão até a boca e empurra o bico com a parte de cima da mão, recolocando-o no lugar”. Mas quando ultrapassa o seu limite, não consegue e chora. “Julie solta o bico, que cai para trás do seu rosto. Ela começa a chorar, abrindo seus braços e mexendo a cabecinha de um lado para outro, seus olhos estão bem abertos (...)”. Tânia demora um pouco mais e retorna trazendo numa mão uma xícara de chá para mim e na outra uma mamadeira pequena de chá para Julie: “Tânia coloca as mãos de Julie na posição de agarrar a mamadeira. Na primeira vez, Julie junta muito as mãos e a mamadeira salta, recoloca a mamadeira na boca de Julie,

reposicionando as mãos dela em torno da mamadeira, mas Julie se ajeita, posicionando uma das mãozinhas embaixo, servindo de apoio. Ela sustenta por um bom tempo. Quando a mamadeira de chá começa a ceder, Tânia ajuda a filha com a pontinha de seu dedo indicador. Tânia olha para mim e sorri, direcionando o olhar para Julie e para mim. Quando ela sente que sua filha está segurando firme, solta o dedo”. Quando Julie tira a mão de baixo, Tânia recoloca a mãozinha da filha no lugar. Julie retira a mamadeirinha da boca e fica olhando a mãe.

A bisavó materna admira-se e mostra sua satisfação com o desenvolvimento da bebê. Diz ela: “Benza Deus, como ela tá desenvolvendo bem, né, depois de tudo que ela passou... olha só, olha o tamanho dela, agora ela já está com 5,500 quilos”.

A mãe segue preocupada em retomar seus interesses pessoais e é significativo o modo como encena com a observadora este desejo, comunicando também, de forma não verbal, como conta com ela. Diz, logo no início da observação (três meses e dezesseis dias): “Bom, agora, eu vou voltar a trabalhar, vou aproveitar que ela me deu uma folga e vou lavar a louça e limpar o resto que falta, né, então eu vou lá e deixo a moça contigo, tá”. Coloca os mordedores no carrinho de Julie, de forma que se eles caírem ela mesma possa alcançá-los. Fala em ajeitar a casa para quando a bebê ficar mais no chão. Diz ela: “Estou pensando em dar uma mudada na sala, ajeitar para quando ela ficar mais no chão, né”. Já começa a ser antecipado também o processo de desmame: “É, eu já estou preparando ela, no mês que vem eu vou dar papinha para ela não incomodar a pessoa que vai cuidar dela, agora ela já está comendo frutinha, ela come bananinha amassada com açúcar, etc”. Conta a mãe que a bebê fez caretas quando começou com as frutas, e a mãe as reproduz para a observadora.

Junto com todo esforço feito para organizar um esquema de cuidados com a tia, avós, aparece novamente a tristeza de se separar da filha, pois se acostumou e não sabe ficar longe dela: “Dá vontade de continuar assim todo dia junto... vai ser difícil, já pensou não ver ela começar a engatinhar, a ficar em pé, a dar os primeiros passinhos, a falar as primeiras palavrinhas, as gracinhas... tudo se perde, tudo vai ser com outra pessoa”. Seguido enche os olhos d’água, sente-se muito dividida e tem refletido muito a respeito. Diz a mãe: “...ela ficou mamando, não desgrudava, o seio tava desse tamanho... imagina como vai ser quando eu voltar a trabalhar, não vai ter ninguém para dar teta pra ela”. Tânia sofre uma espécie de desmame, como a bebê. É um contexto complexo. Precisa trabalhar para o sustento da casa e da família. Tânia expressa, de forma muito clara, o drama da maternidade, o exigente percurso necessário para ligar-se e depois separar-se do bebê, sem

quebrar o fio que os une.

Aos três meses e vinte e dois dias, são claras as mudanças que a mãe fez na casa. “Vou em direção ao carrinho e percebo que a sala da televisão está diferente; no lugar onde ficava o sofá lateral, está a televisão, o sofá de três lugares, que ficava na lateral, está encostado na parede da janela e o sofá de dois lugares, que ficava na janela, está de frente para a televisão. Ficou bonito. Na parede em frente à janela, Tânia espalhou almofadas e os sofás estão cobertos por cobertores xadrezes. No sofá de dois lugares está um tricô de Tânia, um blusão vermelho para Julie. Em frente ao carrinho. Julie dorme, virada para cima, mãos viradas para cima. Ela quase não cabe mais no carrinho”.

Seguem emergindo transformações e crescimento nítidos, tanto em Julie quanto em Tânia. Ambas florescem, se expandem simultaneamente. As duas vão criando e se apropriando de espaços, discriminando-se e apresentando-se como singulares, autênticas. É nítida a relação de confiança e respeito que vai se construindo entre as duas depois de um período de rupturas e incertezas, vencendo o pânico da morte. A mãe teve que aguardar a saída de Julie do útero para então segurá-la nos braços, deixando revelar-se sua rara capacidade como mãe.

Aos quatro meses, mãe e filha são verdadeiros vasos comunicantes. A bebê faz beicinho, resmunga, olha para a mãe, e a mãe diz que “ela só quer colo”. Ela chora, olha para a mãe, as duas estão face a face, e a bebê começa a fazer vocalizações e a mãe responde: “O que foi, hein? O que foi, filha?” Julie choraminga, emite sons, a mãe acompanha, reproduzindo-os. A mãe acomoda em seu colo, à frente da televisão, dança com ela, deita-a e ela chora, coloca-a novamente sentada. As sucessivas tentativas de acomodar Julie em seu colo, dando a teta, cutucando suas bochechas, conversando com ela fazem com que Tânia se emocione com os olhos cheios de lágrimas e diz: “Nem quero imaginar quando eu começar a trabalhar, nem dá pra falar muito que me dá vontade de chorar”.

Julie olha atenta, sorri, faz beicinho, chora, busca o olhar da mãe e vocaliza: “aaaaaaaaa... ooooooooo... brbrbrbr...” A mãe acompanha, reproduzindo os mesmos sons. Depois voltam-se para a tevê. Julie quer ficar sentada. A mãe entende e a coloca nesta posição. Faz força e senta, acompanha os movimentos de Tânia. Uma mudança que vem sendo destacada pela mãe é a perda de cabelos de Julie — o pai a apelidou de carequinha. Tânia complementa este comentário dizendo que hoje ela está de aniversário — quatro meses —, só que ainda não está bem na hora, porque ela nasceu à noite, às dezenove horas e dez minutos. E as duas, mãe e

bebê, passam a vocalizar, falar e trocar muitos beijos.

A relação de confiança e respeito entre a mãe e a bebê aparece também na relação entre Tânia e a observadora. Aos quatro meses e sete dias, na chegada da observadora, Tânia a acolhe e diz: “nós estávamos te esperando”. Estava na hora do banho e preferiu esperar pela observadora: “Eu ia dar banho nela, mas estava quase na hora de tu chegar e eu achei melhor esperar, para não interromper; então, ela vai tomar agora, né, para aproveitar o dia quentinho”.

Enquanto a mãe vai preparar o banho, Julie resmunga um pouco, mas é administrável, está esperneando, e a mãe da cozinha pergunta o que é. Quando Tânia volta para o quarto, Julie se movimenta quando vê a mãe, e levanta os bracinhos. Nesta sequência, mãe e filha ensaiam estar juntas e afastadas, ambas tolerando certa distância. Dentro de duas semanas, Tânia voltará a trabalhar.

É interessante como Tânia se abastece emocionalmente com a avó-mãe, além da observadora, nesse momento significativo de separação. Na semana seguinte, aos quatro meses e quatorze dias, a observação é realizada na casa da bisavó. A observadora aceitou prontamente quando Tânia a comunicou que lá estaria no dia da observação. É uma parceria que funciona. Ao chegar na casa, a observadora é recebida pela mãe, que parecia meio surpresa em vê-la: “Oi, chegou cedo”. Disse que ela e a sobrinha já estavam saindo para esperá-la na parada de ônibus. Chama a observadora para ver Julie dormindo e diz: “Não repara a bagunça”. Esta frase será repetida várias vezes nas próximas observações, o que nos leva a pensar que Tânia estava comunicando a “bagunça” que começava a se instalar com o retorno dela ao trabalho, a separação de Julie e a incerteza quanto ao cuidado que Julie receberia na sua ausência.

Na última observação antes do retorno de Tânia ao trabalho (quatro meses e vinte e um dias), Tânia recebe a observadora, comentando sobre o frio lá fora: “Lá dentro até que tá quentinho, mas aqui fora, bah, tá muito frio”. A observadora encontra Julie aninhada no carrinho. É significativo como ela dorme durante toda esta observação. A mãe diz que sua sogra queria que elas ficassem lá na casa dela por causa do frio, e Tânia diz: “é a última semana da gente junto, então acho que vamos ficar aqui só nós duas, curtindo um pouco mais... Nem sei como vai ser, mas vai se fazer o quê, né, filha”. Esta expressão “fazer o quê”, usada também no momento do parto prematuro de Julie, indica a aceitação e o enfrentamento de uma realidade que se impõe e que exige solução.

Na sequência, Tânia oferece chá para a observadora e comunica o seu desejo de aproveitar também a sua presença neste espaço quentinho, de aconchego e

proteção, criado para a dupla mãe-bebê. Mais uma vez, mostra a importância da observadora, que a acompanhou no processo de criação desse espaço: “Eu só tava te esperando pra tomar um chá, eu pensei, a Marina chega, daí a gente toma um chá, as duas”. Olha para a filha e diz, sorrindo para a bebê, que também sorri dormindo: “Olha como está grande... tu te lembra dela antes, como era pequenininha e como ela se desenvolveu, benza Deus... do que ela era no hospital e olha agora”. Retoma o assunto da perda de cabelo e da penugem que está crescendo, comunicando, de forma sutil e não verbal, o final de uma etapa intrauterina e também do puerpério, e início de outra. Há muitos silêncios nessa observação e Tânia expressa o desamparo de uma mãe que depende de alguém para cuidar de seu bebê na sua ausência: “Eu não sei ainda como vai ser semana que vem, a minha cunhada ainda não me deu resposta, tá só me enrolando, não sei que dificuldade tem de dizer sim ou não”. Segue falando sobre todas as alternativas que pensou para os cuidados de Julie e todos os inconvenientes de cada uma: a casa de sua avó — sua preferência — é longe, e ela não tem condições financeiras para deixar numa creche ou pagar uma pessoa para ficar com ela. Tânia volta a olhar para Julie: “Ah... só falta uma semana...”. E Julie suspira fundo. Mãe e filha estão em sintonia. A bebê também está vivenciando, à sua moda, a separação. Tânia conta, sorrindo, que outro dia Julie estava dormindo ao seu lado e de repente deu um grito, e o Carlos perguntou para ela se ela sonhou que estavam tirando a teta dela. Comenta que a filha está estranhando as pessoas, que “já sabe quem é a mãe e quem é o pai dela”. Conta que outro dia saíram quinze minutos para irem ao supermercado e ela ficou com a tia. Quando voltaram, ela estava com um vergão na cabeça, os olhos eram duas bolas — mostra com as mãos o redondo dos olhos. Foi difícil acalmá-la. Tânia coloca as duas xícaras de chá, lado a lado, sobre a mesa de jantar, e quando senta novamente, pega o tricô. Diz que está fazendo um blusão vermelho: “É para mim, para quando eu voltar a trabalhar, vai estar frio”. “Uhm”, responde a observadora. Aos poucos, Tânia vai resgatando outros aspectos do seu feminino, enquanto vai tricotando um espaço de separação mãe-bebê. Expressa seu receio ligado à separação da observadora, novamente revelando a importância desta relação para ela. A observadora oferece a possibilidade de fazer as observações nos fins de semana, e ela imediatamente aceita e diz: “ué, por mim, podia ser só no fim de semana, se tu pode, eu posso e vou gostar muito... eu já estava achando que nunca mais ia te ver... e, já pensou, ia ser estranho...”.

Dos quatro aos onze meses: um período de “bagunça”, tumulto e instabilidade no ambiente

Como veremos na sequência dos relatos escritos da observação, o período de retomada do trabalho representará mais uma quebra de continuidade na relação mãe-bebê, que exigirá grande esforço e, mais uma vez, colocará em prova a capacidade de ambas de recuperação e sobrevivência. A instabilidade na rede de cuidados para Julie, organizada com tanta preocupação e dedicação de Tânia, não contribuiu para uma transição mais tranquila no desmame da dupla mãe-bebê.

É notável o desamparo de Tânia, que liga para a observadora na véspera do encontro, à noite, para dizer que a observação seria na casa da cunhada, Patrícia. A observadora pergunta como estão, e Tânia usa a já conhecida expressão: “Vai se fazer o quê, né”.

A observadora chega à casa de Rose (quatro meses e vinte e oito dias), “uma casa de material, que ainda faltava uma parte dos acabamentos”, sem dificuldade, seguindo as orientações de Tânia. Chega junto com Regina, sogra de Tânia, que comenta que está fazendo um curso com psicólogos. A cunhada leva a observadora até o quarto onde Julie estava dormindo e chama atenção o quanto ela parecia não estar recebendo cuidados similares aos da mãe. Assim relata a observadora: “ela parece ter poucas cobertas, e não parece tão enroladinha como ficava em casa, quando Tânia a arrumava”. Julie acorda e reconhece a observadora, sorri para ela e brinca de esconde-esconde, de ver e não vê-la com o lençol. A observadora sente-se sem graça e sem ter para onde ir. Talvez assim como Julie se sinta. Descreve muito o ambiente da casa, tudo chama atenção. Julie parece fazer o mesmo, “fica olhando para o primo, às vezes sorri para ele, mas passa um bom tempo olhando-o apenas”. Sérgio, irmão caçula de Tânia, segura Julie no colo. Nesse momento, escreve a observadora: “Julie olha para mim e faz beicinho, seus olhos se enchem de lágrimas...”. A bebê demonstra claramente já ter a mãe internalizada, sentindo a sua falta. Percebe a diferença entre a mãe e a observadora, que demonstra, de modo sensível, estar em sintonia com a dupla mãe-bebê: “Nesse momento lembro da Tânia”.

Transmitindo a mesma sensação de instabilidade na rede de cuidados à Julie, evidenciada na observação anterior, Tânia novamente telefona, na véspera da observação seguinte (cinco meses e quatro dias), à noite, para dizer que a observação seria agora na casa de sua avó. A observadora é recebida pela prima de Julie, Mariana, que mora com a vó e se mostra bem participativa e ligada. Na

chegada, diz para a observadora: “Oi, eu estava te esperando”. Diz que Julie e Tânia estavam em sua casa havia três dias e que, apesar de ficarem longe do pai de Julie, era melhor para Tânia, pois assim chegaria rapidamente ao trabalho. Comenta que Julie dormiu depois de comer batatinha com feijão. Olhando para a tevê, Mariana comenta sobre a prima, que ela adora ver tevê, só chora quando está com fome, “é bem boazinha”. Em seguida, aparece a bisavó de Julie, que diz: “Oi, tu já chegou”. Comenta que a bisneta tinha chegado meio gripada, estava tossindo um pouco, mas que estava melhor. Descreve os cuidados à bebê com a alimentação, parecendo sintonizar com ela e reconhecer suas preferências. Quando Julie acorda, a observadora nota que ela está vestindo um tiptop de lãzinha sintética e parecia estar cheia de roupinhas por baixo, parecendo bem quentinha. Mariana a pega no colo e pede à avó para que alcance o cobertorzinho dela. A observadora tem a percepção de que Julie está bem quentinha e aconchegada na casa de sua bisavó, diferente da casa da tia. Vê que ela está agarrada no cheirinho e o esfrega no rosto enquanto aguarda a mamadeira preparada pela bisavó. Assim relata a observadora: “Mariana e a bisavó cuidam de Julie e lá ela está no colo, fica olhando televisão tal qual fazia em sua casa com a sua mãe”. Esse ambiente em que Julie está sendo cuidada fica mais parecido com o de sua casa, como se fosse uma extensão dela. É muito interessante esse retorno de Tânia à casa de sua vó-mãe, onde morou desde pequena. Sem dúvida, são os cuidados recebidos nessa casa-mãe que ela leva agora para a sua própria casa. A casa da avó funciona como uma espécie de “casa auxiliar” para ambas nesse período de instabilidade. A avó elogia Tânia, dizendo ser ela “uma mãe toda cuidadosa, tem que ver, na hora de sair, ela deixa muitas recomendações... Coitada, hoje nem deu tempo para tomar café, ela deu mamá, daí a Julie fez cocô, e ao invés dela deixar pra gente trocar, ela foi trocar, e aí não deu tempo, e teve que sair correndo para o trabalho”. Complementa dizendo da necessidade de ela trabalhar, pois “o Carlinhos não consegue sustentar eles”. Há um período prolongado de silêncio, que é interrompido pela lembrança do nascimento prematuro de Julie: “Sabe, eu nem sei por que eu fui no hospital quando ela nasceu, fiquei tão mal que nem dormi direito à noite, nem sabia se ia vingar ou não, nunca vi nada parecido, ela cabia na palma da mão da gente e agora tá aqui”. Chega o pai de Mariana, para quem Julie abre um sorriso e solta um som de “aaa”. A bisavó pergunta se será que ela pensa que é o pai dela, porque “o pai tá longe, faz dias que não o vê, tadinha”, e apresenta a observadora como “a psicóloga da bebê”.

Embora a família não saiba até quando ficará na casa da bisavó — tudo está incerto — a observação seguinte (cinco meses e onze dias) é feita ali, num sábado. Na chegada, a observadora viu um aglomerado de mulheres à frente da casa — mais ou menos seis ou sete — e no meio delas estava Tânia, que convida a observadora para entrar. A casa estava em silêncio e Julie dormia. Continuava gripada, como na observação anterior. Tânia comenta, com satisfação e alívio, que passou a semana inteira na casa da avó, e transmite novamente o seu desamparo frente à instabilidade da rede de cuidados à Julie: “Essa semana é que eu não sei ainda como vai ser... a Rose tem que cuidar do gurizinho que não tá bem ainda... é mais um para ela cuidar, é muita coisa, acho que não dá, mas não sei, o Carlos vem hoje pra cá pra gente ir pra lá, mas não sei, se desse pra ficar mais uma semana com ela aqui...” Aparece, uma vez mais, a conhecida expressão “fazer o quê, né, tem que fazer sacrifício por ela”. O desamparo de uma mãe frente a uma realidade de dependência total de ajuda externa para manter a continuidade de cuidados ao seu bebê fica aqui exposto. É todo um trabalho silencioso da mãe, um vaivém exigente, que demanda um grande esforço. Tânia vai assim entrelaçando o fio que a liga à bebê e à sua história, usando essa casa auxiliar avó-mãe como um espaço que garante a continuidade de cuidados e desenvolvimento da bebê. Esse período revelará, uma vez mais, a genuína capacidade de Tânia, seus recursos criativos para lidar com uma situação de desafio e dependência. Esta dupla Tânia-Julie nos ensina sobre a importância da flexibilidade da mãe para se adaptar às mudanças e quebras de continuidade, mantendo o fio mãe-bebê essencial para o desenvolvimento do bebê.

Tânia diz ficar mais tranquila no trabalho sabendo que Julie está bem cuidada na casa da bisavó. Comenta que ela vai de colo em colo, “todo mundo querendo pegar ela, é o único bebê, o resto são todos adultos... O Sr. e a Sra. X vêm buscá-la, é tudo gente boa que me viu crescer, porque eu vim morar aqui quando eu era pequena...” “Uhm”, diz a observadora. Julie abre um sorriso para a mãe, afunda o rosto na fraldinha e dorme. Tânia diz sentir confiança nos cuidadores da filha e destaca o “crescimento a fermento” dela. Conta que a colocou no celular para escutar o pai e ela “dobrava de rir, dava gargalhada... contando ninguém acredita”. Tânia acomoda a filha no carrinho e a observadora percebe que ela sempre prepara o carrinho com cobertor, “formando uma caminha mais fofinha e quentinha”. Depois de acomodar Julie, Tânia oferece chá à observadora e comenta sobre o estranhamento da avó porque a observadora não conversa. Esta sorri e Tânia pergunta se ela gosta de comida japonesa. “Uhm”, diz a observadora. Tânia

segue dizendo que, quando grávida, o marido a convidou para experimentar e ela gostou. Ficaram de voltar, mas a bebê nasceu antes do tempo e até esqueceram. Agora retornaram ao restaurante, e ela explica com detalhes os pratos e a inclusão dessa nova culinária em suas vidas. A observação termina e a observadora pergunta se é possível continuar realizando as observações aos sábados, e ela responde, novamente comunicando a instabilidade e incerteza desse período: “Claro, eu ia adorar, aos sábados, pra mim, tá tudo bem, só que eu nem sei onde vou estar, aqui, na minha casa... Qualquer coisa eu ligo te avisando onde a gente vai estar, mas provavelmente vai ser na Vila”. Seguindo um padrão observado no período pós-nascimento, Carlos avisa que nem sempre poderá estar presente nas observações. Tânia revira os olhos e sorri para a observadora.

A função da observadora foi essencial nesse período de instabilidade. É notável a sua disponibilidade natural em acompanhar o vaivém da dupla mãe-bebê, de uma casa para a outra, de uma cidade para outra, conforme a necessidade da mãe. A sua flexibilidade, disponibilidade e capacidade de adaptação são importantes qualidades da função materna e também da função analítica na clínica com pacientes regredidos. O pai se queixa da ausência da mulher e da filha durante a semana. Agora em sua casa (cinco meses e dezoito dias), Tânia recebe a observadora e expressa seus sentimentos em relação a esse momento de inconstância. Já vai se desculpando “pela bagunça” e comenta também que estava muito frio e que nem imaginava como iria tirar Julie da cama de manhã cedo. Acomoda a bebê no carrinho e oferece chá para a observadora, “bem quentinho, né, hoje tá frio, dizem até que vai nevar”. Com a saída da mãe, “Julie puxa o cheirinho, encostando-o em seu nariz... empurra a barra de segurança do carrinho, faz cara de choro, choraminga, e a mãe, da cozinha: ‘Julie, mamãe já vai’”. Mas ela não se acalma, bate pernas e braços, chorando muito. Seu rosto começa a ficar vermelho e o choro aumenta de intensidade. A mãe avisa novamente que está voltando, mas Julie não se acalma, tosse e se engasga. A observadora a toma nos braços, o choro vai diminuindo e ela desengasga. Olha para os lados, como se procurasse alguém — a mãe. Esta comenta sobre o processo de desmame de Julie, que já a está acostumando a mamar só de noite, “assim não vai incomodar quem cuidar dela”. Comenta sobre a ligação da bebê com todos que a cuidam, e que ela deveria inclusive estar estranhando a sua casa porque já fazia três semanas que estava na casa da bisavó: “Precisa ver a choradeira que foi hoje sair de lá, ninguém queria que a gente viesse para cá, eles devem estar sentindo saudades dela lá, ela era a única bebê da casa, um bebê encanta todo mundo, ela era o centro, daí tu sai,

eles devem estar sentindo um monte a saída dela”. “Uhm”, diz a observadora. “Daí tu chega aqui é roupa pra lavar, almoço pra fazer, o Carlos não arruma nada... voltou a dormir na cama da mãe”. Diz, olhando para a filha: “Como ela está grande, eu nem sei mais como era quando ela era pequena e eu segurava ela nas mãos, agora não sei mais como é segurar um bebê pequeno”. E na sequência comenta que amamentou uma bebê de um mês, no trabalho porque a mãe estava sem leite e não tinha como aquecer a mamadeira. Diz que nem se lembrava mais como era pegar um nenê pequeno, e a bebê que ela amamentou era bem pequenininha, “comparada com a Julie agora, olha só o tamanho”. Acaricia o corpo de sua filha, murmurando, de vez em quando, “gorducha, gorducha da mãe”. Essa fala da mãe revela o orgulho e alívio de chegar a este momento, comprovando sua capacidade como mãe, tão desacreditada no período gestacional. O pavor de não produzir vida ou de não sustentá-la foi finalmente vencido.

Na observação seguinte (cinco meses e vinte e cinco dias) é realizada a filmagem. Tânia convida a observadora e a colega que iria realizar a filmagem para entrarem e pede para que “não reparem a bagunça”, dizendo que ficaram fora a semana toda na casa da bisavó de Julie. Ela é colocada no centro da sala e o pai pede novamente para que “não reparem a bagunça”. Julie reclama e Tânia a pega no colo. O pai coloca o CD dos passarinhos que ela gosta e que escuta desde intraútero, e, como sempre, retira-se, dizendo: “Agora eu vou deixar vocês”. Tânia pede para ele ficar, mas ele desaparece. Ela fica com Julie, na posição em que ficava quando ela era menor, “aninhada em seu colo... parecia uma continuação de sua própria barriga”, e comenta que quando a observadora conheceu Julie ela era bem pequenininha.

São muitos sinais de que a bagunça atingiu o casal, a família. Na observação seguinte (seis meses e um dia), a observadora comenta: “Desta vez não veio nenhum cachorro me receber”. Carlos abre a porta e diz que estava com uma gripe forte e que Julie também. Tânia conta que Julie estava dormindo porque à noite não dorme direito e ela tem que ficar com a bebê no colo, “ficar com ela assim”, mostra, como se estivesse com a bebê sobre o seu peito, “até que ela durma”. A instabilidade na rede de cuidados à Julie continua. Tânia ainda não sabe onde Julie ficará essa semana e diz: “Nem vou desfazer a mala dela, a gente já tá saindo de novo...” Julie segue bem, apesar da inconstância em que vive. Muito provavelmente porque a mãe funciona como ego auxiliar da bebê neste período de incerteza. Esta também mostra recursos e padrões próprios no seu

desenvolvimento. Julie aprendeu a se aninhar, a fazer a sua própria “moquinha”, expressão criada pela mãe. Tânia chama Carlos para testemunhar essa evolução: “Ó, Carlos, olha como ela tá, fez uma moquinha pra ela, bem fofinha”. “É”, diz Carlos. Sorrindo, com orgulho, Tânia segue: “Deve estar muito bom nessa moquinha, ela não quer nem acordar. Ela que faz, foi se ajeitando e fez uma moquinha bem gostosa para ela”. Carlos comenta que “parece que ela sabe que está na casa dela”, assinalando que ela reconhece um espaço que é familiar, apesar das idas e vindas. Foi um longo percurso para a construção dessa casa “moquinha”, que vai se ampliando e se transformando, como veremos adiante, num “muquifo” — espaço de Julie na sala — e finalmente na “cabana”, em seu quarto, com muito espaço criativo para o crescimento mútuo mãe-bebê. Julie acorda e, como sempre, sorri para todos. Tânia e Carlos admiram a filha, seus olhos brilham ao olhar para a mãe — a família diz que Julie está “enfeitiçada” por ela. Vocaliza sons que são repetidos pela mãe, o seu desenvolvimento motor é pleno. Ela parece já ligar sensações, movimentos e percepções numa sequência que mostra a expansão de suas capacidades internas e externas. A observadora relata: “Julie permanece brincando com o chocalho, mas volta e meia me olha e eventualmente sorri, deixa cair o chocalho e não o pega, voltando a brincar com as pernas, puxando-as, largando-as. Olha para os pelos do cobertor e começa a passar a mãozinha nele e a puxar os pelinhos. Enquanto brinca, vocaliza. Olha para as suas mãos e começa a brincar com seus dedinhos, de segurá-los e soltá-los, levá-los à boca e olha-os novamente”. Em seguida, Tânia dá banho em Julie, que, volta e meia, virava-se para ver a observadora e sorria. A mãe comenta que a sua filha já a estava reconhecendo.

À medida que a bebê vai crescendo, a mãe segue apontando as diferenças em peso, altura e vai fazendo outras mudanças físicas no ambiente. Com sete meses, Julie, agora no chão, parece explorar, criar brincadeiras. Assim diz a observadora: “... percebo que Tânia colocou um cobertor no chão, com muitas almofadas encostadas na parede e uma série de brinquedos espalhados sobre o cobertor. Havia um cachorrinho, desses de pelúcia, um chinelo de borracha, daqueles com apito, um cubo-chocalho colorido, o amiguinho que dei para ela no hospital”. Tânia começa a chamar a filha enquanto está sentada, parecendo “gente grande”: “Vem, vem, vem cá com a mãe”. Carlos diz que ainda é cedo, mas Tânia diz que viu uma criança de nove meses que já andava: “Tem que puxar”. Logo em seguida, o pai sai e Tânia diz para a filha que o pai fugiu.

A prematuridade segue sendo lembrada em todas as conquistas das novas

etapas de desenvolvimento da bebê, e também vão se delineando características da mãe, uma mulher forte, decidida, responsável e corajosa. Aos sete meses e vinte e oito dias, Julie está com 8,200 quilos e medindo 65 centímetros, e o pai pergunta para a observadora se ela é grande, se está bem, e a mãe fala: “Eu pensava que por ela ser prematura ela ia ser menor que as outras crianças, mas eu olho as outras da mesma idade dela e vejo que ela é maior, o médico também disse que ela tá maior que a média”. Julie é espontaneamente risonha, uma criança alegre: “Julie me olha do tapete e sorri faceira. Ela pega os chocalhos, sacode-os, coloca na boca e depois balbucia brrr, brrr, fazendo bolhinhas de saliva”. A mãe conta que a primeira palavra dita por Julie foi “papai” e que deveria ser mamãe. Conta também que já tem dois dentinhos que vem usando muito para quebrar e mastigar bolachas. Às vezes, a mãe é muito exigente e ríspida, querendo uma resposta imediata da bebê para ficar sentada, engatinhar, segurar firme o corpo — aos quais Julie, de início, não corresponde. Quando ela faz um movimento semelhante a engatinhar, Tânia chama Carlos bem alto para que venha rápido ver. “Julie resmunga, levanta a bundinha e faz um movimento com as pernas semelhante a engatinhar”. Carlos diz que ela “só não atinou que tem que fazer força com os braços” e a mãe logo diz que daqui a pouco vai. E passam a treinar a bebê para firmar os bracinhos e arrancar para frente. Tânia conta que passaram quinze dias na casa da vó e Carlos reclama da ausência das duas.

As observações seguintes não são realizadas na casa de Tânia, mas sim na casa de sua sogra, que mora no mesmo terreno. Depois de muitas idas e vindas, Tânia vai aos poucos retornando a sua casa, após um período instável e difícil. Aos oito meses e onze dias, Tânia recebe a observadora na varanda da casa de sua sogra e pede para ela não reparar, mas que não ficaria ali junto porque havia passado a semana fora e estava “arrumando a casa”. Esse movimento de Tânia segue um padrão seu conhecido de antecipação e preparação para mudanças. Ela prepara a casa para o seu retorno juntamente com a bebê. Vão se sucedendo fatos complicados: desentendimentos entre bisá-bebê-mãe-pai-vô-vó durante a observação. A casa de Tânia fica abandonada, como ela repete, uma “bagunça”. Carlos não cuida de nada. O freezer estragou e o marido nem percebeu. Estragou toda a comida guardada e Tânia tem que limpar tudo no final de semana. Depois de um tempo em sua casa, Tânia senta-se no degrau da escada, ao lado do carrinho de Julie e brinca com a filha: “Julie tenta se levantar no carrinho, estica os bracinhos para a mãe erguê-la. Sorri, e como a mãe não a suspende, volta a se sentar. Escorrega no carrinho e se diverte pegando seus pés. Segura ambos e faz

uma espécie de gangorra enquanto balbucia ba ba ba”. No pátio aparecem o pai e o avô, que tentam erguer uma escada para tentar arrumar a antena da tevê que quebrou, desabou. Tânia segue falando de Julie: já se ergue no berço, senta sozinha. A bebê interrompe a brincadeira, estende as mãos para sua mãe, que se levanta e a abraça, beijando-a na cabecinha e nas mãos, chamando-a de “gorda da mãe” e diz: “Né, filha, desgrça pouca é bobagem”. Carlos e Tânia se desentendem: ele pede para ela entrar em casa e verificar a imagem da tevê. Julie choraminga, a avó dizendo que está aplicando seus conhecimentos de psicologia com os netos, e Carlos berrando com a mulher. Esta sai de casa gritando que estava escutando. E assim seguem os desentendimentos. Interessante que, no meio deste tumulto, Tânia lembra do nascimento prematuro de Julie, do líquido que secou. Talvez esteja comunicando seu esgotamento. A “bagunça”, que vem sendo anunciada nas últimas observações, vai se intensificando, fica difícil de ser manejada e ameaça com ruptura na família. Tânia não conta com a parceria do marido. Julie não tinha mamado e a mãe então oferece água de coco. Ela recusa e a avó questiona o que era aquilo: “É água de coco, ela gosta e é bom para não desidratar. Quando eu tava grávida, eu tomei um monte de água de coco, mas não foi suficiente porque secou tudo, né, filha, tu bebeu toda a água da mãe, me deixou seca, sem água”. Está no final da observação e quando a observadora está saindo, Julie se joga na direção dela e a mãe diz que a filha quer ir junto.

Aos nove meses e nove dias, a observação é realizada na casa da bisavó materna de Julie, sem a presença de Tânia, que está trabalhando mais horas devido à proximidade do Natal. A bisavó diz que a bisneta é curiosa, vê tudo e observa, que adora comer bolachas, chegando a estalar a boca. A observadora presenteia Julie com uma bonequinha de pelúcia pelo Natal. A bebê explora a boneca de todas as formas, trocando-a depois por uma bolacha. E surgem muitas queixas de Julie: a bisavó diz que ela é muito braba, e o pai concorda, mas a expressão de seu rosto se transforma, fica sério, fechado. Chega a tia e diz que é muito difícil cuidar de Julie porque por tudo ela chora e fica braba: “Tu deita ela pra trocar, não dá, ela fica braba, chora, tá muito difícil, ela tá ficando muito difícil de lidar”. Carlos silencia e a observadora diz perceber o quanto a tia está amargurada.

O contato seguinte da observadora e Tânia foi após o Natal. Tânia estava muito apreensiva e ansiosa ao telefone, dizendo estar emagrecendo muito e sem saber o que fazer. A bebê está com dez meses e vinte e um dias. Pede à observadora uma indicação de creche, dizendo “não ter mais um lugar para deixar a sua filha”. Na observação anterior, a avó e a tia haviam transmitido, de forma muito direta e

espontânea, o quanto Julie havia se tornado “braba” e de difícil manejo. Seguindo um padrão próprio de lidar com as dificuldades que se apresentam, Tânia aceita a realidade e logo busca uma solução. Demonstra também discriminação, reconhecimento de limites, preocupação e respeito com a avó. Suporta a frustração, sem retaliação, mantém a relação com a avó, e, como veremos mais adiante, leva este padrão para a relação com a filha. Quando a observadora chega, acontece todo um movimento de Carlos, com Julie no colo, Tânia descendo rapidamente as escadas de sua casa, enrolando ao redor dos quadris uma saída de banho. Ela estava de biquíni. Carlos abre o portão e a observadora cumprimenta a todos. Assim escreve a observadora: “Julie está linda, com o cabelo mais comprido, preso com alguns tique-taques. Ela sorri para mim e balbucia suavemente um aaaah”. Carlos imediatamente pergunta se a observadora acha a filha maior. Tânia olha para sua filha e diz que ainda não sabia o que iria fazer com Julie, se a deixava em uma creche ou não, mas que iria decidir. Comenta que ela já está engatinhando por tudo, e que já fica de pé, segurando no sofá. Enquanto conta as evoluções de Julie, Tânia controla os movimentos do andador da filha, não deixando que ela vá muito longe. A relação com os alimentos dava indícios importantes da forma de se relacionar na família de Julie. O fato de ela se alimentar bem gerava satisfação na mãe, que a descreveu como “um bom garfo, come de tudo”.

Após as férias de fevereiro, a observadora, conforme combinado, liga para Tânia, e combinam a retomada das observações. Tânia diz que “estava tudo bem e que estava com medo que eu não ligasse, porque ela queria me entregar o convite de Julie. Agradeço e combinamos para próximo sábado”. Na chegada (onze meses e vinte e quatro dias), pede desculpas pelos trajés... está de biquíni, canga, com produto no cabelo. Comenta que está perdendo cabelos, como Julie que crescia e perdia os cabelos de quando nasceu. Tânia sofre transformações, avança etapas como a filha, e o casal pede para “não reparar a bagunça”. A observadora acha a casa, de fato, bagunçada — inclusive um colchão na sala onde, segundo Tânia, os três dormem juntos. Conforme Tânia fala, a observadora vai entendendo que ela parou de trabalhar fora; aos poucos ela diz: “Agora eu parei de trabalhar”. Explica que entre o trabalho e sua filha, optou pela filha. Fez um acordo com a empresa. Refere que é a sua primeira experiência de ficar em casa, desde sua infância. Nunca ficou um mês de férias. Sempre tirou dez, vinte dias e “agora vou ver como é que é”. Como sempre, pergunta a opinião da observadora sobre Julie, se está grande, desenvolvida. Confirma que está com dez quilos e setenta e dois centímetros. Diz,

relembrando a prematuridade e orgulhosa da evolução da filha: “Ela era tão pequenininha quando nasceu e agora...” Tânia precisou colocar um portão na cozinha para a filha não sair para a rua. Julie sobe no sofá para olhar pela janela e pega objetos que a mãe não quer. Então faz não com o dedinho no ar. Tânia conta também que Julie está destruindo a porta da cozinha com o dedinho: vai colocando o dedinho em um buraco e tira pedacinhos de madeira. A cada furo, Tânia coloca uma madeira. A relação mãe-filha vai ficando nitidamente mais complexa e enriquecida com uma integração egoica crescente, mesmo que temporária, de experiências emocionais vinculadas a sentimentos de raiva, ambivalência, ansiedades, conflitos que desafiam a dupla. Tudo isso vai confirmando, até o final do trabalho, quando Julie tem mais de três anos, um desenvolvimento, uma criatividade e uma singularidade que surpreendem e encantam. Enquanto Julie dorme, a mãe conta das fotos que tiraram para o aniversário — foi um sufoco — e da praia: “Ela adorou a praia”. Colocava sua filha sentadinha na areia, onde a água era bem rasinha, e ela saía engatinhando em direção ao mar e ficava braba se fosse impedida. Gritava porque queria entrar na água, mesmo quando vinha uma onda mais forte que a cobria. Não se assustava, ela só fazia assim — Tânia cospe imitando a filha. Na piscina é a mesma coisa — grita que quer entrar, os vizinhos já a conhecem pelos gritos. “Tem um bom pulmão! E pensar que quando ela nasceu, tinha problema de pulmão... mas agora, do jeito que berra!”.

Ao acordar, Julie sorri para a mãe, e Tânia mostra os quatro dentinhos que nasceram juntos. Está tocando música e Julie bate palminha e dança. Ergue a perna tentando cruzar uma barreira que a impede de passar pela porta da casa.

Assim como a mãe se utiliza de palmadas na bundinha de Julie quando ela quer fazer algo que possa machucá-la, também a incentiva a se desenvolver: “Tânia incentiva Julie para que ela suba no sofá: vai filha, sobe, tu consegue”.

No final desta observação, Julie fica escalando a mãe, senta em cima de sua barriga, coloca o dedinho na barriga de Tânia, apertando-a. Revelando as marcas deixadas pela gestação, a mãe diz, falando pela filha: “Isso foi o que sobrou de ti, mamãe barriguda”. A observadora avisa que está na sua hora e Tânia diz: “Mas já!” Julie resmunga e a mãe completa: “na semana que vem a Marina vai ficar bastante tempo com a gente, é o dia do aniversário”.

Doze a trinta e seis meses: o desabrochar mútuo de Julie e Tânia

Com a decisão de Tânia de abandonar o seu trabalho para permanecer em casa, cuidando de Julie, ocorrem transformações intensas na dupla mãe-bebê, que, mais uma vez, revela uma grande capacidade de crescimento. Daqui em diante, acompanharemos um nítido e emocionante desabrochar mútuo e criativo de ambas.

Os espaços da casa sofrem modificações que se integraram às transformações que vão ocorrendo com Julie e Tânia. Ambas vão ampliando e discriminando seus espaços, respeitando as individualidades. Julie agora tem um canto na sala onde são colocados diferentes brinquedos e ela é dona do espaço, que se chama “muquifo”. Joga-se nas almofadas, brinca, dorme, esconde coisas.

Tânia também amplia e abre um espaço criativo de trabalho dentro de casa. A mesa da sala de jantar está repleta de material de artesanato: cola, tinta, verniz, sacolas, pequenos canudos feitos de jornal, prendedores de roupa, cestas de jornal prontas, pote de plástico e o início de uma cesta quadrada feita com os canudos de jornal. Tânia aparece na sala sorrindo. (...) Conta da venda dos chinelos, do curso de cestas de jornal e o plano que tem de fazer bijuterias. Está entusiasmada com seu novo trabalho e com uma encomenda, dessas cestas, que uma loja fez para o dia das mães.

Descreve detalhes do trabalho, mostrando satisfação e orgulho com sua nova atividade.

Tânia e Julie seguem “trabalhando” juntas. Julie brinca ao lado da mãe enquanto esta trabalha. Os artesanatos da mãe seguem sendo vendidos com sucesso, e Julie acompanha a criação dos objetos atentamente. Tânia mostra para a observadora várias bijuterias muito bonitas e diz para ela escolher uma. É um gesto significativo, principalmente se considerarmos que Tânia estava presenteando a observadora pelo Dia das Mães. Talvez uma forma de comunicar o quanto ela foi importante nessa transição para a maternidade. Com sua presença constante e disponibilidade para acompanhar o vaivém da dupla mãe-bebê, a observadora certamente ajudou a sustentar uma continuidade, em meio a descontinuidades e rupturas. A relação entre Tânia e Julie foi crescendo na mesma medida em que foi crescendo a relação da dupla com a observadora, respeitando a sua função.

Julie está muito ativa, caminhando, explorando o ambiente, e a mãe sempre interagindo com ela. Ela vai atrás da mãe e também se consola com o bico e o seu cheirinho. Demonstra como já é capaz de manter viva uma ideia de mãe e do seu cuidado durante certo período: mostra uma certa independência. Ao mesmo tempo em que Julie segue desabrochando, a mãe também revela sua criatividade,

descobre algo próprio e se encontra profissionalmente. Está muito entusiasmada em realizar trabalhos artesanais. Faz cursos, planeja se cadastrar na Casa do Artesão, vender seus trabalhos, ela se orgulha disto e confia em si.

A partir de um ano e três meses, as interações de Julie se expandem, incluindo a observadora. Julie passa a brincar de nanar nenê e todas — ela, a mãe e a observadora — participam da brincadeira. A mãe guarda seu material de trabalho e Julie coloca sua boneca dentro do balaio grande feito pela mãe. Julie anda muito tagarela. Com um ano e quatro meses, já anda rápido, parece muito faceira. Dá pequenas corridinhas, com passinhos miúdos, abre um sorriso. Ela adora os tênis vermelhos da observadora, sempre olha e, na sua linguagem, demonstra a sua admiração. A mãe comprou um par de tênis vermelho para Julie e comenta que a filha adora seu muquifo, e quando Tânia limpa e tira as almofadas, Julie rapidamente reorganiza tudo. Tânia segue crescendo profissionalmente. Comentou que, no sábado anterior, fez a prova da Casa do Artesão e passou. Já está credenciada e agora, com a carteira de artesanato, vai ter direito à nota fiscal. Enquanto a mãe fala, Julie também fala e brinca: joga-se em cima de uma ratona enorme, rosa e branca, de tecido. Levanta-se e atira-se caindo sentada na rata. A mãe e a observadora tomam chá, comem broas feitas por Tânia, e Julie levanta-se, pega uma boneca e a leva até a observadora para ninar; esta nina a nenê e a devolve para Julie, que diz: “É pa-mã-mã” Levanta-se do banquinho e leva até sua mãe. Esta se diz feliz porque Julie está com 80 centímetros e que em quatro meses cresceu sete centímetros.

Com um ano e cinco meses, a observadora descreve uma cerca nova na porta da casa para conter melhor a Julie e também uma mesinha rosa de madeira junto com uma cadeirinha. Julie fica por alguns instantes ao lado de sua mãe e, logo em seguida, desce do sofá e vai sentar-se em sua poltroninha rosa. Começa a comparar seus pés com os da observadora, e a mãe, sorrindo, diz que ela não se esquece dos tênis vermelhos mesmo quando ela não os está vestindo. Brinca com a ratona, vira cambalhotas, joga-se em cima do bicho de pano e chama “mamãe?!”, e esta diz que Julie já fez uma frase completa. Pega a observadora pela mão e a leva para sentar-se ao seu lado na poltroninha rosa, entrega uma boneca para ela ninar e chama a observadora de mãe. Leva a observadora até a cozinha e pede que lhe alcance bolachas, na sua linguagem, ainda não clara, mas compreensível. Depois de pegar mais bolachas vai para o seu muquifo, deita, volta para o tapete, levanta suas pernas, segura seus pés e fica assim pendulando levemente, até que diz “cocô, cocô, cocô”. Tânia diz que ela avisa quando fez cocô, depois de fazer, é claro. Julie

repete um gesto de abrir e fechar as mãos para a observadora, e a mãe diz que isto significa que ela quer colo. A observadora a pega no colo e ela segue gesticulando em direção à porta da rua, dizendo “papai, papai”, e a mãe diz: “Ela quer sair”. Quando estão na varanda o pai está entrando no pátio. “Nossa diz a mãe, ela falou agora no pai, parece que sabia que ele estava chegando”. A observadora sorri.

O dia da filmagem, com um ano e seis meses, é um sufoco. Julie anda por tudo, sorri, corre, sobe e desce as escadas, joga-se em cima do macaco Chico no muquifo, chama papai, mamãe diversas vezes. Vão para o pátio, aparece o avô montado a cavalo, que a convida para passear, mas, desta vez, ela não quer. A mãe lembra das diferenças das outras filmagens, quando ela era menor, com menos condições. Acaba a observação com Julie tentando enfiar a boneca no buraco da tela da varanda para que ela caísse no pátio. A mãe diz para não fazer, e como a filha continua tentando acaba levando uma chinelada. Julie retira a boneca do buraco, e Tânia, braba, diz para ela guardar na caixa. Julie fez uma carinha de choro, enquanto leva a bonequinha para dentro da casa. Tânia vai dando pequenas chineladinhas na bundinha da Julie, como se a conduzisse com o chinelo. Leva-a até dentro de casa, onde Julie guarda a boneca. Tânia vai sentar na rua, Julie vai até ela pedir colo. A mãe responde que está braba e que ela sabe que quando sua mãe está braba ela não dá colo. Julie vai para dentro de casa e retorna de bico e fraldinha na mão. Ela fica ali rondando Tânia, olhando para o pátio, até que pede para a mãe ligar o som apontando com o dedo. Tânia vai até a sala e liga o som, comentando que não sabia se ali dentro do aparelho de CD estavam os discos do pai ou os de Julie. Quando começa a música, Julie começa a dançar. Tânia recolhe o bico e a fraldinha dizendo para a filha que não precisava mais; se precisasse, mais tarde ela daria de volta. Julie fez algumas pequenas coreografias: quando a música fala da mão, ela toca sua mão, se fala de pé, ela bate o pé. Ela roda, gira e balança seu corpinho [...], ela abraça as pernas de sua mãe. Na música tem a palavra bunda, e Tânia diz para a filha mostrar onde é a bunda. Julie sobe no colo de sua mãe e bate na sua bundinha e a mãe fala: “É a bunda, tá cocô?” Julie diz que não e segue dançando.

Com um ano, sete meses e onze dias de Julie, a observação é feita na casa da bisa, em Cachoeirinha, porque haveria a festa de quinze anos de Mariana. Julie aparece na porta e fala bem alto, “oi, oi” e abana para a observadora. Esta abana, diz oi e sorri. Entrega uma lembrancinha pelo Dia das Crianças. A mãe explica para Julie, que observa atentamente a mãe abrir o pacote. Estende a mãozinha colocando-a dentro do pacote. A boneca está presa na caixa e Julie espera para

pegá-la: abraça-a dizendo “nenê”. Embala-a dizendo “naná”, e a mãe repete: “Ah vai naná o nenê”... Tânia comenta que a caixa onde veio a boneca era a sua caminha e Julie pega a boneca e a coloca na caminha-caixa, dizendo “naná nenê”. A mãe e a observadora sorriem. A seguir, Julie retira a boneca da caixa-caminha e anda pela casa; minutos depois a sacode pelo gorro que tem na cabeça. Como a boneca tem um chocalho que produz barulho, a mãe lhe diz para fazer carinho, não sacudi-la tanto. Tânia mostra, embalando e dizendo “carinho, carinho” e Julie passa a mãozinha na boneca enquanto a mãe fala... Julie coloca a bonequinha na caixa, depois a retira e quer sentar-se na caixa, como se fosse uma cadeira. A mãe diz que ela é grande para sentar nesta caixa, que pode sentar-se na cadeirinha próxima ao sofá. Mas ela opta por pegar a caixa, colocar a boneca dentro e depois retirá-la e trazê-la para o sofá, onde fala “nenê” e a embala um pouco. Enquanto isso, Tânia mostra para a observadora o seu novo trabalho com guardanapos e panos de prato pintados com motivos natalinos. Comenta que todos foram feitos semana passada, quando sua avó esteve em sua casa e pôde ajudá-la: “A casa virou uma fabriqueta, tinha que ver, a vó fazia o crochê e eu pintava”. Tudo parece fluir, e a avó reaparece neste momento, demonstrando sua parceria criativa, artesanal, com a neta, assim como é a parceria Tânia-Julie. Enquanto Tânia fez o curso de pintura, a filha ficou com a avó. Expôs seus trabalhos em uma feira de artesanato, está vendendo na escola onde a sogra leciona, no seu antigo trabalho também e em algumas lojinhas que fizeram encomendas. Explica sobre as novas técnicas, biscoito, cestas de juta, entre outros, e como precisa aumentar sua produção, ganhar um dinheiro para irem à praia no verão. Julie acompanha atenta a conversa da mãe e também quer mostrar, mexer e passar a mão nas peças, olhando para Marina. Tânia diz que ela quer mostrar e participar do seu trabalho. Aparecem também várias facetas da relação mãe-Julie-pai: “ela se aproxima da mãe e pede uma tetê. Tânia responde que não iria pegar para ela, que ela tinha que pegar sozinha. A menina busca a mamadeira com chá ou refrigerante (havia bolhas). Entrega para a sua mãe, que diz que não iria abrir, que se ela quisesse que abrisse sozinha. Julie pega a mamadeira e sacode, deixando-a cair. Tânia dá um berro e avança para a beirada do sofá, pegando seu chinelo. Manda a menina juntar a mamadeira. Julie arregala os olhinhos, faz uma carinha de choro e vai buscar a mamadeira e sua tampa. Entrega a mamadeira para sua mãe, mas acaba por não beber. Vai até a mesa da sala, pega sua fraldinha que estava enrolada e leva para a sua mãe. Julie abre a fraldinha e entrega o bico para a mãe, que diz não querer. Julie põe o bico na boca e segura a sua fraldinha”. Tânia mostra as fotografias de

Santa Catarina e Julie fica entre a mãe e a observadora. As fotos são lindas, no sítio da tia. Várias fotos de Julie são junto a alguns animais, porcos, bezerros, vacas e com comentários a respeito. Julie nomeia todos, na sua linguagem, ainda não totalmente clara, e quando aparecem os filhotes, por exemplo, um bezerrinho ela deita a cabecinha na foto e diz algo como “cuti-cuti”. A menina está muito faceira e alegre em todas as fotos, e quando aparecem ela, o pai e a mãe, ela aponta e diz “mamãe, papai”, e a mãe pergunta “é o bebê da foto, quem é?” e ela bate a mãozinha no peito. Carlos aparece na sala, vindo de dentro de casa, e assim que Julie o vê, diz “papai, papai” e corre para pedir colo. Ele dá colo e vem cumprimentar a observadora. Carlos senta na poltrona, Julie no seu colo e a mãe ao lado. O casal conversa sobre uma festa, mas a observadora assinala um clima de animosidade entre eles... a mãe pergunta se a observadora aceita um chá e ela diz que sim. Assim que a mãe levanta-se para ir à cozinha, Julie desce do colo do pai e segue a mãe. Na cozinha, ela pede uma “tetê” para a mãe, que lhe diz que irá fazer; mas ela faz primeiro o chá para a observadora. Julie volta para a sala, junto com a prima Fabiana, que senta ao lado do Carlos. Julie vai para o colo do pai, e Tânia segura a mamadeira para ela tomar. Julie toma o leite e desce do colo do pai, indo brincar com a sua bonequinha, junto com a prima adolescente.

No mês seguinte (um ano, oito meses e dezessete dias), são muito ricas as associações que Julie faz, utilizando mímica, brincadeiras e sua linguagem própria com a observadora. Já na chegada, Tânia desce as escadas com Julie no colo, chamando os cães para prendê-los: “Elas sobem o terreno. Tânia me cumprimenta e abre o portão. Sorrio para Julie, que estava toda sorridente. Cumprimento Tânia e dou “oi” para Julie, que aponta para o dedinho de sua mão, falando algo. Tânia diz que é o anel, que eu estou de anel. Julie olha para minha mão, que estico para ela ver. Ela segue falando, e Tânia diz que o dela está dentro de casa”. Enquanto Tânia vai “soltar os cachorros”, a observadora nota como a menina está maior, de vestidinho azul com florzinhas bordadas, de chuquinhas coloridas e pés descalços. A mãe retorna, diz que estava trabalhando e segue. Julie fica rondando a observadora que está no sofá. Mostra o seu pé e depois aponta para o da observadora e chama pela mãe, que trabalha com brincos e pedras na mesa. Vai até a mãe, bate o pezinho no chão, apontando para o pé de Tânia e para a observadora e fala coisas. Tânia diz que ela estava sem sandálias e a observadora estava de sandálias como ela (mãe). Julie segue falando e propondo brincar de “naná nenê” com a observadora. Encontra um papai Noel de tecido, fala algumas coisas e diz claramente para nanar o “papai Noel”... Tânia levanta-se para ir à

cozinha buscar uma salada de frutas para a observadora e Julie pega esta pela mão e, sempre falando, leva-a até a cozinha. Lá insiste com a mãe que quer colocar sandália, como a observadora, e a mãe diz que não, porque as duas não irão passear. Julie sai da cozinha e vai para a varanda e Tânia diz saber onde ela foi: “pegar a sandália dela”. Retorna com um pé só e a mãe pergunta pelo outro. A menina retorna com as sandálias nas mãos, e a mãe avisa que não iria colocá-las agora e que tem uma tetê de suco para ela pegar. Repete-se a cena descrita anteriormente e Julie desiste de tomá-la, indo brincar com a observadora. Pega-a pela mão, puxando-a até a sala e, sempre falando na sua linguagem, pega o nenê, nina-o e o entrega à Marina para naná-lo. Faz o mesmo com o papai Noel. Julie está sentada ao lado da observadora. Coloca o nenê ao seu lado e o papai Noel entre as duas. Passa a mãozinha no papai Noel e pega a mão da observadora, movimentando-a como se ela desse tapinhas no papai Noel, dizendo: “nana”. A observadora faz o que ela manda enquanto Julie a olha e acaricia o boneco. Tânia volta da cozinha, trazendo a mamadeira e comentando que estávamos “batendo um papão”. A mãe segue trabalhando, e quando a filha começa a rondar a mesa, pergunta: “Onde tá Lulu?” Julie vai procurar no muquifo e traz a boneca que a observadora lhe deu no Dia das Crianças. A mãe comenta que “a Lulu está uma coisa porque desde o dia que ganhou, Julie carrega a Lulu pra lá e pra cá”. A mãe pergunta por outros bonecos que são procurados e trazidos por Julie. Ela os coloca sentados, dizendo para eles ficarem ali: “caí, caí”. Tânia continua trabalhando, fazendo um brinco atrás do outro e Julie pede a mamadeira, que a mãe retira a tampa e entrega. A menina mama um pouco e larga. A mãe pergunta se ela não quer bolinhas de nescau e a menina diz que sim. Tânia fecha as suas caixas e diz para Julie sentar no seu sofá e traz um prato cheio de bolinhas. A menina come e oferece para a mãe e para a observadora. Repete-se esta cena e Julie pega a mão de sua mãe e a coloca na sua virilha. Tânia sorri e Julie pega uma bolinha, faz que vai dar para a mãe e por fim coloca a bolinha por entre suas pernas. Tânia ralha, diz que é feio e ameaça com chinelo. A menina recoloca rapidamente a bolinha no prato, mas vira o prato e tudo se espalha pelo chão. Uma delas cai entre o seu sofazinho e o sofá de sua mãe. Ambas vão recolher as bolinhas do chão; Julie come algumas e a mãe não se importa, diz que não vai recolher a bolinha entre os dois sofás. A menina pega a mão da observadora, vai levando-a, mas a mãe diz que a observadora não vai recolher a bolinha. Julie senta no sofá e come as bolinhas que estavam no pratinho. Quando estava no final da observação, Tânia se levanta e diz que pegará as sandálias da filha para as duas

acompanharem a observadora até o portão. Quando Tânia sai, a menina pede colo. A observadora estende as mãos para ela, porém Tânia chega e diz: “Ela tá pedindo colo, mas tem que colocar as sandálias primeiro”. Assim que termina de colocá-las, diz que vai prender os cães, acrescentando “imagina se eu esqueço”. Julie vai junto com ela. Presos os cães, a observadora desce, e Julie e Tânia levam a observadora até o portão. Quando a mãe abre o portão, Julie não quer que a observadora saia. Tânia então resolve acompanhá-la um pedaço do caminho para Julie dar um passeio. No meio do caminho, a observadora se despede das duas e deseja um bom final de semana para todos. Julie demonstra que vem organizando defesas e desenvolvendo padrões definidos pela personalidade de sua mãe.

Com um ano, nove meses e oito dias, Julie está de castigo, dormindo, e Tânia diz que se estressou com ela porque ela está muito difícil, teimosa. Mandou-a dormir. Quando entram na sala, a observadora percebe que tem uma máquina de costura juntamente com bastante material para fazer panos de prato. Tânia refere que tinha vendido toda produção, pintada por ela e bordada pela avó. Julie acorda, vem de bico na boca e fraldinha na mão, correndo em direção à observadora, de braços abertos. Esta se abaixa, abraça a menina, que se senta ao seu lado no sofá. Julie imita a observadora e quando esta se levanta, convidada pela mãe para irem à sala, a menina levanta-se e a segue rapidamente. Mostra para a observadora a árvore de Natal e diz “Natal”. Sai a procurar o papai Noel e volta correndo com um inflável. A observadora entrega um presente que a mãe abre, e Julie fica à volta dando gritinhos de satisfação: é um cubo da Mônica com diversos orifícios para encaixar peças de diferentes formas. A mãe mostra como funciona, e a menina, com acertos e erros, descobre o funcionamento do brinquedo e passa a brincar, entretida com a observadora. Julie pede “bauno”, depois “bano” e a mãe diz que ela pede banho. Diz para a menina pegar a sua toalhinha. Julie vai bem ligeirinho na frente e puxa a toalha, que fica dependurada no armário de seu quarto e leva para o quarto do casal. A mãe escolhe a roupa que vai à festa e separa uma sandália, colocando junto o vestido. Julie troca a sandália e olhando para a mãe, diz: “Papai”; a mãe completa: “Foi o papai quem deu”. Olha e pega a sandália, dizendo que pode servir. Vão todos para a sala e Julie se atira no seu muquifo, senta e sorri para a mãe e a observadora, que respondem com um sorriso também. Julie se levanta e vai em direção à observadora, segura sua mão, a puxa para seu muquifo e põe a mãozinha no cobertor. A mãe pergunta se é para a observadora sentar, e ela olha e diz Malina, apontando. Chama a mãe também, ficam as três sentadas no muquifo. Pede para Marina “naná o nenê”, uma boneca

antiga, é da infância da mãe, e depois faz o mesmo com a mãe. “Pensei que ela sente a mãe nervosa e tenta niná-la, atendê-la.”

Quando a observadora combina por telefone com a mãe a próxima observação, depois das férias de verão, Julie escuta, perguntando quem era, e a mãe diz que era a observadora e passa o telefone para ela, que a chama pelo nome “Malina”. No dia combinado (um ano, onze meses e dezesseis dias), Julie está dormindo, diz a mãe que ela passou a manhã brincando na piscina. A casa foi pintada, a varanda estava uma graça, cerquinha branca contrastando com a telha-vinho da casa. Enquanto as duas se dirigiam para a casa, escutavam uma discussão forte entre os avós paternos. Quando entram na casa vão em direção ao quarto de Julie e a mãe comenta baixinho que estava ajeitando o quartinho da filha. Como estava escuro, a observadora não viu detalhes, mas observou cortinas novas, cama de solteiro e alguns brinquedos que sempre estiveram na sala. A mãe comenta que a filha cresceu bastante. Mãe e observadora vão para sala e Tânia comenta que ficaram na casa de praia de sua avó e que voltou há poucos dias. Julie estranhou o mar, mas depois, aos poucos, foi se acostumando e se soltando. No final da temporada já tinham que cuidar para que ela não entrasse mar adentro. Como ela ficava o dia de biquíni, aproveitaram para iniciar a retirada das fraldas. Fala que anda muito ocupada com as mudanças e limpeza da casa e que algumas coisas tiveram que ser substituídas, por exemplo, as cortinas do quarto da filha. Tentou achar cortinas de renda, como eram as antigas, e não encontrou. Comprou então uma cortina que combinaria com a organização do novo quarto da filha: “Não era do comprimento que eu queria, mas parece que agora não se faz mais aquele tipo de cortina”. A cama ela ganhou da avó Regina. Era usada e muito barata. Tânia lixou, pintou e decorou a cama com alguns desenhos pintados por ela. “Fiz um milagre com uma cama de dez reais, mas deu um trabalhão, fiquei dias trabalhando nela”. Refere que Juju fala tudo. Tânia escuta a filha falar e vai até o quarto. A observadora a vê levando Julie ao banheiro “para fazer xixi”. Enquanto isto a observadora olha o álbum de fotos do verão que Tânia tinha oferecido. Quando Juju chega, cumprimentam-se com beijinhos na bochecha e a menina aponta e cita todas as pessoas na foto. A primeira pessoa que ela mostra, apontando o dedinho, é a “Juju”, depois papai, mamãe... papai da Juju... chama os peixes de boto após ver um na praia. Em outra, a Juju e o Pedro, o primo — ambos com o mesmo tamanho, apesar dele ter um ano a mais (...) Chega o pai e ela vai correndo pedir colo dizendo “papai, papai, colo”. Ganha um abraço e volta ao chão porque o pai vai visitar a sua mãe. A boneca Lulu, presente antigo da observadora, foi à

praia com Juju e andou o tempo todo “para cima, para baixo... onde está Lulu?” Juju a encontra, traz para a observadora e pede para niná-la. Ela a faz dormir. A mãe refere que tentou levar o muquifo para o quarto de Juju, mas ela trouxe de volta para a sala. Julie pega a mão da observadora e a leva para mostrar seu quarto. Quando chegam, ela se joga na cama, como sempre fez no muquifo. Mãe e filha mostram os detalhes da pintura da cama, os lençóis, a colcha pintada por Tânia, os animais grandes de pelúcia nas beiradas da cama, para evitar que Juju caísse no chão e um tapete de ovelha. Vão para a sala e Julie retorna ao seu quarto, voltando com o bico na boca e pedindo colo para a mãe. Senta-se de frente para ela, com as pernas enganchadas na cintura de Tânia. Recosta-se no peito da mãe e esta fala que a menina sente falta da teta, e às vezes ela toca em seu seio, cheira, tem saudades, abraçando a filha. Depois coloca a mão na calcinha de Juju para ver se estava xixi, mas não estava. A observadora, antes de sair, lembra Tânia que a partir da próxima observação a frequência será trimestral: “Só de três em três meses! Ahhh” e abraça a filha. O crescimento dói, traz perdas, faltas, transformações, mas também “quarto novo, calcinha, etc”.

Na observação seguinte (dois anos e dezenove dias), pela primeira vez neste tempo todo, a entrada do portão estava com fezes dos cachorros espalhadas por todo lado. Regina aparece, desculpa-se e enxota os cães enquanto Tânia os prende no porão. A observadora e a colega que filma a observação de hoje passam para o pátio. Julie estava próxima da piscina e quando vê a observadora vem se aproximando. Tânia escolhe fazer a filmagem dentro de casa e não no pátio. Quando chegam em casa Julie fala algumas coisas que a observadora não entende, mas a palavra “Keka” está muito clara — é a bruxa do *Mundo da Imaginação* da Xuxa. Julie viu um chapéu de bruxa quando estava passeando com o pai, e entraram em uma loja. “Pra quê”, diz a mãe, “agora a guria só fala na tal da Keka”. A menina está falando mais e mais rápido, dá passos ligeiros pela casa, busca um elefante, busca o “Bush” e se joga no seu muquifo, se vira e sorri. Depois retorna ao assunto Keka, perguntando com olhinhos inquisidores à observadora: “Não tem Keka?” Um pouco depois a observadora entrega à Julie seu presente de aniversário de dois anos: um coelho rosa grande e fofinho. Ela pega o coelho, abraça e sai arrastando pelas orelhas. Aproxima-se da observadora, entregando o coelho para ela, que o devolve para Julie. Esta, agarrada ao coelho vai para o seu muquifo. Senta com o coelho no colo, olha-o bem, aperta-o em seus braços, fala com ele, em uma linguagem de bebê. Como a mãe vai para a cozinha buscar uma bebida, que tinha oferecido para os presentes, Julie levanta-se e vai atrás,

carregando o seu coelho pelas orelhas. Tânia diz que também tem uma lembrança para a observadora: um chaveiro que é um tênis pequeninho de plástico com guizos na ponta. Às vezes a mãe é dura com Julie, e as duas ficam disputando o comando da situação, medindo forças: “Tânia me dá um chaveiro de presente. Julie, assim que vê o chaveiro, vem para mim com a mão estendida. Tânia diz para eu não deixar ela pegar. Julie fica me olhando, enquanto sua mãe se dirige ao armário de artesanato, dizendo que iria pegar um outro para ela. Julie pede o chaveiro que está na minha mão. Tânia novamente diz para eu não entregar. Julie me olha, fazendo um muxoxo. Tânia retorna e entrega um outro chaveirinho para sua filha, que não se conforma e volta a pedir o meu chaveiro. Tânia diz para Julie pegar o outro, porém Julie olha para mim e começa a chorar e a pedir o meu chaveiro. Tânia fala em um tom mais alto que aquele chaveiro era meu e pede para eu guardar, enquanto ela troca o chaveiro de Julie por outro. Tânia vai novamente no armário, e Julie, que estava ao meu lado, começa a berrar aos prantos. Tânia diz para eu não entregar o meu chaveiro, e Julie se esganiçando de tanto chorar”. Depois ficou rondando a mãe e esta não lhe dá atenção. Tânia mostra novos trabalhos: esteiras, porta-sacos, panos de prato pintados, diferentes, com barra de crochê que aprendeu com sua avó na praia. Mais tarde, Tânia comenta que está pensando em colocar sua filha na creche próxima de sua casa: “de tarde, por alguns dias, vai ser bom pra ela, tem outras crianças e eu posso trabalhar mais sossegada”. Quando se despedem, a observadora confirma o dia da próxima observação, e Tânia diz: “É... só em junho... é muito tempo...” e diz para filha que a observadora vai demorar muito para voltar. Depois de prender os cachorros, Julie vai na frente, de mão dada com sua mãe até o portão e se despedem.

Três meses depois, após o ritual com os cachorros na entrada da casa, Julie aparece com carinha de quem recém acordou e a mãe comenta que a filha descansava um pouco porque agora ela está na escolinha e tem cansado mais. Está atrás do sofá, de chuquinhas, casaco em moletom vermelho realçando o tom rosado de suas bochechas, e abrigo rosa, lindinha. A observadora a cumprimenta com um sorriso e abaixa-se para dar um beijinho. Ela está morninha, com um quentinho gostoso. Julie diz para a observadora que estava deitada no sofá onde tinha um cobertor e um travesseiro. Tânia conta como foi a adaptação na escola, da festa junina, e que Julie surpreendeu positivamente a professora, com seu desenvolvimento motor fino e amplo. Ela canta as musiquinhas e conta historinhas para a turma, que presta atenção nela. Voltou outro dia com uma mordida no braço, “tinha toda a arcada dentária da criança no braço dela”, que foi

difícil para Tânia ver isso. Foi toda semana olhar a filha na escola e a viu batendo em outra criança e que também dá em seu primo João. Tânia pede para a filha contar uma história para a observadora e ela vai ao muquifo, pega um livro, senta ao lado de Marina e começa a mostrar a bruxa.

Segue um tempo “falando na bruxa”. Depois vai até sua mesa cor-de-rosa e pede para desenhar. Passado um tempinho, os avós a chamam para andar de cavalo com o avô, que trota com o cavalo e Julie várias voltas no pátio. Ela parece divertir-se muito. Quando voltam para dentro da casa vão à cozinha, onde Tânia prepara café com leite e conta sobre as festas a que foram. Julie pede para sentar junto à mesa, Tânia ajuda e diz que fazem as refeições sempre juntos. Julie senta, olha a observadora e “conta” várias coisas; às vezes, a mãe ajuda “traduzindo” algumas palavras. Assim vão tomando o café, o leite e comendo diferentes bolachas. Na conversa a mãe dá notícias do seu trabalho, da feira Latino-Americana, mostra uma técnica nova, muito linda e bem feita e toalhas de mesa e guardanapos trabalhados e pintados. Julie, enquanto isto, vai para sua mesa cor-de-cosa e pede lápis de cor para a mãe, que só entrega um de cada vez. Mostra o desenho para a observadora, que elogia. Simultaneamente Tânia mostra outros novos trabalhos, e a observadora diz-se dividida entre mãe e filha. Julie levanta-se e vai para o sofá, para onde também vão a mãe e a observadora. Quando estão as três sentadas Julie levanta-se e traz duas cadeiras de plástico e encosta no sofá. Sobe em uma delas e pergunta para sua mãe se ela voa. Tânia responde que não, e Julie diz que sim, que a mãe voa e vai se deitar no muquifo. A mãe diz: “essa saiu melhor que a encomenda”. A mãe é a bruxa que voa.

Aos dois anos, seis meses e treze dias, Tânia inicia prendendo os cães, para que a observadora entre no pátio, e é destacado o seu tom de voz “mais duro” no fazê-lo. Julie dorme e Marina percebe que Tânia estava trabalhando, pintando toalhas. Comenta do crescimento da filha e das exposições que tem feito dos seus trabalhos, que são realmente muito bonitos. Em um dos locais de exposição, que passou por seleção, não foi aprovada, mas conheceu outras pessoas e outros ambientes. Refere que vai seguir trabalhando e tentando se desenvolver. Julie é acordada pelo pai, vem para a sala com um ar de sono e impacta a observadora, que pensa “ela está perdendo aquele ar de bebê e ficando uma menininha”. Cumprimentam-se com beijinhos e a mãe, vendo a filha despenteada, diz: “Vem cá deixa a mãe arrumar esse cabelo”, e o faz, como sempre, com destreza.

Tânia e a observadora sentam no sofá e Julie em seu sofazinho, que está ao lado. Pega o presente que ganhou da observadora há muitos meses, no natal passado e

passa a brincar — é o de encaixes da Mônica. Tenta, acerta, erra e segue brincando, enfrentando as dificuldades. Depois de um tempo, joga as pecinhas para o ar e, enquanto recolhem as pecinhas, ela e Tânia, Julie diz que quer ficar com a mãe e pergunta, com um olhar distante, por que tem que ir à escola. Na sequência, Tânia explica e mostra para a observadora os trabalhinhos da filha na escola, e a observadora, olhando, disse que estavam muito bonitos: “Julie responde enfaticamente: ‘Não tá bonito’. Tânia fica braba e ralha novamente com a menina e diz para ela não falar assim. Quando olho para Julie ela está de cara amarrada, olhando para baixo, de braços cruzados. De cabeça baixa, as sobancelhas cerradas, ela olha para mim. A mãe diz para ela não olhar assim, e que levantasse a cabeça: ‘Isso é jeito, Julie! Levanta a cabeça!’ A menina diz que não. Tânia insiste: ‘Levanta a cabeça, Julie! Tu não vai levantar a cabeça, é? Descruza esses braços, gurria!’ Julie permanecia com aquela expressão crispada, até que Tânia começou, com suas mãos, a levantar a cabeça da menina, enquanto dizia em alto tom: levanta a cabeça menina. Julie começa a choramingar e a dizer que não queria. Tânia insiste e empurra a cabeça de Julie, que bate na parede, mesmo assim Julie, quase chorando, diz que não queria, mas acaba levantando levemente a cabeça”. Tânia então se afasta um pouco, se levanta e vai à cozinha buscar salada de frutas para a observadora, dizendo que a filha faria companhia para ela. A mãe segue falando que se Julie não se comportar irá apanhar e “não é porque a Marina está aí que eu não vou dar em ti”. Assim que a mãe sai, a menina retoma a expressão contrariada e baixa a cabeça; a observadora fica olhando e Julie fica inalterada, alguns minutos depois permanece impassível. É clara a sua expressão irritada. Empurra com os pés uma almofada que estava na sua frente. A mãe retorna e, observando a almofada fora do lugar, diz, ríspida: “Tu jogou a almofada na Marina, Julie?” Diante do silêncio, a observadora diz: “Não”. Julie vai para a tevê, a mãe faz comentários, a observadora diz seus “uhuns” e a tensão que paira no ar começa a se desfazer. Há uma nítida disputa entre mãe e filha, esta lutando pelo seu espaço, e a mãe exigindo desempenho de Julie.

Depois de Julie comer sua salada de frutas, pega uma bonequinha, anda um pouco com ela e vem em direção à observadora, entregando-a para ninar (...) pega mais duas bonecas e coloca-as no sofá onde está a observadora. Julie fala que é hora de dormir e que tem uma bruxa. Deita-se junto das bonecas abraçando-as porque a bruxa vai chegar. Ela estica as perninhas para deitar com as bonecas, recostando seu rostinho nelas. Olho para ela aninhada com as bonecas, sorrio. Tânia e Carlos comentam que o trabalho de observação está terminando.

Na penúltima observação (dois anos, nove meses e seis dias), os cães latem até ver a observadora e então param. Tânia vem prender os cães e abrir o portão enquanto Julie fica na varanda da casa, de onde acena para Marina. Esta leva uma lembrança de Natal, que está muito próximo, e a mantém escondida. Quando chega na casa entrega o presente para Julie, e a mãe refere que o Papai Noel tinha passado na casa da observadora e na festinha da escola. Enquanto Tânia abre o presente, a observadora repara que a sala estava arrumada para o Natal e que ela trabalhava com camisetas. O presente era o Barney, que Julie abraça, e a mãe diz: “Agora já vi tudo, vai andar com ele pra cima e pra baixo”. A menina tinha ganho outro Barney, muito grande e difícil de carregar. Abraçada ao menor, diz que este é o bom e o grande é ruim. Este está no muquifo, que agora tem só algumas almofadas e alguns brinquedos: Barney grande, quase do tamanho de Julie, a ratona, que é ainda maior, e um Papai Noel inflável do tamanho extragrande. Depois de brincarem, a mãe insiste para Julie contar a novidade: “é que uma aranha fez xixi no seu bico”, e a mãe diz: “É, o bico caiu do lado do sofá, aí uma aranha fez xixi no bico, fez cocô, como é que dá pra usá o bico, né?” Julie confirma, repetindo palavras da mãe, e esta sorrindo diz que a filha não usa mais bico [...]. Julie pega o Barney pequeno e vai para o sofá, encostando-se em sua mãe. A menina está de perninhas abertas e a mãe diz para fechá-las senão vai aparecer a calcinha, “tu já é uma moça, não pode ficar mostrando as calcinhas”. A mãe insiste, repete, a filha fecha as pernas, depois as abre novamente. Julie repete com o Barney esta mesma situação dizendo: “Fecha as perninhas, vai parece caaxinha”. Mãe e filha brincam com o Barney grande e o Barney nenê, e Julie fala da madraستا que roubou o nenê na novela das oito.

Tânia diz que a filha está muito impressionada com este fato da novela, repete bastante. Na última observação houve a filmagem também, Julie está com três anos e vinte dias. Enquanto ocorre o ritual com os cachorros a observadora repara a menina que está sorrindo, está grandinha e muito bonita. Quando a observadora apresenta Tatiana, que fará a filmagem, Julie diz: “Tati”. Sorrimos. Chegando, a menina vai para o sofá perto da janela; a observadora senta ao seu lado, no sofá que ela sempre senta nas observações, e a “Tati” no outro lado: Julie fica no meio; levanta-se e vai sentar no outro sofá, entre o pai e a mãe. Esta diz para a filha buscar e mostrar o que está aprendendo na escola: rabiscos, letrinhas, palavras que Tânia explica que ela escreve, e Julie passa a caneta em cima. Comenta que sua filha é muito adiantada, que até a professora confirmou. Continua contando historinhas na escola e Tânia insiste para que a filha conte

para a observadora. Julie conta várias, como João e Maria, Cinderela, Chapeuzinho entre outras, do jeito dela: sempre tem uma bruxa e ela mistura as histórias sendo corrigida pelos pais. A mãe conta sobre uma profissional da escola da avó, que fez uma avaliação do QI de Julie, e a observadora escuta e diz vários “uhum”. Julie, nesse momento pega sua fraldinha e diz que vai dormir. A mãe diz que dormir é no quarto e pede para a filha mostrar para a observadora seu quarto: está muito bem arrumado, bem quarto de menina, cheio de bichos enormes, um tapete de ovelha no chão, brinquedos nas prateleiras e uma cabaninha. Julie atira-se nos bichos de pelúcia, abraça-se no Barney grandão. A mando da mãe procura o Barney pequeno, que estava na sua cabaninha, e o leva para junto do Barney grande, dizendo que um é filhinho, o outro mamãe, e começa a cheirar a bunda dos bonecos. A mãe diz: “que feio, Julie!” porém ela segue fazendo isso. Até no último dia Tânia oferece e serve uma bebida, primeiro para as visitas, depois para a filha. Todas tomam o suco, e depois Julie pede livros para a mãe ler as histórias. A filha quer que a mãe leia, mas esta diz que já contou essas histórias e que ela deve contá-las. Enquanto a mãe sai do quarto, Julie folheou as historinhas dizendo que nas suas histórias sempre tem a bruxa. Tânia e Julie empilham e guardam todos os livros antes de retornarem à sala. A observadora dá uma boneca de cabelo igual ao da Julie, e Tânia tem dificuldade de retirar a boneca da caixa porque parte do cabelo estava preso e repuxa com o movimento que ela fez. Então ela enrosca o cabelo nos dedos e puxa, retirando o pedaço preso. Estão os três — pai, mãe e Julie — junto com a observadora e a colega que filmou a observação. Perguntam com interesse sobre a pesquisa, vão todos para o pátio e, no portão, despedem-se.

Considerações finais

Na história de Tânia e Julie pudemos acompanhar de perto, com encantamento, o desabrochar progressivo e criativo de uma dupla mãe-bebê que conseguiu vencer os desafios impostos por descontinuidades, as quais, apesar de tudo, não ameaçaram o continuar a ser da mãe ou da bebê nos seus três primeiros anos de vida.

Essa história foi marcada por uma ruptura na relação mãe-bebê — nascimento prematuro — cujo risco já vinha sendo anunciado à observadora, de forma dramática e sem palavras, desde as primeiras ultrassonografias. As circunstâncias da gravidez de Julie foram se revelando lentamente ao longo do período

gestacional. Os pais estavam desejosos de ter um bebê, mas mostravam-se estranhos, muito ansiosos e assustados durante toda a gestação. O clima nos exames era sempre enigmático, como se aspectos importantes não pudessem ser revelados; eram misteriosos, desafiadores, continham segredos. Por mais que Julie estivesse bem, temas recorrentes como parto, prematuridade, preocupações excessivas em relação ao líquido amniótico, peso e tamanho do feto e muitos medos permeavam todos os exames. Pareciam antecipar a pré-eclâmpsia, anasarca, desaparecimento do líquido amniótico e o nascimento prematuro de Julie. Ao mesmo tempo, mantinham uma atitude manifesta de euforia, que a observadora identificava como falsa, revelando uma cisão que os protegeu neste período.

A observadora sentiu-se atingida por esse contexto, o que resultou em muita dificuldade para manter sua função e relatar o material para supervisão semanal. Através de sua escrita, nos colocou em contato direto com o silêncio do que não podia ser comunicado verbalmente durante a gestação. Ele se expressou na própria forma como nos foi apresentado o material de observação: relatos escassos e sucintos. Durante as supervisões, a observadora sempre procurava usar mais palavras que pudessem traduzir o que era sentido, mas não podia ser verbalizado. Predominou uma comunicação não verbal, em que os pais transmitiam euforia, e a observadora, paralisada, fazia o contraponto do que não podia ser comunicado: o pavor de não produzir vida ou de não sustentá-la.

Foram dois bebês gestados simultaneamente: um vivo e um morto. O morto não podia aparecer, criando um clima pesado captado pela observadora nas ultrassonografias, que passou a carregá-lo juntamente com a ultrassonografista. Esta frequentemente destacava sinais de vida do feto aos pais. A mãe não parecia acreditar na segurança de seu espaço interno, intrauterino, para gestar vida. A ausência de líquido amniótico e o nascimento prematuro de Julie acabaram confirmando a fantasia da mãe de que a vida do feto estaria assegurada fora de seu ventre, pois dentro era perigoso. Foi muito alto o nível de exigência para a observadora, de ficar na posição de carregar um bebê morto ao longo de toda a gestação; isso ajuda a entender a sua sensação permanente de sentir-se de fora, estranha e com sensações bizarras, apesar de sua disponibilidade para entrar. O grupo de supervisão teve um papel central ao dar sustentação para que a observadora se mantivesse na sua função de barriga auxiliar para esta gestação complexa.

Somente no parto foi possível compreender um pouco da sombra que pairava sobre Julie desde o início de sua história. A obstetra, de forma abrupta, e sem

consentimento da família, revela que ela estava nascendo no dia previsto para o nascimento de um bebê que a mãe perdera antes de completar o primeiro trimestre gestacional. A mãe engravidou de Julie um mês após este aborto espontâneo, sem elaboração ou luto dessa perda. A gestação dessa bebê abrigava fantasmas poderosos que não podiam ter vida em palavras, mas pairavam na sala de ultrassonografia. Paralelamente à gestação de Julie, havia a primeira gestação, que, não havendo espaço psíquico para seu término, teve que ser expressa via corporal. Assim, chegando o tempo desta primeira gestação vir a termo, o corpo de Tânia entra em ação e anuncia a necessidade de um parto prematuro de Julie, que carrega esta herança de vir não só no lugar, mas no tempo de outro. A não elaboração de uma perda anterior foi encenada nesse caso.

Durante o parto, como no período gestacional, a mãe projeta na observadora suas angústias, e esta as acolhe, protegendo Tânia de ter que lidar com elas. Julie nasce, é bem recebida pela mãe e vai para a UTI neonatal até poder ser levada para casa. A observadora se despede, com a sensação de que também saiu prematuramente, mas no tempo necessário para exercer a sua função de ajudar a gestar e enterrar o bebê morto, encerrando esta etapa.

A função terapêutica da observação, para a mãe, durante o período gestacional, fica bem ilustrada neste caso. Tânia e Carlos puderam contar com um cão fiel, que estava disposto a seguir oferecendo um espaço psíquico, quando lhes faltava. A observadora foi fiel depositária de suas angústias sem nomes, sem o risco de que fossem devolvidas precocemente ou questionadas com uma anamnese que os forçasse a pensar o impensável.

A ultrassonografista também teve uma função terapêutica importante, tranquilizando os pais e os alertando para o estado clínico de anasarca da mãe, no penúltimo exame, que a colocava em risco, assim como o bebê.

Acreditamos que, neste caso, foi especialmente importante a presença de duas observadoras, uma para a primeira e outra para a segunda etapa. Tânia agarrou-se a duas parceiras muito especiais, que atenderam a necessidades distintas e particulares da mãe em cada etapa, pré e pós-nascimento.

Confirmamos, acompanhando longitudinalmente este caso, que é somente com o decorrer da vida que podemos saber o rumo que o desenvolvimento vai tomar. Não se pode ter previsão ou preconceito, nem ir com cartas marcadas. Assim, priorizando as regras do método Bick de observação de bebês e ancoradas em um setting, foi possível acompanhar os padrões relacionais que foram surgindo e a emergência da personalidade de Julie em franca interação com seus cuidadores.

Acompanhamos também todo o esforço da mãe para se adaptar às necessidades da filha e restabelecer uma continuidade interrompida com o seu nascimento prematuro. Por ocasião do retorno de Tânia ao trabalho, foram mais descontinuidades — mudanças físicas, de cuidadores, cachorros brabos, tentativas de adaptação na casa da vó, da tia, mudanças de horários —, as quais são enfrentadas corajosamente pela dupla mãe-bebê. Tânia não foi uma mãe deprimida ou enlutada; agarra-se a suas parceiras (avó, observadora) e encara com naturalidade e coragem as circunstâncias reais da vida que se apresentam, sem dramatizá-las. A flexibilidade e disponibilidade da observadora para acompanhar esses movimentos foram cruciais nesse período. Ela se adapta às necessidades da dupla e acompanha toda a instabilidade que mãe e filha viveram durante um período. Passa a realizar as observações aos sábados, em locais diferentes, sem sentir isso como algo que a prejudicasse; ao contrário, é um clima de trabalho criativo, uma parceria que agrega.

Após a revelação do segredo que assombrou o casal e a equipe ao longo da gravidez, abriu-se uma possibilidade de vida: Julie, com sua vida, ajuda os pais a enterrarem o bebê morto e os fantasmas acerca do útero de Tânia, e nasce para encarar o que a vida tem a lhe oferecer. Mãe e bebê passam a viver uma relação muito verdadeira, marcada pela vivacidade, que se estabelece de saída também entre a mãe e a observadora. De imediato, houve uma empatia entre as duas. A observadora liga para a mãe exatamente quando ela estava saindo do hospital e pôde sentir uma mãe radiante, agora com o seu bebê no colo, totalmente diferente da que encontrou em sua visita no hospital.

O ritual de “prender os cachorros” da família para que a observadora pudesse entrar na casa, soltá-los durante a observação para tornar a prendê-los de forma a permitir a saída da observadora dramatizou um tema central: a contenção e a agressividade. A mãe precisava experimentar a sua capacidade de conter a sua agressividade. Na primeira observação, marcada exatamente na data prevista para o nascimento de Julie, a mãe a entrega para a observadora segurá-la em seu colo, enquanto vai até o pátio soltar os cachorros. Frequentemente, ao prender os cachorros, a mãe alertava a observadora de possíveis riscos com eles: “Imagina se eu esqueço de prendê-los” ou, na hora de a observadora sair, a mãe comenta que se ela não segurasse os cães, a observadora “sairia dali morta”. Em torno dos três meses, a observadora relata não se assustar mais com os cachorros e, em um confronto forte entre a avó paterna e Tânia, a observadora se diz confusa e escreve: “Os cachorros invadem a casa”.

Neste novo momento, os cachorros de Tânia podem aparecer. Ela não nega sua existência, mas aprende a domá-los, a prendê-los e soltá-los quando necessário, para manter a bebê e a observadora seguras. Tânia regrida, mistura-se com sua filha sem medo de sua “brutalidade”, usando a observadora para diluir e drenar seus afetos. Além de contar com um terceiro para auxiliá-la nessa função, Julie reforça que as fantasias da mãe, tão assustadoras na gestação, agora não geram impacto em sua vida. A vitalidade de Julie não só atenua a fantasia de destruição da mãe como também confirma a sua capacidade de criar e sustentar a vida.

Em diversos momentos, Tânia é ríspida e exigente com a filha, quer que ela cresça, caminhe, aprenda a fazer, se virar, como ela própria faz. O incrível nesse caso não é a ausência de falhas, mas como estas vão aparecendo de forma gradual, mostrando para Julie, em pequenas doses, a vida como ela é. Esta relação verdadeira aos poucos vai oferecendo um modelo para que Julie também construa um espaço só dela, para abrigar os seus cachorros e domá-los.

Aprendemos com o jeito autêntico e espontâneo com que Tânia vive a sua vida e com que ajuda Julie a viver a sua própria. Esse caso nos auxilia a elucidar as vicissitudes da vida real, com suas belezas e encantos, mas ao mesmo tempo com suas brutalidades e falhas. A casa de Julie é um palco montado para a encenação de conflitos da vida diária.

A capacidade de discriminar da mãe, de aceitar o desenvolvimento, a separação, mostrou-se desde quando Julie era bem pequenininha. Por exemplo, já na primeira observação, Tânia diz para a observadora que a filha teria que se acostumar aos barulhos e rotina da casa. Quando estava com quase dois meses, a observadora nota a presença de um “cheirinho” encostado ao corpo de Julie. Aos três meses, a mãe já estava estimulando a filha a segurar a mamadeira com as próprias mãos e já foi fazendo mudanças e abrindo espaços na casa para acolher o seu desenvolvimento motor. Assim, a casa vai sendo modificada, refletindo o crescimento da dupla mãe-bebê. Quando Julie estava com seis meses, a observadora testemunha a construção de uma “moquinha”, revelando sinais de discriminação da própria bebê e aceitação, por parte da mãe, da individuação de cada uma. No momento certo, essa “moquinha” se amplia e se transforma em um “muquifo” — um canto na sala com almofadas, colchão e brinquedos — que vai se modificando com o tempo. Nesse espaço próprio, Julie tem a possibilidade de ir administrando os dramas de sua vida, integrando a sua agressividade, lidando com seus conflitos e exercitando a arte de brincar e criar.

Tânia abre um espaço criativo de trabalho “dentro de sua casa”, nunca antes

imaginado, quando arrisca e com coragem decide demitir-se do emprego para ficar cuidando de Julie. Depara com uma nova habilidade e gosto por artesanato e se vê nascendo, desenvolvendo e assumindo uma nova profissão. Esta é um claro resultado de sua intensa vivência e transformações sofridas na sua trajetória de gestar, parir e criar a sua filha. A produção de artesanato parece traduzir o trabalho artesanal que Tânia vem fazendo desde que Julie nasceu, de tecer esta relação. Tece-se como mãe, não tece Julie, mas ajuda-a a se tecer aos poucos, como pessoa. É lindo de ver o resultado deste processo tecido a dois. Tânia e Julie passam a ter suas mesas de trabalho lado a lado e nos ensinam como o nascimento de um filho pode proporcionar um crescimento mútuo mãe-bebê.

À medida que Julie vai se desenvolvendo, a mãe vai se mostrando cada vez mais como ela é: exigente, curiosa, independente, determinada, criativa, corajosa. Sua autenticidade a leva a expressar livremente seus afetos amorosos e agressivos, seus valores, limites e hierarquia na relação com a filha. Julie também se revela uma menininha inteligente, viva, criativa, combativa, muito atenta, demonstrando uma crescente integração, com possibilidade de livre circulação de seus afetos, ansiedades, amor, ódio. É um caso exemplar de uma parceria viva que funciona com muita sintonia, respeito e interesse pelo crescimento, assim como se mostrou a observadora com a dupla mãe-bebê.

A situação de prematuridade da filha está sempre muito presente, confirmando a intensidade do trauma vivenciado pela mãe. Até os seus três anos, Julie tinha que mostrar um desenvolvimento físico e emocional superior ao das crianças nascidas a termo. É nítido como Tânia usa a relação com a observadora para elaborar o trauma do término do líquido amniótico, o risco de morte e nascimento prematuro de Julie. Uma atitude marcante que se repete em todas as observações é a mãe abastecer a observadora de líquidos — água, refrigerante, suco, café, chá. Em contraste com o período da gestação, de escassez — de líquido, de circulação de afetos — este é um período de abundância — de leite, afetos e crescimento mútuo mãe-bebê —, mesmo com toda a instabilidade e incerteza que o acompanha.

Alice e a filha Valentina: uma luta feroz para nascer

A gestação

A história de vida de Valentina foi acompanhada desde a décima semana gestacional, através da observação de oito ultrassonografias obstétricas mensais, uma no parto e cinquenta e três observações domiciliares até os seus três anos de vida.

A observadora descreveu assim o contato inicial com Alice por telefone: “A mãe mostrou-se simpática, comunicativa e muito interessada em participar da pesquisa. Expôs claramente seus motivos, desejando envolver-se com a observação. Disse estar preocupada por ter quarenta e um anos e estar grávida; que teve uma gravidez anterior, quando perdeu o bebê ainda no início da gestação e, por isso, segundo ela, acha bom ser acompanhada nesta nova gravidez. Aceitou também, prontamente, as combinações iniciais acerca das observações. A espontaneidade e sinceridade de Alice despertaram, de imediato, o desejo de compartilhar de sua intimidade”. A determinação e a decisão de participar da pesquisa, do “acompanhamento” tanto da ultrassonografista como da observadora, parecia relacionar-se à determinação e decisão desta mãe de segurar a nova gestação, de segurar o bebê, de não perdê-lo, por meio de um equilíbrio, uma harmonia, postura que não alcançara anteriormente. Houve uma empatia imediata entre a mãe e a observadora, que se manteve até o final da primeira etapa — o parto.

O encontro com Alice e Mário ocorre na primeira ultrassonografia. Alice é uma mulher simples, de feições bonitas, simpática. Sua estatura é mediana, gordinha, cabelos pretos bem curtos. Mostra-se sorridente, forte, determinada e sempre disposta a mediar as reações e comportamentos do marido, como se quisesse desculpá-lo e reequilibrar a relação. Trabalhava como atendente, havia mais de dez anos, numa pequena empresa, trabalho no qual era muito bem sucedida.

Mário não é bonito, nem feio. É alto, careca e aparenta ser muito mais velho que Alice. Tem um tipo esquisito: parece ser deficiente, pouco masculino, ou melhor, uma pessoa não definida. É inquieto, suspira, mexe-se todo tempo na cadeira, trocando de posição. Inclina sempre o pescoço para um lado, ou para o outro, ficando com a boca entreaberta. Também gagueja para começar a falar. Parece não saber como se posicionar. Mostra-se desconfortável, acuado, arredio e amedrontado. Diz que é mecânico de motos: “o ambiente é difícil, doutora... fico muito preocupado, muito nervoso; aí chego em casa, tenho que ficar um tempo lá fora para acalmar, antes de entrar dentro de casa. Fico lá sentado, brinco com os cachorros até me acalmar. Aí, agora ela está assim (grávida), tô muito preocupado, muito nervoso [...] meu serviço é muito difícil, acho que não posso assistir aos exames; hoje eu vim porque estou de licença”.

Alice comenta, logo após o primeiro exame, aspectos da história do casal que iluminam a longa e rígida construção deste acerto. Estavam casados havia vinte anos. Nos primeiros dez anos, não pensaram em ter filhos porque passaram cuidando da sogra que era doente e exigia, segundo Alice, muitos atendimentos, ocupando o maior tempo do casal. Alice tomava conta da sogra um turno e Mário dormia sistematicamente na casa da mãe para cuidá-la durante a noite. Mantiveram, assim, uma “relação entre irmãos”, de cuidados com a mãe. Como veremos na sequência das observações, a “relação fraterna” Mário-Alice incluía também muita rivalidade, disputa e polarização, na qual Alice ficava na posição idealizada, e Mário, no polo oposto. Um fato marcante da história de Alice talvez ajude a compreender este funcionamento do casal. Alice tinha uma irmã gêmea, idealizada e valorizada pela família. As qualidades da irmã como mãe eram frequentemente enaltecidas por Alice nas observações, enquanto esta permanecia numa posição desvalorizada: uma “mãe velha”, “atrapalhada”, “ninguém imaginava que ia sair filho daqui”. Na relação com Mário, Alice encontra a oportunidade de inverter a relação fraterna original, ocupando a posição de valorizada que tanto almejava, e mantendo a polarização. É com Valentina, contudo, que ela luta para nascer como Alice-mãe, mais capaz e integrada.

Assim, depois da morte da sogra, Alice diz que tentou engravidar “mas não consegui porque não queria muito”. Há três anos, teve um aborto espontâneo no terceiro mês de gestação. Na época, diz Alice ter se sentido “culpada”, pensando: “perdi o bebê porque fiquei muito nervosa, não conseguia botar a mão na barriga, não fazia carinho, não queria a gravidez; não estava preparada”. Agora, passando a mão na barriga, afirma, com certeza: “Estou pronta, feliz porque estou grávida,

acho que vai dar certo, estou sempre passando a mão na barriga, fazendo carinho” (...) e determina: “É uma menina! Todos querem menina. O vô quer e vai gostar porque é uma menina; ele só tem neto homem e o Mário também quer uma menina!...” Mário timidamente completa: “Pode ser menina. Menina tá bom!... Tô muito preocupado, muito nervoso, nem gosto de pensar. Da outra vez também tava muito preocupado, muito nervoso, nem queria saber...” Alice encerra a fala do marido com um bordão, mantido até o último exame: “Mário é assim, nervoso, mas é um homem muito bom, foi um filho muito bom para a mãe dele, tenho certeza de que vai ser um pai também muito bom... A gente tem que buscar o equilíbrio”.

A palavra “equilíbrio” foi muito usada por Alice durante as ultrassonografias. Desde o início pareceu claro que a força e determinação de Alice dependiam de Mário ser nervoso, desvalorizado, incompetente, agressivo, sem vitalidade. Essa interação do casal vai se definindo e fixando na sequência das ultrassonografias. É um padrão fundamental na manutenção do frágil equilíbrio de ambos, agora muito ameaçado pela presença de um estranho, incontrolável, desconhecido — o bebê.

A segunda observação é um exemplar da frágil relação de equilíbrio do casal Alice-Mário, mantida por meio de dissociação e projeção maciça de Alice sobre Mário. Enquanto Alice está sorridente, firme, atenta à imagem, mantendo as mãos afastadas, apoiadas na barriga, mas bem fechadas, como se estivesse torcendo por algo, fazendo força para que o bebê desse certo, Mário está meio perdido, distante, necessitando da orientação da observadora para sentar-se. Esta, observando a aparência de Mário, sente pena dele e fica atenta, ligada para ajudá-lo, explica o que ele não compreende. A relação da observadora com Mário se define logo e se repete nos exames subsequentes: “Nesta ecografia percebi que tive certa dificuldade de ficar ‘ligada’ ou atenta à imagem do bebê e às vezes, também, a imagem parecia menos nítida. Não sabia bem se isto se devia ao fato de Mário estar ainda mais ao meu lado do que no exame anterior e, como sempre, olhando mais outras coisas do que o bebê. Ele olhava para mim, para o chão, para o teto, suspirava... Percebi que ficava tentada a ver o que ele estava fazendo, como reagia, o que expressava; tinha que me controlar para não olhar mais para ele do que para a bebê”. Ele se comportava claramente como um bebê, identificado maciçamente com o feto.

Em outra descrição da observadora: “Ele mexe muito a cabeça, os braços, sua expressão facial é cheia de caretas, ele suspira, fala sozinho. Ele sentou meio de

lado na cadeira e passou todo o exame com o rosto virado para mim, me olhando... Me senti vigiada todo o tempo com seu olhar e a impressão, às vezes, era a de que ele me olhava tentando ver o que eu estava olhando. É como se olhasse o bebê através de mim, pois em alguns momentos percebi que ele estava me olhando e sorrindo, ou levantando as sobrancelhas igual a mim, me imitando". Mário demonstra estar apavorado, transgredindo regras, invadindo um lugar sagrado: o misterioso interior do corpo feminino.

O bebê aparece nítido e muito claro com seus movimentos e gestos surpreendentes, e a doutora diz: "Olha ali, plantando bananeira!" Alice segue atenta à imagem, sorrindo, e Mário franze a testa, passa as mãos, espreme o rosto, suspira, vira rápido para a observadora e fica olhando. Ela pergunta: "Estás vendo, Mário?" Ele ri: "Hum, hum, bah..." e continua olhando para a observadora sem poder falar. Depois diz: "Pensei que era o escuro, ai, ai, ai, ai", esfregando a testa, os olhos. A doutora diz: "O escuro? Não... o bebê está aqui ó! Estás vendo?" Mário: "Não, sim... não... sim.. agora tô, doutora." mas sempre olhando para a observadora. "Graças a Deus, ai, ai, ai, ai", suspirando. Alice: "Ele é muito preocupado. Perdemos da outra vez, agora ele tá assim, tá preocupado, muito nervoso."

Segue o exame. Aparecem muitos detalhes do feto, medidas e movimentos. Em outro momento a médica comenta a beleza e graciosidade do feto e diz: "Olha lá com as mãos na cabeça!", e Alice responde: "Ih! Já vai nascer preocupada igual ao pai! Por quê? O pai é preocupado? Se é... É que ele fica muito nervoso e quando fica nervoso, fica agressivo".

Mário ouve quieto o comentário da esposa, apenas olhando para baixo. Ela segue: "Eu já disse pra ele, que a gente tem que buscar o equilíbrio, não dá para ficar nervoso, agressivo, e ele, desconcertado, ouve quieto, segue com a cabeça baixa olhando para o chão". Ela repete firme a frase, como se devesse penetrar no marido e lá permanecer. Parece muito difícil para Alice aceitar qualquer discriminação, diferenciação com Mário ou o feto. Todos são como ela deseja, pensa, quer. É muito raro existir, para Alice, o marido ou o feto separados dela.

A seguir, a ultrassonografista pergunta se eles querem saber o sexo do bebê. A mãe fala rápido: "Sim", e afirma: "É uma menina, é Valentina". A médica se dirige ao pai querendo saber se ele queria uma menina. Mário responde: "Não doutora, Deus é quem sabe; o que vier vem bem, menino ou menina, tendo saúde, ai, ai, ai... da outra vez, né, doutora, foi um sufoco..." suspira e fica muito vermelho. A mulher olha para a equipe e diz firme: "Ele estava sim torcendo por uma menina",

e em seguida pega a mão de Mário. Ela fica com a mão direita fechada em cima da barriga e a outra com ele até o final do exame. Mário parece acalmar-se observando ora os dedos da mão de Alice, ora a aliança dela. Mais uma vez, Mário lembra uma criança que é maltratada e em seguida acariciada, sequência que a deixa confusa e submetida ao seu alçoz.

Este padrão de relação do casal segue fixo enquanto Valentina cresce, desenvolve, mostra movimentos com características próprias, alheia ao que se passa fora do mundo intrauterino. Nesse espaço, Valentina vivencia o máximo de desenvolvimento e liberdade, parecendo competente e não deixando dúvidas quanto a questões evolutivas. A mãe mostra-se sempre muito aflita e ameaçada com esta liberdade e singularidade da filha, tentando borrar as singularidades. Todas as características da Valentina são anuladas pela mãe, que sente Valentina rebelde assumindo seu próprio controle, em uma espécie de confronto de poder. Quando o feto põe a mão no rostinho é porque está envergonhado de aparecerem seus genitais ou está preocupado como o pai. Não terá as pernas como as do pai. As pernas de Valentina são e serão grossas com as da mãe. A médica diz: “olha ali, ela está sorrindo”, e Alice diz que ela “está sorrindo como a mãe dela. Eu estou rindo, ela está rindo também... é imitação...” “Olha ali, Mário, é a tua cara, olha ela é igual a ti”. O mesmo é referido com bocejos, sono.

Há uma situação única em que Alice relaxa e parece satisfeita, não precisando anular Valentina, impondo-se. Não teme o desequilíbrio. Está deitada de forma que parece muito confortável, sem vergonha. As pernas estão esticadas e abertas, os braços bem para cima e abertos. Está muito sorridente, com o olhar atento a todos. A ultrassonografista aponta para Valentina, mostrando como ela está engolindo líquido: “Engole o líquido e fica fazendo um movimento com a boca e com a língua e o que passa é uma sensação de que está experimentando algo com a boca, e que é bom o que está engolindo” (vinte semanas). “Há um silêncio, ficamos vendo a bebê engolir. Neste momento, ao olhar para a bebê, tenho a impressão de estar vendo Alice. Elas estão paradas do mesmo jeito, na mesma posição, estão parecidas. Há uma sensação de satisfação das duas. A bebê, com os braços abertos para cima, engolindo, e sua mãe, também, deitada, os braços abertos, para cima, sorrindo e olhando a bebê. É a primeira vez que sinto algo assim; que tenho esta impressão” (...) “Conforme Alice respirava, a bebê movimentava seu corpo, no mesmo ritmo, na mesma sintonia. Faz um movimento como se estivesse se ajustando melhor, se acomodando melhor dentro da barriga. Continua dormindo e no balanço da respiração de sua mãe. É bonito

de ver” (trinta e quatro semanas). É uma ocasião rara neste acompanhamento, que atinge também o pai, que suspira, sua, quer ir embora. Perguntado por que tanta pressa, responde: “É, né, doutora, eu tô com fome, tá todo mundo com fome, já é meio-dia, tá na hora, né, a senhora sabe como é, a barriga tá pedindo comida... tem que ser mais rápido aí. Tem que ter tempo pro almoço, a senhora podia dar uma forcinha, a senhora não pode ser mais rápida aí, dar uma apressadinha no tempo?” A ultrassonografista responde: “Mas o tempo eu não posso controlar, eu não posso fazer nada com o tempo. O tempo anda sozinho, eu não posso fazer nada...” Termina o exame e Mário diz: “Ufa! Ainda bem, tô loco de fome, doutora.”

Em outro exame, a bebê está dormindo o tempo todo, e o pai parece também dormir, com as pernas estiradas para frente, mãos apoiadas na barriga, cabeça também caída para frente. Escreve a observadora que, ao olhar para o bebê, ela abre um pouco sua boquinha e, ao mesmo tempo, Mário boceja. Quando a ultrassonografista pergunta se ele está enxergando a bebê, ele acorda assustado. A bebê acorda também e começa a engolir, com seu jeito habitual — “saboreando” —, e volta a dormir. Todos ficam olhando Valentina, admirando sua beleza e graciosidade. Passado algum tempo, ela começa a fazer movimentos ritmados com seu corpo, empurrando-o para frente e depois para trás, como se estivesse num balancinho. É bonito de ver.

Para a mãe, Valentina parecia existir apenas através das comparações e semelhanças com os adultos. E o pai, sempre perplexo, não sabe como Valentina entrou, nem como sairá dali — perguntou por que demoraria tanto para nascer: “Quatro ou cinco semanas? Não! Bah! Por que tanto?” Alice diz que o marido é apressadinho, que por ele o bebê nasceria logo. A sensação de estranheza, indefinição e submissão que Mário transmite está ligada à “camisa de força” colocada por Alice e aceita por ele. Mário carrega uma pele que não é dele, mas que o compõe e lhe dá alguma inteireza. Queixa-se, mas não se imagina sem esta pele falsa. Retirá-la é perder o envoltório, a segurança, viver o desamparo. Alice é envolvente e propõe uma relação na qual ela é uma presença constante, determinada, possessiva, que garante a vida de Mário. Este, parece enxergar em Alice a sua salvação. O preço é obediência automática, anulação de sua pessoa. Mário se encolhia frente às ameaças de Alice, parecia temer a mãe toda poderosa que pode dar ou tirar a vida. Lembra Medeia, a figura mitológica da mãe que cria e destrói.

No último exame, acontece uma forte dramatização, que resume a relação do

casal, motivada pela proximidade do parto, pelo término do acompanhamento com a observadora desta etapa — cuja presença o casal usufruiu intensamente —, pela separação da equipe, especialmente da ultrassonografista — que explicava pacientemente as questões do casal sobre o bebê — e pela apresentação da nova observadora, que seguirá o trabalho em casa, até o terceiro ano de Valentina. O casal estava prestes a enfrentar um novo desconhecido, com todos os desafios dessa nova etapa.

Já na chegada, Alice refere que conheceu o pediatra e que não gostou. Está preocupada com a amamentação; talvez não consiga amamentar porque tem seios pequenos. Parece muito ansiosa por pensar que pode não ter a chance de usar essa forma concreta — a amamentação — de “colocar dentro” do outro, perdendo assim um instrumento poderoso de comando sobre Valentina. Poderia não ter leite para assumir o controle fora do útero. Tudo poderá desabar. “Descasca” o marido porque está atrasado e perdeu o molho de chaves da casa pela segunda vez. Mário chega e fica espiando na antessala. Está assustado e parece que vai explodir. Está com fisionomia séria, fica com o rosto de lado, “expressão de poucos amigos”. Permanece em silêncio todo o tempo, batendo com os dedos na perna. Não olha e nem toma conhecimento da nova observadora. Os sentimentos “perigosos” e conflitos estão ameaçados de transbordamento. Os cachorros ameaçam invadir a casa. Diante das provocações de Alice, o marido fica acuado e mostra irritação nas respostas dadas à esposa. Mexe-se muito, mexe na carteira de cigarros, depois na de dinheiro. Seu olhar vai longe. Faz caretas, parece falar sozinho.

Interessante o movimento de Alice que, depois de enquadrar Mário, tenta também enquadrar a filha e seus movimentos em sua barriga. Comenta sobre uns calombos enormes que ela faz em sua barriga e diz: “Calma, filha... calma.” A barriga se descontrai e vai toda para o outro lado. “Ó, a senhora tá vendo aqui? Aqui faz calombo, ó!” e ela mandava Valentina ir para outro lado, imaginando estar controlando/comandando a filha.

Depois de muitas provocações feitas ao marido e ficar encarando-o de forma desafiadora, Alice diz: “Dá um sorriso, alemão, não vai dar um sorriso para a tua filha?”^[35] Ele dá um leve sorriso, depois olha o monitor. Aparece o rostinho de Valentina, que dorme. Alice pergunta para a doutora se é normal os bebês dormirem tanto, ela acha demais. Alice parece preocupada, como se pudesse atingir Valentina quando, onipotentemente, imagina dominar o bebê determinando os calombos, os movimentos dela intraútero, o sono e a vigília,

como faz com Mário. Valentina está de frente e pode-se, novamente, observar o movimento rítmico e calmo de acompanhar a respiração de sua mãe. Parece que está apoiada num balanço, ou em cima de uma onda do mar que vai e vem. Como da outra vez, é agradável olhar e ver a sintonia da respiração de Alice com o movimento da bebê. Valentina continua com os olhos fechados, tranquila. Às vezes mexe os lábios, abre e fecha levemente a boca, empurra os lábios para fora, como fazendo bico. Emociona a liberdade do feto, seus movimentos, “não obediência” às ordens do mundo extraútero. Vive protegido por uma barreira de contato que impede os desígnios, as invasões do ambiente externo.

Todos ficam em silêncio. A médica ainda revisa alguns aspectos do feto, confere os órgãos, as medidas e diz que as ultrassonografias se encerram hoje e que até onde este exame permite ver, está tudo bem com a Valentina. Agora é só esperar o parto. Alice se emociona, está grata, diz que passou rápido esse tempo.

Mário sai da sala de exame, vai embora sem se despedir. Alice vem ao encontro da observadora e pede desculpas pela conduta do marido. “Pois é, né, doutora, não precisava ficar assim tão atacado. Mas ele tem bom coração. Ele é um homem muito bom... eu tenho certeza que ele vai ser muito bom pai para Valentina... ele foi um bom filho...” Esta conduta de Mário de bater a porta, deixando Alice sozinha com a bebê, é o retrato da família pós-nascimento.

Durante a gravidez, Alice demonstrou uma grande necessidade de controlar onipotentemente tanto o desenvolvimento do feto como os sentimentos e atitudes do marido, para poder manter o “equilíbrio” do casal. Mas o parto que se aproxima está repleto de provas e desafios de várias ordens a este equilíbrio. Durante toda a gravidez, o pai conteve dentro de si as intensas dúvidas, medos, angústias, incapacidades da mãe de gerar um bebê saudável e sustentá-lo dentro do útero até o parto. Mário sempre expressou esses medos, sentimentos de impotência e incompetência para realizar funções parentais. Havia uma ameaça de as “feras” presas dentro de Mário se soltarem, sem possibilidade de controle.

Na penúltima observação, Alice diz para Mário: “Te vira, meu filho, a família está aumentando e depois que a Valentina nascer eu não vou poder fazer tudo que eu faço agora, tu vai ter que ajudar. Porque agora, doutora, é tudo comigo; até comida para os cachorros eu faço e ainda dou. Mas depois, com a Valentina, já disse, não vai dar tempo pra tudo”.

A mãe precisa relaxar, se entregar, confiar e, ao mesmo tempo colaborar e participar no processo do nascimento, o que exige uma preparação e uma capacidade especial. É importante a questão da impossibilidade de controle do

processo que, uma vez iniciado, não pode ser interrompido nem retrocedido. A perda do domínio diante das forças da natureza transforma a gestante em um ser passivo, o que a remete às suas angústias mais primitivas e sem poder frente a elas.

Valentina já está posicionada para nascer, parecendo ter tido experiências suficientes para vivenciar as mudanças e transformações inerentes ao processo do parto: passar de ser não nascido para já nascido.

O parto

Demonstrando o quanto Alice se apoiava e confiava na observadora, queria a sua presença, Sílvia, cunhada de Alice, liga para a observadora dizendo que ela já estava no hospital e que “não parava de dizer que tinha que avisar a senhora, só falava nisso”. Quando a observadora entra no centro obstétrico, encontra com Alice, e esta comenta: “Bem, essa danadinha resolveu que não quer mais ficar dentro da barriga da mãe dela. Ela quer que todo mundo conheça quem é a Valentina”. Alice expressava, assim, o quanto Valentina a desafiava em seu comando/controla que até então estava em suas mãos/útero.

A observadora fica aos pés da cama. Alice tem uma sequência de contrações, queixa-se muito de dores, e a obstetra permanece orientando a paciente enquanto esta fica segurando forte a mão da observadora. Alice preocupa-se com a bebê: esforça-se muito para manter o equilíbrio, como sempre comenta, e vive, em muitos momentos, a ameaça de perdê-lo. Chega a anestesista, que pergunta “onde está o pai da criança?” Alice apenas demonstra no rosto um ponto de interrogação. Mário estava numa sala vendo tevê, distraído. Inicia-se a conhecida sequência de tentar aproximar e manter Mário onde as coisas estão acontecendo. É interessante como novamente todos os presentes tentam ajudá-lo a entrar na sala de parto, pois Alice solicitava a sua presença. “(...) Ele sorri, passa a mão na cabeça, no rosto, sua, suspira, diz ai, ai, ai, me olha, faz com a cabeça não, não, não, depois sim, sim. A doutora pergunta se ele está com medo e Mário responde: “E se eu desmaiar? (...) Vai ficar lá deitado no chão. Todos rimos, ela sai. Tá, eu vou”. A irmã dele faz festa. Depois de todo um ritual Mário entra e aparece sorridente. Chega rápido perto de Alice, dizendo: “Alice Regina, é isso aí. Faz um gesto de torcida com as mãos”.

Escolhe o lugar para sentar, dizendo: “Vou sentar aqui! Ao lado da observadora. Cruza as pernas como eu, batendo com os dedos no braço da cadeira. Repete a atitude que tinha durante os exames: olha para cima, para os lados e às vezes para

mim. Quando olho para ele, ele desvia o olhar [...] Cruza as mãos, fala algo baixinho, não se entende o que é. Levanto, ficando em pé perto da porta. Ele vem para meu lado”. Parece a sombra da observadora. O trabalho de parto progrediu rapidamente e, também de súbito parou. A bebê começa a sinalizar sofrimento fetal e foi indicada cesariana. Ficou muito destacado como Alice e Mário buscaram novamente e, talvez, muito mais intensamente, o apoio e o amparo da observadora, que conversou, segurou a mãe pelas mãos e nas costas, acompanhou o pai até o vestiário, apresentou a ele aquele ambiente hostil, fazendo-o adentrar a antessala daquele mundo que ele tanto temia nas ultrassonografias. Explicou ao pai que ele ficaria “do lado de cá” da cortina, e ele logo se alivia: “Eu vou ficar deste lado do pano? Ah, então é mais fácil do que eu achava, é moleza”. Segue assim o relato: “No bloco cirúrgico Mário senta ao lado da cabeça de Alice, permanecendo ali o tempo todo, falando com ela e acariciando suavemente a cabeça da esposa. Só escuto o que diziam num momento em que falaram alto, e Mário repetia que os cachorros, como diz Alice, são os filhos dele, estavam esperando a Valentina para brincarem juntos, eles iam adorar a Valentina. E Alice concordava com ele.”

Valentina vai saindo com tranquilidade, deitando nas pernas de sua mãe. Chora forte. Parece muito saudável. Ainda ligada pelo cordão, fica calma, tranquila, enquanto a obstetra auxiliar aspirava a sua boquinha; chora mais um pouco, como se rançasse porque a estão incomodando. É descrita como “uma menina perfeita, linda, uma pintura. É bem cabeludinha, gordinha, parece grande”. Chama atenção novamente que, assim como nas ultrassonografias, não aparece no relato de observação referência ao seu peso ou tamanho.

Com jeito, o pediatra a limpa, levando-a para a mãe ver. Alice beija a bebê, e Mário joga os braços para o alto, sorrindo e dizendo: “Ai, ai, ai, ai, ai...” e não aceita levar Valentina ao berçário. Quando o pediatra chama Mário para levar Valentina de volta para sua mãe, ele olha para a filha e diz não saber pegar. Orientado, leva rápido a filha à Alice. Esta determina que vai amamentar a bebê, ainda ali na mesa de cirurgia. “Como estava com os braços “amarrados” para o soro e controle anestésico, precisava da ajuda das pessoas para colocar a filha no seio. Mário não se ofereceu para ajudá-la, parecia ter receio de tocar novamente na bebê; apenas encostava a ponta do seu dedo na cabecinha dela, fazendo um pouco de carinho. Alice falava com a filha, não pedindo ajuda a Mário. Valentina, deitada, com o rostinho de lado, no peito da mãe, começou a fazer com a boca o mesmo movimento que fazia quando estava dentro da barriga de sua mãe. Parecia que eu

a estava enxergando nas ecografias. Botou a linguinha para fora, lambendo os lábios; após, engolia, parecendo saborear alguma coisa. Assim Valentina começou neste movimento com a boca, não parando mais, igual como fazia nas ecografias: botava a linguinha para fora, saboreando, engolindo. Como Alice pediu ajuda para amamentar a filha, a anestesista ajudou, soltando os braços de Alice e tentando posicionar o rostinho da bebê junto ao mamilo da mãe. A bebê ficou com o rostinho enfiado no peito da mãe. Aos poucos e sozinha, Valentina erguia a cabecinha para cima e para trás, fuçando com o nariz no seio, procurando o mamilo, abrindo a boca, lambendo o mamilo e engolindo. Fez isso algumas vezes, até que chupou um pouquinho, estalando os lábios com força e todos ouviram. Após, deitou o rostinho novamente de lado no peito da mãe, dormindo.” Retornou à sua vida intrauterina para descansar? Parece difícil para um bebê recém-nascido, com um ego extremamente imaturo, enfrentar um meio ambiente que insiste em ser importante e necessita ser atendido. Parece uma inversão de necessidades e atendimentos.

A observadora pensou: “Foi uma vitória! Essa bebê vai ir atrás do que ela quer”. Alice e Mário ficaram olhando-a dormir, acariciando o rostinho, cabecinha, beijando a bebê. Após uns minutos, Valentina acordou, mostrando querer mamar, procurando, lambendo o mamilo, engolindo, mas não conseguindo chupar. Valentina demonstrou uma boa capacidade de ir e vir — dormir, acordar e buscar o seio. Pareceu que enfrentou bem a experiência da grosseira interrupção de continuidade de ser que é o parto com suas alterações: passar a respirar; ter contato com a pressão atmosférica; trocar o ambiente aquoso pelo aéreo; obrigação de reagir às invasões ambientais que anteriormente eram muito leves e passar por um trabalho de parto, inicialmente rápido, mas que estancou e acabou em cesariana. Semelhante ao desequilíbrio da mãe, os bebês também passam por um desequilíbrio pós-nascimento. Soma-se a isso que os bebês também sofrem uma sequência de procedimentos e cuidados que os tiram, certamente, de um estado de sustentação e aconchego, mais próximo ao ambiente intrauterino e os lançam rapidamente aos desafios do mundo real. Muitos precisam um pouco mais de tempo para recobrar o equilíbrio, mas é difícil. É banho, medições, pesagem, aspirações, vestir roupas, etc. E Valentina, além disso, teve que atender à ordem da mãe, que exigiu que ela mamasse ainda na mesa cirúrgica. Valentina correspondeu, mas não satisfez à alta expectativa de Alice. Ainda que a filha, na sala de parto, tivesse sugado com força, encontrado o mamilo, buscado o leite, no dia seguinte ao parto foi feito um contato telefônico com Alice, que disse “estar

bem com seu pedacinho de ouro[...] Só a Valentina não conseguiu mamar”. Era grande o temor de que tudo o que ela, realmente, tinha conquistado e se empenhado, pudesse ruir.

Os pais ficaram mais um tempo vendo a bebê dormir, acordar, fazer o movimento com a boca de lamber e tentar mamar. Alice e Mário pareciam não querer terminar esse momento. Eles falavam com a bebê, diziam que ela era linda, falavam entre eles, que os cachorros estavam em casa esperando por ela, choravam, mas tudo de um jeito calmo, silencioso e intenso. Eles pareciam estar “encantados”. É como se estivessem em “estado de graça”. A observadora chama atenção para o contraste na sala, muito marcante e significativo, que parecia expressar o corte do nascimento: “De um lado do campo cirúrgico, a vida intrauterina de Valentina: o quase silêncio, o respeito, o sorriso, as lágrimas, a bebê, e todos nós olhando, e olhando, e olhando, e olhando... para ela; do outro lado, corte, muito sangue, sutura, barulho de ferro batendo, instrumentos, agulha, aparelho de pressão apitando, médicos falando — mundo externo”. A observadora se pergunta: “Como será o mundo da Valentina daqui para frente?”

O pediatra há muito havia ido embora, e a enfermeira buscou a bebê para levá-la ao berçário para outros procedimentos. A observadora pensa que está na hora de despedir-se: “Dou os parabéns para a Alice, dizendo que ela se saiu muito bem, que foi muito corajosa e que a Valentina é uma linda bebê. Alice diz: ‘É, né? Nem dá para acreditar, né, doutora?’ Digo que claro que dá... Parabéns, Alice! Agora estou indo, amanhã ligo para saber notícias. Alice agradece: ‘Obrigada por tudo, viu doutora? Obrigada pela força, valeu, valeu mesmo’; segura forte minha mão. Digo que eu também quero agradecê-la por participar do trabalho, que foi muito bom, e que vou me despedir do Mário”.

Os três primeiros anos de vida

A primeira observação na casa da família ocorreu após uma ligação telefônica da segunda observadora para saber notícias de Alice e Valentina. Esta contava então com vinte e cinco dias. A casa ficava num bairro distante do centro da cidade, em meio a uma zona industrial onde há fabricas. A rua era suja e pouco acolhedora; sempre muitos caminhões estacionados, restringiam a passagem de carros. A casa, um chalé antigo, foi construído num terreno amplo e arborizado, muito úmido e um pouco abaixo do nível da rua. Os fundos do terreno eram separados por um cercado de madeira onde permaneciam os dois cães da família, da raça Collie.

A observadora chega no horário combinado; toca a campainha, mas ninguém atende. Insiste e segue sem resposta. Chamam sua atenção os dois cachorros grandes no fundo do pátio. Liga para Alice, que não atende ao telefone. Decide esperar. Vinte minutos depois chegam mãe e filha, que dormia, porque tomara um chá de funcho para ir ao banco com Alice. Logo que entram no pátio da casa, Alice apresenta os cães do casal: “Estas são as nossas feras. Eu e Mário adoramos nossos cães e, antes de Valentina nascer, eles eram nossos filhos e ficavam dentro de casa”. O interior desta é simples e os móveis parecem desgastados pelo tempo de uso. O ambiente é escuro, frio e úmido, mesmo nos dias ensolarados. A observadora descreve sempre a casa dando a impressão de que não tem ninguém dentro, mesmo tendo.

O ambiente físico e emocional não comunicava acolhimento, adaptação e espaço para Valentina, mas sim que esta deveria adaptar-se ao mesmo. A casa “não tem cheirinho de bebê”, diz a observadora. Chumaços de pelo dos cachorros pelo chão da casa sinalizavam que eles ainda dividiam o espaço com o casal e a filha. Valentina é colocada no berço ao lado da cama do casal, a porta é fechada, e voltam para a sala a mãe e a observadora, que percebe, através da porta aberta, um beliche em outro quarto, com a cama debaixo desarrumada. Alice segue falando e mostrando os porta-retratos, todos com fotos dos cachorros, afirmando que agora deverão acostumar-se a tirar fotos da bebê. Contou que pouco tempo atrás uma cadela, que morreu, dormia no meio do casal, com a cabeça no travesseiro. Depois o filhote dela ficou nesse lugar, e hoje ele dorme com Mário no quarto de solteiro. Segue dizendo que outro cão deles morreu tragicamente uma semana antes do nascimento de Valentina. Ele assustou-se com foguetes e jogou-se várias vezes contra o muro, deixando marcas de sangue nele, até que pulou para a rua e fugiu. Encontraram-no preso em um hotel de onde foi levado, pelo casal, a uma clínica veterinária na qual morreu, de hemorragia, uma semana depois. Em outro momento diz: “Com a chegada da Valentina tudo mudou; a gente vai ensiná-la a gostar dos cachorros, mas, por causa dos pelos eles vão ficar lá fora. Até porque toda família tem problemas de bronquite, então a gente tem que cuidar, né?”

A necessidade de controle de Alice foi se evidenciando, especialmente na rotina da alimentação, que atravessou todas as observações, ao longo dos três primeiros anos de vida da Valentina. A amamentação era extremamente tensa e sinalizava os desencontros e desacertos entre a mãe e a bebê. Desde o início, na hora do encaixe da boca do bebê no seio, Alice permanecia numa posição rígida e tensa, o que visivelmente dificultava a acomodação de Valentina em seu corpo. Ela referia, em

muitas observações, dores na coluna que a impediam de segurar a filha e dores insuportáveis nos seios e na cabeça. Somado a isto, Alice sofria e preocupava-se muito com a quantidade e qualidade de seu leite, apontando-o como fraco e insuficiente. Apresenta-se como incompetente, falando para a filha com frequência que é “atrapalhada” porque não tem noção de temperatura, de quantidade e necessidades da Valentina, e que esta deve desculpá-la e adaptar-se a ela. Por exemplo, ao perceber que Valentina está suada e vermelha porque está com muita roupa, diz: “A mãe é atrapalhada, né, filha?! Também ninguém imaginava que ia sair filho daqui”.

Aos trinta e dois dias — segunda observação —, Alice repete o mesmo refrão quando conta para a observadora que “na primeira vez que deu a mamadeira pra filha, o leite estava muito quente e quando viu, ela estava toda vermelha, com os olhos cheios de lágrimas”. Mais tarde, quando passou a dar ovo para Valentina, sabendo da preferência da bebê por ovo mole, sempre apresentava cozido e duro, dizendo: “Esta tua mãe é atrapalhada, não é, filha?” Autorrecriminava-se frequentemente e não permitia que a bebê mostrasse algum sinal de desconforto. Tudo era organizado e preparado com antecedência. Cabe lembrar aqui que este padrão de preparar tudo com antecedência se mostrou desde os primeiros contatos com a primeira observadora, quando Alice comentou sobre a perda da gestação anterior porque não havia “se preparado” adequadamente, não passando a mão na barriga. Na alimentação de Valentina, tudo funcionava de modo a evitar que a bebê sinalizasse fome e, sobretudo, se desequilibrasse em função dela. Já aos trinta e dois dias de vida, Alice mostra-se muito aflita com a escolha da escolinha, para quando ela retornar ao trabalho. Foi assunto de muitas observações e de muitos treinamentos para esta ocasião: deixava Valentina só, em casa, para ir se acostumando com a separação; explicava à filha, em tom de ameaça, que mordomias cessariam com a ida à escola e estimulava sorriso sempre, para todos, também em preparação para a escola, e começou a introduzir sopinhas para facilitar a entrada no maternal.

Alice aparenta estar sempre ameaçada de perder o controle sobre ela própria e sobre Valentina e, assim, ritualiza e controla tudo. Fica muito clara a intensidade com que se sente ameaçada e controlada pelo olhar e presença da filha: “Ontem eu tive que olhar para ela e dizer, minha filha agora chegou a hora de dormir. Virei para o lado e não olhei mais para ela. Quando virei pra ela de novo, ela já tinha pegada no sono. Se a gente continuar olhando pra ela, ela fica acordada. É como se precisasse do olhar da gente pra ficar acordada. Foi só eu virar de lado que ela

dormiu. Em compensação, hoje de manhã a gente ficou na cama até tarde da manhã, né, Valentina, a mamãe tem que descansar também, né. Tu sabe que não dá nem pra pensar em arrumar a casa, ela só quer que a gente fique com ela. É que nesta fase eles exigem muito da gente. Tudo da gente vai pra eles. E tu sabe que ela não gostou do carrinho, só quer saber de colo, né”. E mais adiante, enquanto embala a filha, pergunta para a observadora: “Deve ser bonito observar gêmeos, né? A observadora responde que sim, e Alice diz: É, mas não é tão bom assim ter uma irmã gêmea”.

Alice queria muito ser vista e valorizada como uma mãe capaz e se comparava com frequência com outras mulheres. Acima de tudo, rivalizava intensamente com suas irmãs, especialmente a sua irmã gêmea. Desde a primeira observação, quando vai amamentar Valentina, fala do seu “pouco e fraco leite” e que já dá complemento para a bebê. Mas pretende amamentá-la, no mínimo, até seis meses. Quando Valentina estava com um mês e vinte e quatro dias, a observadora registra o seguinte comentário da mãe: “Essa coisa de todas as mulheres terem a mesma quantidade de leite, que nem o doutor falou... Eu não acredito. Que nem, essa semana eu saí, fui ao banco, fui no meu trabalho. A minha mãe falou que era para eu forrar o bico do seio para não vazar na roupa. No fim eu saí e disse que achava que não ia passar o leite. Dito e feito, não vazou nada. Tem mulheres que não podem sair sem um paninho no seio, senão mancha a roupa. Eu não. É que não adianta, eu não tenho leite suficiente. As minhas irmãs amamentaram até um ano de idade, eu acho que não vou conseguir. É bucha! [...] Eu acho que essas coisas acontecem porque eu fui ser uma mãe muito velha. Talvez se eu fosse mais nova, eu não estaria passando por isso. Mas também não sei se a idade tem a ver com essas coisas, né?” Aos três meses e meio, “Alice diz que a filha está pesando cinco quilos e que o filho de uma amiga sua tem um mês a mais que a filha e já tem oito quilos. Reclama que a amiga perguntou: É só isso que ela pesa? Alice não considera gordura sinônimo de saúde, por isso acha que a filha está súper bem”.

Num tom provocativo, estimulando a rivalidade entre as observadoras, comenta sobre a observadora anterior, como aliás seguirá fazendo nas observações seguintes: rasga-se em elogios, diz o quanto gosta dela e como sente saudades, que vai fotografar Valentina para presentear-la e convidá-la a vir ver sua filha. Diz que tem que se lembrar de deixar o número do telefone ao lado da cama, assim não vai se esquecer de ligar para ela. Refere também a competência das irmãs que tiveram filhos saudáveis, especialmente a sua irmã gêmea, que amamentou até um ano de idade e a descrença que pairava na família sobre sua competência em ser

mãe, já seria velha para isso. Pergunta se a observadora tem filhos e com resposta negativa, Alice “bombardeia”: “Tu vais ver como não é fácil (...) tu não sabes o que é dor... chego a chorar... é um desespero, tu não imagina (...) mas é uma princesa (...) A mulher só se realiza quando é mãe”.

Aos dois meses e quinze dias, Valentina é desmamada em função do pouco leite e do medo de Alice não conseguir dar sustento à filha; esta não ganha peso, o que a mãe atribui ao fato de ela ser uma “mãe muito velha”. Alice fica desorientada com o desmame. É interessante como a observadora descreve a sua recepção nesta ocasião: “Os cães, que nas outras vezes estavam quietos, começam a latir”. Alice estava perdendo a possibilidade de controle sobre Valentina, de manter a situação ideal que representa a amamentação — um sistema fechado e autossuficiente que substitui o complexo placentário intrauterino. A observadora descreve: “Alice segura com uma mão a filha e com a outra espreme o seio para sair leite, que não sai, e ela fica desconcertada. Este já está secando, e o outro não dá... é que o bico não tá ainda formado e a Valentina fica braba. Pressiona o seio e diz que neste, com o bico não formado, tem bastante leite. Não sabe se o leite secou ou se a filha é anormal, exige demais.” Alice refere muitas dores na amamentação, que traduzem o horror de não amamentar Valentina, fato que confirmaria suas fantasias de incompetência, desvalorização, fracasso como mulher, dependência da filha. Esta desde o início não corresponde às expectativas da mãe e acaba responsabilizada por ser voraz, querer mamar demais; regurgita e arrota de “esganada”. Alice sente-se “aspirada” pela filha e por isso impedida de realizar seus afazeres. Repete frequentemente: “Maternidade cansa, os bebês são muito exigentes. Vai te preparando”. Quando engravidou pesava sessenta e um quilos e agora está com cinquenta e três. Quando voltar à médica, para revisão, vai escutar: “Nossa, a Valentina está te sugando!” Sente-se muito desesperada com o choro da bebê, interpretando sempre como cólica e prisão de ventre. Nervosa, refere: “Não sei o que entra e nem o que sai dela. Com o suco ela vai fazer cocô, porque ela só sabe peidar e arrotar, né, filha?! É uma peidorreira”. Atribui o pouco aumento de peso ao complemento e tem a sensação de que Valentina segura algo dentro de si e só libera quando deseja, achando que ela tem escolha própria e está manifestando alguma autonomia e liberdade que a ameçam. Alice passa a buscar desesperadamente domínio sobre a filha através da comida, que passa a ser sinônimo de fruta amassada e também de evacuações que deveriam ser diárias.

Mesmo com a introdução de novos alimentos, o peso de Valentina continuava abaixo da tabela, e Alice sentia-se criticada pelo pediatra, tias, madrinha.

Abandonou o profissional. A bebê, por sua vez, parecia não sinalizar sentir fome, mostrando-se sincronizada com o funcionamento materno. Tal sincronia era fonte de preocupação da observadora, uma vez que evidenciava o risco de distúrbios em seu desenvolvimento e autonomia psíquica.

Ocorrem situações tensas nesta relação mãe-filha, que tornam as observações pesadas e cansativas quando a observadora depara com as questões ligadas à alimentação. A mãe “comenta da cozinha que o mamão amassado está muito gelado para a filha por isso vai aquecê-lo um pouco no micro-ondas [...] Alice retorna à sala com um pote de sobremesa de plástico com o mamão amassado. Há fumaça saindo do mamão. Alice comenta que deixou demais dentro do micro-ondas e agora Valentina terá que esperar um pouco [...] Valentina vê o pratinho com o mamão e começa a chorar. Diz para a filha que ela tem que esperar porque está muito quente [...] Valentina fica vermelha e se engasga. Alice a tira do carrinho e bate nas suas costinhas. Primeiramente pensa que deu uma colherada com mamão ainda quente, experimenta o mamão, mas percebe que ele não está quente. Percebe, então, que deu com pedaços grandes que não estava devidamente amassado ‘para a filha’”.

Há muitos momentos de indiscriminação entre quem é Alice e quem é Valentina, o que Alice quer e o que Valentina quer, o que Alice gosta e o que Valentina gosta, o que já havia sido observado no período gestacional, quando Alice, repetidas vezes, fazia referência a semelhanças entre ela e a bebê durante as ultrassonografias. Com sua passividade, tranquilidade, pouco apetite e poucas reações de protesto, Valentina contribuía para o padrão de indiscriminação que se estabeleceu na relação entre elas. Na primeira observação em casa, Alice diz para a observadora que a filha é muito parecida com ela: “Tem os olhos puxados que nem os da mãe. Ela puxou muito por mim, graças a Deus, né, filha?” Cenas como as que seguem passaram a ser muito frequentes: “Alice diz que é hora de comer maçã, que já está preparada; dá um pedaço para a filha e come o resto. Comenta que a maçã não é tão boa assim como parecia ser e pergunta à filha se ela quer comer algo. Valentina não diz nada, e Alice vai até a cozinha retornando com bananas cortadas em rodela. Oferece para Valentina, que pega uma rodela, e Alice pega duas e come de uma vez só. Oferece para a filha, que não quer, e Alice come todas”. Aos quatro meses e nove dias, diz que a filha prefere as frutas às comidas de sal. Conta com orgulho que está fazendo cocô todos os dias e oferece um mamão previamente preparado para a filha. É descrita a seguinte interação Alice-Valentina: “Enquanto come, Valentina brinca com o bafeiro e, eventualmente,

puxa-o. Alice adverte que aquela hora é de comer, não de brincar. Valentina também coloca a mão em sua boca, o que deixa Alice impaciente e logo xinga a filha, dizendo que ela não pode pôr a mão na boca. Diz que essa mordomia ela não vai ter no maternal, que não dá para dar atenção para uma só. Alice conta que a filha está pesando mais de seis quilos e está medindo mais de sessenta centímetros. Comenta que a médica disse que ela ia ser modelo”. Já aos cinco meses, comenta que levou a filha à pediatra e que esta disse que ela não engordou nada. Segundo relato da observadora, “a médica constatou que Alice estava dando pouco leite, muita fruta e pouca comida de sal. Um dia, Alice chegou em casa e Mário estava nervoso porque Valentina não parava de chorar. Alice diz que era de fome”.

Com o passar do tempo, foi se estabelecendo uma rotina na alimentação de Valentina: nada podia sobrar, nada podia ir fora; Alice recolhia tudo, até quando dava sulfato ferroso, xarope junto com a fruta; passava colher à volta da boca de Valentina e comia os restos. Valentina vai engolindo tudo e Alice engole o que sobra de Valentina — frutas, ovo, remédio, papinha — num “circuito fechado” de retroalimentação mútua, característico do funcionamento desta família. Nada pode quebrar o circuito.

O pai raramente esteve fisicamente presente nas observações, o que contribuía para a manutenção do “circuito fechado” na família. Quando aparece através da mãe é em comentários desabonatórios: “As lesões de pele do cotovelo e dos pés de Valentina vêm do pai; Valentina não ganhou peso neste mês (férias do pai) porque ele só sabe dar mamadeira; deixar com teu pai não dá, ele é muito pateta e desorganizado, né, filha? Deixou Valentina cair do bebê conforto; não sabe nem escolher as frutas, compra as pequenas e de má qualidade... mas é um bom homem, um bom pai”. Quando Valentina estava com cinco meses e meio, Mário recebeu a observadora na porta, dizendo que ela era pontual, fato muito importante e, nervoso, falou: “Como tu é psicóloga, vai compreender o que quero dizer. O que a gente faz para controlar a ansiedade? Por exemplo, a gente tem um monte de problemas no trabalho, a gente vem pra casa com a cabeça cheia e ainda ela vem com agressões pra cima da gente”. Alice tenta minimizar: “Tá, paizinho...” Ele segue, repete e ela responde: “Equilíbrio! A gente precisa ser equilibrado”. Ele responde: “Pois é...” termina o café em silêncio, vai até a cozinha e some. Alice continua: “Ele é muito atrapalhado, nervoso mas é um homem bom”. Assim, Alice seguia “tapando a boca” de Mário com facilidade, impedindo vingança, revide, retaliação. E tenta fazer o mesmo com Valentina. Mário continuou submisso,

depositário dos aspectos negativos e frágeis de Alice, dormindo com o cachorro no quarto de hóspedes, até o final dos três anos de Valentina, quando encerrou a observação. Não se sentiu capaz de reagir a essa conformação familiar, desenvolvida e mantida há muitos anos.

Mais adiante, com o seu crescimento, aparece Valentina olhando pela janela e tentando se comunicar com os vizinhos. Alice tenta impedir que Valentina “olhe pela janela”, para fora de casa. Um aspecto importante a ser destacado é que todas as observações foram feitas dentro de casa, ao longo dos três anos de vida de Valentina, independente do clima ou da estação do ano. Em uma observação, Alice disse que ia aproveitar o dia bonito para fazer algumas limpezas dentro de casa. Nunca houve menção a passeios com a bebê. Quando a bebê começou a interagir com a observadora, Alice interferia frequentemente na interação, seja se inserindo nas brincadeiras ou impedindo que a filha sequer tocasse a sua bolsa: “Valentina é colocada no chão e vai até a minha bolsa. Alice comenta com a filha que a minha bolsa é muito bonita. Valentina se agacha, porque a minha bolsa está no chão e tenta pegar a alça da pasta. Alice diz que a bolsa está muito pesada para ela pegar. Mesmo assim, Valentina tenta pegá-la, mas Alice a tira de perto da bolsa, levando-a para outro canto da sala. Valentina resmunga novamente, e Alice diz que ainda não é hora de dormir, que não adianta reclamar”.

Valentina era estimulada constantemente pela mãe a sorrir, ao que ela correspondia. Já na primeira observação, a mãe chama a atenção da observadora para o sorriso da Valentina durante a mamada: “Olha só, ela está sorrindo”. Criou-se um ritual no qual Valentina sistematicamente deveria receber a observadora sorrindo. Mesmo que ela fosse acordada e retirada da cama naquele momento deveria ser “simpática e sorridente”. Era ameaçada com punições, caso não correspondesse ao seu comando. O sorriso da filha deixava Alice satisfeita e orgulhosa. Reafirma que se vê na filha que sorri, puxou a mãe. “É só a mãe falar que ela abre um sorrisão.” Como vimos no período gestacional, Alice já dizia que Valentina era sorridente como ela e que quando ela sorria, a filha sorria também. Aos dois meses, impressionou a fotógrafa com seu sorriso, simpatia e disponibilidade para fazer as fotos. Aos três meses, comenta que a médica ficou surpresa com a simpatia de Valentina. Em torno dos quatro meses, foi para a creche e, segundo a mãe, adaptou-se completa e rapidamente, recebendo o apelido de “menina sorriso” e depois “passarinho sorriso”, porque mexia os bracinhos e perninhas querendo ficar em pé. Alice sente-se satisfeita com esta conduta da filha, que acreditava estar sob seu controle, sendo, ao mesmo tempo,

uma prova de sua competência como mãe e do amor da filha por ela.

Também são constantes nos relatos descrições da capacidade de observar e da atenção de Valentina desde o início da sua vida. Valentina torna-se uma bebê alerta e ligada ao mundo ao redor, provavelmente em função das frequentes invasões ambientais a que era submetida: “Com um mês e vinte e quatro dias, Valentina olha firme para a mãe, escutando atentamente o que ela fala... Valentina acompanha tudo, seus olhos não param... escuta quieta, explora o ambiente... olha fixamente a janela com a cortina entreaberta... olha firme para a mãe acompanhando os seus movimentos... percebe a presença da observadora olhando-a nos olhos... está atenta aos ruídos do pai no pátio e a mãe refere que ela cuida a porta por onde ele entra”.

Alice se orgulhava e queria mostrar a velocidade do crescimento da filha, que tinha que ser a Gisele Bündchen, expressando forte e continuamente seu padrão controlador e invasivo, que impedia o desenvolvimento de Valentina. Nessa composição, o pai pouco conseguiu auxiliá-la a enfrentar o padrão invasivo de Alice e o processo de diferenciação e separação da mãe.

Entre três e quatro meses, Valentina brincava com as suas mãozinhas, puxava os pés, brincava com o bico e tentava colocá-lo na boca. Por volta dos quatro meses, Valentina começa a frequentar a creche. Chama atenção, nos relatos da observadora, que não há indicação de ansiedade de Alice ou Valentina à separação. Aos cinco meses, Alice retorna ao trabalho, mas o único comentário que fez neste período foi que no primeiro dia “sentiu-se mal e voltou para a casa chorando”, não demonstrando qualquer outra reação à separação. Ao mesmo tempo, a intensidade da ligação e indiscriminação Alice-Valentina se revela a todo tempo. Quando Valentina está com cinco meses e vinte e um dias, Alice comenta que sua filha é tudo para ela. Seus olhos enchem de lágrimas. Diz que quando fala isso, começa a se engasgar. Conta que ela foi muito desejada, esperada: “Ela é a minha vida. Eu chego em casa e pergunto: onde está a minha vida?”

Por volta dos seis meses, Valentina já estava sentando “que nem uma mocinha”, diz Alice. Valentina sorri, escutando a mãe: “Já está na hora de engatinhar. Quero que ela se solte...!” Diz-se satisfeita com a creche. Em torno dos sete meses, está firme e mais esperta. Já engatinha por tudo. Alice acha que logo estará andando. Com oito meses, já está falando mamã e papá. Com nove meses, está com setenta centímetros de altura e será modelo. Embora sigam achando a bebê magra, Alice diz que este é o seu futuro — Gisele Bündchen — e, segurando pelas mãos, mostra como ela dá passinhos. Parece, assim, já conduzi-la, pelas próprias mãos,

às passarelas.

Aos seis meses e quatro dias, a observadora diz que os cachorros pareciam estar dentro de casa, pois somente depois que Alice a viu é que os cachorros foram para a rua. É Mário quem abre o portão e diz que Alice a esperava só na semana seguinte. A observadora sente cheiro de cachorro e vê pelos deles em toda casa. Assim descreve em seu relato uma sequência de interação Alice-Valentina: “Valentina está muito sorridente. Brinca com o bico, tirando-o de sua boca, mas a mãe o coloca novamente em sua boca, interrompendo a exploração da filha. Valentina tenta botar a presilha do bico na boca e Alice lhe diz que não, que é de ferro e pode ferir a sua gengiva. Alice abre a boca da filha à força para ver se algum dente está nascendo. Valentina começa a chorar e Alice diz que está judiando da filha. Comenta que está na hora de comer uma maçã. Mário entra na sala e pergunta se não está na hora de Valentina dormir. Alice diz que agora é hora de comer maçã, que já está preparada. Comenta que Valentina vai ser modelo porque todos em sua família são magros. Conta que largou a pediatra da filha porque se sentia criticada. Come o resto de maçã da filha”.

A primeira filmagem é feita aos seis meses e onze dias e a observadora sente um cheiro mais forte de cachorro naquele dia. Segundo relato da observadora, “Alice coloca a filha no carrinho e a fica estimulando o tempo inteiro a sorrir. Fala, muitas vezes, que ama a filha. Valentina, por sua vez, responde aos anseios da mãe e sorri. Vocaliza muito mais que nas outras observações. A filmagem termina e Alice traz o mordedor para Valentina, que o traz para a boca e faz movimentos de mastigação. Alice diz que tem um mamãozinho para a filha já amassado num pote e sai para trazê-lo”.

Aos onze meses, Valentina já estava caminhando, e o pai seguia perplexo, como na gestação, diante do bebê. Alice diz: “Mário não acredita que eles têm um bebê”. Na gestação, expressava, com frequência, sua perplexidade diante da imagem ultrassonográfica: “como é que pode? ai, ai, ai...”.

Na filmagem de um ano, a observadora dá uma boneca de presente para Valentina: “Alice diz que ela já havia ganho outra. Comenta que a filha ganhou muitas roupas e que vai ter que fazer um desfile de modas com a filha. Durante a filmagem, Alice se coloca por detrás da câmera, fica o tempo todo incentivando Valentina a mostrar tudo aquilo que aprendeu: bater palminhas, mandar beijos, falar papai, mamãe, nenê, caminhar. Alice pede para Valentina olhar para a câmera porque está sendo filmada. Valentina pega o balão e Alice pede para ela jogar para cima. Ela atende aos pedidos da mãe. Numa das vezes em que olha para a câmera,

Alice diz para ela mandar beijo e agradecer pelo presente. Valentina faz o que a mãe solicita. Está bem ativa, engatinha, caminha, bate palminhas, manda beijos, faz praticamente tudo o que é solicitado pela mãe nos bastidores. A filmagem termina e Alice oferece mamão previamente preparado para a filha. Diz que vai nascer um pé de mamão em seu estômago. Valentina come tudo, pega a boneca que a observadora deu e deixa cair no chão. Alice diz que ela não pode ser uma mãe má”.

O que a mãe tanto temia acaba eclodindo após o primeiro ano de vida da filha. Em torno dos doze, treze meses aparecem claros momentos em que Valentina não corresponde aos mandatos da mãe, que reage, revida e repreende com firmeza: “Alice recrimina duramente a filha e diz: dá um sorriso pra essa tia, não fica olhando com cara de exibida, abaixa esse nariz.” Valentina não era mais a “menina sorriso” do seu primeiro ano de vida, que tanto orgulhava a mãe. Alice comenta, aos dois anos da filha: “Valentina costumava ser mais risonha quando era pequena”. E começam os embates entre mãe e filha, uma vez que esta passa a desafiar a mãe, não obedecendo todas as suas ordens. Resiste a colocar casaco, sapato, tomar remédio reagindo às invasões da mãe. Em uma ocasião, Alice queria dar um xarope e Valentina não aceitou; foi uma briga que Alice resolveu tomando ela própria o remédio. Também nesse período, Valentina começou a mostrar agressividade na escola. Alice diz que Valentina andou mordendo e puxando o cabelo de um coleguinha na creche e que um dia desses chegou em casa com o queixo vermelho, em função de uma mordida que ganhou de outro coleguinha, por ter puxado o cabelo dele. Os dentes de Valentina passam a ser uma preocupação frequente da mãe. A observadora escreve: “Alice diz que os dentes de Valentina saíram mais tarde, por isso são mais fortes”. E comenta ainda: “Valentina só tem dois dentinhos inferiores, mas já bastam para morder, porque esses dias ela mordeu o meu nariz e doeu”. Com um ano e quatro meses, aparece no relato da observadora: “Alice abre a boca da filha e diz que ela já tem cinco dentes, referindo que são cinco dentes para morder a mãe. Logo se corrige, dizendo que ela beija a mãe, porque quem morde são os cachorros”. Estes vão pouco a pouco invadindo a casa. Foi num crescendo, nos relatos de observação, primeiro o cheiro dos cachorros e depois eles recepcionando a observadora com latidos fortes e enfiando os focinhos na fresta da porta, evidenciando uma clara escalada de agressividade no ambiente familiar. Com o crescimento de Valentina, Alice passa a temer a perda de controle sobre a filha e do seu amor. Pergunta: “Quando é que tu vai dizer que me ama? Só eu digo que te amo”.

Alice diz para ela mandar beijos e fica muito irritada pelo que ela considera “desobediência” da filha, dizendo: “Manda beijo senão eu vou te trancar aí dentro! Valentina, sem hesitar, manda dois beijos”. O quarto escuro, usado como ameaça, era onde dormia o pai com o cachorro. À medida que seguem as “desobediências” de Valentina, aumentam as ameaças de Alice. Quando Valentina não repete o que é solicitado por ela, diz: “Tu não vai falar agora, depois eu vou tapar a tua boca”.

Com um ano, quatro meses e um dia, a observadora traz uma sequência forte dos embates mãe-filha: “Alice me conta que Valentina está acordada desde as sete horas da manhã e que todos os dias têm sido assim. Alice também refere que Valentina teve, novamente, bronquiolite, tendo que tomar remédios e fazer nebulização. Diz que a filha odeia fazer nebulização e que ela fez um fiasco, parecia que a gente tava matando ela. Alice oferece uma maçã para a filha e a ajeita na nova cadeira de comer. Valentina começa a mostrar sinais de agitação. Escorrega na cadeira, ficando com o seu tronco preso entre o assento da cadeira e a mesinha. Vejo que Alice se atrapalha, não sabendo se segura a maçã, a faca e a colher ou se ajuda a filha. Acaba ajudando a filha, conseguindo tirá-la da cadeira. Demonstra sinais de angústia e pavor e xinga a filha, dizendo que assim vai ter que pôr cinto de segurança nela, porque ela não para mais quieta! Alice comenta que ficou assustada. Eu fico bastante angustiada com a cena. Tive que me segurar para não me levantar e ajudar Alice. Ela coloca a filha novamente na cadeira, mas dessa vez não desgruda o olhar da mesma. Começa a oferecer maçã para a filha, raspando a fruta com uma colher. Enquanto isso, comenta que o marido não pode mais comprar maçãs, pois sempre compra maçãs pequenas, que dificultam a raspagem. Alice diz que as melhores são as maçãs maiores, mais fáceis de serem raspadas. Apresenta dificuldades em raspar a maçã, enquanto Valentina apresenta-se afoita, querendo logo comer a maçã. Ela, então, começa a cortar pedaços pequenos da fruta e dar para a filha. Não demora muito para Valentina se engasgar. Alice novamente a xinga, dizendo que ela teria que esperar raspar a maçã. Valentina parece assustada! Alice vai até a cozinha e pega a outra metade da maçã, dizendo que assim seria melhor de raspar. Ela própria come um pedaço da maçã e comenta que a fruta está ruim, muito ácida. Termina de dar a maçã para a filha e deixa a colher e a faca em cima da mesinha da cadeira. Valentina pega a faca e a colher e bate na mesa com força. Alice, num primeiro momento, deixa a filha bater. Fico um pouco apreensiva, pois vejo que Valentina pode se machucar. Alice pede para a filha parar e Valentina não para. Alice parece incomodada somente com o barulho e não parece estar incomodada com o fato de a filha estar

brincando com objetos perigosos. Valentina não para de bater com os objetos na mesa. Então Alice arranca os objetos de sua mão e os coloca longe do alcance da filha. Alice olha para mim e comenta que agora tem que ser assim, senão ela não obedece. Em seguida, olha para a filha e lhe pede um beijo. Valentina dá um beijo na mãe. Alice pede para ela dizer eu te amo e atirar um beijo e Valentina, desta vez, não responde aos mandatos da mãe. Alice, então comenta, fazendo a voz da filha e com ar de decepção: “Eu não te amo?” Alice tira Valentina da cadeira, esta vai até a cozinha e volta para sala com um telefone de plástico. Alice comenta que Mário liga todos os dias para falar com a filha. Valentina vem em minha direção com o telefone encostado na sua orelha como se estivesse conversando com alguém. Me alcança o telefone. Eu pego o telefone e digo alô. Valentina sorri. Eu faço menção em devolver o telefone para Valentina e Alice tira o telefone da minha mão. Valentina tenta tirar a sua bota e Alice fica bastante brava. Diz que não é para ela tirar, senão vai ficar doente e vai precisar ir ao médico, tomar remédio e fazer nebulização. Mesmo assim, Valentina tira a bota, deixando Alice mais brava. Alice pega a filha no colo e tenta colocar a bota na marra, mas não consegue. Prende a filha melhor em seu colo e somente assim consegue colocar a bota nela. Alice abre a boca da filha e diz que ela já tem cinco dentes, referindo que são cinco dentes para morder a mãe. Logo se corrige, dizendo que ela beija a mãe, porque quem morde são os cachorros. Valentina novamente tira a bota e Alice a recoloca. Valentina, contrariada com a atitude da mãe, começa a resmungar, querendo chorar”.

Valentina passa a aparecer no colo da mãe em quase todas as observações. Quando Valentina está com mais ou menos um ano e meio, há um cheiro muito forte dos cachorros na casa, a observadora imagina que a filmagem seria na rua, mas Alice as leva para dentro de casa. Valentina quer ficar no colo da mãe, chupando bico, e pede um outro bico e Alice diz que não, pois ela só tem uma boca; o clima fica tenso. Os cães não param de latir. A observadora escreve: “Como de costume, Alice pede para a filha sorrir, mandar beijos, diz que adora a filha, mas Valentina está mais assustada do que de costume e não corresponde aos pedidos da mãe. Alice tenta tirar o bico de Valentina, mas sempre que o faz, ela começa a chorar”. As coisas não andam a contento da mãe, que vai falando das artes da filha, que não pode mais ficar só “porque ela sobe no encosto do sofá, perto da janela e fica conversando com os vizinhos”; refere orgulhosa que ela gosta de desenhar, mostrando alguns desenhos já feitos. Valentina sai do colo da mãe, que oferece caneta e folha, logo rabiscados pela menina. A mãe chama

atenção da filha porque ela usa a mão esquerda, é canhota, deve usar a direita. Oferece bolachinha para a filha, que não dá atenção e a mãe come todas.

Como vem ocorrendo sistematicamente, quando Valentina está com um ano e oito meses, Alice acorda Valentina dizendo “a tua amiga chegou” e obriga a menina a sorrir para a observadora: “Valentina olha séria para a observadora e não corresponde ao pedido da mãe. Alice tenta tirar o bico de Valentina, mas esta não deixa, afastando a mão da mãe com a própria mão. Alice tenta colocar a filha no chão, mas ela quer permanecer no colo da mãe”. Em seguida ocorre a seguinte sequência de interação Alice-Valentina: “Alice oferece o ovo picado num copo para a filha, que não aceita. Alice dá o copo para a filha segurar e esta pega a colher que está dentro, com um pouco de ovo e come, mas logo desiste, devolvendo o copo para a mãe. Alice tenta oferecer novamente, mas Valentina demonstra não querer comer, colocando uma parte do ovo que Alice ‘enfioi’ em sua boca para fora. Alice pega este pedaço de ovo, passando o dedo ao redor da boca de Valentina, e come. Parece não sossegar com o fato de Valentina não querer comer o ovo e logo oferece uma fruta para ela. Mas ela diz não. Valentina vai até a mesa de centro e pega uma caixa de lego. Valentina puxa a caixa, deixando-a cair no chão. Alice a repreende, dizendo que não é para ela fazer isso com a caixa. Valentina a afronta, pega a caixa e a atira no chão novamente. Alice levanta-se e olha firmemente para a filha. Oferece meia maçã para ela, mas esta diz que não quer, balançando a cabeça. Manda, então, a filha tomar banho, em tom agressivo. Alice come um pouco da maçã renegada pela filha. Oferece uma bolacha e desta vez Valentina come um pedaço pequeno e coloca o restante em cima da mesa de centro. Alice pega o que restou da bolacha e come. Valentina pega algumas bonecas e as traz para mim. Me dá as bonecas, uma a uma e eu as seguro em meu colo. Depois Valentina as pega novamente. Ela repete esta cena por várias vezes até que Alice senta-se ao meu lado e Valentina passa a alcançar as bonecas para ela também”.

Por volta de dois anos, na quarta filmagem, a observadora entrega um presente para Valentina, que fica séria e não esboça nenhuma reação ao mesmo. Alice estava com Valentina em seu colo. Os cães latem muito, chegam a se chocar na porta da cozinha, passam todo tempo latindo, é um inferno. Alice pede para que ela dê um sorriso para a observadora, mas ela fica séria e quieta. A mãe abre o presente — um quebra-cabeça — e inicia uma sequência de estímulos e demonstrações do desenvolvimento da filha, que deixam o ambiente muito desagradável. Quanto mais Valentina frustra, por não corresponder à mãe, mais

esta se agita, desesperada. A filha não obedece às ordens; quem sabe, diz Alice, ela está lenta porque dormiu tarde, tem que acordar. Há um desencontro total: Alice pede para Valentina mostrar o Zangado e outros anões, ela quer a caixa de quebra-cabeças. A mãe insiste que mostre a Minnie, e ela quer outra boneca. A mãe volta ao quebra-cabeça e Valentina a puxa pela mão para ficar do seu lado brincando. Alice não deixa sua filha em paz, pedindo constantemente para mostrar algo ou falar. Diante da falta de resposta de Valentina, Alice diz desafiadoramente: “Tu não quer falar agora? Depois vou tapar a tua boca.” Tem que contar, ela já sabe, para a doutora ver, e não consegue. Insiste para ela imitar galo, cachorro. Depois oferece fruta, que a filha não aceita, e Alice come tudo.

Aos dois anos e três meses, Valentina está no colo da mãe e olha séria para a observadora. Como de costume, Alice pede para dar um sorriso de bom dia, mas Valentina não esboça nenhuma resposta. Alice diz que fez um ovo e que não consegue achar o ponto de cozimento, que isso é coisa de “mãe velha”. Conta também que a primeira sopa que fez, Valentina rejeitou. Começa um embate com a filha porque quer que a filha coloque um casaco e Valentina se recusa a colocá-lo. Tenta novamente e Valentina tira o casaco. Alice a xinga, enfia o casaco na filha, mesmo vendo que ela está com uma colher na boca. Valentina chora e ela a coloca no colo. Alice projeta em Valentina sua rivalidade e ciúme da irmã. Conta que Valentina está com muito ciúme da sua prima que está com cinco meses. Diz que a sobrinha está “com sete quilos contra doze quilos”. Comenta que ela mama no peito e está muito gordinha e que o pediatra disse que a irmã tem que diminuir a quantidade de mamadas. E termina dizendo, em tom de crítica, que, mesmo mamando no peito, a sobrinha já esteve doente. Aparece aqui novamente a intensa rivalidade fraterna que acompanha Alice. É uma competição que ela quer muito vencer para finalmente mostrar a sua competência e, com Valentina, renascer mais integrada, admirada e valorizada.

Aos dois anos e meio, é realizada a quinta filmagem, que é também um sufoco. Os cachorros estão latindo muito e Valentina está no colo de Alice, que mostra para a observadora as cicatrizes da mordida de um dos cachorros no rosto de Valentina: são vários pontos na bochecha e outros parecendo um rasgo na boca. A mordida foi profunda, precisou ir ao hospital para realizar a sutura. Impacta a forma e a frieza do relato de Alice, referindo que a filha foi brincar com o cachorro e ele se defendeu mordendo ela. Quando viu, ela estava com as duas mãos no rosto, que estava sangrando. Conta que teve outro dia que ele quase a mordeu, mas como eles estavam junto, impediram o acidente. Desta vez ela estava sozinha.

Repete várias vezes que agora os dois voltaram a ser amigos. Alice diz que a Valentina estava esperando a “dotola” na janela. Segue o padrão de Valentina ter que ser o que a mãe quer, mostrar o que sabe, o que conhece: sofá novo, Minnie, Mickey, dar sorrisos, falar. Depois de resistir um pouco a deixar o colo da mãe, Valentina brinca de se balançar no cavaleiro. A observadora a percebe mais solta, ativa, parece reconhecê-la e estar à vontade com ela. Valentina quer fazer cocô e a mãe traz papel e sai da sala; a menina busca o pinico, faz cocô e se limpa sozinha. Veste a calcinha e a saia, que fica toda torta. Alice comenta que ela fez um “cocoção” e diz para a observadora que ela “vai bem aos pés”. Dá um pedaço de maçã para Valentina e depois pede um abraço para a filha, que corresponde ao pedido da mãe. Alice pede também para que ela dê um beijo na observadora e ela corresponde.

Na observação seguinte, a mãe se enganou, achando que teria filmagem, e está com a filha toda preparada, com toda roupa combinada: vestia um short laranja e uma camiseta em tons laranja. Estava com chinelos Havaianas rosa e uma tiara laranja da Hello Kitty. Estava de batom e permaneceu com a boca aberta sem tocar um lábio no outro. Alice diz que a filha tinha medo que o batom saísse. Contou que o apelido atual é Penélope Charmosa, por estar sempre de rosa. Alice comenta que Valentina cresceu, como se quisesse a confirmação da observadora. Segue a seguinte sequência no relato da observação: “Valentina mostra as suas bonecas superpoderosas e outra que ela chama de bruxa, colocando-as no colo da observadora. Alice diz que a observadora vai levá-las embora. E ela prontamente tira as bonecas do colo e as coloca no sofá. Alice pede para a filha falar, mas esta não diz nada, apenas participa passivamente no diálogo. Alice continua falando, contando que Valentina tem dormido cedo e acordado cedo. Assim, ela pode comer mais frutas de manhã. Alice elogia a filha, dizendo que ela tem comido bastante frutas. Conta que num dia, estava assistindo tevê e viu a modelo Gisele Bündchen. Ao vê-la, Valentina disse que ela era linda e Alice aproveitou para dizer que ela era bonita porque comia muitas frutas e verduras. Alice, então sempre oferece a fruta da Gisele Bündchen, para que Valentina coma e fique como a modelo. Em seguida, Valentina brinca com algumas peças de lego e Alice interfere na brincadeira. Valentina começa a mostrar um comportamento agressivo e a jogar peças do lego em direção à mãe, ao chão e em minha direção. Até que Alice a convida a comer uma maçã dividida ao meio, que Alice diz ser da Gisele”.

Na última observação e filmagem, Valentina está com três anos e segue o mesmo padrão: os cães latindo muito, todo tempo. Valentina sorri, pega o

presente que a observadora lhe trouxe pelo aniversário. Ela está grande. Alice insiste para Valentina agradecer o presente, sorrir, dar beijos. Diz que Valentina aparecerá na tevê. Insiste para a filha dizer o que está escrito no moletom e para falar mais. A mãe comenta: “Como ela cresceu, né? Ela é que nem a Gisele Bündchen, magra e alta”. Nessa fala, chama atenção que a mãe pronuncia as palavras como se fosse criança. Ela necessita mostrar habilidades, crescimento da filha. Como ela é capaz de comer bolachas e oferecer aos outros e como desenha as superpoderosas. Valentina joga uma caneta na mãe e esta pede novamente para a filha desenhar a boneca. Valentina diz não saber fazer e que a Barbie vai morder a mãe; e segue uma luta para “enfiar” a roupa, sapato, bota.

Com Valentina e por meio da sonhada e admirada figura de Gisele Bündchen, Alice mostrava o quanto desejava nascer como filha/mãe admirada e valorizada. Mas Valentina resistia, na sua luta feroz para nascer, ela mesma.

Considerações finais

O desenvolvimento de Valentina, desde a gestação até os seus três primeiros anos de vida, nos ensina sobre a tenacidade dos bebês, sua luta para nascer, quando em seu ambiente predominam controle, invasão, ambivalência, defesas rígidas que dificultam o crescimento, o viver criativo, a livre circulação e expressão de afetos. Valentina chega após anos de casamento, sem filhos, de um casal que se manteve em simbiose graças a um padrão perverso de relacionamento sustentado por mecanismos defensivos primitivos, sobretudo cisão, projeção e identificação projetiva. Alice, a forte, poderosa, autoritária, capaz, assim se mantinha às custas de Mário, que, submetido e ameaçado, carregava a fragilidade, agressividade e incapacidade de cada um. Era uma relação com forte carga de rivalidade fraterna, que Alice trazia de sua história familiar com uma irmã gêmea. Com a chegada de Valentina, Alice desloca esse padrão relacional indiferenciado para a filha, passando a exigir desta cada vez mais submissão aos seus comandos, conforme iniciam os embates mãe-filha, na luta de Valentina para se discriminar e ser ela mesma.

Desde as primeiras ultrassonografias, Alice mostra quem ela é — de forma muito espontânea e sincera — e o seu desejo grandioso de ser reconhecida como a divindade criadora de uma menina excepcional, única, há muito por ela idealizada. Acredita no poder de suas “mãos”[\[36\]](#) e, assim, “bota a mão” na argila para esculpir a sua menina-Valentina — Gisele Bündchen.

Durante a gravidez, Alice demonstrou uma grande necessidade de controlar onipotentemente tanto o desenvolvimento do feto[37] como os sentimentos e atitudes do marido para poder manter o “equilíbrio” do casal. Usufruiu muito do amparo, continência, paciência e apoio da observadora no período gestacional, nesta transição para a maternidade, que tanto queria e temia. O pai beneficiou-se de forma particular da observadora, que permitiu ser invadida, aspirada e vigiada pelo seu olhar, deixando-se ser usada como um dreno emocional, um receptor para aliviá-lo dos medos, agressividade e angústias nele depositados[38]. Mantendo-se na sua função, a observadora possibilitou que Mário estivesse mais presente nas observações. Quando encerram os exames, ele exclama um “Graças a Deus! Bom, agora vamos ter a nossa “palestrinha”, que era uma pequena reunião do casal com a observadora, na qual esta ouvia questões, esclarecia algumas dúvidas e combinava o próximo exame. Mário gostava e usufruía muito deste espaço. A presença emocional viva da observadora ajudava na circulação dos afetos e na sua desintoxicação. Alice se aliviava com Mário, que se aliviava com a observadora, que se aliviava com o grupo de supervisão. Todo ser humano precisa de outro ser humano para depositar e elaborar suas angústias. Mantendo-se disponível, a observadora auxiliava, assim, o casal a entrar e sair mais facilmente do espaço intrauterino que tanto os assombrava, especialmente o pai.

As explicações claras e objetivas da ultrassonografista também colaboraram para amenizar a tensão e atenuar inseguranças da mãe no período gestacional; aos poucos foram se criando contornos mais realísticos em relação ao desenvolvimento do feto. Mário parecia não acreditar, não compreender como este feto estava ali e era seu filho[39].

Conforme Valentina cresce, se modifica e suas medidas se transformam, impõe a sua presença, e os pais, surpreendentemente, não enxergam, parecem omissos, não mostram interesse algum no seu desenvolvimento, o que é comunicado não verbalmente à ultrassonografista. Esta, de forma incomum, nunca mencionava as medidas e o peso da bebê durante os exames[40]. A primeira referência ao peso aparece somente na sétima observação, quando a bebê já estava com 34 semanas gestacionais, após um comentário da mãe que disse ter feito um doppler no hospital porque a sua glicose estava alta e ela estava engordando muito. Apareceu no exame que Valentina estava pesando 2,160 quilos. Em seguida, a médica mede a bebê e diz que ela está com 2,410 quilos, mostrando como tinha crescido. O crescimento pleno do bebê intraútero, fora do controle de Alice, certamente a desafiava muito.

O final da gestação foi um prenúncio do tumulto que se instalaria com o nascimento de Valentina e a perda de controle e de “equilíbrio” — hormonal, físico e psicológico — que Alice tanto temia. Valentina ameaçava a integridade psíquica de Alice, o seu comando e controle. Isso fica dramatizado no último exame, em que Mário chega acuado, pois havia perdido as chaves de casa pela segunda vez. Alice o repreende fortemente, nos levando a pensar que se sentiu ameaçada pelo sério risco de transbordamento do que fora depositado em Mário. Ele estava a ponto de explodir, de agredir fisicamente Alice. Sai sem se despedir, na última sessão de observação, expressando a ameaça de ruptura — “perda das chaves” — que rondava esta gestação e a escalada de violência que vai se repetir na relação Alice-Valentina. As “feras” passam a circular mais livremente, sem a contenção da primeira etapa da gestação, culminando com a Valentina sendo atacada a dentadas no rosto por um dos cães da família no seu segundo ano de vida.

Vencida a etapa da gestação, inacessível ao controle materno, com suas dúvidas e incertezas inerentes, Alice comemora o fato de sua menina estar agora mais ao alcance de suas “mãos” e anuncia que todos vão finalmente conhecer “a sua Valentina”: “Bem, essa danadinha resolveu que não quer mais ficar dentro da barriga da mãe dela. Ela quer que todo mundo conheça quem é a Valentina”. Inicia-se, assim, a primeira batalha corpo a corpo de muitas guerras que virão. Chama atenção o contraste entre a observadora, que reconheceu em Valentina a mesma bebê da barriga — viva, graciosa, ativa, saudável, com seu jeito habitual de saborear, engolir, ter prazer —, e a mãe, que não só não a reconhece, como também anuncia a verdadeira Valentina que está ainda por nascer pelas suas próprias mãos. Deste modo, o parto representa um corte marcante na vida desta bebê.

Alice foi a única mãe da pesquisa que exigiu amamentar ainda na mesa cirúrgica, enquanto estava com os braços amarrados ao soro. Valentina cumpre as exigências da mãe e mama, quando colocada no seio. No entanto, isso não foi suficiente para Alice, que no dia seguinte disse que sua filha ainda não havia mamado. Nada do que Valentina fazia era suficiente para agradar à mãe, compondo um padrão que acompanhou a dupla mãe-bebê: Valentina teve que se adaptar ao ambiente desde muito cedo; caso não fizesse, a mãe ficava “de mal” com ela, no sentido de rompimento, abandono, vingança. Desde o nascimento de Valentina, desenvolve-se um padrão de relacionamento mãe-bebê no qual esta mama e dorme porque a mãe quer e, mais tarde, come quando e o quê a mãe

determina. Comportar-se de acordo com os desígnios maternos. No seu primeiro ano de vida, torna-se a “menina-sorriso”, de quem Alice muito se orgulhava. Na segunda metade do primeiro ano de vida, Valentina se transforma no “passarinho-sorriso”. Começa a bater as suas asinhas e se ensaia para voar, o que certamente ameaça muito a mãe.

Alice sofre muitas dores, irritabilidade, enxaquecas, dificuldades para amamentar. Há um nítido “descarrilhamento do diálogo” mãe-bebê (Spitz, 1965/1998). Acompanhamos os desencontros, desencaixes e embates de Alice com Valentina, que se acentuaram com o seu crescimento. A mãe sente-se aspirada pela bebê e teme não ter leite suficiente, se esvaziar nessa relação, se sentir despossuída de si mesma e perder o equilíbrio. A responsabilidade pelo desmame recai sobre Valentina: “Agora não tem mais nada aí, tu não quis mamar no peito”. Valentina passa a apresentar constipação, que Alice atribui à introdução de complemento, valorizando o seu próprio leite: “Com o meu leite ela faz cocô direitinho”. A mãe tenta retomar o controle do que entrava e saía da filha, o que virou sinônimo de fruta amassada e evacuações que deveriam ser diárias. No período de introdução de outros alimentos, a mãe denuncia o seu controle: oferece alimento sem considerar o ritmo da filha, sem que esta anunciasse fome. Diz-se “atrapalhada”, nunca sabe se aquece, amassa, corta em pedaços a fruta, e Valentina tem que engolir. Várias situações angustiantes ocorreram, impactando a observadora.

Alice estava satisfeita porque a filha seria modelo como Gisele Bündchen: é magra e come só frutas. Este foi outro bordão sobre Valentina: seu destino estava traçado. Desenvolve uma imagem distorcida da filha, sem nunca reconhecer a sua responsabilidade pelo seu estado: “Ela é magra de ruim, come de tudo”. A partir dos quatro meses, Alice está mais tranquila com a filha porque, com o mamão e uso de supositórios, “faz cocô todos os dias”. As frutas são, sistematicamente, preparadas com antecedência e oferecidas de imediato, sem que a bebê sinalizasse fome. Alice lutou muito para conseguir manter o controle de Valentina. Preocupava-se especialmente com o que ficava dentro da filha e conseguiu chegar a uma “medida certa”, uma “receita infalível” que mantinha a indiferenciação, garantindo que Valentina permanecesse como uma extensão dela própria, a filha/irmã gêmea grandiosa, valorizada, que tanto desejava ser. A mãe necessita da filha e luta por manter a indiscriminação.

Gradativamente, Valentina vai se distanciando de suas experiências intrauterinas, com sua espontaneidade e liberdade para saborear em seu próprio

ritmo e tempo.

Pensamos no quanto deve ser difícil para um bebê com um ego imaturo enfrentar um ambiente que insiste em ser o mais importante e necessita ser cuidado. Neste caso, falham as condições necessárias para a função materna de espelho, fundamental para que o bebê possa começar a existir. Winnicott (1971, p. 154) se pergunta: “O que vê o bebê quando olha para o rosto da mãe?”, e responde, “Sugiro que, normalmente o que o bebê vê é ele mesmo”. No entanto, para que isso seja possível, é importante que a mãe se coloque disponível, despida de si mesma, em estado de devoção ao bebê, podendo com ele empatizar. É uma posição semelhante à do observador/analista, que, abstinente de ação, fica em uma condição receptiva, atitude de espera, tolerância e paciência frente ao outro, desconhecido. Caso contrário, ao olhar para o rosto da mãe, o bebê — assim como o paciente em situação de análise — não vê a si mesmo, mas a própria mãe/analista, seu humor e a rigidez de suas defesas.

Refaz-se a relação competitiva, destrutiva, com a irmã gêmea, a qual é cada vez mais dramatizada por Alice com a filha. A tentativa de discriminação de Valentina provocava em Alice mais do que uma vivência de abandono; a bebê a ameaçava com a perda de uma parte de si que lutava para nascer. Valentina teve que lutar ferozmente para discriminar-se. Assim, após o primeiro ano, assistimos a várias batalhas da bebê nessa guerra declarada por Alice contra a discriminação de Valentina. Esta quer se discriminar e Alice quer manter a indiscriminação: “Ela é a minha vida”. Valentina vai reagindo às intrusões ambientais e passa a desobedecer à mãe. Deixa de ser a “menina-sorriso” do primeiro ano de vida. Apesar de permanecer fechada dentro de uma casa escura, Valentina insiste em buscar a luz[41]. Alice não tolerava os movimentos de separação da filha. Esta não podia contar com a parceria do pai nem da mãe nesse processo. A mãe não tinha espaço para acolher as frustrações que a bebê começava a provocar com o seu crescimento. Frequentemente usa de retaliação, ameaças, chantagens, xingamentos que aprisionam Valentina, repetindo um padrão observado na relação conjugal Alice-Mário[42] desde a gestação. Após a metade do segundo ano, Valentina passa a permanecer no colo da mãe durante as observações, o que não era tampouco tolerado por Alice, pois contrariava o seu desejo de mostrar o crescimento acelerado da filha. Na verdade, Alice se comunicava com Valentina por meio de mensagens contraditórias, que a deixavam num beco sem saída: ao mesmo tempo em que a mãe dizia “cresça”, comunicava não verbalmente exatamente o contrário, “não cresça, não me abandone”.

Aconteceram também inúmeros escapes e descuidos que colocaram Valentina em risco após o seu primeiro ano de vida. Os cachorros — seus cheiros e latidos — vão progressivamente invadindo a casa, e atingem Valentina. Como foi descrito, aos dois anos e meio ela foi mordida no rosto por um cachorro da família. Valentina não tinha outra saída a não ser se adaptar aos cachorros.

Na última observação e filmagem, Valentina está com três anos e segue o mesmo padrão: os cães latindo muito, todo tempo. Valentina joga uma caneta na mãe e esta não diz nada. Depois ela pede novamente para a filha desenhar a boneca e ela diz não saber fazer e diz que a Barbie vai morder a mãe e segue uma luta para vestir a roupa, sapato, bota.

Valentina demonstra uma irritabilidade típica dos bebês que reagem à intrusão ambiental, sem espaço para o acolhimento do seu gesto espontâneo, o qual é frequentemente substituído pelo próprio gesto da mãe. Sem possibilidade de ter a sua agressividade contida e integrada de forma saudável, Valentina passa a morder os coleguinhas na escola.

Seis anos após o término das observações, quando Valentina estava com nove anos de idade, a observadora entra em contato com Alice para entregar uma gravação e vai até a sua casa. Tudo continuava igual, o ambiente não havia sofrido nenhuma mudança. Alice permanecia impenetrável, sem juízo crítico, no mesmo trabalho, se dizendo muito respeitada como “funcionária-padrão”, fato que muito a orgulhava. Valentina havia se transformado num “bichinho do mato”, aos olhos da observadora. A casa permanecia fechada, úmida, habitada pelos cachorros cujo cheiro a invadira.

A imposição do ambiente pode atrofiar a capacidade criativa e ser um terreno fértil para o desenvolvimento de um falso self. Mas é difícil destruir o potencial criativo do ser humano, o seu verdadeiro self. Valentina se retrai e assim se protege das invasões ambientais, guardando dentro de si um rico potencial. Temos esperança de que ele possa ser acessado no devido tempo e em circunstâncias ambientais mais favoráveis. Nas palavras de Winnicott (1971c, p. 99):

Como já indiquei, é necessário considerar a impossibilidade de uma destruição completa da capacidade de um indivíduo humano para o viver criativo, pois, mesmo no caso mais extremo de submissão, e no estabelecimento de uma falsa personalidade, oculta em alguma parte, existe uma vida secreta satisfatória, pela sua qualidade criativa ou original a esse ser humano. Por outro lado, permanece a insatisfação em virtude daquilo que está oculto, carente por isso mesmo do enriquecimento propiciado pela experiência do viver.

Philomena: uma viagem interior de volta ao começo

*O final da nossa exploração é chegar onde
iniciamos e conhecer o lugar pela primeira vez*
T. S. Eliot

Philomena é uma história real [\[43\]](#) e refinada que se passa no interior de uma mulher que manteve em segredo por meio século a existência de um filho que lhe fora *arrancado* com três anos de vida enquanto estava *confinada* num convento católico na Irlanda — Abadia de Roscrea. Nesse lugar eram abandonadas e esquecidas pelas famílias e pela sociedade as adolescentes que engravidavam fora do casamento. Para pagarem por seu “pecado” e pela “dívida” com as freiras que as “acolhiam” juntamente com seus bebês, e as exploravam — tinham que trabalhar num regime de escravidão por pelo menos quatro anos. Só podiam ver seus bebês uma hora por dia.

Essa história oportuniza acompanharmos a vivência de uma mãe biológica que se vê na situação de ruptura precoce da relação com o filho que é adotado por outra família após um intenso convívio nos anos iniciais, apesar das limitações impostas pelo ambiente. Tudo o que mãe e filho puderam guardar dessa história foram memórias predominantemente sem palavras, de vivências marcantes e inesquecíveis que os levavam a buscar, em vão, um pelo outro. A intensidade da ligação entre eles, que permaneceu mesmo sem nunca mais terem se visto, é uma prova da importância desse período predominantemente sem fala do bebê (infans) para o desenvolvimento humano. Revelou-se uma relação que pôde ter continuidade dentro de cada um, facilitando um crescimento pessoal satisfatório e criativo de ambas as partes.

Podemos dizer que *Philomena* é um caso exemplar que reúne muitos aspectos importantes das contribuições que essa “descida em direção às mães” pode trazer para a compreensão da natureza humana e da técnica analítica. Vemos o efeito de uma parceria transformadora, assim como a parceria mãe/bebê-observador, paciente-analista, e acompanhamos o desenrolar de um verdadeiro “processo analítico”, tendo a integração como principal conquista. Por esta razão, o “caso *Philomena*”, que conhecemos por meio do roteiro *Philomena* (Coogan & Pope, 2013) — premiado no festival de Veneza em 2013 e no Oscar em 2014 —, encerra os casos apresentados neste livro.

Philomena era uma mulher de fé e religiosidade inabaláveis, as quais se mantiveram até mesmo depois da experiência terrível a que foi submetida no convento. Como parte de sua viagem interior, transparece a busca de reconciliação com a religião — e a tentativa de livrar-se da culpa que lhe havia sido imputada por ela — assim como reconciliação com os pais. Durante o período em que ficou confinada no convento, não podia contar com sua mãe, que já havia morrido quando ela ainda era criança, nem com o pai, que a renegara. Não contou tampouco com mãe ou pai substitutos. Pelo contrário, as freiras e os padres permaneceram acusando, punindo, pervertendo os fatos, somando culpa e repressão em *Philomena*; este ambiente pesou muito nos seus medos e resistências. Podemos dizer que ela não teve sorte. Não encontrou solidariedade, receptividade, acolhimento.

Já na segunda cena do filme [\[44\]](#), entramos de chofre com ela, setenta anos, numa igreja vazia, e presenciamos um diálogo breve com o padre:

— Olá, *Philomena*, como está o seu novo quadril?

— Muito bem. É de titânio.

— Há tempo não a vejo.

— Eu vim só acender uma vela.

— Alguém especial?

— Sim (e não dá continuidade ao diálogo).

Num flashback, aparece o rosto de *Philomena* jovem — petrificado e envergonhado —, diante da madre superiora Barbara e da irmã Hildegard, que a questionam sobre as circunstâncias de sua gravidez, culpando-a pela sua indecência.

— (tentando se defender, *Philomena* argumenta) Mas Madre Superiora, as irmãs na escola nunca falaram nada sobre bebês ou coisas assim.

— E a sua mãe, nunca te disse nada? (pergunta Madre Bárbara)

— A mãe dela morreu há dez anos (responde irmã Hildegard).

— Não, mas você não pode culpar as irmãs. Você é a causa dessa vergonha. Você e sua indecência!(diz Madre Bárbara).

É uma violenta repressão ao aspecto amoroso, sexual, dessa adolescente, o qual é soterrado na indecência, na coisa ruim. É jogada uma pá de cal, é enterrado, tudo isso deve ser exterminado. As freiras selam o destino do prazer, da sexualidade de Philomena.

E segue uma série de flashbacks do encontro de Philomena com John, num parque de diversões, o jovem que a encanta, a engravida e muda sua vida para sempre, apesar de nunca mais vê-lo. Philomena rumo para a casa de sua filha Jane e, perdida em seus pensamentos, vê flashes muito vivos e agonizantes do parto de seu filho, no convento. Uma freira jovem — Anunciata — resolve não seguir os preceitos de Madre Barbara, de que o parto estava “nas mãos de Deus”, e faz ela mesma o parto com fórceps[45], salvando mãe e filho.

Philomena está longe, absorta em pensamentos e imagens terríveis, quando chega sua filha, que pergunta a ela o que estava acontecendo e de quem era a foto[46] que estava segurando nas mãos.

— É o aniversário dele. Ele estaria fazendo cinquenta anos hoje...

— Quem?

Não sabemos ao certo o que fez com que Philomena se revelasse nesse momento. Mas é certo que, em todos esses anos, ela nunca perdera a esperança de encontrar seu filho. Por alguma transformação interna e certamente também pelo seu momento de vida — setenta anos —, ela pôde, aos cinquenta anos do filho, “acender uma vela”, iluminar, tornar real, tudo o que tinha sido apagado e anulado em sua história no período em que ficou abandonada, confinada, sem contato com o mundo externo e ao longo dos vários anos que se seguiram.

Foi determinante para que a revelação de Philomena tivesse um destino e pudesse ter um efeito transformador em sua vida tanto a presença da filha, que a escutou, como um encontro improvável e ao acaso com um jornalista político, ateu — o oposto de Philomena —, Martin Sixsmith, quando ele estava passando por um momento de transição na carreira; havia sido demitido injustamente de um cargo no governo Blair. A filha de Philomena o encontra na mesma noite em que sua mãe lhe revela o seu segredo, durante uma festa onde ela estava trabalhando como recepcionista. Escuta uma conversa entre ele e uns colegas e fica sabendo que ele acabara de ser demitido. Sensibilizada, sugere que ele escreva sobre a história de sua mãe. Ele, que coincidentemente também estava

completando cinquenta anos, imediatamente recusa a proposta, dizendo que o que ela estava propondo era uma história “de interesse humano”, que ele de fato não fazia, por serem “histórias de pessoas vulneráveis, ignorantes e vazias, para serem lidas no jornal por pessoas igualmente vulneráveis, vazias e ignorantes”. Na verdade, estava planejando escrever um livro sobre a história da Rússia.

Assim, presenciamos as resistências naturais de Martin para embarcar nessa viagem com Philomena, nessa história “de interesse humano”. Em analogia, podemos pensar nas resistências naturais do analista — nem sempre reconhecidas — para entrar em contato com cada novo paciente e as vulnerabilidades comuns do início da vida, similares às resistências que pode enfrentar um observador para entrar na casa de um bebê, na situação de observação de bebês, assim como as resistências da mãe em disponibilizar-se para seu bebê.

— Não acredito em Deus. E não sei quando parei de acreditar. (A esposa está ao seu lado e Martin segue) Não sei por que isso me incomoda... Será que eu deveria fazer uma história de interesse humano?

Após muito relutar, Martin decide se encontrar com Philomena e a filha num restaurante. Philomena chama atenção por sua naturalidade, simplicidade, força, firmeza e autenticidade; um caso exemplar de uma mãe comum que se liga e se comunica de forma muito verdadeira pelo gesto, pelo olhar, por um silêncio ativo de quem está em contato. Ela revela a Martin sobre o período de confinamento no convento: “Desapareci do mundo. Minha família não ia me visitar e, por vergonha, meu pai disse para todo mundo que eu estava morta”. Era uma típica “Magdalen girl”, como eram chamadas as meninas nessa condição. Martin escuta sua impactante e comovente história e decide acompanhá-la em uma viagem cheia de revelações, na qual estreitarão laços e confrontarão suas diferenças, que acarretarão em transformações profundas para ambos, descobrindo um ao outro e a si mesmos.

— Vamos falar com essas freiras? (pergunta Martin, assumindo seu papel, com determinação, de investigar a realidade).

— Você pode tentar, talvez você tenha mais sorte do que a minha mãe.

— Você pode me ajudar a encontrá-lo, Martin? (pergunta Philomena olhando firme para ele).

— Bem, certamente é uma história interessante (responde Martin, na posição de “jornalista”, sem saber ainda onde Philomena o levaria).

Martin e Philomena rumam para a Irlanda e vão juntos até a Abadia de Roscrea.

Ela diz para a filha que não é necessário acompanhá-la. Ele fica um pouco apreensivo com a ideia de irem sozinhos. Mostram-se novamente suas resistências a ficar na posição de muito mais do que escrever uma história, mas de vivenciá-la com Philomena, compartilhando de sua intimidade. Como veremos, ao longo da história, inevitavelmente ele vai se tornando menos “jornalista” e mais “parceiro”.

Quando chegam à Abadia de Roscrea, olham à volta do lugar, que continua opressivo, assombroso e cheio de segredos. Martin, que vai aprendendo com Philomena a ligar-se às pessoas, pergunta para ela:

— Você está bem?

— Estou bem.

Philomena toma a dianteira e, antes de bater à porta, confessa: “Tenho sorte, Martin. Algumas das mães e bebês não sobreviveram ao parto”.

Vai se percebendo sutilmente um contato, empatia, aproximação, preocupação um com o outro, de uma dupla sintônica, respeitosa, que vai se constituindo e quer chegar ao objetivo proposto. Eles se revezam, ora um toma a dianteira, ora outro, dividem-se em seus papéis. A identidade de Martin de jornalista facilita que ele assuma o papel, tão difícil para Philomena, de investigar a realidade, confrontar, fazer um acerto de contas com o seu passado. Philomena, por sua vez, pode começar a existir, seus sentimentos podem ser revelados e respeitados, pode iniciar suas explorações “de volta ao começo”. Tem um amigo de verdade para enfrentar com mais força uma história violenta demais que ficou impedida de aparecer por cinquenta anos. À medida que as explorações vão alcançando seu objetivo, Martin vai podendo enxergar cada vez mais e compartilhar com sua amiga uma experiência humana muito vivenciada, sem resistir tanto à mesma.

Ela toca a campainha e abre a porta uma freira africana jovem:

— Como posso ajudá-la?

— Sou Philomena. Marquei um horário.

— Ah, sim, entre Philomena.

— E este é o meu amigo Martin Sixsmith, do noticiário News at Ten.

— Bem, da BBC News, na verdade, mas não mais.

Os dois são encaminhados a uma sala para encontros oficiais. Há vários quadros de Madonnas e um crucifixo de Jesus sangrando na cruz. A freira jovem diz que a irmã Claire estará com eles dentro de poucos minutos e pergunta se querem chá.

— Posso usar o banheiro?

— Fica embaixo pelas esc...

— Sei onde fica.

E Philomena refaz seus passos de todos aqueles anos, e escala a janela por onde viu seu filho pela última vez. Chega também ao pátio e ao portão por onde viu Anthony desaparecer no carro de seus pais “adotivos”. Muito atenta e ligada a tudo o que se passava em Roscrea, Philomena percebeu que Mary, uma menininha da mesma idade, criada junto com Anthony, e cuja mãe era sua amiga e confidente, seria entregue para adoção, e que os pais adotivos haviam chegado à Abadia. Só não tinha ideia alguma que o seu Anthony iria junto. Através de uma janela, viu a irmã Hildegard levando ao carro seu filho; segundo as freiras, Anthony fora também porque não quis se separar da amiguinha Mary. Nada mais foi dito, explicado à Philomena. Para as freiras, também invejosas de Philomena, quem fez o que ela fez merece desrespeito, desprezo e a interdição de sua função materna. No seu íntimo, Philomena guarda imagens e emoções muito vivas, exatamente como foram vividas há cinquenta anos.

Enquanto isso, numa discreta e sutil sintonia entre os dois, Martin vai assumindo o seu papel de quem percebe os fatos e não os nega, vai em frente, questiona, quer compreendê-los. Inicia suas explorações; observa a sala, os quadros antigos e atuais, vê as fotos da freira Hildegard e da madre Bárbara, ambas jovens, nos anos sessenta, com crucifixos no seu pescoço; uma freira segurando um bebê; duas freiras com filas de berços. Até que depara com a foto destoante de uma atriz de Hollywood, glamourosa e com seios fartos — Jane Russell —, assinada por ela: “Com amor”. Martin fica perplexo. Começa a bisbilhotar e vê, através de uma porta de vidro, uma freira bem idosa de bengalas, que o fica encarando [\[47\]](#). Assombrado, é interrompido pela irmã Claire, de meia idade, que o recebe com um sorriso. Puxa conversa sobre a foto, achava que era de Jayne Mansfield, e a irmã esclarece que é de Jane Russell.

— Por que essa foto está na parede?

— (desconversando) Desculpa, não entendi o seu nome.

Philomena entra na sala — luzente, empoderada — e apresenta seu amigo à irmã Claire, da mesma forma que o apresentara à outra irmã na entrada, com evidente orgulho pela sua parceria com um jornalista competente do News at Ten. Ele novamente a corrige: “BBC, isto é, na realidade, ex-BBC”. Parecia mais segura e animada, agora contando com um amigo-parceiro qualificado para ajudá-la a voltar ao começo, “conhecer pela primeira vez” aquele lugar e poder tomar posse dessa história que ela tinha vivido de forma passiva, na mais completa solidão. Apoiava-se, pela primeira vez, em alguém confiável, que vai

desenvolvendo um respeito e interesse genuíno na sua pessoa e história, um aliado que poderia agora defendê-la.

Winnicott, quando se referia ao ego do bebê, se é forte ou fraco, afirma que este depende da mãe real funcionando como um ego auxiliar; a tendência à integração no início depende do apoio e proteção proporcionados pelo ego materno. Daí a importância da parceria mãe-bebê, paciente-analista, atores para que a missão dê certo. As duplas têm que ter sintonia, coragem de seguir em frente, como Philomena e Martin. Mudam, trocam de papéis, às vezes ela é a locomotiva, outras é vagão e vice-versa. A relação não é baseada em autoritarismo, controle, submissão, e sim no respeito, desejo genuíno de estar junto e ajudar o outro, respeitando as diferenças, os limites. O espectador é envolvido pela experiência da dupla, semelhante ao observador na observação de bebês. Vai evoluindo uma sintonia entre Philomena e Martin que contamina o espectador. O filme expressa de forma clara e comovente a transformação e crescimento de ambos protagonistas quando isso ocorre.

A irmã Claire os recebe “com chá e bolo”, como sempre, e diz que não sabe se contaram para ela, na última vez que esteve lá, que a maior parte dos arquivos fora destruída num grande incêndio. Após um prolongado silêncio — cinquenta anos —, Philomena começa a falar, acompanhada pelo olhar de Martin:

— Eu ainda frequento a missa... Não quero causar nenhuma confusão ou apontar o dedo para ninguém, ou de forma alguma culpar a igreja. Só quero saber se ele está bem — não preciso nem mesmo vê-lo. Às vezes tenho visões dele e ele está desabrigado e ninguém o ama...

Martin — que a essas alturas já havia “adotado” Philomena — não a criticava e assumia por ela o seu papel de confrontar. Questiona se eles não poderiam conversar com alguma das freiras mais velhas. Preocupada com as intenções do jornalista que a interrogava, a irmã Claire diz que não e pede para conversar em particular com Philomena. Certamente se deu conta de que ela não o enganaria como havia sempre enganado sua parceira. Martin se retira, mas não desiste. Vai em direção à porta de vidro através da qual vê novamente a irmã Hildegard, de bengalas; seus olhos encontram os dele e sua expressão permanece indecifrável. Quando ele faz menção de abrir a porta, ouve uma voz que vem das escadas. Era a irmã jovem que lhes abrira a porta ao entrarem na casa. Diz que ali eram aposentos privados. Ele decide, então, esperar fora da casa. Escondido no meio do mato que crescia, encontra um cemitério de mães e bebês. Uma das meninas tinha apenas quatorze anos e, em muitas lápides, estava escrito que as mães e os bebês

tinham morrido durante o parto.

Philomena deixa a casa com uma cara pálida, segurando um envelope. Ao ver sua expressão, Martin pergunta se ela está bem. Ela não responde, só quer entrar no carro o mais rápido possível.

— O que ela disse para você?

— Ela disse que você é jornalista e que estava tentando me manipular e que eu deveria ficar atenta em relação ao que eu lhe digo. E ela me deu isso (tira um envelope da bolsa).

— Você quer que eu abra? (ela não responde e ele continua). É um contrato... assinado por você em 1955 (ele lê o contrato que diz que ela abria mão para sempre de Anthony Lee).

— Nunca o encontrarei.

— Se elas te obrigaram de alguma forma a assinar este papel podemos entrar com uma ação contra elas.

— Ninguém me forçou, Martin. Assinei por minha própria vontade.

Martin e Philomena aparecem conversando no campo, fora do carro, que está estacionado.

— Engraçado, não é, que todos os documentos que podem ajudá-la foram destruídos. Mas adivinha! O único documento destinado a impedi-la de encontrá-lo foi preservado com amor. Deus, na sua sabedoria infinita, decidiu poupá-lo das chamas.

— Eu o assinei porque eu acreditava que tinha cometido um pecado terrível, Martin, e eu tinha que ser punida. E... o pior foi que eu gostei.

— De quê?

— Do sexo. Ah, foi maravilhoso. Parecia que eu estava flutuando. Ele era tão lindo e o modo como ele me segurava nos braços e — bem eu não sabia nem que eu tinha um clitóris.

— Sério?

— E depois que eu fiz sexo, pensei que qualquer coisa boa assim deveria ser errada.

— Católicos filhos da puta... Desculpa.

— (ela sorri) Fui enfermeira durante trinta anos e ouvi coisas piores.

Philomena começa a existir; seu sofrimento, que havia sido congelado por um longo tempo, pode agora aparecer e ser compartilhado, assim como sua desesperança e descrédito em relação a ter de volta o que a vida lhe tirara de forma tão brutal. Seu prazer, satisfação com a vida — aspectos mais reprimidos e

invejados pelas freiras — ficaram guardados dentro de si por tantos anos e podem também ser reconhecidos. Martin era um bom continente, ela podia confiar nele.

À medida que todos esses sentimentos vão podendo aparecer, com a parceria viva e verdadeira de seu amigo Martin, Anthony também vai podendo existir, crescer e tornar-se real. Um “filme mudo” de Anthony, com oito anos, num dia ensolarado, revela a realidade, tão temida por Philomena, de que ele não é mais o seu menininho. Tem uma família e dois irmãos mais velhos. Está jogando baseball.

É muito sutil e comovente o modo como o filme nos comunica, de forma não-verbal, por meio de “flashes de um filme mudo”, a intensidade de uma história vivida em silêncio, despedaçada, inacessível, não integrada. Somos surpreendidos por flashes mudos de Anthony, que vai crescendo: oito, quatorze, vinte anos... Uma brilhante estratégia do diretor para mostrar que Anthony começava a poder existir, ganhar vida dentro de Philomena, à medida que foi sendo integrado por ela, com a ajuda de Martin.

Philomena e Martin deixam aquele lugar e rumam para o hotel onde estavam hospedados. Sentam no bar para tomar um drinque e vem a filha de Philomena.

— Como foi?

— Como foi o quê, com as Freiras de Pouca Misericórdia? (pergunta Martin)

— Só “chá e bolo”, então. É tudo o que elas sempre deram à minha mãe.

Philomena e a filha se retiram e Martin conversa com o homem do bar que pergunta se ele tinha ido à Abadia. Explica que muitas mulheres — “exMagdalen girls” — se hospedaram ali para tentar encontrar seus filhos. E comenta que acha que as freiras incendiaram todos os arquivos porque talvez tivessem vergonha de terem vendido bebês para americanos por mil libras. Martin fica sabendo que Jane Russell foi uma das que comprou um bebê.

Como um pai que abre possibilidades de crescimento, de ir ao encontro da realidade, Martin faz a proposta de irem juntos para os Estados Unidos. Philomena aceita, depois de um breve silêncio e, novamente demonstrando sua usual coragem, discriminação e determinação, diz para a filha que não é necessário acompanhá-la, que ela tem o seu próprio trabalho para dar conta. Revela o seu grande objetivo, a sua missão, algo que sempre quis e escondeu dela própria porque a apavorava. Durante todos esses anos, Philomena ficou indo a um lugar que ela sabia que não ia lhe trazer resposta. Martin mostra “uma avenida” e a ajuda a sair daquele beco sem saída, onde só recebia “chá com bolo”. Philomena decide viver e enfrentar a realidade, mesmo com todo o medo de sofrer

e decepcionar-se: “Quero ir. Quero saber se ele em algum momento pensou em mim, porque eu pensei nele todos os dias...”

Anthony segue crescendo e sua realidade vai se tornando cada vez mais viva. Novamente, num “filme mudo”, estão comemorando seu aniversário de dez anos, com bolo e velas. Há alguma tristeza na sua expressão.

Já no hotel, Martin e Philomena conversam, e Martin a convida para visitarem o Memorial Lincoln, que ela queria muito conhecer.

— Não é maravilhoso? Sempre quis vê-lo na sua cadeira grande (diz Philomena).

— Bem, ele era um homem grande. Literalmente. O presidente americano mais alto.

Martin pede para tirar uma foto de Philomena.

— É para o artigo?(pergunta Philomena).

— Hmm, sim.

— Só fico um pouco preocupada, sabe, porque se eu encontrá-lo ele pode não gostar que eu fale para o jornal. As famílias são uma coisa muito privada.

— Não vou escrever nada que você desaprove. Apenas a verdade.

— É isso que me preocupa.

Philomena demonstra o terror diante da proximidade da verdade que buscou esconder durante uma vida inteira, temendo o que encontraria. Teme especialmente não ser correspondida em seu amor por Anthony, essa ligação que se manteve para ela inabalável por cinquenta anos.

Encenando a realidade de Anthony que se tornava cada vez mais próxima, aparece um outro flash de filme, agora com som. Ele está em uma festa, com vinte e poucos anos, cheia de pessoas jovens e bonitas. Fala com a pessoa atrás da câmera: “Oi, Pete...”

Enquanto Martin já está dormindo, Philomena bate a sua porta para falar da sua sorte e gratidão por tê-lo encontrado, deixando-o momentaneamente sem ação.

— Martin, pensei em falar uma coisa com você, mas eu tinha esquecido, depois pensei em ligar, depois resolvi falar pessoalmente... O que eu queria era dizer obrigada, Martin, por me ajudar a procurar meu filho. Eu sei que você foi demitido do emprego — já entendi que não foi do News At Ten — mas eu só quero dizer que a perda que as pessoas tiveram com a sua saída foi o meu ganho. Boa noite, Martin.

No dia seguinte, determinado, Martin se coloca a postos no seu computador, sentado à mesa do café, numa sala cheia de hóspedes. Está impacientemente

investigando nomes e fotos em busca de Anthony Lee enquanto Philomena investiga com alegria o buffet e conversa com o chef mexicano. Estão certamente em níveis diferentes.

É um momento tenso de aproximação da verdade, com as ambivalências inerentes: ela quer e não quer encontrar-se com a realidade de Anthony. Martin acordou disposto a encarar a missão de buscá-lo, munido de suas ferramentas de trabalho. Está concentrado, de cabeça baixa, sem tomar conhecimento do ambiente movimentado ao redor. Pesquisa avidamente todos os Anthonys que desfilam na tela do computador. Angustiado por não encontrar nada a respeito de Anthony Lee em suas buscas, ele chama Caroline, uma colega, que lhe passa o link para os arquivos de imigração. Conectado, é interrompido por Philomena, que relata os resultados da sua pesquisa do buffet. Ele tenta mostrar, de algum jeito, que aquilo ele já conhece e segue concentrado no que buscavam conhecer. Ela sente um desencontro entre eles.

— (frente à não empolgação de Martin com o relato de Philomena, esta pergunta) O café da manhã está incluído, não é?

— Sim, sim — eu só não estou com fome. Meu estômago ainda não acordou.

— O meu acorda antes de mim.

Martin tenta trazer Philomena para a realidade e lembra o motivo pelo qual estavam ali: “Estou tentando ajudá-la a encontrar o seu filho, ok? Por favor, será que eu poderia ter um tempo sozinho?”

Philomena olha para ele, empina o nariz, faz menção de dizer alguma coisa, mas desiste, volta a conversar com o chef. Martin segue investigando e recebe um email intitulado “Anthony Lee”. A imagem vai entrando, linha por linha, com a foto do pequeno Anthony num jornal, segurando o seu aviãozinho de lata enquanto descia as escadas do avião, na chegada aos Estados Unidos, juntamente com Mary. Apavorado, reconhece Anthony e, no fundo da foto, a manchete: “Vida nova para órfãos irlandeses”. No artigo, aparece o novo nome de Anthony: Michael Hess. Martin encontra também uma foto dele adulto, aos trinta anos, sorrindo em uma festa. Até que, no alto da página, lê-se: Michael Hess, nascido em 7 de maio de 1952 e falecido em 15 de agosto de 1995. Fica perplexo: “Meu Deus, ele está morto...” Philomena retorna à mesa e vê a foto que Martin rapidamente faz desaparecer. Olha para ela com uma expressão facial de pavor e ela enxerga nessa expressão que algo terrível estava acontecendo. Ela olha para a tela que estava mostrando a imagem de Michael adulto numa pose formal e exclama: “Este é o meu Anthony!” E olha para o Martin, que não responde. Seu

olhar confirma, mas diz algo mais. Ela diz: “Ele está morto, não é?” Martin, chocado, diz: “Sim, sinto muito”. Instala-se um silêncio que permanece enquanto rumam para o aeroporto de volta para casa. Philomena se desliga de tudo, fica anestesiada e estranha a vida que segue lá fora quando seu Anthony já se foi. Martin fica olhando para ela sem saber o que dizer.

O plano de ambos se rompe e eles decidem retornar. Estão no aeroporto, e ela segue perdida em seus pensamentos. Martin se comunica com Sally, editora do livro, sobre a morte de Anthony. Ela pergunta qual a causa da morte e questiona sobre o livro. Ela acha que, morto ou vivo, ele deve encontrar uma história e sugere que ele prossiga e segure Philomena com ele. Lembra a ele do contrato que assinou.

De forma muito respeitosa e cuidadosa, Martin senta no banco ao lado de Philomena, que estava aos pedaços, em silêncio. A sintonia entre os dois é tão grande que ele não precisa dizer nada a ela; ela própria pergunta se seria possível mudar a passagem para outro dia e permanecerem lá por um tempo mais longo[48]. Dessa forma, poderiam conhecer Anthony, através de algumas pessoas que o conheceram, e descobrir o que acontecera com ele durante todo esse tempo. É um momento crucial de aprofundamento na viagem interior de Philomena. Martin aceita acompanhá-la nessa “descida” que a permitiu encontrar-se com seu filho e consigo mesma.

Martin e Philomena voltam para o hotel. Ele pergunta se ela quer ver uma foto que lhe fora mandada por Marcia, uma colega de Anthony que veriam no dia seguinte. Para surpresa dos dois, Philomena reconhece Martin na foto — era um dos fotógrafos que estavam fazendo a cobertura do evento em que Anthony aparece apertando a mão do presidente Reagan. Ela fica encantada e pede para que ele conte para ela como foi o encontro dele com Anthony/Michael, buscando avidamente compor uma imagem do seu filho:

- Como era ele?
- Eu não me lembro muito... Era uma coisa republicana...
- Você tem que se lembrar de alguma coisa.
- Eu apertei a mão dele.
- (ela se ilumina) Como era o aperto de mão dele? Ele tinha um aperto de mão forte?
- Sim...
- Ah, já é alguma coisa... O que mais?
- Ele era muito elegante.

— É, eu sempre vestia ele assim, de forma elegante.

— Eu disse “olá”.

— (ela repete) “Olá” (como se fosse algo muito significativo). Então ele era elegante e tinha um aperto de mão forte (diz Philomena, tentando se convencer de ter encontrado o suficiente sobre seu filho).

Encontram-se com Marcia, colega de Anthony, em Washington. Há uma mesa coberta de fotos de Anthony/Michael em lugares desconhecidos de Philomena. Marcia esclarece que ele foi conselheiro legal na administração de Reagan e de Bush. Philomena pensa que ele nunca teria alcançado um trabalho assim se tivesse ficado com ela. Pergunta para Marcia se ele alguma vez mencionou a Irlanda. Ela diz que não, mas passa o telefone para ela de Mary, a menina que imigrara para os Estados Unidos junto com ele e que fora criada como sua irmã. Philomena encontra uma foto de Anthony com um homem bonito, alto, de barba. Marcia diz que ele era amigo de Anthony. Numa outra foto, ele aparece com Marcia. Philomena pergunta se ele era seu namorado. Ela esclarece que não, que ele era gay. Ela o acompanhava nas funções oficiais porque o partido Republicano não aceitava. Martin congela com essas notícias, mas Philomena aparenta não reagir tanto.

— O Peter o amava? (pergunta Philomena)

— Sim, o amava (responde Marcia).

Martin e Philomena prosseguem nas suas investigações e rumam para a casa de Mary, que está com cinquenta anos, uma aparência estranha, dura e cansada. Não esboça nenhuma reação à chegada de Philomena, mesmo quando ela diz que Mary se parecia com a mãe dela. Enquanto veem algumas fotos de infância com a família adotiva, Philomena pergunta se a mãe adotiva era uma pessoa querida.

— Não vou mentir para você, Philomena, nossa infância não foi das mais felizes. Marge era legal, mas nosso pai era um homem muito duro (ela olha para trás e grita com os filhos que brincam lá fora).

— (Philomena vê uma outra foto de Anthony/Michael, magro, aparentando estar doente e tenta digerir o significado daquilo) Deve ter sido terrível ter que manter isso em segredo durante toda a sua vida (ela fala de Anthony, mas também de si mesma). Presumo que ele tenha morrido de aids.

Assim como ela manteve segredo durante cinquenta anos sobre a existência de seu filho, Anthony também ficou guardando esse segredo, além de sua homossexualidade e sua enfermidade, porque não era aceito. Ela teve uma sequência de dados, sensações, lembranças, descobertas que a deixaram

impactada, tendo que digerir tudo. As freiras ficaram negando a existência dele por todo esse tempo.

— Sim. Ele não estava muito feliz consigo mesmo nos últimos anos da sua vida... trabalhando para os republicanos (diz Mary).

— (Philomena fica perplexa, estudando a foto, e Martin complementa) Os republicanos cortaram o financiamento para pesquisa com aids porque culpavam o estilo de vida dos gays pela epidemia.

— Onde ele está enterrado, Mary?

— Sabe, acho que ele está em West Virginia, perto de onde ele morava. Meu pai queria que ele fosse enterrado no jazigo da família em St. Louis, mas Peter não deixou. Eles tiveram uma grande briga... Você deveria falar com Peter sobre isso.

— (Um silêncio. O desenrolar da novela da vida de Anthony parece alheio a Philomena. Ela se sente desconectada, incapaz de se relacionar com ela. Martin intervém) Temos o número dele que nos foi dado por Marcia. Vamos vê-lo, não é, Philomena?

— Hummm... (depois de uma pausa) Mary, posso te fazer uma pergunta, tem uma última coisa que eu gostaria de saber. O Anthony mencionou a Irlanda em algum momento ou sobre a sua origem?

— Na verdade, não. Nunca falamos sobre isso.

Aparece um flash com um diálogo entre Peter e Michael, que já está doente e magro, com as roupas largas.

Philomena pergunta se é possível não usar o seu nome real no livro. Angustiava-se com toda essa realidade que estava vindo para fora. Martin lembra que ele, como jornalista, lida com nomes reais, com a realidade. Philomena pede para ele parar em uma igreja no caminho para ela se confessar. Martin diz que a igreja católica é que deveria se confessar, e debatem sobre a religião. Interessante o movimento de recuo de Philomena e refúgio na religião à medida que se aproximava cada vez mais da realidade. Philomena se agarra de novo às suas defesas, ao seu contrato com a igreja de permanecer no silêncio, na invisibilidade. Há um forte embate entre os dois sobre religião, e ela acaba o xingando no final, antes de entrar na igreja. Vê-se o efeito desse embate dentro da igreja. Philomena ajoelha-se no confessionário, diante do padre, e sai sem dizer uma palavra. Estava elaborando, aos poucos, o drama vivido silenciosamente em toda a sua vida, num último diálogo com a igreja antes de completar a missão de integrar a realidade de Anthony, com a ajuda de seu companheiro Peter.

Philomena está muito mobilizada ao sair da igreja, preocupada em relação ao

ponto onde tinham chegado. Fala firme com Martin; teria condições de pagar os gastos que ele teve com ela e quer desistir de tudo, encerrar o contrato com ele.

— Você viu o que a Mary disse, ele nunca pensou em mim. Ele não era o meu Anthony, ele era o Michael de uma outra pessoa. Ele provavelmente odiava pensar em mim.

— Precisamos falar com Peter Olsson. Ele morava com ele. Ele o conhecia melhor do que ninguém... As pessoas têm que conhecer o que se passou com você. Foi uma injustiça, isso tem que ser exposto.

Intensifica-se a ambivalência de Philomena em seguir sua investigação e “publicar”, isto é, expor publicamente sua história íntima. Além disso, se Philomena vai adiante, ela trai o contrato com a igreja, de nunca mais procurar seu filho. O contrato com Martin, por sua vez, também não podia ser rompido. Exacerba-se o conflito de Philomena entre dois contratos: com a igreja e com Martin, justamente no momento em que a história vai evoluindo e se tornando real. Ela propõe quebrar o contrato com Martin, que era o mais tranquilo para ela. Contudo, Martin não aceita. No hotel, Philomena encontra dificuldade de abrir a porta, e Martin a ajuda.

— Você tem que colocar o cartão com as flechas para baixo.

— (Philomena fica brava) Sei como se faz.

Ele quer dizer para ela que pode continuar ajudando-a a abrir as portas que ela não consegue. Após a confrontação entre os dois, Martin sai para correr no parque e tenta contato telefônico com Peter, que não responde. Ao retornar, bate na porta de Philomena, que também não responde, chama por ela “Phil?”, demonstrando intimidade. Há várias portas fechadas. Martin pede ajuda no hotel para abrirem a porta do quarto de Philomena. Ao perguntarem qual o seu grau de parentesco com ela, ele diz: “Ela é minha mãe”. Abre-se a porta do quarto de Philomena, que está vazio. Vasculham tudo e Martin começa a ficar em pânico até encontrar Philomena acocada no cantinho da sacada: “Onde você estava?” Constrangido, Martin explica para Philomena que teve que dizer que ela era mãe dele para entrar no quarto. Ela diz: “Eu estava aqui só para chorar um pouquinho... Espero que você não tenha pensado que eu fosse me jogar da sacada”. Martin diz que não pensou nisso. Ela diz que só queria ficar um pouco quieta[49].

Martin desce para o bar e segue a investigação. O símbolo da harpa celta na cerveja Guinness o faz ligar-se com o símbolo que ele viu na roupa de Anthony. Philomena diz, com determinação, que pensa em pegar um avião e voltar para a

Inglaterra e ponto final. Pede para que ele não tente convencê-la do contrário.

— Penso que nós devemos visitar Peter Olsson amanhã.

— Vá você sozinho. Eu não vou lá pra escutar outra pessoa dizendo que Anthony não ligava para mim, que eu o abandonei...

— (Martin mostra o símbolo da harpa céltica) O que é isso?

— O que eu mais quero é ir embora.

— (Martin insiste sobre o símbolo, e Philomena diz que é uma harpa céltica. Ele lembra da foto de Anthony com o presidente Reagan, que eles tinham visto antes. Ele faz um zoom na lapela do casaco de Anthony que tinha o mesmo símbolo) Se ele dava tão pouca importância para a sua origem porque ele vestia algo tão irlandês?

— Talvez ele tocasse harpa. Ele era gay...

— Não, ele nunca tocou harpa.

Ficam muito claras as resistências de Philomena e sua ambivalência — o desejo e o terror de encontrar seu filho — assim como a presença lúcida, forte, marcante, de Martin, que a leva a pensar, como um bom analista, através de uma interpretação que pode trazer uma novidade.

Aparece um flash curto de Peter e Anthony, com mais um pedaço/faceta de Anthony que vamos reunindo. Ele está bastante doente. Enquanto nos flashes Anthony está morrendo, para Philomena ele está prestes a nascer. É um triste descompasso que pode acompanhar a relação mãe-bebê.

Eles chegam à casa de Peter e ficam observando e estudando a casa. Philomena volta a dizer que Anthony tinha conseguido alcançar muito mais do que ela poderia ter dado para ele. Veem Peter entrando na casa após despedir-se de seu novo namorado. Martin toma a dianteira e resolve fazer como os jornalistas fazem, isto é, colocar-se em frente à porta das pessoas. Philomena pensa que ele não vai querer falar com ela e vai bater a porta na cara deles. Martin toca a campainha. Peter abre a porta, Martin se apresenta e ele imediatamente fecha a porta. Após essa primeira tentativa fracassada, Philomena resolve, com determinação, descer do carro e ela mesma bater à porta. Peter abre a porta, e ela diz com firmeza:

— Só quero falar sobre o meu filho. Ele foi arrancado de mim. E tenho procurado por ele desde então.

Peter sente honestidade no olhar dela e abre a porta. O rosto de Philomena se ilumina enquanto os três veem o desenrolar de um filme de Anthony em que vários flashes curtos e isolados são agora reunidos, compondo uma breve história.

Philomena vai juntando os pedaços e finalmente encontra seu filho; as duas histórias finalmente podem se encontrar. A câmera fica movendo-se entre o rosto de Philomena e o filme de Anthony, que vai se desenrolando numa tela. Um momento impactante: aparece Anthony/Michael em frente à porta da Abadia de Roscrea, ao lado da irmã Hildegard.

— Ele voltou a Roscrea? (pergunta Martin)

— Eu o levei. Ele foi te procurar, Philomena.

— Ele foi me procurar?

— (Apontando para Hildegard, Martin diz) Eu a vi quando estivemos lá. Era ela.

— Ela sempre disse que não sabia nada sobre Anthony (diz Philomena).

— Mas eles disseram para nós que nunca encontraram você, que você o abandonou quando bebê...

— Eu nunca abandonei meu filho.

— (Martin a defende, emocionado) Ela estava procurando por ele! Passou toda a sua vida tentando encontrá-lo.

— Ele está lá agora.

— O que você quer dizer com isso?

— Tive uma briga com o pai dele, ele queria que ele fosse enterrado nos Estados Unidos. Mas o último desejo de Michael foi voltar para casa. Ele está enterrado em Roscrea.

Anthony estava pertinho de Philomena e ela não sabia. Ambos, mãe e filho, chegaram onde queriam e tiveram parceiros que os ajudaram. Anthony chegou primeiro. Martin acompanha Philomena nessa viagem de volta ao começo e retornam a Roscrea

— Completamos o círculo (diz Philomena).

— “O final da nossa exploração é chegar onde iniciamos e conhecer o lugar pela primeira vez”.

— Isso é lindo, você pensou isso agora, Martin?

— Não, é T. S. Eliot.

Martin chega com determinação: “Sem mais chá ou bolo”. Segue tudo igual, as freiras seguem negando, mas o que Martin propõe é um claro “acerto de contas” — algo a ser alcançado também em uma análise —, mas que Philomena não consegue enfrentar. Ele vai entrando nos aposentos privados, sem pedir licença, e dirige-se ao quarto da irmã Hildegard.

— Não estou aqui para machucá-la, só vim fazer uma pergunta. Sou amigo da

Philomena Lee... (Senta-se numa cadeira em frente à ela). Por que você fez aquilo? (Silêncio) Quando uma mãe e um filho estavam procurando um pelo outro, por que você os manteve à distância?

O padre tenta convencer Martin a sair e ameaça chamar a polícia.

— Não vou sair sem uma resposta.

— É repugnante a sua maneira de entrar assim num lugar sagrado e se comportar desse jeito (diz o padre).

— Vou dizer o que é repugnante, é mentir para um homem que está morrendo (responde para o padre e depois fala diretamente para Hildegard). Você poderia ter dado a ele alguns momentos preciosos com a mãe antes de ele morrer, mas você escolheu mentir. Isso é repugnante.

— Não é muito cristão isso, não é? (diz Hildegard) Vou dizer uma coisa, mantive o meu voto de castidade durante toda a minha vida. Mortificação da carne é o que nos traz para perto de Deus. Essas meninas não têm que culpar ninguém, a não ser elas mesmas e a sua incontinência carnal.

— Você quer dizer que elas fizeram sexo?

— O que está feito, está feito, o que você espera que seja feito agora?

— (entra Philomena e responde) Nada. Não há o que dizer. Encontrei meu filho, foi para isso que vim aqui.

— Espera aí (diz Martin e dirigindo-se à irmã Hildegard). O que você pode fazer é pedir desculpa.

— Chega, Martin (Philomena pede desculpa a eles).

— Por que você está pedindo desculpa a eles? Anthony estava morrendo de aids e ela não disse nada sobre você.

— Eu sei, mas aconteceu comigo, não com você... Irmã Hildegard, quero que saiba que eu a perdoo.

Philomena conquista mais este espaço interior. Mesmo gostando, usufruindo da companhia e força de Martin, ela se manteve diferenciada dele. É uma pessoa, uma mulher exemplar. Martin não acredita no que vê e ao sair diz que ela pode perdoar, mas que ele não perdoa a irmã Hildegard.

Philomena é levada até o túmulo de seu filho, em que está escrito: “Um homem de duas nações e muitos talentos”. Philomena viajou para o outro lado do mundo, mas a resposta para tudo estava ali onde a história havia começado: “Ele sabia que eu o encontraria aqui”.

Após uma intensa jornada de experiências compartilhadas e de transformações pessoais em que foi se tornando mais maleável, observador e sensível a assuntos

“de interesse humano”, Martin fica comovido e decide não publicar a história íntima de Philomena: “Fica entre você e ele”. Mas Philomena o encoraja a seguir em frente. Quer que sua história seja conhecida.

Considerações finais

Philomena é a história de uma relação mãe-bebê impedida de se desenvolver. Sofreu um corte violento, houve uma “parada de desenvolvimento”. Mãe e filho permaneceram ligados como nos primeiros três anos de vida, apesar das circunstâncias ambientais externas que restringiam o contato mãe-bebê a uma hora por dia. Ela tinha essa permissão de exercer a sua maternidade mesmo criticada e ameaçada de “perdê-la” com a venda de seu filho a qualquer momento. Acompanhamos a “descida” de uma mãe que viveu nesse “confinamento” em que qualquer mãe vive com seu bebê nos três primeiros anos

É uma história abastecida de muito material humano, que permite refletir, uma vez mais, sobre como o ser humano depende de outro ser humano para nascer, tornar-se real, algo que podemos constatar com muita clareza na relação mãe-bebê e analista-paciente. É uma história que “nasce” de um diálogo íntimo entre duas personagens principais, Philomena e um jornalista que se interessa por ela. Ao compartilhar e acompanhar Philomena em sua viagem interior, Martin Sixsmith — como jornalista, acostumado a investigar a realidade — a ajuda a encontrar-se com a verdade de uma história que não podia aparecer. Ao tornar pública essa história, Martin vai mais adiante, contribuindo para retirar do silêncio, da invisibilidade e do confinamento uma história íntima vivida por uma dupla mãe-bebê nos três primeiros anos de vida do bebê, que deixou marcas inesquecíveis para ambos. De forma análoga, podemos pensar nas histórias aqui contadas sobre os nossos casos observados, as quais “nascem” de um diálogo íntimo entre duas personagens principais — a dupla mãe-bebê e a observadora — e que ajudamos a retirar do confinamento do âmbito privado em que elas se passam, tornando-as visíveis, compartilháveis e públicas por meio da nossa escrita. São histórias que resultam de uma experiência intensa de compartilhamento íntimo da qual todos saem enriquecidos.

Aos cinquenta anos de seu filho, Philomena resolve “falar” e dar continuidade a esta história interrompida aos três anos de vida de Anthony. A intensidade do trauma produzido por esta interrupção foi tal que demorou cinquenta anos para amenizar-se, período no qual Philomena se manteve no mesmo “confinamento”

em que fora forçada a permanecer. Neste momento, impulsionada por alguma transformação interna e pelo seu momento de vida, retomou sua vida emocional de onde ela havia estancado. Não tinha mais vergonha, nem estava morta. Era preciso que Anthony tivesse uma continuidade dentro dela para que ela continuasse existindo. Para Philomena, tudo o que tinha ficado desse período em que mãe e filho conviveram foi a imagem de Anthony numa foto tirada pouco antes de ele ser arrancado dela. Ficou um vazio, um buraco de quase cinquenta anos que tinha que ser costurado. Ela não tinha ideia de qual teria sido o destino de Anthony, quem era ele, se estava vivo ou morto. Com a parceria de Martin, começou uma costura de delicados pontos/pedaços que foram se juntando — o aviãozinho de Anthony, a harpa céltica, seu túmulo em Roscrea — para descobrir a verdade de que, como ela, seu filho jamais a esquecerá. Os “flashes de um filme mudo”, de uma história que não podia aparecer podiam agora ser integrados em uma história contínua que possibilitou a Philomena encontrar-se com seu filho e consigo mesma.

Ganhou coragem para falar, vencendo o medo de quebrar os contratos internos de permanecer anulada, em silêncio. Viajou fundo para encontrar-se não apenas com o filho, mas também com os pais que a abandonaram e consigo mesma. Fez um “acerto de contas”, especialmente com os pais. Perdoa a freira/mãe que a maltratara. Philomena perdoa também o pai que a renegara e usufrui criativamente da relação com todos os homens que a ajudaram nessa jornada interior de renascimento: Martin, que a defende e a protege, assim como o ator Steve Coogan, com quem desenvolve uma relação próxima e que escreveu o roteiro, bem como o diretor Stephen Frears. Todos valorizaram e se interessaram pela sua história, ajudando-a a elaborar a relação com os pais e os estragos que a vida lhe infringiu.

Na história de Philomena, fica clara a intensidade da violência de um ambiente hostil que não apenas provocou uma ruptura na relação mãe-bebê, mas impediu a possibilidade de reparação dos prejuízos causados por essa ruptura até a vida adulta de Anthony, mesmo quando ele estava prestes a morrer. A chave que poderia abrir, permitir que essa reparação acontecesse, estava com as freiras, especialmente com a irmã Hildegard, que negava, reprimia todas as tentativas de aproximação da dupla e atacava sistematicamente a percepção de ambos; eles sabiam, mas não podiam saber da existência um do outro. Até o fim, de maneira rígida e fria, a irmã sustentou seus valores e suas verdades, não assumindo a sua participação. O ataque à percepção, os segredos, as mentiras costumam prejudicar

seriamente a estruturação psíquica de uma criança; a manutenção deste funcionamento impede o desenvolvimento, encharca de culpa a pessoa, deixando-a empobrecida.

Philomena pôde transformar aspectos importantes nela própria para que pudesse usufruir da vida com menos rigidez de defesas impostas pelo lugar frio, desumano, onde permaneceu por cinquenta anos. Quase como um pedaço desvitalizado de si, o verdadeiro dela tinha que ficar escondido. Anthony também viveu uma vida em que suas verdades mais íntimas — a relação com a mãe e a sua homossexualidade — foram mantidas em segredo até a sua morte.

Martin ajudou Philomena a sair da clandestinidade. Ele a ajudou também a conhecer a sua história, não a fim de mudar o que não pode ser mudado, mas para juntar os pedaços e dar uma unidade à mesma. Philomena pôde assim conquistar a sua história, “fechar o círculo”, voltar ao começo para seguir adiante. Aceitou a viagem, a quebra de contratos internos e foi se transformando; ela quis sair da sua invisibilidade e conhecer/compartilhar sua história, o que também nos faz pensar em como as mães são dependentes de alguém que possa escutá-las, especialmente nesse período essencialmente sem palavras dos três primeiros anos de vida.

Ter alguém como testemunha, cúmplice de angústias e vivências escondidas, desconhecidas ou até mesmo proibidas... A mãe precisa desta presença para soltar seus “demônios” presos, atribuindo-lhes então algum significado e destino (Caron, 1995).

III

De volta ao começo

Desafios e contribuições dessa “descida em direção às mães”

Descobrimos que o problema não é tanto que todas as pessoas estavam lá dentro e depois nasceram, mas que no início todas as pessoas foram dependentes de uma mulher... MULHER é a mãe não-reconhecida dos primeiros estágios de vida de todo homem e de toda mulher.

Winnicott, 1964/1966b, p. 149

Nesses mais de dez anos desde o início da pesquisa, é inevitável falar do tempo e dos desafios de captar os detalhes de uma vida que se inicia. É impossível, e nem foi o nosso objetivo, reproduzir na íntegra a história dos três primeiros anos de vida de seis bebês (dois singulares e dois gemelares). Como a mãe com seu bebê — e o analista com seu paciente — tivemos que, sobretudo, aprender a esperar/gestar sentimentos, pensamentos, ideias, para deixar nascerem no tempo certo. Como dar conta de algo tão incomensurável como é esse lugar essencialmente feminino e predominantemente sem palavras em que os bebês iniciam a vida? Foi uma árdua tarefa reunir os registros das observadoras e os nossos próprios registros — em papéis avulsos, recentes e antigos —, na tentativa de traduzir um pouco das vivências e dos desafios para as mães, arremessadas a esse mundo primitivo do bebê, assim como para o observador.

Talvez o maior desafio por nós enfrentado na escrita desse livro foi juntar o material de observação da primeira etapa — da gestação até o parto — e da segunda — do nascimento até o terceiro ano de vida —, já que havíamos participado como supervisoras apenas da primeira. Tivemos que sobretudo traduzir um material de observação não vivenciado e não supervisionado. Com todas as dificuldades que a divisão em duas equipes — uma para cada etapa —

trouxe para a escrita de cada caso, agora nos parece muito bem justificada a nossa decisão. Ao longo do nosso trabalho deparamos com descontinuidades naturais no desenvolvimento — ligadas a um complexo entrelaçamento bebê-ambiente —, que nos fizeram abandonar hipóteses prévias sobre continuidades entre o período pré e pós-nascimento, baseadas exclusivamente no bebê, nos movimentos fetais, como no trabalho pioneiro de Piontelli (1992/1995).

Estender o método Bick para o período gestacional e o parto permitiu descortinar a realidade de que, ao nascer, o ser humano já trilhou uma longa história. Pela primeira vez, realizamos um acompanhamento longitudinal mensal do período gestacional, por meio do qual foi possível visualizar o desenvolvimento fetal no ambiente intrauterino, as singularidades de cada bebê, bem como a singularidade de cada mãe no processo de transição para a maternidade.

Foi muito gratificante a possibilidade de nos aproximarmos do mundo fetal e vivenciarmos no setting da ultrassonografia, junto à mãe, ao pai e à equipe, momentos muito ricos e ilustrativos do nascimento de um novo ser humano. A visualização do feto no seu dia a dia, em seu mundo, mostrou um crescimento incontrolável, espantoso e revelou suas condições senso-perceptivas — táteis, olfativas, gustativas, visuais, auditivas — seu comportamento, seu desenvolvimento psicomotor, suas singularidades, a parceria e características de cada par de gêmeos. Por exemplo, nos encantamos com a parceria de Raoni e Anahi, que se encaravam e depois encaixavam a cabecinha na barriga um do outro, parecendo reconhecer a presença de um outro diferente de si mesmo; pós-nascimento, repetiam estes movimentos. Já antes de nascer, o bebê percebe luz, sons, é capaz de engolir, tem paladar, prefere posições, dorme, sonha, acorda, boceja, faz caretas, reconhece a voz da mãe, chupa dedos. Reage forte quando, por exemplo, é submetido a exame de amniocentese; faz taquicardia ou “foge” para o lado oposto do útero quando entra a agulha para coletar material. Alguns respondem com medo, paralisia, estado de choque quando suas mães sofrem estresses violentos como acidentes de carro ou acidentes naturais como ciclone, inundação. No exame mostravam-se totalmente quietos, “escondidos” no fundo do útero. Tudo isto nos mostra que o mundo do feto não é impenetrável, nem de plena satisfação nem totalmente protegido pelas paredes abdominais da mãe. Há um aparelho senso-perceptivo e motor do feto que vai se refinando, assim como seu aparelho psíquico e sua participação na manutenção da gestação e no desencadear do parto. Participa ativamente da manutenção do equilíbrio do

ambiente intrauterino, engolindo e produzindo o líquido amniótico, assim como continua participando após o nascimento, engolindo e produzindo o leite materno.

Os bebês trazem consigo sua herança, o que lhes é mais característico. Os movimentos fetais são a primeira expressão do gesto espontâneo, da natureza do bebê. A observação de todas as ultrassonografias demonstrou como os fetos normais apresentam uma fluência e uma variabilidade nos seus movimentos. A sequência das ecografias permite visualizar a presença de padrões de movimentos singulares que imediatamente identificam cada feto.

Os gêmeos Anahi e Raoni e a menina Valentina encantaram com alguns movimentos espontâneos intraútero, que se revelaram também após o nascimento, numa continuidade marcante e surpreendente. No nascimento, os bebês pareciam velhos conhecidos das observadoras.

No caso dos gêmeos, desde a primeira ultrassonografia foram descritos movimentos em ondas, sincronizados. Enquanto o que está embaixo impulsiona a cabeça para baixo e para cima, é muito ativo e ágil e mantém a barriga para cima, o outro que está em cima permanece quieto e parado com a barriga para baixo. Em outros exames, é destacado como os dois se mexem mais rapidamente, com movimentos de mergulho, contrários um do outro, ou seja, eles fazem um balé em forma de gangorra: quando a cabeça de um está em cima, a do outro está embaixo, permanecendo os dois deitados com as barrigas para cima. E assim repetem em outros exames. Após confirmado o sexo — uma menina e um menino —, puderam-se evidenciar algumas diferenças. Por exemplo, a menina busca aproximação com o irmão; às vezes ficam frente a frente, como que se encarando; ela baixa a cabeça e ele passa a mão na cabecinha dela; depois ela direciona a cabeça para a barriga dele e ali fica “descansando”. Em outros exames, ela encaixa a sua bundinha nas pernas do irmão, “fica ancorada” no colo dele, como comentavam os presentes ao exame. Parece sempre ter um encaixe entre os dois. Ela é chamada de “danada”, com iniciativa, tendo se colocado em posição de nascer nos últimos dias de gestação como se quisesse sair antes; o irmão permaneceu nos últimos tempos com a cabecinha voltada para cima. Nos primeiros dias pós-nascimento, ainda quando estavam deitados na cama do irmão, cercados de almofadas e separados por uma almofada tipo salsicha, a observadora da segunda etapa, surpresa, destaca as diferenças entre os bebês. É fácil reconhecê-los e os pais favorecem a discriminação — as cores das roupas, dos carrinhos, o penteado do cabelo — cada um é um. Impressionada, ela refere

que eles parecem interligados, atentos e respondendo às manifestações do outro: quando Raoni se mexe, fazendo um barulho mais forte, Anahi respira fundo, emitindo um som mais forte, típico de suspiro; é como se ela dissesse: “calma, tô aqui”. A sintonia entre os dois é forte, eles se comunicam através da respiração, sons e movimentos. Na amamentação, cria-se um padrão destacado tanto pela observadora quanto pelos familiares: enquanto um mama, o outro espera, calmo, ou dorme. Quando a mãe busca o outro no berço, ele já está começando a acordar ou já está aguardando. Quando passaram a interagir mais, percebe-se claramente um “novo” padrão de relacionamento pós-nascimento: inicialmente, os dois ficam se olhando, “encarando” e a seguir, num movimento rápido um deita a cabecinha no colo do outro, alternando-se, e assim ficam um tempo.

A menina Valentina em vários exames foi descrita por todos que observaram as ultrassonografias como uma bebê linda, delicada, com movimentos característicos de lábios e boca com a língua, passando uma sensação a todos de que estava experimentando algo muito bom, que engolia com satisfação. Às vezes acordava durante o exame e começava a engolir com este seu jeito habitual — “saboreando” — e voltava a dormir. No parto a mãe exigiu que ela fosse colocada no peito para mamar, ainda na mesa cirúrgica. A sensação da observadora foi forte porque parecia vê-la nas ultrassonografias; fez os mesmos movimentos com a língua para fora, lambendo os lábios, depois engolia como que saboreando algo. Valentina enfiou o rostinho no peito da mãe, ergueu a cabecinha, fuçando com o nariz no seio, procurando o mamilo, lambendo, engolindo. Fez várias vezes, chupou um pouco, estalando os lábios com força e todos escutaram. Depois, virou a cabecinha para o lado e dormiu.

Ficamos com hipóteses, imagens, e seria quase fatal que buscássemos confirmações na etapa posterior. Seria grande o risco de se criar uma falsa continuidade. Por esta razão, reiteramos o que dissemos anteriormente, de que agora nos parece bastante acertada nossa decisão de contar com dois observadores, um para a primeira e outro para a segunda etapa sem comunicação até o final das observações.

Cabe lembrar a *função terapêutica natural* exercida pela médica ultrassonografista nos acompanhamentos feitos durante a gestação. Por seu intermédio, tivemos uma ideia muito clara de alguns desafios que se impõem ao profissional da saúde que entra em contato com fenômenos psíquicos muito primitivos ligados ao início da vida, os quais exigem dele algumas qualidades muito semelhantes às da mãe com seu bebê: autenticidade, disponibilidade,

permeabilidade, podendo ser único com cada paciente. A doutora realizou todos os exames ultrassonográficos da pesquisa destacando-se pela sua postura receptiva, flexível, mas firme. Deixou-se usar pelos presentes no exame, especialmente os pais, para compartilhar comunicações inconscientes muito poderosas. Lembramos aqui que a ultrassonografista teve uma longa experiência prévia de pesquisas no setting ultrassonográfico com a mesma equipe, o que certamente promoveu transformações em seu trabalho, aumentando sua compreensão e consequente receptividade e permeabilidade a comunicações inconscientes que emergem com mais facilidade neste período da vida. Interpretando as imagens, com explicações claras e objetivas, respeitando o ritmo de cada um, colaborou para amenizar a tensão e atenuar o possível efeito traumático da visualização das imagens do bebê. Naturalmente, adaptava o setting de modo a atender às necessidades de cada pai e mãe, assim como do único irmão participante do estudo. No caso Valentina, por exemplo, foi notável como ela, provavelmente percebendo a mãe desafiada pelo crescimento da bebê intraútero, fora do seu controle, não mencionava as medidas e o peso da mesma durante os exames. No caso Julie, a insegurança dos pais quanto à capacidade própria de produzir vida, em função de uma perda anterior que se manteve em segredo durante a gestação, levava a ultrassonografista a explicar com detalhes todas as questões trazidas por eles, aceitando as projeções maternas de ser a responsável por “dar vida”; ela chegou a prolongar um dos exames por um tempo maior com os pais e, em outro momento importante, encaminhou para a obstetra a gestante que estava com edema intenso nos pés, e que acabou em parto prematuro. No caso dos gêmeos Anahi e Raoni, em que se sobressaiu a capacidade de contenção e discriminação materna, a ultrassonografista habitualmente distinguia os bebês nos exames — a posição, as medidas de cada um — admirando-se com a capacidade dos pais de identificarem exatamente quem era quem; teve, assim, um importante papel na validação da percepção dos pais em relação aos seus filhos gêmeos, bem como um acolhimento especial ao filho primogênito na única ocasião em que este assistiu ao exame. No caso das gêmeas Daniela e Renata, em que predominou confusão e indiscriminação materna, a ultrassonografista por vezes também se identificava com a mãe, ficando confusa com os dados do exame, mas logo percebia, se desculpava e retomava a sua função.

Quando chegam ao parto, a mãe e o bebê já venceram uma etapa evolutiva importante — a gestação —, mas seguem tendo que enfrentar o desafio vida-

morte e deparar com o desamparo e dependência mútua que caracterizava a etapa anterior.

A inclusão da observação do parto nos possibilitou visualizar o “corte” que representa a experiência do nascimento para a dupla mãe-bebê — a primeira grande descontinuidade no desenvolvimento humano: de um lado, a vida intrauterina que necessariamente fica para trás e, de outro, a relação com o mundo exterior que começa a se desenvolver. Sem dúvida, com o nascimento descortina-se uma outra realidade com novos desafios para as mães. É verdade que a relação mãe-bebê já sofre intraútero pequenas quebras na continuidade, que preparam o feto para enfrentar o parto e para o interminável processo de separação mãe-bebê e que as descontinuidades seguirão presentes em outras fases do desenvolvimento, mas acreditamos que nunca com tal intensidade como no parto.

É interessante a distinção que Winnicott (1964,1986b) faz entre homens e mulheres, em termos dos riscos que assumem na vida. Para ele, enquanto os homens buscam o perigo fora, através das guerras, as mulheres enfrentam o risco dentro de si mesmas, por meio do parto: “Não é aconselhável fingir que o parto não acarreta nenhum risco, ou seja, existe um perigo inerente à função natural da mulher” (p. 151). Pensamos o parto como um dos momentos de maior desamparo, senão o maior, vivido não só pelo bebê, em dependência real total, mas também pela mãe, por encontrar-se regredida e dependente do bebê.

Após a experiência intensa de acompanhamento de mães e bebês no período gestacional e parto, pensamos que é possível compreender por que algumas mulheres podem optar por não entrar nesse lugar ou se defender, fugindo para a sanidade, assim como alguns analistas. Como lembrou Winnicott (1954/1993c),

É necessário ter em mente que, através do método legítimo de escolher cuidadosamente o caso, podemos, e geralmente o conseguimos, evitar o encontro com aspectos da natureza humana que estejam além do nosso equipamento técnico (p. 460).

Vivenciar a regressão física e emocional durante a gestação e o parto é realmente um desafio máximo para a mulher em seus limites e flexibilidade no transitar em diferentes níveis de sua estrutura psíquica. É preciso ter coragem.

A presença viva e constante da observadora com sua capacidade receptiva também contribuiu para fornecer um setting continente e para a livre circulação de emoções. Foi intenso o uso que a mãe e o pai fizeram da sua presença, em

todos os casos, aliviando angústias ligadas ao impacto emocional diante das imagens do bebê. Chamou a atenção como ninguém faltou a nenhum exame. Assim, podemos dizer que a médica e a observadora — cada qual na sua função — tiveram uma participação fundamental na preparação para o nascimento psíquico de cada um dos bebês e das mães e dos pais, na delicada transição para a parentalidade, ajudando nos processos de desenvolvimento, especialmente na integração.

Neste trabalho tivemos a oportunidade única de sentir em todos os casos como mãe e bebê são indissociáveis na complexidade e sutilezas de seus encaixes/desencaixes, acertos/desacertos passageiros ou permanentes neste período fundamental da constituição das bases da personalidade, da saúde psíquica e da doença mental. É desafiador acompanhar o desenvolvimento da dupla, que não é linear. Somos sempre surpreendidos com reações, detalhes incompreensíveis que desequilibram, tanto para o bem quanto para o mal, esta relação delicada, afetando o amadurecimento do bebê e da mãe. Pensamos como o processo analítico é similar: delicado, sutil, desafiador e também sem garantias de atingir seu objetivo.

Por exemplo, no caso Julie-Tânia, foi surpreendente e comovente o encaixe para o crescimento, para a saúde — após um desencaixe inicial, com risco de morte e nascimento prematuro de Julie —, para o qual contribuíram tanto a mãe quanto a bebê. Na impossibilidade de contar com uma rede de cuidados para Julie, Tânia encontra uma solução criativa: conquista um espaço de trabalho dentro de casa e se descobre como artesã. Julie contribuiu, com sua vivacidade, espontaneidade e criatividade, na construção de uma relação artesanal com a mãe, que muito nos ensinou sobre o potencial para o crescimento de uma dupla mãe-bebê quando há sintonia e liberdade, assim como pode ocorrer na dupla analista-paciente.

Comprovamos as dificuldades para entrar no estado de confinamento que é exigido da mãe, bem como do analista e do observador, assim como dele ir saindo, acompanhando o desenvolvimento do bebê e do paciente. Qualquer pessoa que conviva intimamente nesse lugar vivencia naturalmente esses desafios. É difícil para a mãe sintonizar o seu próprio tempo e ritmo com o tempo e ritmo do bebê; a mãe pode estar mais adiantada do que o bebê ou vice-versa. Ela precisa do bebê tanto para entrar quanto para sair da dependência, assim como o analista necessita do paciente. Acompanhamos também o grande sofrimento e dificuldade de adaptação de todas as mães no momento de separação imposto pelo retorno ao trabalho. Assim como anteciparam suas ansiedades em relação ao parto,

anteciparam também seus medos e preocupações em relação a este outro importante momento de separação. Chamou a atenção como as mães se alinharam nisso, sendo o exemplo mais marcante o de Tânia, que acabou, de forma criativa, mudando sua vida para se ajustar às mudanças impostas por esta etapa.

Vencidos os desafios naturais das mães de saírem do mundo subjetivo dos bebês, foi gratificante observarmos as mudanças que se revelaram no próprio ambiente físico da casa e no movimento crescente para fora do espaço da casa, tanto dos bebês quanto das mães. No caso dos gêmeos, por exemplo, nos dois primeiros meses, a casa se tornou uma grande barriga — que incluiu a avó e a tia materna — com uma excepcional capacidade de atender aos bebês e à mãe em suas necessidades, respeitando o ritmo de cada um. Em torno de dois meses, os bebês saem do quarto em seus carrinhos e vão para a sala enquanto a mãe começa a sair para a rua. Este lugar foi se ampliando gradativamente; mudam-se de apartamento por volta dos oito meses, quando foi criado um recanto para os bebês com cercadinho. Depois do primeiro ano de vida, no lugar do recanto foi colocada uma casinha de plástico. Este espaço se amplia com o tempo para o extracasa, na pracinha próxima ao prédio onde moravam.

Assim, com a facilitação do ambiente, a criança vai aos poucos “saindo de um cercado” em direção a novos cercamentos:

Esse cercado era proporcionado pelos pais da criança, pela família, pela casa e pelo quintal, pelas paisagens, cheiros e ruídos costumeiros. Tinha relação também com o próprio estado de imaturidade da criança, com sua confiança nos pais e com a natureza subjetiva do mundo infantil. Esse cercado desenvolveu-se naturalmente a partir do abraço da mãe que envolvia o bebê. De início, a mãe adaptava-se de modo íntimo às necessidades de seu filho e foi aos poucos desadaptando-se de acordo com o grau em que a criança começava a defrontar-se com o novo e o inesperado. Assim, sendo as crianças sempre bastante diferentes umas das outras, a mãe percebe por fim que acabou por construir um cercado diferente para cada um de seus filhos; e é deste cercado que seu filho agora sai, estando pronto para vivenciar um novo grupo, um novo cercamento (Winnicott, 1962/1993g, p. 50).

O processo de “acoplar/desacoplar” não é natural, permanecendo como um desafio ao longo da vida. A mãe, como o analista, é fundamental nesse processo; há muitos encaixes e desencaixes nesse ir e vir. É preciso lembrar, como nos alertou Winnicott (1969/1971a), já mais para o final de sua vida e após uma longa experiência como analista, que “a psicanálise não é um modo de vida. Sempre esperamos que nossos pacientes terminem a análise e nos esqueçam e

descubram que o próprio viver é a terapia que faz sentido” (p. 123).

Este autor compreende e acolhe a regressão, sempre respeitando a necessidade singular do paciente num dado momento e *visando sempre o crescimento*. Quando a criança está “do lado de fora não é fácil para ela voltar para dentro ou sentir-se novamente envolvida [pelo cercado], a menos que esteja cansada ou doente, casos em que o cercado é novamente fechado para seu próprio benefício” (Winnicott, 1962/1993g, p. 50). A mãe que entra num estado regressivo, precisa, no devido tempo, dele sair, caso contrário o que ele chama de “loucura normal” se torna “loucura patológica”. Além disso, não devemos idealizar a regressão, lembrando que “a ideia de um tempo maravilhoso no útero (o sentimento oceânico, etc.) é uma organização complexa da negação da dependência” (Winnicott, 1988/1990, p. 180), com todas as implicações dela decorrentes.

Podemos dizer que este acompanhamento, passando pela gestação, parto e os três primeiros anos de vida, foi uma experiência que tornou particularmente evidentes as potencialidades do método Bick como ferramenta para o trabalho clínico com bebês e suas mães, para o qual o setting interno — a consistência, a previsibilidade, a atitude, a constância, a permeabilidade, a preocupação do analista — é mais importante do que sua capacidade interpretativa e seus conhecimentos teóricos.

Nessa releitura de todo material colhido na pesquisa, descobrimos aspectos muito ricos da função do observador que, compartilhando com a família, permite descortinar uma extraordinária vida de relação pais-bebês-familiares. O observador fica numa condição eminentemente receptiva e tolerante, com uma atitude de escuta por tudo aquilo que é comunicado, sem seleção e sem compromisso de tratamento da família. Ele absorve, como uma “esponja de angústias”, todo conteúdo desconcertante e, como um dreno emocional, carrega-o para fora, para a supervisão semanal. Nesta, junto ao grupo, pode compreender e dar sentido às experiências cruas e concretas da situação de observação. Resgata mais facilmente a sua função e retorna à família para cumprir mais uma vez o seu papel. É um excelente treino para o observador sustentar, ao mesmo tempo, a firmeza do setting e a flexibilidade interna, qualidades do ambiente tão necessárias nesse período do desenvolvimento. Pensamos na importância de o observador ser uma pessoa estranha à família e diferente dos parentes: não opina, não educa nem trata as pessoas. Ele chega de fora, muitas vezes é esperado ansiosamente, é uma pessoa capacitada, com outro olhar. Como um observador participante, digere “calado” os fatos. Neste movimento de entrar/sair, faz circular,

abre janelas, ventila e desintoxica o ambiente, atenua o confinamento desta etapa da vida, amortece o impacto das mutações súbitas provocadas pela presença do bebê. Proporciona um encontro vivo que ajuda a desenvolver confiança, compartilhamento, amizade com a família, fato que auxilia no crescimento da relação pais-bebês. Tem assim uma importante função de prevenção e de promoção de saúde psíquica. Na evolução de sua função, ajuda a abrir uma área intermediária, que pode ser usada no processo de separação e discriminação mãe-bebê e na saída da solidão extenuante provocada pelo confinamento do período inicial de dependência.

A longa experiência — mais de vinte e cinco anos — com o método Bick standard de observação de bebês, a supervisão de grupos e algumas aplicações nos autorizam a afirmar que o fio condutor através do qual se dá a passagem da observação clássica para as aplicações está no treinamento da função do observador e nas transformações que ele sofre no decorrer da experiência continuada de dois anos, especificamente, na forma de uma escuta refinada dos fenômenos psíquicos primitivos. Ele leva um setting interno aprimorado, uma ferramenta que se adapta ao setting externo, seja ele uma sala de ultrassonografia obstétrica ou um centro obstétrico. Pode assim exercer uma função terapêutica muito bem-vinda neste período de vida.

Poder acompanhar essas situações é sempre surpreendente, e nos sentimos desafiados em nossos conhecimentos, em nossas experiências, em nossa técnica, já estabelecidos, apesar de podermos usar todo o arsenal teórico básico. O trabalho com essas duplas — pequenos pacientes e seus pais — permite observar *a história que está acontecendo e da qual participamos, porque nos encontramos na hora e no local dos fatos*. Assim, constatamos que pais e bebês têm uma contribuição singular tanto na problemática constituída, quanto no respectivo tratamento. Cada caso é um caso.

Tanto Winnicott quanto Esther Bick deixaram um importante legado teórico baseado em observações detalhadas e na elaboração de ideias referentes às experiências iniciais da vida — primeiríssima infância e infância propriamente dita —, mas abstiveram-se de desenvolver técnicas para o atendimento de bebês de zero a três anos de idade. Assim sendo, os bebês e suas mães não se beneficiaram dos ensinamentos que proporcionaram à teoria e técnica analítica, talvez, em parte, devido à grande preocupação de Winnicott e Bick em não interferir na relação inicial mãe-bebê.

Acreditamos, contudo, que o treinamento adquirido por meio do método Bick

abre um campo para reflexões sobre a abordagem terapêutica que pode beneficiar os bebês e suas mães nessa fase da vida, com muito respeito pelas necessidades e condição de dependência mútua do par mãe-bebê. Bick (1964) destacou como foi mais fácil do que era esperado encontrar mães que aceitassem de boa vontade a observação em sua casa e como elas deixavam explicitamente claro o quanto apreciavam e usufruíam das visitas sistemáticas do observador.

Reiteradas vezes, Winnicott lembrou os princípios básicos do trabalho terapêutico nesse lugar feminino, essencial para o nascimento de um novo ser:

Em nossa atividade *terapêutica*, reiteradamente nos envolvemos com pacientes; atravessamos uma fase em que ficamos vulneráveis (como a mãe) por causa do nosso envolvimento; identificamo-nos com a criança, que por algum tempo permanece dependente de nós a um grau extremo; assistimos à queda do falso self ou dos falsos selves da criança; assistimos ao novo nascimento de um self verdadeiro, dotado de um ego que é forte porque nós, como a mãe a seu filho, fomos capazes de dar-lhe apoio. Se tudo corre bem, constatamos ao final o surgimento de uma criança cujo ego pode organizar as próprias defesas contra as ansiedades decorrentes dos impulsos e das experiências do id. Devido à nossa ação, nasce um “novo” ser, um ser humano verdadeiro, capaz de viver uma vida independente. Minha tese é que, na terapia, tentamos imitar o processo natural que caracteriza o comportamento de qualquer mãe em relação a seu bebê. Se a tese estiver correta deduz-se que é o par mãe-bebê que pode nos ensinar os princípios básicos sobre os quais deve fundar-se nosso trabalho terapêutico, quando estivermos tratando de crianças cuja primeira relação com a mãe não foi “suficientemente boa” ou foi interrompida (Winnicott, 1960/1993f, p. 28).

Ao longo de nossa experiência, vimo-nos em diversas ocasiões transitando da observação de bebês à clínica. Embora os métodos e objetivos sejam diferentes, foram surgindo naturalmente conexões, com implicações para o trabalho clínico com bebês e suas mães, já que nesse contexto o analista lida com fenômenos transferenciais/contratransferenciais primitivos para os quais o setting se torna mais importante do que a interpretação. Pensamos num trânsito entre os dois métodos que permita uma troca, fertilizações mútuas. E foi nesse espírito que iniciamos a aplicação do método Bick a etapas primitivas, como gestação e parto.

Constatamos que a elaboração da experiência impactante com o método Bick de observação de bebês standard e suas aplicações — como na gestação e no parto —, promove modificações em quem participa, conforme inúmeros depoimentos de observadores: uma maior sensibilidade aos aspectos não verbais da comunicação, um aumento da intuição, um estímulo às emoções e à imaginação; um maior contato com a própria realidade psíquica e a dos pacientes, modificações na maneira de trabalhar a clínica e uma maior reflexão antes de formular interpretações. Especialmente uma escuta psicanalítica mais apurada

após mergulhar nas profundezas de suas próprias vivências e angústias. Vencendo as próprias resistências nesse processo, as emoções e vivências podem ser utilizadas como um instrumento de técnica (contratransferência), e o método Bick tem se revelado especial para chegarmos a isso. Também tem mostrado uma ação catalisadora no sentido de novos questionamentos teórico-técnicos e estímulo à pesquisa.

Para finalizar, gostaríamos de lembrar que a maternidade — como a análise — é uma “expedição arriscada” cujo final não é possível prever. Na verdade, é interminável, na possibilidade infinita de enriquecimento e amadurecimento mútuo mãe-bebê, analista-paciente. Entramos e saímos muitas vezes desse lugar em que vivem as mães com os seus bebês na gestação e nos três primeiros anos de vida. Aprendemos muito com a singularidade e com as diferenças de cada dupla. Não há regras. Deparamos com o paradoxo de colocar em palavras o que é vivido predominantemente sem palavras. Levá-las a esse lugar aonde elas comumente não chegam, e mais do que isso, encontrar as palavras certas para cada vivência singular, foi um trabalho que demandou uma paciência, uma entrega, semelhante à da mãe com seu bebê e do analista com seu paciente, ajudando na compreensão e discriminação dos fatos observados.

Ao longo de vários anos de trabalho, num movimento crescente e em espiral que ia dos dados brutos da observação à nossa escrita do material e vice-versa, acreditamos que foi possível encontrar em nós mesmas o eco de cada uma das duplas mãe-bebê por nós acompanhadas. Esperamos que nossas reflexões possam encontrar eco nos analistas e em todos os profissionais que se dedicam ao atendimento de crianças de zero a três anos de idade. Agradecemos profundamente às mães e aos bebês que tanto nos ensinaram e seguem ensinando sobre a natureza humana e a técnica analítica e a todos os colegas que nos ajudaram em diferentes etapas dessa pesquisa.

A autenticidade revelada pelas mães nos ajuda a modificar nossos preconceitos morais com rótulos de mãe boa/mãe má. São interações inconscientes, demasiadamente complexas e complicadas para afirmações rápidas, geralmente superficiais. O verdadeiro das mães, estando presente, é muito importante porque orienta: sendo verdadeira, a mãe torna-se confiável, previsível. O falso, em contrapartida, ataca a percepção, deixando a criança indefesa, confusa. Nas palavras de Winnicott:

Para sermos coerentes e, assim, previsíveis para os nossos filhos, devemos ser nós mesmos. Se

formos nós mesmos, os nossos filhos podem passar a conhecer-nos. Se estivermos representando um papel, seremos certamente descobertos quando nos surpreenderem sem as nossas maquiagens (1969/1999, p. 141).

Deixamos aqui um testemunho vivo de quatro anos de trabalho de observação e mais outros tantos de elaboração deste material sobre estes inesquecíveis — e usualmente inacessíveis — três primeiros anos de vida. Foi um trabalho de acompanhamento que só pôde ser realizado por uma equipe verdadeiramente motivada, como foi o caso de todos os observadores, a médica e supervisores que dele participaram, assim com das mães e dos bebês.

Ao final deste acompanhamento, podemos nos perguntar que registros/memórias inconscientes teriam ficado deste período nos bebês por nós acompanhados. O caso Philomena, último caso de nossa pesquisa, cuja história ficamos conhecendo por meio de um filme, nos ajuda de alguma forma a elucidar o fato de que percorremos um período que deixa marcas inesquecíveis no desenvolvimento de cada ser humano. É um exemplo de uma relação que seguiu viva, mesmo tendo sofrido um corte, com a adoção do bebê aos três anos de idade, levando-os a buscar um pelo outro até a morte.

Podemos agora dizer que “completamos o círculo”. Encontramos neste trabalho “a mãe não reconhecida dos estágios iniciais” e nos sentimos realizadas em poder dar a ela este lugar de reconhecimento, retirando-a do ermo, da solidão, da clandestinidade em que vive na história de cada homem e cada mulher.

Na prática, a criança precisa sair do colo da mãe, mas não daí para o espaço sideral; esse afastamento deve dar-se em direção a uma área maior, mas ainda sujeita a controle: algo que simbolize o colo que a criança abandonou. Uma criancinha maior foge de casa, mas só até a cerca do jardim. A cerca simboliza aquele aspecto de holding mais estreito que acabou de ser rompido: a casa, digamos. Mais tarde, a criança elabora tudo isso quando vai à escola e entra em uma relação com grupos fora do lar. Cada um desses grupos representa uma fuga de casa; mas, ao mesmo tempo, todos simbolizam esse lar que foi deixado para trás e, na fantasia, destruído (Winnicott, 1960/1993h, p. 132).

Referências

- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. *International Journal of Psychoanalysis*, 45, 558-566.
- Bick, E. (1968). The experience of the skin in early object relations. *International Journal of Psychoanalysis*, 49, 484-486.
- Bick, E. (1986). Further considerations of the function of the skin in early object relations – findings from infant observation integrated into child and adult analysis. *British Journal of Psychotherapy*, 2, 292-299.
- Borgogno, F. (2004). *Psicanálise como percurso* (M. Rossi, trad.). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1999).
- Caron, N. A. (1995). Fundamentos teóricos para a aplicação do método E. Bick. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 29(2), 283-291.
- Caron, N. A. (2000a). O ambiente intrauterino e a relação materno fetal. In N. A. Caron (Org.). *A relação pais bebê: da observação à clínica*. (pp.11-134). Casa do Psicólogo. São Paulo.
- Caron, N.A. (2000b). Terapias breves das relações pais-bebês. In N. A. Caron (Org.). *A relação pais bebê: da observação à clínica*. (pp. 311-328). Casa do Psicólogo. São Paulo.
- Caron, N. A., Fonseca, M. M. & Kompinsky, E. (2000). Aplicação da observação na ultrassonografia obstétrica. In N. A. Caron (Org.). *A relação pais bebê: da observação à clínica* (pp. 178-206). Casa do Psicólogo. São Paulo.
- Caron, N. A., Fonseca, M. & Lopes, R. C. S. (2008). The baby and his majesties: some considerations on human helplessness. *The International Journal of Infant Observation and its Applications*. 11 (1), 67-75.
- Caron, N. A. & Fonseca, M. (2011). A presença de irmãos no exame de ultrassonografia pré-natal. *Revista de Psicanálise da SPPA*. XVIII (2), 417-442.
- Caron, N. A., Lopes, R. C. S., Steibel, D. & Donelli, T. S. (2012). Writing as a challenge in the observer's journey through the Bick method of infant

observation. *The International Journal of Infant Observation and its Applications*, 15(3), 221-230.

Caron, N. A., Lopes, R. C. S. & Donelli, T. S. (2013). A place where verbalization has no meaning. *The International Journal of Infant Observation and its Applications*, 16 (2), 170-182.

Caron, N. A. & Maltz, R. S. (1994). Intervenções em grávidas com anomalias congênitas. *Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 16 (3), 202-207.

Coogan, S. & Pope, J. (2013). Philomena adapted screenplay. <http://1e36a764da2f6b46c156-0fa6f106d654e15326ee14d2a07c02d0.r64.cf1.rackcdn.com/2014/02/Philomena.pdf>

Donelli, T. S. (2008). *Descortinando a vivência emocional de mulheres em um centro obstétrico: uma investigação sobre o parto através do método Bick*. Porto Alegre: RS. Tese de doutorado não publicada.

Donelli, T. S., Caron, N. A. & Lopes, R. C. S. (2012). A experiência materna do parto: confronto de desamparos. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19 (2), 395-414.

Freud, S. (1969a). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicanalíticas Completas de Sigmund Freud*, (J. Salomão, trad., vol. XII, pp. 146-159). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1912).

Freud, S. (1969b). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicanalíticas Completas de Sigmund Freud*, (J. Salomão, trad., vol. XIV, pp. 83-119). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1969c). A história do movimento psicanalítico. In: *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. XIV, pp. 12-82). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1969d). O “estranho”. In: *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. XVII, pp. 271-314). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S. (1969e). Dois verbetes de enciclopédia. In: *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. XVIII, pp. 284-312). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

- Freud, S. (1969f). Um estudo autobiográfico. In: *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. XX, pp. 12-92). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1969g). Inibições, sintomas e ansiedades. In: *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. XX, pp.93-200). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (1969h). Além do princípio do prazer. In: *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. XVIII, pp. 12-29). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1972a). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. VII, pp. 1-109). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1972b). A interpretação de sonhos. In: *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vols. IV e V, pp. 1-761). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1977). Um caso de cura pelo hipnotismo. In: *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. I, pp.169-185). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1892).
- Goethe, J. M. V. (2007). *Fausto II*. (J.K. Segall, trad.). São Paulo: Ed. 34 (Trabalho original publicado em 1832).
- Haag, M. & Haag, G. (1997). De Colóquio em Colóquio, por que esse sucesso? In M. B. Lacroix & M. Monmayrant (Orgs.). *Os laços de encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações* (F. F. Settineri, trad., pp. 3-11). Porto Alegre: Artes Médicas.
- King, P. & Steiner, R. (1991). *The Freud-Klein controversies 1941-45*. London: Routledge.
- Lino, C. F. (2001). *Cavernas*. São Paulo: Editora Gaia Ltda.
- Loparic, Z. (1997). Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. *Revista de Psicanálise da SPPA*, IV (2), 375-387.
- Middlemore, M. (1941). *The nursing couple*. London: Hamish Hamilton Medical Books.
- Moreira, C. I., Gerhardt, C., Steibel, D., Silveira, F., Caron, N. A. & Lopes, R. C. S. (2011). A impossível tarefa de segurar o sol com a mão. *Revista de Psicanálise da SPPA*. Vol. XVIII (2), 237-254.

- Ogden, T. H. (2002). Lendo Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36 (4), 737-756.
- Piontelli, A. (1995). *De feto a criança* (J. Wilhelm, N. L. Gomes & S. M. Godoy, trads.). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1992).
- Spitz, R. (1998). *O primeiro ano de vida* (E. M. B. Rocha, trad.). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (1971a). O uso de um objeto. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, trads., pp. 121-132). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1969).
- Winnicott, D. W. (1971b). O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (J.O.A. Abreu & V. Nobre, trads., pp. 153-162). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1967).
- Winnicott, D. W. (1971c). A criatividade e suas origens. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, trads., pp. 95-120). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1969).
- Winnicott, D. W. (1986a). A cura. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (P. Sandler trad, pp. 87-93). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1970).
- Winnicott, D. W. (1986b). Este feminismo. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (P. Sandler trad., pp. 183-195). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1964).
- Winnicott, D. W. (1986c). O conceito de indivíduo saudável. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (P. Sandler trad., pp. 17-30). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1967).
- Winnicott, D. W. (1988a). Comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In D. W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (J. L. Camargo, trad., pp. 79-92). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1968).
- Winnicott, D. W. (1988b). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação*. (I. C. S. Ortiz, trad., pp. 163-174). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1963).
- Winnicott, D. W. (1988c). A mãe devotada comum. In D. W. Winnicott. *Os bebês*

- e suas mães* (J. L. Camargo, trad., pp. 1-12). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (1988d). A dependência nos cuidados infantis. In D. W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (J. L. Camargo, trad., pp. 73-78). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1970).
- Winnicott, D. W. (1988e). *O ambiente saudável na infância*. In D. W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (J. L. Camargo, trad., pp. 51-60). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1968).
- Winnicott, D. W. (1988f). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In D.W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação*. (I. C. S. Ortiz, trad., pp. 152-155). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1962)
- Winnicott, D. W. (1988g). A amamentação como forma de comunicação. In D. W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (J. L. Camargo, trad., pp. 19-28). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1968).
- Winnicott, D. W. (1990). O ambiente. In D. W. Winnicott. *Natureza humana* (D.L. Bogomoletz, trad., pp. 173-180). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1988).
- Winnicott, D. W. (1993a). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (J. Russo, trad., pp. 491-498). Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A. (Trabalho original publicado em 1956).
- Winnicott, D. W. (1993b). Ansiedade associada à insegurança. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (J. Russo, trad., pp. 205-210). Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A. (Trabalho original publicado em 1952).
- Winnicott, D. W. (1993c). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no *setting* analítico. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (J. Russo, trad., pp. 459-482). Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A. (Trabalho original publicado em 1954).
- Winnicott, D. W. (1993d). Recordações do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (J. Russo, trad., pp. 313-340). Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A. (Trabalho original publicado em 1949).
- Winnicott, D. W. (1993e). O desenvolvimento emocional primitivo. In D.W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (J. Russo, trad., pp. 269-285). Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A. (Trabalho original publicado em 1945).

- Winnicott, D. W. (1993f). O relacionamento inicial entre uma mãe e o seu bebê. In D. W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual* (M. B. Cipolla, trad., pp. 21-28). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (1993g). A criança de cinco anos. In D. W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual* (M. B. Cipolla, trad., pp. 49-57). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1962).
- Winnicott, D. W. (1993h). Família e maturidade emocional. In D. W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual* (M.B. Cipolla, trad., pp. 129-138). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (1994a). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In D.W. Winnicott. *Explorações psicanalíticas* (J. O. A. Abreu, trad., pp. 195-202). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1969).
- Winnicott D. W. (1994b). Fisioterapia e relações humanas. In D.W. Winnicott. *Explorações psicanalíticas* (J. O. A. Abreu, trad., pp. 427-432). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1969).
- Winnicott, D. W. (1999). A construção da confiança. In D.W. Winnicott. *Conversando com os pais* (A. Cabral, trad., pp. 139-152). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1969).

Copyright © 2014 Nara Amália Caron e Rita de Cássia Sobreira Lopes

ISBN: 978-85-8318-049-4

Capa

Empório Design

Finalização da capa

Humberto Nunes

Coordenação

Julia Dantas

Revisão

Camila Doval

Produção de ebook

S2 Books

Este livro foi composto em fontes Arno Pro e Noticia Text.
Lançamento da primeira edição impressa: outubro de 2014.



Todos os direitos desta edição
reservados à Editora Dublinense Ltda.

Editorial

Av. Augusto Meyer, 163 sala 605
Auxiliadora — Porto Alegre — RS
contato@dublinense.com.br

Comercial

Rua Teodoro Sampaio, 1020 sala 1504
Pinheiros — São Paulo — SP
comercial@dublinense.com.br

- [1] Donald Woods Winnicott, analista britânico, nasceu em 7 de abril de 1896 em Plymouth, Inglaterra, onde morou até o fim da vida, em 1971. Analisou-se com Strachey e após com Joan Rivière. Casou-se em 1923, divorciou-se e casou-se novamente. Não teve filhos.
- [2] Analista britânica, nasceu em 4 de julho de 1902, em Przemys'ł, Polônia, e faleceu em 20 de julho de 1983, em Londres, onde morava desde o início da Segunda Guerra. Analisou-se com Balint e mais tarde com Klein. Trabalhou durante vários anos na Clínica de Tavistock, em Londres. Divorciada, não teve filhos.
- [3] Como Winnicott, Bick deu muita importância ao ambiente no início da vida. Em seu último texto (Bick, 1986), inclusive, diz que a observação de bebê é um termo impróprio porque o que o observador observa é a família na qual o bebê nasceu. Todos os membros familiares são afetados pela presença de um bebê.
- [4] Evidencia-se aqui a sua extrema coerência e consistência como analista, reafirmando a proposição de Borgogno (1999/2004), apresentada anteriormente, de que o conhecimento psicanalítico nasce de “um contato aprofundado e de intensa participação pessoal” (p. 18).
- [5] Os momentos do método e seus principais desafios no percurso do observador, aqui descritos, foram previamente discutidos e publicados no *International Journal of Infant Observation* (Caron, Lopes, Steibel & Donelli, 2012).
- [6] Em algumas regiões do Brasil (Nordeste ou em algumas cidades do interior), a palavra “embuchado” refere-se tanto à dificuldade de digestão, quando há um excesso alimentar, quanto à condição de gestante.
- [7] *Couple*, no original em inglês.
- [8] Como veremos mais adiante, Bick parte da mesma concepção de Winnicott de que juntar as partes não é natural, que depende da presença da mãe.
- [9] *Primal state*, no original em inglês.
- [10] Semelhantes às agonias impensáveis de Winnicott.
- [11] Equivalente ao conceito de “falso self” de Winnicott.
- [12] Apesar de não ter desenvolvido tão profundamente quanto Winnicott suas ideias sobre a condição de dependência do bebê, Bick também considera ser este o estado primordial no início da vida.
- [13] *Held*, em inglês.
- [14] *Suction pads*, em inglês.
- [15] Em tradução livre: “Não existe tal coisa como um bebê... Vemos um par lactante-lactente”. Winnicott tomou emprestado o termo *nursing couple* de Middlemore, analista britânica que publicou, em 1941, um livro com este título sobre observação da amamentação de bebês.
- [16] Termo utilizado por Freud (1914/1969b, p. 108) em *Introdução ao narcisismo*: “A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão abrogadas em seu favor; ela será, mais uma vez, realmente o centro, o âmago da criação — ‘Sua Majestade, o Bebê’ — como outrora nós mesmos nos imaginávamos”.
- [17] O clima de medo, horror frente ao desconhecido, observado nas ultrassonografias, permanece no parto.
- [18] Assim como na etapa anterior, da gestação.
- [19] Não utilizamos as filmagens para a produção dos relatos clínicos que serão apresentados nos próximos capítulos, apenas os relatos escritos.
- [20] Que se evidencia no número reduzido de publicações psicanalíticas de casos clínicos.
- [21] 6 Previamente a publicação do artigo, apresentamos um trabalho com essa temática no Simpósio Anual da APDeBA — Relatos clínicos —, em 2011.
- [22] Os observadores da primeira e segunda etapa não chegaram a trocar informações entre si, nem durante nem após a conclusão das observações.
- [23] Os observadores e supervisores que acompanharam a trajetória dos bebês foram:
1º grupo: observação de ultrassonografias (na sala de ultrassonografia) e parto (na sala de parto): Josênia Heck Munhoz, Vera Lúcia Teixeira, Vânia Elisabete Dalcin, Aline Grill Gomes, Nara Amália Caron (supervisora), Rita de Cássia Sobreira Lopes (supervisora).

2º grupo: observação standard (em casa até três anos): Tatiana Ruffoni, Cátia Corrêa, Lisiane Oliveira-Menegotto, Paula Esteves Daubt Sarmento Leite, Beatriz Chwartzmann, Ivanosca I. Martini (supervisora), Angela Fleck Wirth (supervisora).

Outros grupos colaboraram em algum momento ao longo da realização desta pesquisa:

Grupo das imagens de ultrassonografia: Lisandre Matte, Rodrigo Valmor Mendonça Boettcher, Carolina Chem, Vanessa Heck, Mônica Echeverria de Oliveira.

Grupo dos movimentos fetais: Daniela Levandowski, Daniela Schwengber, Clarissa Corrêa Menezes, Giana Frizzo.

1º grupo de discussão dos casos de observação: Aline Groff Vivian, Clarissa Corrêa Menezes, Gabriela Schumann Bichinho Anton, Gabriela Filipouski, Maria Cristina Bressani, Nara Amália Caron, Rita Sobreira Lopes.

2º grupo de discussão dos casos de observação: Margared Steigler, Denise Steibel, Lea Lubianca Thormann, Marlete Diesel, Nara Amália Caron, Rita Sobreira Lopes.

[24] Como a observadora descreveu as duas cavernas nas ultrassonografias.

[25] Cabe lembrar que o pai preencheu os papéis administrativos só de uma filha no hospital.

[26] Quando Lúcia foi encaminhada pela enfermeira para iniciar os procedimentos, a observadora nota que o casal perturba-se muito com a separação.

[27] Podemos pensar que talvez ela tenha sido escolhida para ser depositária dos aspectos negativos não por ser frágil, como era considerada pela mãe, mas ao contrário, por ser forte, aguentar, assim como Renata vai se mostrando mais frágil e dependente.

[28] Era comum ela esquecer-se da observadora ou não vê-la nas observações.

[29] Seguindo um padrão das mulheres na família.

[30] Geralmente é Renata quem ocupa esta posição mais submissa.

[31] Apenas Daniela necessitava de medicação para refluxo.

[32] A mãe de Lúcia também “virou-se de costas” para ela.

[33] Era comum Lúcia colocar as filhas sentadas dentro dos limites estabelecidos pelas suas pernas.

[34] Em muitas observações, o relógio da casa estava parado.

[35] Cabe destacar aqui que esta conduta de repreender e depois anular, pedindo para sorrir ou mandar beijos será usada com frequência na relação da mãe com a filha pós-nascimento.

[36] Diz que tinha certeza que esta gestação iria adiante porque estava sempre passando a mão na barriga, o que não acontecera em uma gestação anterior, interrompida espontaneamente.

[37] Determinou que seria uma menina e interpretava seus movimentos e características.

[38] Alice precisava que o projetado ficasse contido.

[39] Como vimos, na sequência das observações pós-nascimento, essa perplexidade de Mário seguia ainda ao final do primeiro ano de vida de Valentina. Não entendia bem o que era aquele ser que caminhava pela casa.

[40] O peso da bebê foi uma questão que permeou os três primeiros anos de vida de Vitória.

[41] Era comum o movimento de Valentina de olhar por uma fresta de luz que vinha da janela, desde o seu segundo mês de vida. Mais tarde, a janela que antes atraía o olhar da bebê transforma-se no palco do contato com o mundo exterior.

[42] Mário ficava acuado, humilhado, baixava a cabeça com os xingamentos de Alice.

[43] Philomena é uma enfermeira aposentada, que está agora com oitenta anos.

[44] A primeira é do homem que se tornará seu “parceiro de viagem”.

[45] Ele nasceu em posição pélvica e as freiras não providenciaram analgésicos. As meninas tinham que parir com dor, como penitência pelos seus “pecados”.

[46] A foto fora tirada por Anunciata — a mesma freira que lhe salvara a vida e a de seu bebê durante o parto — e fora entregue em segredo a Philomena.

[47] Na verdade, é Hildegard, embora não saibamos ainda.

[48] É bastante comum esta sintonia, sem palavras, na observação de bebês. Muitas vezes o observador pensa algo que é logo verbalizado ou encenado.

[49] Agora ela é quem diz que quer ficar quieta.